

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

HENRIQUE DA COSTA VALÉRIO QUAGLIATO

MÃES QUE TÊM DE LIDAR COM A SAÍDA DE FILHAS E FILHOS DE CASA:
CUIDADO, MATERNIDADE E SUBJETIVIDADE

CURITIBA

2024

HENRIQUE DA COSTA VALÉRIO QUAGLIATO

MÃES QUE TÊM DE LIDAR COM A SAÍDA DE FILHAS E FILHOS DE CASA:
CUIDADO, MATERNIDADE E SUBJETIVIDADE

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia, no Setor de Ciências Humanas, na Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Marlene Tamanini

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Quagliato, Henrique da Costa Valério

Mães que têm de lidar com a saída de filhas e filhos de casa:
cuidado, maternidade e subjetividade. / Henrique da Costa Valério
Quagliato. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marlene Tamanini.

1. Mãe e filhos. 2. Maternidade. 3. Cuidados. 4. Subjetividade.
I. Tamanini, Marlene, 1960-. II. Universidade Federal do Paraná.
Programa de Pós-Graduação em Sociologia. III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA -
40001016032P2

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação SOCIOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **HENRIQUE DA COSTA VALERIO QUAGLIATO** intitulada: **MÃES QUE TÊM DE LIDAR COM A SAÍDA DE FILHAS E FILHOS DE CASA: CUIDADO, MATERNIDADE E SUBJETIVIDADE**, sob orientação da Profa. Dra. MARLENE TAMANINI, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 29 de Fevereiro de 2024.

Assinatura Eletrônica
29/02/2024 14:37:40.0
MARLENE TAMANINI
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
29/02/2024 15:56:51.0
MARIA IZABEL MACHADO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS)

Assinatura Eletrônica
29/02/2024 14:27:43.0
MARINA FISHER NUCCI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
- INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL)

Assinatura Eletrônica
29/02/2024 16:41:39.0
ANA PAULA VOSNE MARTINS
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
04/03/2024 08:23:54.0
MARCIA REIS LONGHI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha família. Agradeço ao meu pai, minha mãe e ao meu irmão, por me encorajarem e me concederem as condições necessárias para realizar este trabalho. Mais enfaticamente, agradeço à minha mãe como a mais importante interlocutora no processo de construção desta tese. Sem nossas inúmeras horas de conversa, espalhadas pelos cantos da casa onde cresci, nenhum dos raciocínios que preenchem este trabalho teriam passado pela minha cabeça.

Agradeço imensamente à Marlene Tamanini, professora, amiga e mentora intelectual. Sua ética de trabalho, seu comprometimento com o domínio dos debates de nossa área e, acima disso, sua coragem em desafiar pressupostos a respeito das formas de pensar e explicar o mundo são inspirações que levarei para a vida toda. Nunca mais serei o mesmo depois de ter sido seu orientando.

Pelo esforço dedicado a fazer com que a defesa desta tese pudesse acontecer dentro das condições especiais em que ocorreu, agradeço também à banca avaliadora deste trabalho, formada por Marina Nucci, Marcia Reis Longhi, Ana Paula Vosne Martins, Maria Izabel Machado e Marlene Tamanini.

Agradeço às amigas, amigos e amigues da linha de pesquisa em gênero, corpo, sexualidade e saúde, do Núcleo de Estudos de Gênero e da Revista Sociologias Plurais, por me desafiarem e me oferecem a possibilidade de me tornar um interlocutor melhor através de debates cruciais para minha formação acadêmica e pessoal. Em especial, agradeço à grande amiga Mariana Gonçalves Felipe, que ouviu e leu pacientemente as enormes e confusas digressões que se tornaram esta tese.

Agradeço também à Universidade Federal do Paraná e a todos, todas e todes que a compõem. Esta tese marca o fim de um ciclo que se iniciou em 2013, quando eu era apenas um garoto que decidiu sair de casa para abraçar a deliciosa complexidade que há no mundo – e fazer disso uma carreira. Essa universidade me acolheu, me motivou e me desafiou. Dentro dela, vi alguns dos piores dias do meu país. Através dela, vi um futuro pelo qual poderíamos lutar. Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento que tomou essa pesquisa possível.

RESUMO

O trabalho a seguir surge do objetivo geral de compreender como a saída dos filhos e filhas de casa afeta as maneiras pelas quais as mulheres que são mães vivem e descrevem a si mesmas. Esta pesquisa foi construída na intersecção entre os estudos do cuidado, as pesquisas sobre maternidade e as investigações sobre as relações entre as formas coletivas de vida e a construção da subjetividade. Para atingir o propósito sobre o qual se construiu esta empreitada, foram elaborados objetivos específicos voltados sobre 1) as trajetórias biográficas dessas entrevistadas e sua relação com o arranjo familiar, 2) o contexto da saída de seus filhos e filhas de casa, 3) as mudanças práticas e subjetivas apontadas por elas a partir desse evento e 4) os discursos e significados acionados por essas mães para dar forma a essas memórias. O material de análise desta investigação advém de 11 entrevistas qualitativas, realizadas com mulheres que são mães e se dispuseram a contar as histórias das saídas de seus filhos e filhas. Após a introdução, o segundo capítulo se foca nos aspectos metodológicos da tese, discutindo as condições de objetividade à partir de uma posição científica crítica, o caminho através do qual o objeto da pesquisa veio a ser o que é, que tipo de estatuto metodológico forma os relatos analisados para, por fim, apresentando quem são as entrevistadas e como cheguei até elas. O terceiro capítulo se aprofunda na teoria do cuidado como alicerce da perspectiva analítica sobre o qual a tese é constituída. O quarto capítulo discute a pluralidade e complexidade da maternidade como um lugar subjetivo, analisando as formas pelas quais as entrevistadas se identificam enquanto mães e como essa internalidade se relaciona a um modo de subjetivação historicamente localizado. A próxima seção examina três temas: a tensão entre apoiar e desaprovar a saída e o afastamento de filhos e filhas; a exacerbada percepção de risco que passa a marcar o fluxo de consciência dessas mães; e as maneiras pelas quais cuidado, controle e tutela se relacionam no momento da saída. O penúltimo capítulo se preocupa com as imagens apropriadas pelas entrevistadas para passar pelas atribuições desse processo e para dar sentido à história contada sobre ele. Nele se destacam as imagens dos filhos enquanto infantes, das reuniões de família e da categoria psicológica conhecida como Síndrome do Ninho Vazio. Por fim, o último capítulo discute as mudanças práticas e subjetivas na vida dessas mulheres, a forma como sentimentos de perda catalisam uma reestruturação da subjetividade e como esses elementos caminham junto da identidade maternal – vivida através do tempo. Em conclusão, a compreensão das formas pelas quais vivem e descrevem a si mesmas depois da saída de seus filhos e filhas de casa aponta para uma profunda relação entre os modos de organização e significação da vida herdados de construções sociais historicamente localizadas e as formas pessoais de apropriação do mundo e construção de uma subjetividade inevitavelmente transpassada por nossas relações com os outros.

Palavras-chave: cuidado; maternidade; subjetividade; Síndrome do Ninho Vazio.

ABSTRACT

The following work aims to understand how the departure of sons and daughters from home affects the ways in which women who are mothers live and describe themselves. This research was built at the intersection between care studies, research on motherhood and investigations into the relationships between collective forms of life and the construction of subjectivity. To achieve the purpose specific goals were developed focused on 1) the biographical trajectories of these interviewees and their relationship with the family arrangement, 2) the context of their sons and daughters leaving home, 3) the practical and subjective changes pointed out by them from this event and 4) the discourses and meanings used by these mothers to shape these memories. The analysis material for this investigation comes from 11 qualitative interviews, carried out with women who are mothers and were willing to tell the stories of their sons and daughters' departures. After the introduction, the second chapter focuses on the methodological aspects of the thesis, discussing the conditions of objectivity from a critical scientific position, what is the place from which I set out to observe this phenomenon, what type of methodological status forms the reports analyzed and, finally, the presentation of who the interviewees are and how I got to them. The third chapter delves deeper into the theory of care as the foundation of the analytical perspective on which the thesis is built. The fourth chapter discusses the plurality and complexity of motherhood as a subjective place, analyzing the ways in which the interviewees identify themselves as mothers and how this internality relates to a historically located mode of subjectivation – also worrying about exploring the diversity of their experiences as mothers. In the next section three themes stand out: the tension between supporting and disapproving the departure and removal of sons and daughters; the heightened perception of risk that begins to mark these mothers' stream of consciousness; and the ways in which care, control and guardianship relate at the time of exit. The penultimate chapter is concerned with the images appropriated by the interviewees to go through the tribulations of this process and to give meaning to the story told about it. Finally, the last chapter discusses a more advanced moment in the internal chronology of the interviews, where practical and subjective changes in the lives of these women are discussed, the way in which feelings of loss catalyze a restructuring of subjectivity and how these elements go hand in hand with maternal identity. – lived through time. In conclusion, understanding the ways in which they live and describe themselves after their sons and daughters leave home points to a myriad of processes that indicate a profound relationship between the practical experience of everyday life, the ways of organizing and giving meaning to life that are inherited from historically located social constructions and personal ways of appropriating the world and constructing a subjectivity inevitably permeated by our relationships with others.

Keywords: care; maternity; subjectivity; Empty Nest Syndrome.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Perfil das entrevistadas.....	55
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	A ARTESANIA DA TESE.....	16
2.1	Uma objetividade possível.....	16
2.2	O caminho de pesquisa.....	22
2.2.1	Pesquisando como um filho.....	22
2.2.2	Um objeto de pesquisa ao longo do tempo.....	26
2.3	Operando técnicas e processos.....	30
2.3.1	<i>"Vivem e descrevem a si mesmas"</i> : qual é o estatuto metodológico dos relatos e experiências que baseiam esta pesquisa?.....	30
2.3.2	Sobre os roteiros.....	39
2.3.3	Das tecnologias.....	42
2.3.4	Quem são as entrevistadas e como cheguei até elas?.....	44
3	O CUIDADO COMO PERSPECTIVA ANALÍTICA.....	65
3.1	O cuidado e o valor heurístico da vida cotidiana.....	65
3.2	O que uma crítica a partir do cuidado permite ver?.....	70
3.3	Um sujeito relacional como ferramenta de compreensão analítica.....	78
3.4	Dos textos sobre cuidado que discutem maternidade.....	82
4	MÃE: A PLURALIDADE E COMPLEXIDADE DE UM LUGAR SUBJETIVO.....	90
4.1	Identificar-se enquanto mãe.....	91
4.2	Maternidades e modos de subjetivação	102
4.3	A maternidade como projeto.....	115
4.4	Outras facetas da identificação maternal.....	120
5	SER MÃE DE FILHOS E FILHAS QUE SAÍRAM DE CASA: OS INTERSTÍCIOS DA EXPERIÊNCIA.....	127
5.1	<i>"Por mais que eu queira, eu não quero"</i> : o conflito entre itinerários normativos do ciclo da vida e as experiências práticas do cuidado vivido na relação mãe-filho.....	128
5.2	A percepção do risco e a inteligibilidade do filho enquanto sujeito de cuidado..	141
5.3	Cuidado, controle e tutela.....	152
6	IMAGENS DO MEIO DO CAMINHO: CONSTRUINDO OS SENTIDOS DE UMA EXPERIÊNCIA.....	162
6.1	As imagens da criança e da família.....	163

6.2	Representar a tristeza: a imagética popular da Síndrome do Ninho Vazio.....	172
7	O ENTENDIMENTO DE SI ENQUANTO MÃES ATRAVÉS DO TEMPO: TRANSFORMAÇÕES, CONTINUIDADES E APRENDIZADOS.....	186
7.1	Mudanças práticas e subjetivas tornadas visíveis à luz do cuidado.....	187
7.1.1	Evocando a presença do Outro através do cuidado enquanto via relacional.....	188
7.1.2	Cuidar de si e do Outro.....	196
7.1.3	Tempo livre e tempo esvaziado.....	207
7.2	A perda e os contornos deixados por ela.....	215
7.3	Ser mãe <i>através do tempo</i>	225
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	236
	REFERÊNCIAS.....	246
	ANEXO I - PRIMEIRA VERSÃO DO ROTEIRO.....	255
	ANEXO II - SEGUNDA VERSÃO DO ROTEIRO.....	256
	ANEXO III - DIVULGAÇÃO DA PESQUISA EM BUSCA DE ENTREVISTADAS.....	259

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se debruça sobre a possibilidade sociológica de compreender a experiências pelas quais passam as mães que têm de lidar com a saída de seus filhos e filhas de casa. Mais especificamente, interessa-me entender como a miríade de processos pelos quais essas mulheres são atravessadas influenciam na forma como vivem e descrevem a si mesmas enquanto mães. Nesse sentido, esta é uma empreitada investigativa que encontra seu lugar na fronteira em que se tocam algumas discussões importantes para o debate sociológico, bem como para os estudos de gênero e para a teoria feminista. Construído como um estudo de ordem qualitativa, este é um esforço de apreender como se relacionam 1) modelos historicamente localizados para a constituição da identificação materna, 2) práticas e disposições do cuidado cotidianamente realizadas por mulheres em nossa sociedade e 3) a relacionalidade através da qual a constituição do eu é influenciada pela construção, desconstrução e reconstrução de nossas conexões pessoais (como a relação entre mães e filhos, por exemplo).

Elaborada por um pesquisador que também é um filho que saiu de casa há mais de uma década, essa tese procura conhecer o que acontece com nossas mães quando já não estamos por perto – e o quanto do que se passa na vida dessas mulheres é causado pelos processos da vida através dos quais deixamos de viver dentro do mesmo arranjo doméstico. Procuro recuperar experiências comumente soterradas por debaixo dos itinerários normativos que tornam "óbvias" – essa outra forma de dizer "invisíveis" – as questões que surgem da separação entre mãe e filho em uma sociedade que herdou as construções sociais sobre amor materno elaboradas na modernidade europeia, ostensivamente levadas para outras partes do mundo através da empreitada colonial e cotidianamente apropriadas e adaptadas às vivências pessoais de mulheres no Brasil. Nesse sentido, esta pesquisa utiliza a ideia de que o pessoal é político para propor uma investigação sobre os imbróglis de proporções históricas contidos nos pequenos processos da vida cotidiana.

A conexão entre a saída de filhos e filhas de casa e o esvaziamento do ambiente doméstico se torna uma questão recorrente na vida social influenciada pelos modos de vida europeus à partir do início do século XX, quando a transição demográfica pela qual passa o Ocidente – marcada pela diminuição do número de filhos por família e do aumento da longevidade individual – constrói as condições para o surgimento de um novo momento na vida das mulheres – especialmente na vida das famílias brancas que gozavam de alguma estabilidade financeira. A partir de então, surgia o momento "pós-parental" na vida de

mulheres que, até aquele momento, tinham na Mãe a principal imagem socialmente oferecida com a qual poderiam se identificar: seus filhos e filhas, em idade adulta, já estariam fora de casa, formando suas próprias famílias, enquanto elas ficavam em casa, passando a viver suas vidas fora do ciclo reprodutivo socialmente imposto às mulheres de forma mais ostensiva desde o crescimento da era industrial ao longo do século anterior.

Não demoraria para que essas figuras, fora do lugar biopolítico estabelecido para a feminilidade no *fin de siècle*, fossem interpeladas pela cultura de forma estigmatizante. A existência vivida para além do ciclo reprodutivo seria lida de forma negativa por médicos, religiosos, educadores e comentaristas a partir de dois importantes discursos: o retorno conservador à ideia de que a maternidade seria o destino corporal e essencial para as mulheres e as novas considerações pessimistas a respeito do envelhecimento feminino, elaboradas a partir do campo Psi e da nova descoberta científica dos ciclos hormonais, nascida dentro de um paradigma de explicação binário do mundo – que reiterava as prescrições para os papéis de homens e mulheres na sociedade europeia. Na metade do século passado, essas considerações transformariam a mulher adulta (inserida no grupo etário hoje reconhecido como "meia-idade") que já não mais cuidava de filhos ou netos em sujeito de uma patologia específica: a Síndrome do Ninho Vazio. O termo, herdeiro das construções do contexto histórico no qual foi concebido, segue representando até hoje o principal modelo explicativo para tratar do tema.

Se, no cenário internacional, as pesquisas sobre o tema são hegemonicamente marcadas por estudos quantitativos da psicologia clínica, gerontologia e ginecologia a respeito das correlações entre sintomas físicos e psicológicos experienciados majoritariamente por mulheres que passam pelo período da saída dos filhos e filhas de casa, no Brasil, a discussão científica a respeito do tema é praticamente inexistente. Mais do que isso, os poucos estudos, pertencentes a áreas disciplinares similares, também centram-se nos debates em torno da abordagem instrumentalizada pela patologização para explicar as atribulações, desafios, dilemas e dificuldades enfrentados por mulheres mais velhas que têm de lidar com essas mudanças nos arranjos domésticos e familiares dentro dos quais estão inseridas. Nesse sentido, se justifica dessa forma a importância de uma pesquisa sociológica e qualitativa a respeito do tema: é necessário conhecer o que passam as mulheres que têm de lidar com a saída de seus filhos e filhas de casa a partir de uma perspectiva crítica, preocupada com as dinâmicas assimétricas e historicamente localizadas da construção das experiências de gênero em nossa sociedade. Mais do que isso, é necessário fazê-lo a partir de um referencial analítico menos preocupado com a categorização marcada pelo binômio normal/patológico.

Acredito que, acompanhando os relatos das mães que passam por esse processo e analisando-os à partir de uma perspectiva fundada na historicidade das experiências maternas, nas dinâmicas específicas das relações de cuidado em nossa sociedade e na relacionalidade dos processos sociais através dos quais a subjetividade é elaborada e reelaborada, será possível compreender de maneira aprofundada e crítica a experiência das mulheres que têm de lidar com a saída de seus filhos e filhas de casa. Mais do que isso, apoiando-me na diretriz analítica feminista que estabelece a esfera pessoal como um espaço de construções e disputas sociais, acredito que uma investigação que parta dessa perspectiva permitirá entender o imbricado emaranhado de sentidos coletivos, movimentos históricos e políticos de larga escala e apropriações individuais a partir dos quais mulheres que são mães vivem e descrevem a si mesmas nesse momento de suas trajetórias.

Preocupado com os contextos culturais e sociais nos quais as relações familiares são construídas e vivenciadas a partir da experiência das mulheres, este trabalho se constitui a partir da inquietação em torno da compreensão do que, em nossa sociedade, influencia os processos pelos quais passam as mães quando seus filhos e filhas saem de casa. Dessa forma, organizo esta pesquisa em torno do objetivo geral de compreender como a saída dos filhos e filhas de casa afeta as maneiras pelas quais as mulheres que são mães vivem e descrevem a si mesmas. Para que fosse possível contemplar esse intuito investigativo, foram realizadas onze entrevistas qualitativas com mulheres que, tendo lidado com diferentes cenários na saída de suas filhas e filhos de casa, se dispuseram a falar sobre esses períodos em suas vidas.

Essas entrevistas foram analisadas a partir de quatro objetivos específicos, elaborados com a intenção de tornar mais precisa e completa a representação das experiências dessas mulheres. Em primeiro lugar, é importante conhecer as trajetórias biográficas e as maneiras pelas quais elas se relacionam com a organização de suas famílias. Também é relevante caracterizar a relação dessas mães com seus filhos e filhas e o contexto em que a saída ocorre. Contudo, o cenário nos quais estão inseridas e as circunstâncias nas quais experienciam esse processo de separação representam apenas o começo da cronologia interna contida nesses relatos. Para que percebamos o que mudou no que se refere a hábitos, práticas e configurações domésticas e para notemos como essas mudanças afetaram essas mulheres em termos do que sentem e de como descrevem a si mesmas é necessário apreender as mudanças práticas e subjetivas relatadas por essas mães ao contarem a história desse evento em suas vidas. Esse, contudo, é um fenômeno profundamente transpassado pela apropriação de significados coletivos na construção dos sentidos individuais das experiências das mulheres entrevistadas.

Por isso, o último objetivo específico visa reconhecer e analisar os discursos e significados acionados por essas mulheres para organizar, expressar e tornar visível suas próprias histórias.

Após esta introdução, discuto os elementos fundamentais para a artesanaria desta tese. Primeiramente, estabeleço quais os critérios de uma objetividade possível para acessar o fenômeno em questão, tendo em vista o debate epistemológico marcado pela crítica feminista da ciência. Revisando os problemas contidos no apagamento do observador e na pretensão de neutralidade das formas tradicionais da prática científica, elaboro a necessidade de uma discussão progressista a respeito do tema, que leve em conta o lugar da diferença e da situacionalidade na constituição e operação dos parâmetros para a condução dessa investigação. Em seguida, descrevo meus objetivos de pesquisa e remonto o processo através do qual a delimitação de meu objeto se estabeleceu ao longo dos últimos anos. Depois disso, discuto as técnicas e processos operados ao longo do caminho de pesquisa, refletindo sobre o estatuto metodológico dos relatos e das experiências registradas em minhas entrevistas, bem como sobre o processo de tradução de minhas intenções de pesquisa e meu roteiro de condução das conversas com minhas entrevistadas. Terminando o capítulo, apresento-as, mostrando como cheguei até elas e refletindo sobre quais as relações entre seu perfil e o cenário demográfico sobre a saída de filhas e filhos de casa no Brasil.

O capítulo seguinte apresenta o cuidado como perspectiva analítica para esta pesquisa. Nele, discuto como as experiências das mulheres que têm de lidar com a saída de seus filhos e filhas de casa pode ser concebida como uma pesquisa sobre cuidado e como os estudos dessa área podem oferecer ferramentas para compreender as formas como essas mães vivem e descrevem a si mesmas. Ao longo dos tópicos que compõem a seção, realço a utilidade dessa abordagem no que tange a sua capacidade de valorizar heurísticamente a vida cotidiana e de, se apoiando nessa valorização, descentralizar uma definição de sujeito sob a qual o fenômeno estudado neste trabalho poderia ser acessado apenas de uma maneira muito rasa. Também recorro a perspectiva relacional construída ao longo das décadas de debate sobre o cuidado para que seja possível, por meio de um contraste crítico, entender os contornos das conexões observáveis quando falamos sobre a forma como as mães têm de lidar com esse evento em suas vidas. Nesse capítulo, ainda analiso as maneiras pelas quais o tema da maternidade foi abordado dentro da perspectiva do cuidado.

Na quarta seção deste texto me atendo às maneiras pelas quais as mulheres que entrevistei vivem suas identificações enquanto mães, preocupando-me em entender como as saídas de seus filhos e filhas de casa afetam suas experiências nesse sentido. Em um primeiro momento, investigo os significados da maternidade para essas mulheres, destacando a

importância de observar em seus relatos uma conexão com um modo de subjetivação construído em torno da figura da Mãe. Tento compreender como a relação com essa denominação socialmente organizada e historicamente construída lhes oferece termos para que possam entender, representar e descrever a si mesmas – mantendo em mente a constatação de que essa não é uma identidade totalizante ou construída de cima para baixo. Em seguida, explorarei a importância dos filhos e filhas como parte dos projetos pessoais das mulheres com quem conversei ao longo da pesquisa para que, por fim, seja possível discutir a diversidade das formas de viver a identificação maternal e também compreender como outras esferas da vida das entrevistadas também se tornam importantes para a caracterização de suas vidas dentro desta pesquisa.

O quinto capítulo é dedicado a explorar os elementos importantes na forma como essas mães têm de lidar com a saída de seus filhos e filhas de casa. Destacam-se três questões fundamentais para a compreensão dos interstícios dessa experiência. A primeira delas se refere à tensão estabelecida entre itinerários normativos do ciclo da vida e as experiências práticas do cuidado vivido através das relações entre mães, filhas e filhos ao longo do processo de saída. Em segundo lugar, exploro as maneiras pelas quais uma exacerbada percepção de risco se inaugura na mente dessas mulheres ao contemplarem o primeiro momento em que seus filhos e filhas já não se encontram mais ao alcance de suas disposições e práticas cuidadosas. Será possível perceber que esse processo se relaciona intimamente à inteligibilidade daqueles e daquelas que saíram de casa como sujeitos cuja existência é reconhecida através das necessidades de cuidado que os definiram ao longo dos anos em que ainda viviam com suas mães. Por fim, o capítulo discute as dinâmicas de entrelaçamento entre cuidado, tutela e controle nas maneiras através das quais as entrevistadas tentaram influenciar os rumos da vida de suas filhas e filhos.

Com o intuito de compreender os interstícios das experiências das mães entrevistadas nesta pesquisa, o sexto capítulo se dedicará ao exame das imagéticas utilizadas por essas mulheres para atravessarem os períodos mais conturbados desencadeados pela saída de seus filhos e filhas de casa e para darem sentido às suas experiências, retroativamente. Destacam-se, de um lado, a imagética da conexão entre mães e filhos pequenos e o cenário da família sentada em volta da mesa – ilustrações do universo socialmente construído em torno da maternidade enquanto modelo de relação derivado da modernidade europeia – e, de outro, as apropriações dessas mulheres a respeito da noção de Síndrome do Ninho Vazio. Veremos que, enquanto o primeiro conjunto de representações é geralmente apropriado por essas entrevistadas para lidarem com as saudades ou para mostrarem como se relacionam à idade de

família (abalada pelo processo da saída dos filhos e filhas de casa), essa última representação é utilizada majoritariamente como elemento resumitivo e eloquente que lhes permite dar vazão às tristezas provocadas pelas mudanças nos arranjos domésticos em que viviam.

O último capítulo analítico da tese se dedica às formas pelas quais as vivências dessas mulheres enquanto mães se desenvolveram através do tempo, após a saída de suas filhas e filhos de casa. Esta seção se dedica à análise um período mais avançado da cronologia interna dos relatos das entrevistadas. Primeiro, são examinadas as formas pelas quais essas mulheres interagem com a evocação da memória de seus filhos e filhas através dos objetos que lhes lembram do cuidado daqueles e daquelas que saíram de casa. Em seguida, dedicarei algumas páginas à análise de um importante processo de troca entre mães, filhas e filhos através do qual se organizam processos de cuidado de si e do Outro relatados ao longo das entrevistas. O terceiro tópico do capítulo se foca sobre as sutilezas do uso do tempo após o esvaziamento do ambiente doméstico – debruçando-me sobre as mudanças qualitativas das formas como a rotina e o ritmo de vida dessas mulheres se transformaram após a reorganização dos ambientes domésticos e familiares nos quais estão inseridas. Nesse capítulo, ainda serão discutidas as maneiras pelas quais os sentimentos de perda aparecem nos relatos das entrevistadas. Através dessa análise, discuto as conexões reveladas pelo luto e seus efeitos transformativos nas maneiras pelas quais essas mães vivem suas subjetividades. Por fim, investigarei a flexibilidade da identificação maternal *através do tempo* – através dos aprendizados e reorganizações operados pelas mulheres com quem conversei ao longo da pesquisa.

Na conclusão, são recuperados os argumentos desenvolvidos ao longo do texto. Ao mesmo tempo, discute-se a relevância social e sociológica do tema central sobre o qual este trabalho foi construído. Através desse debate, reforço a relevância de uma pesquisa construída a partir do intuito de compreender, não apenas das relações de gênero e sexualidade – e as assimetrias nas formas como essas dinâmicas influenciam a distribuição de encargos, reconhecimentos e responsabilidades em nossa sociedade –, mas o entrecruzamento entre o cuidado – essa forma prática de viver a vida a partir da apropriação de discursos historicamente localizados que delimitam as maneiras de entender o mundo – e a produção de subjetividade ligada ao longo da vida das mulheres que são mães na contemporaneidade.

2 A ARTESANIA DA TESE

Esta seção será dedicada a uma recuperação metodológica do processo pelo qual a pesquisa tem se constituído até o momento. Nela, apresentarei uma trajetória das técnicas, procedimentos, elaborações e reflexões sobre as quais se apoiam as análises que empreendo mais a frente neste trabalho. Vinculando-me a uma forma específica de pensar a objetividade possível na prática científica – que herda algumas precauções e diretrizes do debate feminista construído no fim do século passado –, acredito que um exame dos movimentos e escolhas que me levaram ao meu problema investigativo, aos meus objetivos e às estratégias que adotei para melhor satisfazê-los é um requisito fundamental para localizar o olhar a respeito do qual acesso as experiências das mulheres que têm de lidar com a saída de seus filhos e filhas de casa. Portanto, apresento adiante reflexões sobre as condições de uma objetividade possível para esta pesquisa, bem como seus objetivos e as intenções com as quais foram elaborados. Também exponho o caminho a partir do qual a delimitação de meu objeto foi elaborada para depois discutir como operei as técnicas empreendidas ao longo dos últimos anos, refletindo sobre o estatuto metodológico do material que resulta de minhas entrevistas. Por fim, recobro como cheguei até as mulheres entrevistadas neste trabalho, apresentando-as e discutindo o perfil através do qual acesso o fenômeno das mulheres que têm de lidar com a saída de suas filhas e filhos de casa.

2.1 Uma objetividade possível

O que quero dizer quando me refiro a uma objetividade *possível*? Quando, em um famoso artigo publicado originalmente em 1986, Sandra Harding afirmou que "Não há 'ciência normal' para nós!" (HARDING, 1993, p. 11)¹, essa já não era uma constatação nova dentro do debate feminista. A apropriação irônica e crítica da terminologia apresentada por Thomas Kuhn em *A Estrutura das Revoluções Científicas*² provocava feministas e não-feministas a voltarem sua atenção para uma intensa discussão que se tornava cada vez mais pujante na Europa e nos Estados Unidos desde o fim da década de 1970: a conexão entre as formas sociais e historicamente organizadas de divisão e constituição de sujeitos e sua influência fundamental nas estruturas de conhecimento nas quais nos amparamos. Sara

¹ Aqui cito a edição traduzida para o português e publicada nos *Cadernos Pagu* em 1993, *A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista*.

² Originalmente publicado em 1962.

Ruddick, na ocasião de uma reedição de *Maternal Thinking*, em 1995, lembra que esse período foi marcado por um feminismo otimista – e, em alguns aspectos, ingenuamente romântico – a respeito das possibilidades de fazer da diferença sexual, antes usada para oprimir mulheres, uma chave para transformar as condições de conhecimento e de vida nas sociedades ocidentais (RUDDICK, 1995, p. ix).

Não mais vista como deficiência – mas ainda pensada majoritariamente de forma bastante binária³ –, a valorização distintiva dos modos de viver e pensar das mulheres, combinada à constatação da existência de um regime hegemonicamente patriarcal e androcêntrico nas formas legitimadas de construção do saber, seria transformada em alternativa para as formas de conhecer o mundo e organizá-lo. Participando dessa importante discussão, diferentes autoras construíram potentes análises que reagiam a uma tautologia posta nos encaixes entre ciência, norma e estrutura social. Com a retomada de um projeto epistêmico iniciado autoras como Simone de Beauvoir⁴ e Betty Friedan⁵, a década de 1970 veria Adrian Rich⁶ e Nancy Chodorow⁷ produzindo estudos que envolviam largas revisões de literatura, projetos de uma intensa crítica da cultura dentro de seus contextos intelectuais e propostas de validação epistêmica de uma outra história das mulheres. O desenrolar desse debate trouxe consigo a questão da consideração da experiência das mulheres como elemento reformulador das formas de conhecer.

Evelyn Fox Keller, em *Reflections on gender and science*⁸, por exemplo, se apropria do aparato conceitual oferecido por Kuhn para inserir a percepção das assimetrias de gênero na estrutura das mudanças de paradigma científico. Mais do que isso, sua proposta trazia consigo a junção do insight kuhniano com o lema “o pessoal é político” – o que resultou em uma metodologia que, quando aplicada à ciência, pretendia mostrar que “[...] the logical extension of the personal as political is the scientific as personal” (FOX KELLER, 1985, p. 9). O apontamento do androcentrismo arraigado no centro da delimitação do fazer científico

³ É central afirmar a romantização e a homogeneização problemáticas contidas na ideia de uma separação binária entre a experiência masculina e a experiência feminina. Autoras centrais para feminismo negro, como Patrícia Hill Collins e Kimberlé Williams Crenshaw – que publicaram, respectivamente *Race, Class and Gender: An Anthology*, em 1992, e *Critical Race theory: The Key Writings That Formed the Movement*, em 1996 – questionaram essas análises a respeito da ausência de uma consideração interseccional de fatores como raça e classe, por exemplo. Também na década de 1990, textos como *La pensée straight* (1992), de Monique Wittig, trariam consigo a importante constatação da heterossexualidade pressuposta no binário homem/mulher que, em muitos casos, serviu como plano de fundo para os debates mais categorizados sobre o nome de feminismo da diferença. Tratava-se, como se pode imaginar, de pensar as diferenças dentro da diferença.

⁴ Me refiro a *Le Deuxième Sexe*, publicado originalmente em 1949.

⁵ Me refiro a *The Feminine Mystique*, originalmente publicado em 1963.

⁶ Me refiro a *Of Woman Born: Motherhood as Experience and Institution*, originalmente publicado em 1976.

⁷ Me refiro a trabalhos como *The Reproduction of Mothering Psychoanalysis and the Sociology of Gender*, originalmente publicado em 1978.

⁸ Originalmente publicado em 1985.

moderno trazia consigo a potente ideia de que o largo escopo do que poderia ser considerado um problema científico estava irremediavelmente ligado a experiências hegemonicamente masculinas – e, portanto, parciais. Outras autoras como Genevieve Lloyd e Susan Bordo seguiam a proposta de, através do contraste oferecido pela experiência feminina, apontar a parcialidade das estruturas de explicação que antes pareciam universais, neutras e infinitamente aplicáveis. Em *The Man of Reason*⁹ Lloyd, por exemplo, analisa como a diferença dos gêneros é influenciada pela maneira em que a ideia de Razão é empregada para descrever homens e mulheres na história de algumas das maiores referências do pensamento ocidental. De forma parecida, Bordo, em *The Flight to Objectivity: Essays On Cartesianism and Culture*¹⁰, se debruça sobre o racionalismo cartesiano e denuncia o objetivismo de seu método como efeito de uma “fuga da feminilidade”, característica do século XVII e do início de uma modernidade européia que alinharia, por meio de um discurso binário, masculinidade com objetividade e feminilidade com a incerteza do saber subjetivo. Os exemplos se multiplicam.

Desse debate, me interessa resgatar pontualmente algumas contribuições de duas autoras que se dispuseram a refletir sobre a denúncia da presunção de vivências masculinas e brancas nas definições de objetividade, racionalidade e lógica que alicerçaram a ciência moderna como sistema de pensamento, e ofereceram reflexões, considerações e recomendações para repensar a objetividade científica de maneira crítica e praticamente orientada. Me refiro aqui a Sandra Harding e Donna Haraway. Em meio a efervescência do debate epistemológico que marcava a época, as duas autoras se influenciaram mutuamente em um debate específico que se tornou particularmente frutífero no fim da década de 1980.¹¹

Haraway vinha das Ciências Naturais, mas participava de um amplo debate que transpassava revistas da biologia, revistas socialistas e feministas.¹² Harding, por outro lado,

⁹ Originalmente publicado em 1984.

¹⁰ Originalmente publicado em 1987.

¹¹ Um olhar atento às notas de rodapé das duas autoras revela um debate constante em suas publicações. Sandra Harding é citada diversas já nas primeiras versões de *A Manifesto for Cyborgs* (1985); *Saberes Localizados* (originalmente publicado em 1988), é descrito por Haraway como comentário ao livro *The science question in feminism*, publicado por Harding em 1986. Haraway, por sua vez, é citada não apenas em *The science question in feminism*, mas em muitos dos principais trabalhos de Harding – poderíamos mencionar também *A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista* (publicado originalmente em 1986) e *Whose Science? Whose Knowledge?* (1991) como exemplos. De maneira geral, nota-se que as duas intelectuais têm se desafiado mutuamente e, com isso, motivado importantes avanços nessa discussão, principalmente no que se refere a conceber formas concretas de conceber uma prática científica crítica e comprometida com a construção de conhecimento.

¹² A primeira metade da década de 1980 contaria com uma ampla gama de trabalhos da autora. Podemos citar *In the Beginning Was the Word: the Genesis of Biological Theory*, publicado em 1981 pela revista *Signs: Journal of Women in Culture and Society*; *Signs of Dominance: From a Physiology to a Cybernetics of Primate Society*, veiculado em 1983 pelo periódico *Studies in History of Biology*; e aquele que seria talvez seu trabalho influente

estava desde o fim da década de 1970¹³ discutindo filosofia e epistemologia a partir de uma abordagem crítica que tinha o cenário feminista como plano de fundo. Ambas, contudo, estavam atentas aos riscos contidos nas posições que marcavam o cenário intelectual da época. Foram rápidas em perceber os perigos de escolher entre um empirismo feminista – baseado na ideia de que a assimetria e o androcentrismo que marcaram a história da ciência moderna advinham principalmente de um mal uso do método científico, que corrompia uma forma neutra de observar e explicar a realidade – e a vulgarização da teoria do ponto de vista que resultava num relativismo radical – que, cristalizando a diferença, negava a possibilidade de um conhecimento comum e, mais que isso, se amparava na intraduzibilidade das experiências identitárias como argumento de descrédito de todo de qualquer debate científico. Ainda que não tenham sido as únicas a perceber as armadilhas desse dilema¹⁴, ambas identificaram e apresentaram soluções programáticas para ir mais fundo: sabiam que não se poderia deixar intactos os pilares do fazer científico, nem seria possível se dar ao luxo de abandonar a ciência e esperar resolver seus impasses com um apelo à essencialização da experiência enquanto elemento singular e resumitivo para um conhecimento criticamente orientado.

Daquilo que tomo emprestado das autoras em questão, ressalto em primeiro lugar uma preocupação em encontrar aquilo a que Haraway (1995) se referiu como "uma doutrina utilizável de objetividade". A crítica do objetivismo, em sua incapacidade de identificar desejos, valores, agendas e conteúdos históricos de amplo alcance que têm profunda influência na construção da prática científica, assim como em qualquer outro tema da existência humana (HARDING, 1991, p. 143), não pode significar a desistência de um projeto de conhecimento acurado, comprometido com representar e pensar o real. Também não deve significar uma desistência para com a ciência, reforçando ainda mais a já existente guetização das Ciências Humanas e sua valoração enquanto forma científica de segunda categoria. Ao contrário, tudo isso aponta o conhecimento científico – e a objetividade que ele supõe – como lugar de disputa. Com esse problema em mente, as duas autoras ofereceram soluções que apontam em direções semelhantes.

da década, *A Manifesto for Cyborgs: Science, Technology and Socialist-Feminism in the 1980's*, publicizado pela *Socialist Review* em 1985.

¹³ Um exemplo dessa produção seria o artigo *The social function of the empiricist conception of the mind*, publicado pela autora em janeiro de 1979, na revista *Metaphilosophy*.

¹⁴ A título de exemplo, pode-se mencionar as participações de intelectuais como as de Helen Longino – que tem boa parte de sua contribuição condensada nas propostas de *Science as Social Knowledge: Values and Objectivity in Scientific Inquiry* (1990) – e Mary McCanney Gergen – destacando-se a organização do livro *Feminist Thought and the Structure of Knowledge*, publicado originalmente em 1988.

Para Haraway, é central notar: "apenas a perspectiva parcial promete visão objetiva" (HARAWAY, 1995, p. 21). Esse corolário resume décadas de desconstrução dos parâmetros descorporificados que pretendiam (e pretendem até hoje) existir de forma destacada de lugares sócio-históricos e subjetivos. Objetividade, num contexto científico conservador, comumente significou a ausência de interferências ou vieses na observação da realidade – funcionando, na prática, como apenas o silenciamento ou a ignorância acrítica dos diferentes elementos compositores de um olhar sobre o empírico. Se boa ciência é boa observação, a autora argumenta em favor de um conhecimento situado e corporificado, que observa e informa de onde parte, em oposição a "várias formas de postulados de conhecimento não localizáveis e, portanto, irresponsáveis." (HARAWAY, 1995, p. 22). Como em outras potentes histórias que contamos sobre nós mesmos em nossa sociedade, o impossível truque de ver sem ser visto contribuiu retoricamente para a distinção do saber científico como forma socialmente privilegiada de conhecer e ditar as formas de lidar com o mundo. Mas, como aponta Haraway, a visão – metáfora fundamental para o conhecimento no Ocidente – não é um movimento passivo ou inocente. Nesse sentido, o ato de conhecer *deve* enunciar-se. Deve, com o melhor de seus esforços, investigar-se, localizar-se, parcializar-se, especificar-se e dizer o que o compõe.

Respondendo ao mesmo dilema da viabilidade da pesquisa científica a partir da crítica feminista, Harding (1991) elabora o conceito de "objetividade forte"¹⁵ que, de diferentes maneiras, surge como consequência programática de uma ideia que resume parte importante do debate epistemológico ao qual me referi até aqui: a constatação de que todo problema de pesquisa contém um *quem* por trás de sua articulação. Solidificada como herança fundamental da discussão sobre as condições da prática científica nos anos 1980, a percepção de que determinadas experiências elegem diferentes temas de interesse para a construção de conhecimento válido e necessário (HARDING, 1993) está por trás dessa reconsideração das condições através das quais se pode conhecer o mundo objetivamente.

Com a ideia de "objetividade forte", a autora se refere à inserção de um elemento reflexivo dentro do processo de construção e apresentação de uma investigação como essa. Essa noção requer que:

¹⁵ O termo "objetividade forte" (*strong objectivity*) surge como uma apropriação crítica da forma como um grupo particular de sociólogos da ciência da Universidade de Edimburgo (principalmente Barry Barnes, David Bloor, Harry Collins, John Henry e Donald MacKenzie) decidiram nomear a seu programa de análise: *the strong programme*. Ainda que suas análises sejam definitivamente mais engessadas do que aquelas que a crítica feminista produziu, muito provavelmente sua aversão a ideia de fazer do cinismo relativismo o resultado final da crítica da ciência moderna foi o que fez com que Harding se tomasse o termo por empréstimo.

[...] the objects of inquiry be conceptualized as gazing back in all their cultural particularity and that the researcher, through theory and methods, stands behind them, gazing back at his own socially situated research project in all its cultural particularity and its relationships to other projects of his culture [...] (HARDING, 1991, p. 163)

Nesse sentido, o caminho para uma objetividade criticamente orientada envolve algo como um encadeamento de observações onde cada elemento de uma pesquisa aponte para o que deu origem a ele – para o universo situado no qual ele se torna perceptível e analisável. De forma que, em determinado momento, a pessoa que conduz esse processo diga algo sobre o que veio antes dela, sobre o que compõe as condições para que o que ela apresenta possa ser mais objetivamente compreendido – aqui podemos, por exemplo, recorrer à relação de quem pesquisa com as posicionalidades nas quais sua raça, seu gênero e outros marcadores da diferença social influenciam nos processos e resultados de uma investigação científica.

A iniciativa de requerer da pesquisadora/pesquisador o esforço de se situar no enquadramento através do qual estuda algum aspecto da realidade incorre em uma outra proposta bastante potente defendida por Harding (1987; 1991; 1993): a ideia de conceber sujeito e objeto da pesquisa em um mesmo plano crítico, investigando a *relação* entre os dois em vez de pressupor uma separação absoluta entre as partes. Isso significa assumir que:

[...] the class, race, culture and gender assumptions, beliefs and behaviors of the researcher her/himself must be placed within the frame of the picture that she/he attempts to paint. This does not mean that the first half of a research report should engage in soul searching (though a little soul searching by researchers now and then can't be all bad!). Instead, as we will see, we are often explicitly told by the researcher what her/his gender, race, class, culture is, and sometimes how she/he suspected this has shaped the research project – though of course we are free to arrive at contrary hypotheses about the influence of the researcher's presence on her/his analysis. (HARDING, 1987, p. 9).

Reportar-se, falar sobre em que medida esse ou aquele marcador da diferença social tenha papel importante na observação de um fenômeno, surge como procedimento que dá cabo a ideia de *fazer de quem analisa também um elemento a ser analisado*.¹⁶ Tomando consciência de que o processo que nos permite acessar a realidade empírica – através do qual um elemento do mundo se torna um objeto de interesse, um objeto de pesquisa – ocorre de maneira distinta à medida que advém de experiências e pontos de vista diferentes, o acesso acurado da trajetória pela qual um objeto é construído passa necessariamente pelo exame das

¹⁶ Isso faz da objetividade, não uma condição para a generalização do saber observável, mas um princípio crítico de especificação e localização das formas de conhecer. Como explicado por Harding, em *A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista* (1993), uma proposta como essa faz da produção de conhecimento um processo artesanal - preocupado em dialogar com o debate científico a partir de suas especificidades, sem a busca de um "encaixe" - que busca, no acúmulo de conhecimento, a manutenção do elemento reflexivo como parte intrínseca da construção do saber científico.

características daquele/daquela que promove essa elaboração. Em diferentes sentidos, trata-se de um exercício de vulnerabilidade. De, nas palavras de Haraway (1995, p. 41), assumir os riscos e se expor como parte da investigação, como quem está engajado em um processo de *estruturação mútua e assimétrica*.

Se a estruturação de uma pesquisa científica deve, a partir dessa perspectiva crítica, ser concebida como um processo em que objeto e sujeito do conhecimento se afetam mutuamente, isso se dá porque a adesão a esse conjunto de preocupações epistemológicas requer que "o objeto do conhecimento seja visto como um ator e agente, não como uma tela, ou um terreno, ou um recurso, e, finalmente, nunca como um escravo do senhor que encerra a dialética apenas na sua agência e em sua autoridade de conhecimento "objetivo"." (HARAWAY, 1995, p. 36). Dessa forma, não apenas é necessário investigar-se no que se refere ao que compõe o olhar investigativo que constitui o olhar através do qual determinada pesquisa acessa o fenômeno estudado e evitar a anulação de si como recurso retórico para afirmar que esta ou aquela característica do objeto é auto-evidente, como também é fundamental reconhecer as maneiras pelas quais – especialmente no caso das Ciências Humanas – aqueles para quem olhamos *nos olham de volta*, agindo sobre a pesquisa que resulta desse encontro.

2.2 O caminho de pesquisa

Seguindo as propostas oferecidas pelas autoras que elaboram o modo de fazer pesquisa científica a qual me filio, apresento um pouco das condições sobre as quais se apoia esta pesquisa – que surge para mim de maneira bastante pessoal, aliás. Há uma localização para o meu olhar. A ideia de pesquisar as formas pelas quais a saída dos filhos de casa podem afetar mulheres que são mães não surgiu simplesmente a partir de minhas leituras ou de minha engatinhante experiência com os estudos de gênero. Quem me sugeriu essa ideia foi minha própria mãe, em 2019, em uma longa ligação telefônica – dessas que são comuns entre muitas mães e filhos separados por centenas de quilômetros de distância. Recupero a seguir esse processo.

2.2.1 Pesquisando como um filho

Se pretendo observar sociologicamente o cruzamento entre maternidade, cuidado e subjetividade, faço-o antes de mais nada como filho mais novo de uma família branca da

classe média do interior de São Paulo, que decidiu sair de casa aos 18 anos de idade. No início de minha vida adulta, escolhi trilhar o caminho de meu irmão mais velho, deixando minha casa, minha cidade natal e meu estado para cursar o ensino superior na capital paranaense. Em Curitiba, éramos nós dois e, na casa em que havíamos crescido, ficaram meu pai, que ampliava ainda mais sua longa jornada de professor do ensino médio para arranjar um jeito de nos apoiar financeiramente, e minha mãe, que, ainda que nos incentivando, sofria gravemente com as mudanças que nossa saída causava no espaço familiar. Mesmo antes de minha ida, questões muito doloridas se pronunciavam e, por mais de uma vez, eu era inquirido sobre que tipos de cuidados maternos haveria faltado para que eu quisesse me mudar. Enquanto nos esforçávamos para dar início a nossas vidas adultas fora de casa, minha mãe sentia o peso de nossa ausência, que abalara profundamente a organização de sua vida, sua personalidade e seu cotidiano. Suas antigas dificuldades para construir uma boa rotina de sono aumentaram ainda mais; marcada por mais de 500 quilômetros de distância, nossa ausência inaugurava uma nova lista de perigos possíveis – revisitada de novo e de novo, como uma compulsão –, aliviada por algumas esparsas conversas via celular e internet e pelo eterno esforço de "manter a cabeça ocupada"; nossas chegadas e partidas eram comumente motivos de lágrimas e a memória dos espaços que ocupamos em casa durante décadas servia como açoite e como conforto no encontro com nossos antigos quartos, nossos objetos que ficaram, nossas roupas, nossos cheiros etc.

Contudo, aos poucos, pude assistir minha mãe reconstituir sua rotina, reorganizar os espaços físicos de nossa antiga casa, bem como a territorialidade interna de sua subjetividade. Meu quarto virou um ateliê; ela retomou suas atividades profissionais, repensou sua relação conosco e mesmo sua própria identidade pessoal em um profundo esforço de reinvenção e reinvestimento necessário em si. O distanciamento dos filhos – até então objetos primários dos cuidados intensamente carinhosos em relação aos quais essa mulher, que deixou seu próprio emprego há quase trinta anos para cuidar da família, definia a sua própria identidade – desencadeou em minha mãe um processo de transformação interna bastante marcante. Atravessadas, certas questões agora eram sintetizadas por ela: "eu não conseguia não ver vocês como crianças morando sozinhas em uma cidade enorme e longe!"; "para mim é como se tivesse arrancado uma parte de mim.". Talvez por conta de todo esse processo ela tenha me dito: "você deveria estudar o que acontece com as mães quando elas saem de casa. Assim você vai saber como eu me senti".

Como a realização de minha pesquisa de mestrado inserida na temática do cuidado e das relações de gênero que ali estão imbricadas, o processo descrito acima ganha uma nova

interpretação. Em minhas leituras e análises empíricas, me defrontei com a ligação entre identidades femininas, os discursos e as expectativas ligadas às atividades e disposições envolvidas na prática do cuidar materno. Em um movimento moderno que tem seu auge no século XIX – e conserva considerável influência social até hoje – a construção da feminilidade se entremeia discursivamente às formas pelas quais o cristianismo, o capitalismo e a biologia imaginaram a mulher inexoravelmente destinada ao papel de mãe – ainda que esse destino seja pressuposto de maneiras diferentes para mulheres de diferentes raças, sexualidades e classes sociais. Determinados protocolos e categorias sociais se atrelaram como requisitos para habitar a categoria subjetiva "mãe" e a distribuição de práticas e a construção de representações que caracterizam a feminilização do cuidado tornaram-se temas centrais para conhecer os sentidos em relação aos quais as mulheres constituíam suas próprias identidades e se defrontavam com o espaço doméstico a elas reservado no imaginário moderno.

A experiência de minha mãe (e minha apreensão dela, de ressaltar) não deve ser romantizada, nem simplesmente generalizada. Contudo, não me parece fora de proporção partir da ideia de que parte importante da estabilidade e segurança através da qual ela e outras mulheres definem a si mesmas deve-se à força da ligação entre feminilidade, cuidado e maternidade, bem como à maneira pela qual lidam com esses significados em seus cotidianos. Calcada em um conjunto de sujeições de corpos à discursos, existe na mãe uma estabilização da identidade ligada a um conjunto de práticas performadas cotidianamente. A saída dos filhos e filhas de casa pode, assumo, trazer consigo uma mudança nos itinerários de cuidado e organização da própria vida que, por sua vez, se apresenta como oportunidade e/ou necessidade de operar uma transformação pessoal enquanto mãe e mulher. Ainda que visto geralmente como um momento pontual da vida dessas mulheres – um momento difícil que logo passa em direção à ficcionalidade resumitiva contida em ideias como "deu tudo certo no final" –, esse me parece ser um fenômeno a partir do qual é possível observarmos algo como um abalo, ainda que parcial, na estabilização subjetiva oferecida por esse encontro de sentidos e práticas. Como quando, tentando furar uma parede para pendurar um quadro, danificamos um cano e, sendo lembrados da existência de um complexo sistema de tubulações que faz a casa funcionar por trás das paredes estacionadas sobre nossas vistas cotidianamente, temos de abrir mão do que estávamos fazendo para resolver esse passageiro problema, nesta pesquisa está contido o esforço de dedicar atenção ao momento crítico de exceção – talvez curto, mas nunca óbvio – como um vislumbre das contingências sobre as quais está apoiado o assentamento de construções sociais que marca a vida cotidiana. Nesse sentido, torna-se

importante realizar um estudo que se debruce sobre os relatos pessoais dessas mães a respeito desse momento em suas vidas para que seja possível aprofundar o entendimento de como discursos, práticas e trajetórias individuais se relacionam com as experiências da formação de identidades de gênero em nossa sociedade.

Depois do *insight* oferecido por minha mãe e após algum tempo dedicado à leitura e organização das minhas ideias, eu chegaria à minha pergunta de pesquisa, que permanece a mesma até aqui: como a saída dos filhos e filhas de casa influencia nas maneiras pelas quais as mães vivem suas vidas e falam sobre elas mesmas? Para me ajudar a explorar essa questão, organizei aos poucos um objetivo geral para esta tese – ele tem sido elaborado e reelaborado ao longo dos encontros com as mulheres que entrevistei durante esse período, deixando claro para quem lê e para mim mesmo o que eu estive tentando entender ao longo dos últimos anos. Posto de forma completa, meu intuito com essa pesquisa é: **Compreender como a saída dos filhos e filhas de casa afeta as maneiras pelas quais as mulheres que são mães vivem e descrevem a si mesmas.**

Se procuro entender como a diminuição do convívio com as filhas e filhos é encarada pelas mulheres que passam por essa situação e como isto influencia nas maneiras pelas quais vivem e descrevem a si mesmas, foi necessário construir alguns objetivos específicos para que se pudesse realizar essa intenção principal. Para que haja atenção aos múltiplos itinerários individuais existentes em nossa sociedade, é preciso atentar para as histórias de vida dessas mulheres a fim de **1)** conhecer suas trajetórias biográficas e as maneiras pelas quais se relacionam com a organização de suas famílias. Dessa forma, evita-se pressupor um modelo de disposição familiar ou subsumir agência subjetiva à localização social como nas interpretações mais simplistas das teorias da sujeição – possibilitando vislumbrar o lugar ocupado pelas entrevistadas nas rotinas de cuidado e convívio no ambiente familiar.

Ao mesmo tempo, existem diversas formas através das quais a saída de um filho ou filha de casa pode se dar. Elas podem acontecer de maneira abrupta ou em processos com múltiplas fases; podem se constituir como uma separação mais ou menos completa; podem ocorrer por conta de brigas, necessidade econômica, oportunidades de estudo ou emprego, casamentos e muitos outros cenários possíveis – todos transpassados por marcadores da diferença social bastante influentes na experiência subjetiva, bem como pela localização estabelecida no objetivo anterior. Portanto, é fundamental **2)** caracterizar a relação dessas mães com seus filhos e filhas e o contexto em que a saída ocorre.

Estabelecidas as trajetórias biográficas, a maneira pelas quais essas entrevistadas se localizam na organização de suas famílias, bem como descritas a relação com seus filhos e

filhas e a conjuntura da saída deles de casa, faz-se necessária uma atenção às mudanças desencadeadas por esse acontecimento. O que mudou em termos de hábitos, práticas, configurações domésticas e como essas mudanças afetaram essas mulheres em termos do que sentem e de como descrevem a si mesmas. Nesse sentido, é preciso **3)** apreender quais (e *como*) mudanças práticas e subjetivas são relatadas por essas mães ao contarem a história desse evento em suas vidas.

Por fim, também é central remarcar que as diversas vivências que estão ligadas a diferentes localizações subjetivas das mulheres que passam por esse processo em suas trajetórias só podem ser relatadas quando em contato a um conjunto de representações e sentidos social e historicamente constituídos. A impossibilidade de elaboração da experiência sem as categorias sociais apropriadas para dotá-las de sentido é um elemento muito importante para a construção de um relato coerente sobre as vidas individuais, possibilitadas pelos códigos disponibilizados em regimes de verdade e poder – que, por sua vez, estão politicamente ligados aos imaginários generificados em nossa sociedade. Dessa forma, é importante **4)** reconhecer e analisar os discursos e significados acionados por essas mulheres para organizar, expressar e tornar visível suas próprias histórias.

Com esses objetivos em mente, realizei entrevistas, revisões de literatura e pesquisas mais amplas sobre o tema nos últimos anos. Ao longo desse período, minha interação com tudo o que pude absorver sobre a vida das mulheres que têm de lidar com a saída de seus filhos e filhas de casa impactou a maneira como delimitei meu objeto. A linha que traça o contorno do recorte através do qual acesso o processo em questão caminhou em diferentes direções, expandindo-se e se contraindo à medida que novas informações, interpretações e ideias demandaram minha atenção ao longo do processo de pesquisa. Não posso fingir que a forma como concebo ou encontro meu objeto de pesquisa hoje é a mesma de quando elaborei meu projeto – como se, de alguma forma, já soubesse tudo o que era necessário saber sobre a temática de minha pesquisa há três anos. Seguindo as recomendações que advém do ramo de pesquisa ao qual me filio, recorro a seguir o processo pelo qual meu objeto de pesquisa veio a ser o que é hoje.

2.2.2 Um objeto de pesquisa ao longo do tempo

Me lembro de, tirando o telefone de uma orelha e levando-o à outra – num esforço que, ao mesmo tempo, refletia minha animação com a provocação apresentada minha mãe e tentava aliviar a vermelhidão e o achatamento dos ouvidos, comum a ligações telefônicas de

longa duração – ouvir as palavras: “chama-se *Síndrome do Ninho Vazio*, Henrique! Todas as minhas alunas do artesanato estão falando disso”. Além de me oferecer a ideia de pesquisa, minha mãe me apresentava, de saída, uma primeira pista. Ela não o fez sem motivo. De buscas no *Google* a vídeos no *Youtube*; de programas de rádio e televisão até artigos em revistas científicas, é praticamente impossível encontrar narrativas sobre as formas como as mães vivem a experiência da saída de seus filhos e filhas de casa sem que sejam exprimidas sob a égide dessa expressão que, ao longo do século XX, tem sido usada para descrever um conjunto de estados de espírito – mais tarde, transformados em sintomas comportamentais –, como tristeza, sentimentos de inutilidade, de vazio, falha ou culpa, que surgiram em determinados círculos para caracterizar o envelhecimento das mulheres e a saída dos filhos do ambiente doméstico. Assim, a partir de uma miríade de trocas e apropriações entre ciência e senso comum, a Síndrome do Ninho Vazio tornou-se uma representação social, através da qual discursos específicos sobre a maternidade e suas dimensões generificadas são veiculados.¹⁷

Como um filho obediente e um pesquisador curioso, dediquei quase todo o primeiro ano de minha pesquisa à investigação do emaranhado de discursos que formam a ideia de síndrome do ninho vazio. Tabelei leituras de quase uma centena de artigos publicados em periódicos como *Journal of Marriage and Family*, *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *Psychology of Women Quarterly*, *The Journal of Nervous and Mental Disease* e muitos outros. Talvez eu tenha, na verdade, devotado tempo demais a essa empreitada. Um primeiro encontro com a bibliografia um pouco mais técnica a respeito do tema mostrava os perigos medicalizantes contidos na codificação a respeito do tópico, construída majoritariamente dentro da psicologia norte-americana que, ao longo do século XX, elaborou uma amálgama entre apropriações do vocabulário freudiano, da teoria dos papéis e do desenvolvimento moral para explicar esse fenômeno dentro da linguagem dos ciclos da vida, das fases do amadurecimento e da prática das atribuições funcionais às mulheres do modelo nuclear de famílias brancas e heterossexuais que encontrava-se na base de todas essas teorias.

¹⁷ Embora tenha se tornado uma "síndrome" apenas na metade do século, a primeira aparição documental da referência à saída dos filhos e filhas de casa como um "esvaziamento do ninho" está em 1914, com o livro *Mother and Children*, da educadora norte-americana Dorothy Canfield Fisher. O uso da expressão como um elemento do vernáculo corrente corrobora a constatação de uma atenção particular voltado ao tema da mulher sem filhos e filhas em casa, apresentado por Margaret Morganroth Gullette (1995) em seu estudo sobre a forma negativa como a "mulher pós-maternal" era tratada em países como a Inglaterra e os Estados Unidos. O tema adentrou a discussão psicológica através de um severo pessimismo a respeito do envelhecimento das mulheres, representado pela figura do climatério e a forma como o tardio Freud e sua discípula Helen Deutsch o apresentaram. Aos poucos o vocabulário freudiano toma o campo psi nos EUA e logo surgem artigos sobre a "crise normativa" no ciclo de vida das mulheres, que caracterizava a síndrome do ninho vazio enquanto um período de perda do papel materno.

Deixei-me tentar pela possibilidade de construir uma arqueologia foucaultiana a respeito do tema. Pensei que seria possível construir uma análise que assumisse a ideia de Síndrome do Ninho Vazio como uma espécie de bússola invertida, que procurasse pelo outro lado da moeda. Tal ideia se mostrou um engano por diversos motivos. Primeiramente, devido ao recorte adotado neste trabalho, o privilégio metodológico concedido às entrevistas compete com o tempo e o esforço necessários para o acesso rigoroso a fontes históricas que poderiam me ajudar a propor contrapontos nessa trajetória a partir de saberes sujeitados ou contracondutas que estão na base do ímpeto crítico e desestabilizante de qualquer empreitada dentro do método arqueológico em questão. Em segundo lugar, não haveria tempo hábil de realizar esse tipo de investigação lateralmente e, ainda assim, dar conta de meu problema de pesquisa. Contudo, ainda mais importante é a constatação de que eleger essa noção como objeto de crítica, antes de qualquer contato com o campo, faria dela uma espécie de cúmplice analítico de minha investigação antes mesmo de saber se os relatos das minhas entrevistadas apontariam em sua direção – minha pesquisa produziria erroneamente um encontro pré-estabelecido (ainda que feito em forma de contraste) entre o que foi relatado pelas mulheres e categoria histórica da Síndrome do Ninho Vazio. Na prática, eu estaria colocando um debate engessado e marcado por diversos problemas como ponto de partida para seja lá o que encontrasse em campo.¹⁸

Contudo, o tempo dedicado a essa ideia não foi em vão. Mapear esse debate me ajudou a lapidar meus objetivos de pesquisa. Porém, a partir de determinado momento se tornava clara a necessidade de desobedecer às recomendações de minha mãe e abandonar a utilização dessa categoria. Ao longo de minhas leituras e minha aproximação do campo, percebi que o fenômeno em questão poderia ser melhor explicado por outros elementos importantes do debate feminista, da teoria social e dos estudos de gênero e sexualidade.

Em minhas entrevistas exploratórias, realizadas no começo de 2021 – quando eu ainda esperava encontrar contrapontos para a imagem apresentada pela discussão centrada em torno da Síndrome do Ninho Vazio em meu trabalho de campo – reparei que algo particularmente complexo marcava o objeto sobre o qual eu estava me debruçando. Meu roteiro de entrevistas já se focava sobre o contraste entre as rotinas de organização doméstica antes e depois da saída dos filhos e filhas de casa. Contudo, desde minhas primeiras entrevistas, notei importantes menções a práticas e disposições de cuidado rotinizadas – "ritualizadas", nas

¹⁸ Veremos ao longo do trabalho as maneiras bastante pontuais através das quais a expressão "síndrome do ninho vazio" foi utilizada pelas entrevistadas - quase sempre sem grandes reverberações nos relatos registrados pelas entrevistas.

palavras de algumas das minhas entrevistadas – que, quando interrompidas ou alteradas, causavam sensações estranhas e consideráveis impactos de ordem subjetiva na vida em suas vidas. Nas histórias que essas mulheres me contavam, por exemplo, atos aparentemente simples como descascar frutas – como faziam com o café da manhã de seus filhos e filhas – levavam-nas a crises de choro. Em outros casos, os finais de semana – que antes eram dedicados a passar mais tempo com os filhos, cozinhar algo diferente para eles etc. – se tornavam momentos particularmente vulneráveis para crises de ansiedade. Para algumas delas, trocar a roupa de cama após uma visita dos filhos e filhas que há anos saíram de casa segue sendo um momento de ambivalência – de encontro afetoso com a sua memória e de constatação dolorida de sua ausência. Em suma, percebi um olhar mais abrangente sobre essas entrevistas mostrava que 1) esse tipo de tarefas e preocupações cotidianas funcionava como uma forma através da qual essas mulheres se identificam e exercitam a si mesmas enquanto mães e que 2) esse conjunto de práticas costumava ter os filhos e filhas como objetos principais de atenção. Quando eu as entrevistei percebi que, em boa parte dos casos, eu encontrava relatos de uma performatividade interrompida. O que acontecia após o esvaziamento do ambiente doméstico parecia ser um abalo na forma como essas atividades eram performadas e, portanto, um abalo na estrutura prática que tornava possível para essas mulheres exercitarem a si mesmas enquanto mães.

Aos poucos, notei que os relatos sobre saída dos filhos e filhas de casa possibilitavam a observação do que acontecia quando mulheres muito ligadas a determinadas práticas e disposições de cuidado – historicamente ligadas à imagem maternal no Ocidente e comumente utilizadas pelas mulheres que entrevistei para cultivarem a si mesmas enquanto mães – viam as principais pessoas em relação às quais exercitavam práticas e disposições de cuidado se afastarem. Percebi que, entre outras coisas, as maneiras pelas quais minhas entrevistadas me contavam sobre esse acontecimento em suas histórias apresentavam uma elaboração pessoal das reverberações da ausência de um Outro sobre seu Eu, as consequências do afastamento de um Outro (receptor de cuidado), em relação ao qual construíram parte de si mesmas (através do cuidado). A atenção a práticas e disposições de cuidado enquanto elementos formadores da subjetividade foram, aos poucos, tornando delimitável meu objeto de pesquisa justamente por expressarem o eixo central pelo qual busco entender na vida dessas mulheres: procuro compreender o encontro entre formas de viver o cuidado e construir-se enquanto sujeito dentro da relação entre mães, filhos e filhas tendo em vista a especificidade de um cenário transpassado pela distância e pela mudança das formas

de convivência, como é o caso das narrações elaboradas por essas mães para falar sobre saída dos filhos e filhas de casa.

Ao poucos minha trajetória de pesquisa apontou a importância desses elementos para a investigação do objeto sobre o qual me debruço. Contudo, a aproximação das mulheres com quem conversei, bem como a realização e transcrição das entrevistas, chamaram minha atenção para questões importantes no que tange a operação de técnicas e processos sobre os quais nem sempre dei a devida atenção. Assim, a seguir, aproveito a apresentação dos processos e das entrevistadas que constituíram este trabalho para trazer essas reflexões ao texto.

2.3 Operando técnicas e processos

Nos tópicos que seguem, apresento algumas considerações importantes sobre as maneiras pelas quais me relacionei com a entrevista enquanto técnica de pesquisa nesta pesquisa. Tendo discutido critérios para uma objetividade possível no início deste capítulo, é coerente que o principal procedimento pelo qual registro aquilo que forma o *corpus* de minha análise seja apresentado de forma detalhada, enunciando os lugares que ocupei na produção dos roteiros e na construção dos relatos elaborados pelas mulheres que entrevistei ao longo dos últimos anos. Para além, no que segue também apresento e discuto o perfil das entrevistadas que formam o recorte através do qual estudo o fenômeno das mães que têm de lidar com a saída de seus filhos e filhas de casa. Mas, antes disso, inicio este tópico com uma reflexão sobre qual o estatuto metodológico daquilo que surge de minhas entrevistas, pensando sobre o que está registrado no material examinado nesta tese e o que quero dizer quando, em meu objetivo geral, me refiro às formas como essas mães *vivem e descrevem a si mesmas*.

2.3.1 "Vivem e descrevem a si mesmas": qual é o estatuto metodológico dos relatos e experiências que baseiam esta pesquisa?

Na forma como elaborei o objetivo geral desta pesquisa, me referi às maneiras pelas quais as mulheres que entrevistei vivem e descrevem a si mesmas. O que quero dizer com isso? De que forma é possível conceber as coisas às quais me refiro através desses dois verbos enquanto material analisável para a tese construída aqui? No que segue, reflito sobre o estatuto metodológico e epistemológico do que está registrado nas entrevistas conduzidas

como base para esta investigação. Com isso, quero dizer que esclarecerei o que noções como "subjetividade", "experiência" e "relato" significam para o contexto prático de pesquisa no qual estou inserido texto e para a maneira como me filio a uma comunidade epistêmica específica.

Gostaria de começar visitando a contribuição de Teresa de Lauretis para a discussão sobre como a experiência e a subjetividade podem ser representadas e como os processos dessa representação podem ser retomados pelas preocupações da teoria feminista. Na primeira metade dos 1980, a autora publicaria *Alice Doesn't* (1984) – um conjunto de ensaios focados em, visitando as discussões sobre cinema e semiótica, seguir parte do novelo deixado pelo feminismo no labirinto da linguagem. Para meus interesses metodológicos, a preocupação com a linguagem, elaborada pelo feminismo do fim do século XX, é bastante importante. Nessa discussão está contida a atenção às formas de como o que é narrado e o que é vivido em condições históricas e materiais se relacionam e se influenciam – ao ponto em que separá-los como entidades desassociadas talvez seja apenas uma empreitada didático-compreensiva.

Das milhares de formas através das quais, há décadas, o lema "o pessoal é político" foi e tem sido apropriado por debates feministas, Lauretis propõe uma leitura particularmente interessante para essa ideia. Ao discutir o elemento do confronto proposto por essa corrente de pensamento, a autora diz:

That the confrontation is itself discursive in nature – in the sense that language and metaphors are always embedded in practices, in real life, where meaning ultimately resides – is implicit in one of the first metaphors of feminism: the personal is political. For how else would social values and symbolic systems be mapped into subjectivity if not by the agency of the codes (the relations of the subject in meaning, language, cinema, etc.) which make possible both representation and self-representation? (LAURETIS, 1984, p. 3-4)

Encontrada no conflito político, a metáfora a qual Lauretis se refere tem implicações metodológicas centrais para conceber o que é registrado em um relato ou uma entrevista. A frase "O pessoal é político" pode ser lida como um apelo à consideração, em âmbitos tradicionais da política (na esfera pública, no parlamento e nas ruas etc.), de demandas que surgem na vida privada. Contudo, a união entre esses dois termos também pode significar que o pessoal, essa esfera geralmente blindada e posta do lado de fora da política, está inescapavelmente entremeado por elementos políticos (e pelas disputas que eles representam). Se, numa escala maior, isso significa que o que sentimos e pensamos sobre nós mesmos não pode ser eximido de processos historicamente localizados através dos quais nos organizamos socialmente, para os fins metodológicos de minha pesquisa, a união entre os domínios do

íntimo e do político significa que a subjetividade registrada em minhas entrevistas também deve ser concebida e tratada como elemento historicamente contingente. Se os nomes e categorias que utilizamos para nos descrever, os sentidos e as histórias que organizamos para nós mesmos e os princípios pelos quais condicionamos a elaboração de nossa representação (e nossa auto-representação) são todos, em certa medida, inseparáveis da vida social que habitamos, parte do esforço de entender os relatos das mulheres que me contaram como a saída de seus filhos e filhas de casa afetou suas vidas está em reconhecer analiticamente que categorias histórica e politicamente carregadas estão constantemente transpassando as histórias dessas entrevistadas sobre suas vidas, enquanto são apropriadas por elas para me contarem sobre suas histórias pessoais.

Olhando mais a fundo na forma como Lauretis (1984) elabora essa indissociabilidade entre código e ação, notamos que a relação entre sujeito e discurso não é só inseparável, mas necessária. Ainda que essa não seja uma relação em linha reta de simples implicação ou correspondência direta (LAURETIS, 1984, p. 6), apenas se apropriando dele é possível viver uma vida dotada de sentido. Para os fins metodológicos deste texto, destaco que o narrar-se, nesse sentido, surge como um procedimento profundamente amparado na linguagem que partilhamos socialmente para dar ordem e significado ao mundo que habitamos. Há nele um mecanismo metonímico (LAURETIS, 1984, p. 7) em que estamos constantemente construindo algo como uma tradução entre o que vivemos e como damos sentido ao que vivemos. A experiência, nos diz a autora, está justamente na relação mutuamente implicada entre a palavra e a vivência material e historicamente situada – por exemplo, na relação entre *A Mulher*, essa construção social Ocidental através da qual sistemas científicos, jurídicos e literários podem condicionar sua existência, ao mesmo tempo, desaparecer, e *as mulheres*, seres materialmente localizados no tempo e no espaço, que existem em suas vidas cotidianas e na miríade de situações que elas trazem, sempre situadas dentro dos universos discursivos a partir dos quais vivem e dão sentido a suas vidas (LAURETIS, 1984, p. 5). Esse encontro entre a linguagem e vivência, essa troca entre o "mundo e fora" e o "mundo de dentro" (uma separação de ordem explicativa, não prática), é nomeado por Lauretis (LAURETIS, 1984, p. 182) como uma interação semiótica.

É prudente notar que uma operação parecida esteve em curso durante as entrevistas utilizadas como base para esta pesquisa. Os registros a partir dos quais acesso a vida de minhas entrevistadas, como ela é vivida e narrada por elas a partir de perguntas sobre suas experiências com a saída de seus filhos de casa, são marcados por essa complexa – e, em muitos casos, intensa – interação metonímica entre *A Mãe*, esse modo de subjetivação

elaborado de maneira sedimentada historicamente nas formas pelas quais os modos de vida da modernidade europeia se espalharam sobre o que chamamos de Ocidente, e *as mães*, sujeitos, corpos localizados histórica e socialmente, que agem e dão sentido a suas vivências através do recurso à interação metonímica com a linguagem e o discurso com os quais convivem. Narrado nessas entrevistas está um material íntimo, pessoal e, ao mesmo tempo, profundamente político (e, portanto, relacionado a elementos coletivos). Esse é o centro do conceito de *experiência* para Lauretis:

I use the term not in the individualistic, idiosyncratic sense of something belonging to one and exclusively her own even though others might have "similar" experiences; but rather in the general sense of a process by which, for all social beings, subjectivity is constructed. Through that process one places oneself or is placed in social reality, and so perceives and comprehends as subjective (referring to, even originating in, oneself) those relations-material, economic, and interpersonal-which are in fact social and, in a larger perspective, historical. The process is continuous, its achievement unending or daily renewed. (LAURETIS, 1984, p. 159)

Uma definição como essa, marcada por uma despossessão compartilhada da experiência, agora tirada da esfera historicamente delimitada do indivíduo, não significa, porém, que haja um simples encaixe entre a vida vivida e o campo discursivo. Ao contrário, a forma como a autora descreve o caráter experiencial da existência destaca o elemento móvel da relação entre o "lado de fora" e o "lado de dentro", caracterizado por uma constante mudança de posições dentro da linguagem. O agenciamento dos códigos sociais e historicamente localizados é algo sem o qual a experiência dotada de sentido não ocorrerá, mas, para Lauretis, o discurso não encerra a vivência de forma estática (LAURETIS, 1984, p. 14): "While codes and social formations define positions of meaning, the individual reworks those positions into a personal, subjective construction."

Em *The Evidence of Experience* (1991), texto que cita nominalmente *Alice Doesn't* (1984) como uma de suas referências, Joan Scott dá seguimento a essa linha de raciocínio metodológico, ocupando-se fundamentalmente dos riscos que o recurso à experiência como elemento explicativo traz consigo. Também amparada na crítica da concepção do indivíduo como entidade fixa que *tem* experiências, a autora lança mão de um olhar específico para as categorias de representação do vivido e para os perigos de reificá-las a partir da explicação, ignorando um exame necessário sobre seu caráter historicamente contingente. Partindo da ideia do sujeito como aquele que é constituído e só pode observar ou agir no mundo *a partir* de sua posição num sistema ideológico composto por discursos e noções,¹⁹ a autora estabelece

¹⁹ Entre outras referências, essa posição é derivada diretamente das contribuições de Haraway (1995) sobre o caráter localizado da produção de conhecimento, trazidas anteriormente neste capítulo. Scott, nesse sentido, se

a necessidade de pensar a experiência, não como substância acabada sobre a qual o exame de um fenômeno se apoia, mas como parte da própria investigação à qual qualquer pesquisa se propõe (SCOTT, 1991, p. 780). Como é possível imaginar, Scott não está preocupada em tomar parte no embate polarizado entre objetivismo e subjetivismo que, em muitos âmbitos, regeu as discussões sobre abordagens ligadas ao uso de materiais biográficos na teoria social. A autora está, contudo, engajada em demonstrar que operar analiticamente a partir dessa abordagem não significa privar o sujeito de sua agência ou inseri-lo em um determinismo linguístico. Ao contrário, é necessário concebê-lo agindo entre os meandros dos sistemas discursivos nos quais está inserido:

Subjects are constituted discursively, but there are conflicts among discursive systems, contradictions within any one of them, multiple meanings possible for the concepts they deploy. And subjects do have agency. They are not unified, autonomous individuals exercising free will, but rather subjects whose agency is created through situations and statuses conferred on them. (SCOTT, 1991, 793).

Para Scott, esse é um esforço de *historicização* que implica no uso de um escrutínio crítico, colocando em questão os próprios termos nos quais relatos – e as posições no mundo social e discursivo que os tornam possíveis – são produzidos. Deixando intocado o que a autora chama de um aspecto "fundacional" de um relato (SCOTT, 1991, p. 796), quem pesquisa corre risco de reproduzir as categorias de representação pressupostas por quem narra uma experiência, em vez de trazê-las para dentro do escopo de análise. Trabalhando de forma astuta com a herança do debate feminista sobre *a diferença* ao longo dos anos 1980 – um recurso que, como vimos, traz consigo capacidades explicativas e riscos essencializantes – essa é uma posição ciente de que assumir a auto-evidência nas experiências de sujeitos unificados como "a mulher" ou "a pessoa negra", bem como a estabilidade e fixidez do sentido dado a divisões entre classes sociais ou entre comportamentos hetero e homossexuais, por exemplo, é uma empreitada fadada a reificar discursos que são eles mesmos historicamente contingentes – tomando parte, sem perceber, na própria dinâmica da construção de identidades. Nesse sentido, o esforço crítico está justamente comprometido com notar a política de produção dos sujeitos e entender como estamos imbricados nela, queiramos nós ou não.

Assim, todo estudo que se debruça sobre algum tipo de experiência tem de lidar com um jogo de camadas construtivas e interpretativas do qual é impossível se abster, ocupando a

insere na densa discussão sobre como a noção de experiência e situacionalidade transformam o olhar sobre as posturas possíveis da pessoa que conhece e da pessoa que é conhecida pelo empreendimento intelectual.

posição de observador ou de observado. Tamanho comprometimento requerido dessa tarefa pode levantar a questão de sua viabilidade para uma pesquisa científica. A autora, porém, nos adverte contra o abandono da noção:

Experience is not a word we can do without, although, given its usage to essentialize identity and reify the subject, it is tempting to abandon it altogether. But experience is so much a part of everyday language, so imbricated in our narratives that it seems futile to argue for its expulsion. It serves as a way of talking about what happened, of establishing difference and similarity, of claiming knowledge that is "unassailable." Given the ubiquity of the term, it seems to me more useful to work with it, to analyze its operations and to redefine its meaning. This entails focussing on processes of identity production, insisting on the discursive nature of "experience" and on the politics of its construction. Experience is at once always already an interpretation and something that needs to be interpreted. What counts as experience is neither self-evident nor straightforward; it is always contested, and always therefore political. (SCOTT, 1991. p. 797)

Algo muito importante para a sustentação metodológica desta tese vem da citação acima, especificamente da constatação do caráter produtivo da experiência – esse elemento hipersensível que, carregando consigo as marcas de todas as vezes em que o tocamos, comporta-se, na sua própria narratividade, de uma maneira que tenta escamotear a produção discursiva (e política) na qual estamos todos implicados. Como consequência dos debates postos anteriormente neste capítulo, é fundamental reconhecer meu lugar no processo construtivo das experiências das mulheres que compõem o rol de entrevistadas desta pesquisa. Sendo, nas palavras de Scott mencionadas anteriormente, sempre uma interpretação prestes a ser interpretada, a experiência é algo que nos compromete junto a ela, que evidencia a discussão desenvolvida no âmbito da epistemologia feminista apresentada até aqui, especialmente no que diz respeito à inseparabilidade entre sujeito e objeto do conhecimento. O compromisso com o que a autora chama de uma explicação não-fundacional (SCOTT, 1991, p. 797) também significa abrir mão da ideia de uma neutralidade da posição de quem explica. Não posso esconder os traços de meu contato com essas experiências.

Não posso, por exemplo, pretender historicizar as experiências das mães cujos filhos saíram de casa a partir de uma posição abstraída ou objetiva no sentido tradicional do termo. Mais a frente, veremos que eu escolhi tratar a localização histórica da maternidade de uma forma específica – me apoiando no desenvolvimento do que surge como um elogio da mãe enquanto sujeito biopolítico desenvolvido na modernidade européia, sendo mais tarde transportado para países onde modos europeus de vida foram forçosamente implantados –, quando poderia ter adotado muitos outros caminhos. Ao mesmo tempo, não posso me dar ao luxo de pressupor que quem eu sou, minha presença ou minhas perguntas não afetaram o

material que está registrado nas entrevistas que baseiam minhas análises. Fui parte desses processos e, chegado o momento apropriado, examinarei com o melhor de minhas habilidades como todas essas camadas produzem o recorte da realidade que examino neste trabalho.

A meu ver, ainda é necessário acessar uma última contribuição para que eu possa descrever suficientemente a maneira pela qual me aproximo metodologicamente das entrevistas que analiso neste trabalho. Desde sua primeira publicação de grande impacto, Judith Butler se preocupa com o que chama de políticas da representação – algo que resumo grosseiramente como uma atenção dedicada especialmente às formas pelas quais corpos e sujeitos *vêm a ser* em relação aos códigos e discursos que tornam possíveis nossa percepção e ação sobre nós e o mundo.²⁰ Embora a autora não se proponha a escrever sobre os usos metodológicos da experiência ou trabalhe para oferecer protocolos de conduta para pesquisas desse tipo, isso não significa que suas contribuições intelectuais sejam paralelas a este trabalho. Pelo contrário, as aguçadas considerações de Butler sobre a narratividade e a discursividade da experiência me parecem fundamentais para uma compreensão adequada do que está registrado quando tratamos de entrevistas em um contexto de investigação científica nas ciências humanas.

Em *Relatar a si mesmo*, publicado originalmente em 2003²¹, a autora produz alguns ensaios sobre como responsabilidade e relacionalidade se encontram dentro de uma perspectiva ética pautada pela desposseção subjetiva frente à linguagem da qual partilhamos. Contidos nesses raciocínios, porém, estão alguns apontamentos essenciais para pensar o relato de uma experiência, o que o torna possível e o que se pode entender a partir do que ele registra.

Como tese geral, poderíamos dizer que um relato sobre si mesmo, pensado nos termos de Butler (2015), surge a partir de uma cena onde a interpelação que o demanda e a construção na qual ele resulta oferecem a impressão da *coleta* de uma experiência dada, quando, na verdade, entregam a produção de uma narrativa coerente e coletivamente partilhável. Isso significa dizer que, em primeiro lugar, todo relato é requisitado – por outra pessoa ou por um Outro internalizado. Provocado a *contar-se*, o Eu busca pelo *si-mesmo* já como um objeto – como algo a ser apresentado e comunicado para alguém nos termos de uma linguagem compartilhada. Resulta disso um procedimento *produtivo*, que elabora – com as ferramentas oferecidas por códigos e discursos – o material subjetivo que apresenta enquanto

²⁰ Me refiro a *Problemas de Gênero*, publicado originalmente em 1990.

²¹ Faço uso da edição brasileira, traduzida por Rogério Bettoni e publicada pela Editora Autêntica em 2015.

o busca, construindo performativamente a impressão da existência uma experiência prévia, que sempre tenha estado ali, da maneira como é finalmente relatada.

Enquanto elemento mediado socialmente, ela funciona como mecanismo de produção e delimitação do “eu”, constituído sempre em relação a um “tu”. Personificada na figura de um interlocutor – que, no cenário da entrevista, é composto pela fusão entre o entrevistador e o que Leonor Arfuch chama de o “terceiro imaginário” (ARFUCH, 2010, p. 155), que representa aqueles para quem a entrevista é destinada – a interpelação se torna um pressuposto para o processo reflexivo de individuação e construção da identidade. Convocada a produzir um relato sobre si, a pessoa entrevistada é levada a organizar sua vida em formato narrativo coerente e, com isso, concede a ela algum tipo de sentido representável a partir das ferramentas disponíveis pelos limites discursivos nos quais está inserida. Dessa forma, a responsabilidade de explicar-se frente ao mundo demanda e possibilita a construção do sujeito.

A maneira como Butler desenvolve esse desafio à subjetividade, questionada em sua estabilidade, provoca uma mudança na potência investigativa da entrevista. Partindo da ideia de que o sujeito não pode fundar a si mesmo e de que o “eu” “não tem história própria que não seja também a história de uma relação – ou de um conjunto de relações – para com um conjunto de normas.” (BUTLER, 2015 p.18), essa técnica de pesquisa ganha uma nova função crítica: mais do que produzir e registrar as trocas entre entrevistador e entrevistado, a entrevista também se apresenta como instrumento privilegiado para explorar as estruturas discursivas que possibilitam qualquer relato coerente de si.

Não há criação de si (*poiesis*), fora de um modo de subjetivação (*assujettissement*) e, portanto, não há criação de si fora das normas que orquestram as formas possíveis que o sujeito deve assumir. A prática da crítica, então, expõe os limites do esquema histórico das coisas, o horizonte epistemológico e ontológico dentro do que os sujeitos podem surgir. (BUTLER, 2015, p.29).

A entrevista, ao demandar e possibilitar um relato de si por parte da pessoa entrevistada, também pressupõe um exercício discursivo e cognitivo através do qual se pode compreender como são articulados os próprios elementos que compõem o universo social no qual a organização narrativa e coerente de um “eu” se torna possível. Nesse sentido, os relatos de cada uma das mulheres entrevistadas nesta pesquisa contém, nas categorias angariadas para sua auto-representação (bem como na maneira pela qual essas noções e discursos são agenciados), os elementos coletivos de suas histórias pessoais. O uso das ferramentas da

linguagem para dar sentido e comunicabilidade a suas experiências com a saída de seus filhos e filhas de casa é a condição de análise das experiências construídas a partir desses relatos.

Mais uma vez, é central apontar o papel interpelativo que realizei enquanto entrevistador. Retomando, em resumo, os conteúdos de meus objetivos específicos, veremos que minhas perguntas sobre **1)** as trajetórias biográficas dessas entrevistadas e sua relação com o arranjo familiar, **2)** o contexto da saída de seus filhos e filhas de casa, **3)** as mudanças práticas e subjetivas apontadas por elas a partir desse evento e **4)** os discursos e significados acionados por essas mães para dar forma a essas memórias, é fundamental notar que tive parte na forma das experiências registradas nessas entrevistas.

Considerada à luz da proposta butleriana, a entrevista tem seu eixo deslocado no que se refere à relação entre sujeito e objeto de conhecimento pressuposta na ideia de uma coleta de dados. A própria noção de objeto enquanto substância estanque e irreduzível não dá conta da complexidade em questão. Não há algo anteriormente fixo e passivo à espera da coleta. A entrevista é um espaço de coprodução da subjetividade, realizada a partir da interpelação que demanda um agenciamento retrospectivo da experiência. Conhecer-se torna-se um ato relacional e a autoria de um “eu”, captada pelo registro da entrevista, está longe de ser um procedimento radicalmente autossuficiente ou individualmente fechado sobre si. O que a entrevista registra não é uma subjetividade que *se expressa* através da linguagem, mas que *se constitui enquanto conjunto de atos performativos* – assim como os atos de gênero produzem o efeito performativo de uma identidade feminina, materna etc. O processo em que o “eu” que relata a si mesmo – a partir da interpelação de um outro interlocutor dentro de um regime discursivo historicamente localizado – está sempre envolto em um processo de *vir a ser*. A interioridade subjetiva, nesse sentido é um elemento reelaborado constantemente de acordo com os múltiplos contextos dentro dos quais as trocas são realizadas.

Dito isso, retomo minha situacionalidade enquanto entrevistador e retrato a seguir como construí a estrutura das perguntas que tinham como intuito traduzir os objetivos desta investigação para os momentos de interlocução com as mães que aceitaram participar de minha pesquisa. No que segue, explico como escolhi operar essa tradução entre intenção de pesquisa e roteiro de entrevista, discutindo também como esse rol de questões foi retrabalhado ao longo do encontro com as mulheres com quem conversei ao longo dos últimos anos.

2.3.2 Sobre os roteiros

Tendo refletido sobre o estatuto metodológico dos relatos registrados nas entrevistas que amparam esta pesquisa, proponho agora uma visita à estrutura dos roteiros de condução desses momentos de interlocução para explorar como os objetivos que estabeleci para compreender a experiência das mães que têm de lidar com a saída de seus filhos e filhas de casa foram organizados em forma de indagações e de que maneira os concebi como parte da dinâmica de interpelação que compôs o encontro com essas mulheres.

As entrevistas, de tipo qualitativo e semi-estruturadas, foram conduzidas a partir de duas versões de um roteiro elaborado tendo em vista os objetivos da pesquisa e a interação com as entrevistadas. Descrevo a seguir como elaborei cada uma das iterações desse conjunto de questões e o que esperava atinar com as perguntas que os compunham.

Em comum às duas versões do roteiro de entrevista consta uma certa atenção epistemológica e metodológica aos critérios estabelecidos para a condução do processo investigativo. Em primeiro lugar, partindo da ideia explorada anteriormente, que estabelece sempre a presença de um *quem* por trás de toda pergunta de pesquisa, os roteiros contavam um espaço para a apresentação do ponto a partir do qual eu conduzia a esta investigação – o que enunciava o meu lugar enquanto filho e pesquisador para as entrevistadas. Em segundo lugar, tendo em vista os objetivos específicos apresentados há pouco, meu intuito era construir, através das entrevistas, trocas que me permitissem registrar, em suma, o cenário social e biográfico que funcionava como plano de fundo para o relato das entrevistadas, as condições e especificidades da saída dos filhos e filhas de casa, as mudanças práticas e subjetivas que marcaram a vida dessas mulheres, bem como os discursos e significados apropriados por essas mães para organizarem essa experiência em suas vidas. Nesse sentido, ainda que de maneiras diferentes, ambas as versões do roteiro de entrevista contém questões voltadas especificamente para contextos, práticas cotidianas, rotinas, acontecimentos e sentimentos que marcam o processo sobre o qual me debruço nesta pesquisa.

Na primeira iteração do roteiro²², aplicada especificamente a minhas entrevistas exploratórias, eu ainda tateava o território interlocutório em que essas conversas se desenvolveriam. Até então, a maior parte do meu acesso às histórias de mulheres que passaram pelo processo da saída dos filhos de casa havia se dado a partir da literatura científica do campo psi, de alguns livros de autoajuda estrangeiros escritos por mulheres que haviam passado por esse evento e vídeos da internet onde mães contavam um pouco da

²² Ver Anexo I, na página 166.

própria história e davam dicas para outras mulheres sobre o tema. Todos esses meios eram marcados por um tipo de enquadramento que se focava em apresentar questões mais amplas, olhares mais abstraídos ou generalizações sobre como enfrentar esse período. Apenas no caso de minha própria mãe eu conhecia os interstícios rotineiros e cotidianos onde se encontravam formas práticas de organizar a vida e as reverberações subjetivas relacionados à transformação do dia-a-dia – e ainda assim percebi que mesmo nessa instância eu ainda sabia muito pouco. Por isso, decidi elaborar um andamento para os primeiros encontros que caminhasse de forma próxima aos contextos e práticas que caracterizavam a experiência da saída das filhas e filhos de casa, esperando que esses me mostrassem onde seria possível me aprofundar mais tarde.

Assim, as primeiras questões tentavam acessar a trajetória pessoal e a estrutura familiar para, em seguida, entender como se dava a organização doméstica, procurando saber de que maneira as responsabilidades eram divididas e como se caracterizava a rotina na qual a entrevistada se inseria. Depois, o roteiro se focava sobre o que teria mudado nessa rotina após a saída dos filhos de casa, esperando que o contraste entre os dois cenários apresentasse dados importantes nas experiências dessas mulheres. Após esse conjunto de perguntas, as perguntas se dirigiam para o contexto da saída dos filhos e filhas de casa, centrando-se, por fim, nas emoções que davam significados a todo esse processo para essas mães.

A riqueza do primeiro contato com o campo através de duas entrevistas exploratórias mostrou as possibilidades e limites do arranjo de questões que eu havia elaborado. Em primeiro lugar, por tentar acompanhar a ordem dos objetivos específicos e por esperar manter certa de profundidade nas perguntas, o tema da saída dos filhos de casa chegava muito tardiamente no itinerário concebido. Isso tornava o processo da entrevista um pouco repetitivo e me forçava a reformular algumas questões cujas temáticas já haviam sido parcialmente tratadas pelas entrevistadas. Para além, frustrava-se minha expectativa de que perguntas sobre organização cotidiana e rotinas práticas trouxessem aberturas para falar de assuntos ligados a estruturas de significados agenciadas para dar sentido à própria narrativa, bem como outros elementos de ordem subjetiva. Dessa forma, percebi que era necessário elaborar um roteiro mais completo e mais adaptável ao ritmo que se imprimia individualmente no encontro com cada mulher que participaria da pesquisa.

Com essas necessidades em mente, elaborei uma segunda versão do roteiro²³ de condução das entrevistas que contava com novas questões e reorganizava as perguntas em três blocos que, mantendo uma coerência interna, poderiam se mover de forma intercambiável para se adaptar ao andamento proposto pelas entrevistadas. O primeiro conjunto de questões

²³ Ver Anexo II, página 167.

se focava na trajetória da entrevistada, na caracterização da estrutura familiar e, de maneira enfática, na reconstrução da experiência da saída dos filhos e filhas de casa – quando e por que saíram de casa, como essas mulheres se sentiram durante esse processo e, em retrospecto, como esse acontecimento as marcou suas vidas. O segundo bloco de questões se debruçava sobre os sentidos de ser mãe, tentando compreender como as entrevistadas se relacionam com imagens e discursos sobre a figura maternal – me mantendo atento ao cruzamento desses raciocínios mais abstratos com as vivências narradas por essas mulheres. O último bloco de questões se focava sobre as rotinas do cotidiano, procurando estabelecer um paralelo entre momentos anteriores e posteriores à saída das filhas e filhos de casa, caminhando ao longo do tempo em direção à atualidade das formas como essas mães organizam suas vidas – exercitando sempre uma atenção própria qualitativa aos modos e conteúdos expressos junto com a descrição contida nas respostas.

Operando de forma independente, ainda que ligados de maneira geral pela temática da pesquisa, os blocos poderiam trocar de lugar caso as entrevistadas estivessem, por exemplo, mais a vontade em falar primeiro sobre as rotinas antes e depois da saída dos filhos e filhas de casa ou se, em determinado momento, chamassem à baila assuntos próprios de sua relação com a maternidade. Indo e voltando ao longo da narrativa construída aos poucos pelo encontro entre entrevistador e entrevistada, esse modelo conseguiu dedicar mais tempo a cada tema sem pressupor um itinerário demasiadamente engessado para as conversas.

Ainda é necessário notar que os meses que passei entrevistando as mulheres que, muito generosamente, participaram desta pesquisa, me mostraram que o exercício da maleabilidade na condução dessas conversas – condicionado ao cuidado em manter os objetivos de pesquisa no horizonte das trocas registradas – é o elemento mais importante para o sucesso de uma empreitada em campo como essa. Ainda que roteiros bem elaborados sejam de enorme utilidade, foi necessário desenvolver uma capacidade de improvisação, de adaptação, de tradução entre as minhas expectativas enquanto quem perguntava e o universo de quem respondia – movimento sem o qual a entrevista se tornaria um *survey*, um questionário. É como se fosse necessário ajustar a minha bússola para os pólos específicos do terreno subjetivo que me foi apresentado pelas entrevistadas. Tendo em vista a finalidade a qual esta pesquisa qualitativa como esta se propõe, é fundamental notar que o relato oferecido contém, em si mesmo, uma ambientação contextual na qual indagações e explicações farão mais ou menos sentido – atentar-se a esses elementos foi, em grande medida, requisito para o êxito das entrevistas.

Discutidos o estatuto metodológico das entrevistas e a trajetória através da qual traduzi meus objetivos de pesquisa nos roteiros que pautaram meus encontros com as mães entrevistadas, resta apenas refletir sobre o *meio* em que essas conversas ocorreram. Dessa forma, a seguir, apresento brevemente as características da realização das entrevistas em regime virtual em 2021 e 2022 por conta da pandemia de COVID-19.

2.3.3 Das tecnologias

Para que conheçamos mais especificamente as características que constituem o registro dos relatos analisados nesta pesquisa, é necessário mencionar que todas as 11 entrevistas sobre as quais me debruçarei a seguir foram realizadas virtualmente, tendo em vista as restrições e inseguranças derivadas da maneira como a pandemia de COVID-19 foi vivida no Brasil. Como a apresentação das duas estruturas de roteiros para entrevistas indica, meu contato com as mulheres que participam desta investigação ocorreu em dois momentos diferentes. Conversei com essas mães no início de 2021 – momento em que a transmissibilidade e letalidade da infecção viral ainda se mantinha em níveis alarmantes e a demora na implementação de um planejamento de vacinas colocava todos, todas e todes em uma posição muito vulnerável aos desenvolvimentos da doença²⁴ –, e no início de 2022 – quando, logo após o carnaval, um aumento no número de casos²⁵ relembra a importância das medidas preventivas frente à ainda presente ameaça presente no vírus SARS-CoV-2. Nesses contextos de imersão em diferentes ondas de contaminação da COVID-19, julguei não ser seguro ou prudente realizar entrevistas presenciais. Por isso, toda a minha relação com as mulheres que colaboraram para esta pesquisa foi mediada por ferramentas como o aplicativo *Whatsapp* (utilizado na grande maioria das interações) ou o serviço *Google Meet*, que possibilitaram conversas por áudio e vídeo, registradas em áudio e transcritas em texto para serem acessadas ao longo do processo de análise empreendido neste trabalho.

A ideia de conduzir as entrevistas pelo *Whatsapp* não surgiu como uma decisão tão ciente de si mesma, mas como uma constatação intuitiva, advinda de um encontro prático com as entrevistadas, que indicava as mesmas conclusões que aos poucos também surgiram nos

²⁴ As informações do consórcio de imprensa, citadas pela Folha de São Paulo na matéria *Janeiro é o mês com mais casos de Covid-19 no Brasil, seguido por dezembro*, publicada em 28 de janeiro de 2021, evidenciam a severidade do momento.

²⁵ Nesse momento, jornais e portais de notícias alertavam para a alta de casos causados pelas aglomerações dos festejos de carnaval e a transmissibilidade da variante Ômicron do vírus causador da COVID-19. Exemplificam esse momento matérias como *Testes positivos de Covid-19 aumentam após o Carnaval, mostra laboratório*, publicada pelo jornal O Globo em 25 de fevereiro de 2022, e *No pós-Carnaval, Curitiba vê nova alta dos casos de Covid-19*, publicada pelo portal Bem Paraná em primeiro de março desse mesmo ano.

círculos acadêmicos preocupado com a entrevista qualitativa em contexto pandêmico: "Entrevistas feitas à distância são mais promissoras quando não apenas os entrevistadores, mas também os entrevistados, possuem aptidão e intimidade com os recursos de videoconferência." (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020, p. 11). Nos momentos em que conduzi minhas entrevistas, boa parte das interações de trabalho, estudo e relações interpessoais já estavam ocorrendo *online* há um bom tempo. Talvez por conta de sua popularidade, o aplicativo de mensagens, que também oferece a possibilidade de ligações com áudio e vídeo, surgiu como um lugar comum, confortável e acessível para as entrevistadas. Na maior parte das interações, o *Whatsapp* apareceu como o caminho óbvio a ser seguido para a condução das entrevistas. Aproveitando-me disso, realizei a maior parte das conversas por ali, gravando o áudio das entrevistas em um segundo aparelho. O uso do *Google Meet* ocorreu apenas em uma de minhas conversas e foi sugerido pela própria entrevistada.

No decorrer dos encontros, as características positivas e negativas de ferramentas como essas se mostraram bastante parecidas com aquelas já discutidas em parte da literatura produzida a respeito do tema no começo da pandemia (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020; SCHMIDT; PALAZZI E PICCININI, 2020): problemas de conexão atrapalharam o fluxo e o ritmo dos relatos; por outro lado, a ampliação do acesso à internet permitiu chegar mais facilmente até pessoas de localidades mais distantes daquelas nas quais pesquisadores e pesquisadoras estão inseridos; a conversa pode ocorrer de forma mais confortável, entre duas pessoas localizadas individualmente em seus espaços privados etc.

Outras questões, contudo, se colocaram de forma mais específica. A presença virtualizada dos corpos, que substitui sua presença física, por exemplo, muda a forma como a acolhida e a simpatia podem ser transmitidas em pontos mais intensamente emocionais da entrevista – recorrentes nas formas como essas mães falaram sobre a saída de seus filhos e filhas de casa. Momentos como esses, quando interrompidos por falhas da conexão, engasgos, e outros problemas próprios do meio *online*, exigem delicadeza e atenção na realização de cálculos que, por exemplo, medem o incômodo causado pelo pedido da repetição de uma frase difícil e em relação à confiança na possibilidade de que as mesmas ricas informações sejam trazidas à tona mais uma vez ao longo da conversa. A entrega de perguntas, respostas e comentários, sempre passíveis de interrupção, deve estar atenta ao seu próprio ritmo, à sua capacidade de explicitar o que se quer dizer rápido e precisamente, de uma só vez. Entre encontros e desencontros de uma entrevista mediada virtualmente, o cadenciamento da fala, bem como a atenção à forma e ao conteúdo se mostram temas centrais para a adaptação da técnica de entrevistador a essa nova modalidade metodológica.

Tendo discutido a estrutura de acesso e registro do material empírico, apresento, no próximo tópico, as formas como as mulheres entrevistadas aqui vieram a fazer parte desta pesquisa, quem são elas, quais são suas histórias, quem são seus filhos e filhas e o que de que maneira o perfil formado por elas se relaciona à realidade nacional sobre a saída de filhas e filhos de casa.

2.3.4 Quem são as entrevistadas e como cheguei até elas?

Discutidos os pressupostos epistemológicos da pesquisa, seus objetivos, os processos de delimitação de seu objeto, o estatuto metodológico do material analisado e as ferramentas técnicas através das quais interagi com as mães que me contaram sobre suas histórias com a saída de seus filhos e filhas de casa, chego finalmente a uma apresentação mais detalhada das minhas 11 entrevistadas. No que segue, recupero o processo a partir do qual me aproximei dessas mulheres, a forma como cheguei a elas, bem como as maneiras pelas quais elas chegaram até mim. Apresento um pouco de suas histórias, dos traços mais relevantes de seus perfis tendo em vista a forma como participam deste trabalho e a maneira pela qual esses perfis se relacionam à realidade saída de filhos e filhas de casa no Brasil.

Tendo dedicado a maior parte de meu primeiro ano de pesquisa a leituras diversas sobre temas que envolviam as maneiras pelas quais mães lidavam com a saída de suas filhas e filhos de casa, no começo de 2021 eu estava disposto, seguindo as considerações de Poupart (2008), a organizar algumas entrevistas qualitativas exploratórias para me aproximar das mulheres cujos relatos seriam centrais para o desenvolvimento da tese. Meu objeto de pesquisa me proporcionou uma abundância de possibilidades de entrevista. Ao longo dos últimos anos, por onde quer que tenha passado e falado sobre meu projeto de investigação, tem sido comum que pessoas me digam coisas como "Você tem de conversar com a minha mãe!" ou "Pegue meu contato para fazermos uma entrevista. Meus filhos saíram de casa e eu poderia contribuir...". Escolhi seguir com a indicação oferecida de uma pessoa com a qual cruzei algumas vezes no ambiente universitário, decidindo contatar a mulher apontada por ela tendo em vista quão dispostas a futura entrevistada parecia estar para conversarmos.

Adicionei Maria²⁶ no *Whatsapp* em janeiro de 2021. Convidada a conceder-me uma entrevista, ela aceitou de imediato e, antes mesmo de marcarmos uma data para nossa conversa, Maria me disse que uma grande amiga sua, Sâmia, também gostaria de contribuir

²⁶ A fim de manter o anonimato das entrevistadas, todos os seus nomes e os nomes de seus filhos e filhas foram alterados.

com a pesquisa. Elas seriam minhas duas primeiras entrevistadas. Sâmia e Maria se tornaram amigas íntimas por conta da saída de seus filhos de casa. Guto, filho de Sâmia, e Reinaldo, filho de Maria, começaram a namorar em Curitiba, quando ainda jovens. Após algum tempo se preparando em segredo, há cerca de sete anos, eles avisaram suas mães de que sairiam de casa. Haviam juntado dinheiro, conseguido vagas de emprego em um país europeu e assim decidiram, juntos, se mudar para outro continente, para uma cidade localizada há mais de 13 mil quilômetros de distância da capital paranaense. Reinaldo tinha 22 anos de idade e Guto acabara de fazer 18. Nesse intenso e complexo processo, ambas as entrevistadas passaram por experiências profundas com as quais lidam até hoje. De formas diferentes, suas histórias pessoais são marcadas por temáticas ligadas a resiliência, dor, saudade, orgulho, tristeza, culpa, cuidado e mais uma miríade de outros conteúdos muito importantes para a compreensão do tema desta tese.

Conversei primeiro com **Sâmia**, que nasceu em 1968, no interior do Paraná. Hoje sua vida é dividida entre três municípios da região metropolitana de Curitiba: mora em Pinhais, mas trabalha como professora do ensino infantil em São José dos Pinhais (a partir de seu diploma de pedagogia) e com seu lava-car em Piraquara. Divorciada do pai de seus filhos, Guto e Fabrícia, Sâmia viveu por muitos anos apenas com seus filhos e atualmente reside junto de sua companheira em um relacionamento homoafetivo. Ela tem cabelos cacheados e pintados de um vermelho vivo, sua pele é branca e, embora seja queimada pelo sol, tem poucas rugas. Seus olhos são bastante escuros. A entrevistada não vive com nenhum de seus filhos. Contudo, a forma como organizou sua história quando realizamos nossa entrevista colocou a saída de Guto no centro de seu relato. A narrativa construída em torno da saída dele – elaborada ao longo de anos dividindo suas experiências com Maria, mãe do namorado de Guto, com quem ele foi morar fora em 2014 – foi o que fez Sâmia se enxergar como sujeito possível para minha pesquisa.

Apesar de sua boa relação com Fabrícia, Sâmia não esconde ser mais apegada ao seu filho mais novo. Na forma como organiza sua história, diversos elementos justificam essa aproximação, Guto foi o filho que Sâmia diz ter lutado para ter contra a vontade de seu ex-marido, que a pressionou para interromper a gravidez e até mesmo a agrediu durante a gestação. Além disso, a entrevistada comumente menciona a homossexualidade de seu caçula como um fator que a preocupa, tendo em vista as violências às quais ele está vulnerável no Brasil (ou em qualquer outro país). Apesar de se sentir um pouco traída pela saída de Guto, a entrevista de Sâmia foi marcada, do começo ao fim, por um grande apreço à figura de seu filho – de suas qualidades, das boas contribuições dele à sua vida e mesmo dos desafios que

sua saída trouxe. Em sua narrativa, tudo se passa assumindo que as coisas boas de sua vida vem quase todas da presença ou ação de Guto sobre ela.

Ao mesmo tempo, a saída de seu filho é retratada como um evento bastante doloroso e traumático. Nos primeiros anos após a ida de Guto para a Europa, Sâmia teve de procurar atendimento psicológico e psiquiátrico, tendo passado algum tempo fazendo uso de medicamentos diazepínicos. A entrevistada, que professava um cristianismo neopentecostal, começou a beber e fumar – hábitos desaprovados em sua igreja e a respeito dos quais tem bastante medo, tendo em vista um histórico de alcoolismo em sua família. Para além, também relatou ter experienciado o que chamou de "problemas de comportamento" no trabalho, causados pelos abalos da saída de Guto. Nesse contexto, a aproximação de Maria através da experiência compartilhada da saída de seus filhos de casa se torna fundamental na forma como Sâmia enxerga sua melhora. Para além da partilha de vivências e do mútuo apoio nas dores de situações similares, para minha primeira entrevistada, cuidar de sua amiga se torna uma via a partir da qual ela mesma passa a viver melhor.

Maria é branca e, em seu sotaque típico das comunidades paranaenses descendentes de migrantes eslavos, diz ter vivido toda sua vida em Curitiba. Nascida em 1958, é loira e começa a contar alguns tímidos fios grisalhos em seu cabelo liso e comprido. Ao longo de nossa entrevista realizada por vídeo através do *Whatsapp*, Maria caminhava pelos cômodos de sua casa no recém revitalizado bairro do Rebouças, em Curitiba. Sua atenção se dividiu entre me mostrar carinhosamente cada um de seus gatos, cachorros, tartarugas e passarinhos, listar as inúmeras idílicas características de seu querido filho (documentando cada uma delas com uma história ou uma fotografia) e manter-se atenta ao fio da meada da forma como me conta suas histórias ao longo de nossa conversa. Tirando e colocando os óculos pendurados em seu pescoço por uma cordinha, a aposentada – que já foi advogada, professora de educação física e que hoje complementa sua renda trabalhando com vendas – lê para mim notícias que reportam conquistas e acontecimento marcantes na vida profissional de Reinaldo, que trabalha em uma empresa de tecnologia europeia desde que se mudou para lá com Guto, filho de Sâmia.

Tendo vivido apenas dois anos com o pai de Reinaldo, Maria também criou seu filho. Durante a maior parte do tempo em que viveu com seu filho, a entrevistada trabalhou sete dias por semana em diferentes empregos – e o fez para que pudesse oferecer uma boa educação formal e boas oportunidades ao seu filho. Reinaldo estudou num importante colégio particular da capital paranaense e, quando mais novo, fez intercâmbio para o país onde, mais tarde, iria se estabelecer. A ideia de prover uma vida financeiramente confortável, "planilhar" gastos e,

através desses processos, tomar conta do bem-estar de seu filho permeia a história que Maria me contou em nossa entrevista. Esse é o fio da meada que costura temas fundamentais dos relatos da entrevistada sobre a saída de seu filho de casa: o esforço monetário para ajudá-lo a realizar seu sonho, deixar-se ser ajudada financeiramente por ele, o orgulho da forma como Reinaldo é bem sucedido em seu trabalho etc.

A escolha do dinheiro como tema, ainda que revele diversos aspectos de sua relação subjetiva com seu filho, também parecia uma espécie de esquiva por parte de Maria, que passou boa parte da entrevista evitando falar de si, fugindo de perguntas relacionadas a sentimentos e emoções. A entrevistada parecia não querer se demonstrar abalada para mim, ainda que tenha mencionado uma grande preocupação de seu filho com sua saúde mental – apreensão que reverberava inquietudes que apresentadas por Sâmia quando me contou sobre como se aproximou de Maria para cuidar dela, para ajudá-la num momento crítico. A menção mais clara das dificuldades emocionais ligadas a saída de Reinaldo de casa vieram quando ela falou sobre os dias da semana em que costumava estar com ele, cozinhando para ele, cuidando dele. Esses são, segundo ela, os momentos em que surgem as crises de ansiedade e os momentos mais depressivos.

Após essas duas primeiras entrevistas – que, juntas, somavam quase oito horas de gravação –, os encargos de transcrição, análise, novas leituras e outros desenvolvimentos do doutorado me afastaram da busca por novas entrevistadas até o ano seguinte. No início de 2022, voltei a procurar mães dispostas a conversar comigo. Dei início a esse processo contatando uma outra indicação adquirida através de pessoas com as quais cruzei apresentando meu projeto de pesquisa.

Cláudia é mãe de Bruno e Beatriz – aluna de fora de Curitiba que frequentou o mesmo programa de pós-graduação que eu. Sua experiência é um pouco diferente daquelas apresentadas por Maria e Sâmia. A ideia de que ela poderia se encaixar nos perfis desejados para minha surgiu de Beatriz, tendo visto uma conexão entre as questões que eu trazia nas incipientes discussões sobre o fenômeno que eu estava estudando e o que apreendeu da experiência de sua mãe nas curtas experiências em teve de viver fora de casa esporadicamente. Por conta de estágios e intercâmbios ligados à sua área de estudo, Beatriz já teve de – durante o começo de sua vida adulta – morar por diversos meses na Espanha e em outro estado brasileiro e, lembrando da forma como sua mãe lidou com esses eventos, viu-a inserida em meu recorte de pesquisa – opinião com a qual Cláudia e eu concordamos.

Minha terceira entrevista é casada e hoje vive em Curitiba com seu marido e seus filhos. Nascida em 1970, cresceu em Jaraguá do Sul, no estado de Santa Catarina e, antes de

se estabelecer na capital paranaense para ficar mais próxima da família, morou em Vitória, no Espírito Santo. Lá, trabalhou no ramo de vendas junto do marido – tendo, antes disso, trabalhado em setores administrativos de indústria em sua cidade natal. Mais tarde, formou-se em Pedagogia e hoje trabalha em uma escola particular como orientadora pedagógica. Cláudia é branca e tem cabelos pretos lisos na altura do ombro. Ainda que não tenha surgido como uma consequência da saída de Beatriz, foi possível notar que o contato da entrevista com o atendimento psicológico e psiquiátrico fazia grande diferença na forma como organizava seu relato e suas memórias. Claudia, como outras mulheres que entrevistaria mais tarde, tem muita clareza de seus processos internos e os formula a partir dessa ferramenta – elemento que talvez tenha proporcionado a ela observar particularmente os sentimentos e emoções que experienciou.

Além de apresentar temas bastante comuns aos das entrevistas anteriores – como, por exemplo, causos que retratavam o cuidado como principal via a partir da qual se relacionavam e se lembravam de suas filhas e filhos – Claudia foi a primeira entrevistada a me fazer perceber que (no caso dela e de outras mães) a saída de casa pode também significar a inauguração de uma percepção de risco particularmente aguçada e obsessiva no que se refere à segurança de um filho ou filha que acaba de sair de casa. O desconforto causado pela impossibilidade de dar um destino prático às disposições de cuidado cultivadas por décadas se manifestou, no caso dessa entrevista, em uma dificuldade para dormir (que seguiu mesmo depois do retorno de Beatriz para casa), maior nervosismo, ansiedade e desafios com atenção.

Realizadas essas três primeiras entrevistas, decidi mudar os caminhos pelos quais havia chegado a minhas entrevistadas até então. Em busca de maior diversidade para o perfil de participantes da entrevista, elaborei um procedimento de divulgação *online* de minha pesquisa, onde me apresentava, contava um pouco da história de meu processo investigativo até então e deixava meus contatos disponíveis para que as mães alcançadas me procurassem caso se sentissem inclinadas a participar de uma entrevista.²⁷ É importante notar que o material não continha nenhuma determinação prévia sobre o tom ou o ângulo através do qual as histórias seriam abordadas, apenas convidando mulheres interessadas a participar. Divulguei a chamada por meio de minhas contas em redes sociais como *Instagram*, *Facebook* e *Whatsapp*, esperando que outras pessoas também compartilhassem a mensagem com suas listas de conhecidos e assim por diante.

Desse ponto em diante a dinâmica de inclusão de novas entrevistadas na pesquisa mudou radicalmente. Agora, na grande maioria dos casos, eram elas que me procuravam.

²⁷ Ver Anexo III, na página 170.

Poucos dias após a divulgação inicial, comecei a receber diversas mensagens de mulheres com quem eu provavelmente nunca teria cruzado se não pela disseminação *online* de meu convite para muito além dos círculos sociais nos quais eu circulava. Essas mães me encontravam através de meu *Whatsapp* e, por enxergarem suas histórias como pertinentes para minha pesquisa, diziam estarem dispostas a compartilhar comigo suas vivências com a saída de seus filhos e filhas de casa. Em muitos dos casos, havia uma grande urgência na fala dessas mulheres. Algumas delas estavam passando imediatamente por esse processo, outras ainda sentiam emoções muito intensas ao voltarem ao tema mesmo após anos desse acontecimento em suas vidas. Tive conversas que nem ao menos puderam ser caracterizadas por entrevistas – eram simplesmente desabafos aos quais não cabiam perguntas, mas apenas acolhimento. Lidei também com mulheres que, tendo comparado suas experiências com as das colegas a sua volta ao longo de suas vidas e sabendo de minha pesquisa, me procuraram para, em suas palavras, oferecer um contraponto e me contarem histórias de um afastamento dos filhos como um processo que poder ser desejado por uma mãe.

Com efeito, parece-me importante notar que, ao escolherem participar de minha pesquisa, essas entrevistadas se atrelam a ela e, de alguma forma, exercem parte da autoria da definição de um perfil de pesquisa. Tenham essas mulheres ouvido de outras pessoas "você deveria conceder uma entrevista para esse projeto" ou tenham elas visto a si mesmas como o tipo de pessoa elegível para fazer da própria experiência um elemento de reflexão sobre o que pensamos quando falando da forma como mães lidam com a saída de seus filhos e filhas de casa, fato é que elas agem sobre meu processo de pesquisa. Ao dizerem "me disponho a contar minha história na sua pesquisa", *elas* criaram conexões entre o que eu pesquisava e o que viveram. Construindo essa disposição para narrarem suas histórias com esse processo, também estavam agindo sobre o recorte do que é representado neste trabalho.

Ainda é fundamental notar que, mesmo eu não tenha a possibilidade de rastrear os caminhos através dos quais a divulgação de minha pesquisa caminhou, devo assumir a influência que os círculos dos quais faço parte provavelmente tiveram sobre quais mulheres foram alcançadas. Parto de um lugar marcado pela branquitude e pelo contato cotidiano com as classes médias do Sul e Sudeste do país. Mais do que isso, me localizo dentro da vida universitária há 10 anos. Ainda que não seja possível traçar uma simples linha reta entre meu perfil e o perfil de minhas entrevistadas, é central notar que essas esferas também não podem ser separadas. Dessa forma, nota-se que, das 11 mulheres com quem conversei para essa pesquisa, apenas uma é negra; grande parte delas têm/tiveram um lugar seguro no mercado de

trabalho e localizam-se dentro de uma classe média moderadamente escolarizada; e praticamente todas são heterossexuais.

Ansioso para aproveitar esse momento de disponibilidade e oferta de novos relatos para a pesquisa, eu segui marcando minhas entrevistas à medida que as mulheres me contactavam.²⁸ A primeira delas a me procurar foi **Muriel**, mãe de dois filhos homens: Makai, de 35 anos, que saiu de casa logo após se formar na universidade e hoje vive no estado do Rio de Janeiro; e Kabir, de 32 anos, que, seguindo o mesmo caminho do irmão, formou-se e saiu de casa – hoje morando em Portugal. Nascida em Curitiba, no ano de 1961, é formada em Jornalismo e trabalhou na área por bastante tempo. Depois de aposentada, cursou História da UFPR e trabalhou no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade. Ela conta que sempre quis ter filhos e os teve durante a faculdade. Referindo-se a si mesma como principal responsável por seus filhos – tendo em vista a carreira de música que comumente levava o pai dos rapazes para longe – Muriel conta que sempre trabalhou muito, com o intuito de prover a possibilidade de boa educação e oportunidades para seus filhos, que frequentaram um conhecido colégio particular das classes médias da capital paraense. A entrevistada, que é divorciada desde o começo da vida adulta de Makai e Kabir, hoje vive sozinha em um apartamento de três quartos – reservados, desde a compra, para receber os filhos e suas famílias em eventuais visitas.

Conversamos em uma tarde bem quente do mês de Março, enquanto Muriel fumava entre sua sala e sua varanda. Ela é branca e também tem cabelos cacheados e pintados. Budista, a entrevistada tem um apreço pelo elemento místico, que encontra em seus incensos e cristais. A entrevistada contou que a saída dos filhos, ocorrida muito próxima ao divórcio, a fez sentir a perda de seu núcleo familiar – como alguém que, em suas palavras, "tinha tudo, dali há pouco, não tinha mais". Se diferente de Sâmia, Muriel não recorreu a ajuda psicológica, sua experiência certamente compartilha de estratégias comuns a outras mulheres que participaram desta pesquisa. Ao narrar a experiência de ter de lidar com a ausência de Kabir e Makai, Muriel apontou para um tema que ressoa nos relatos de outras mães que entrevistei: a complexa relação com objetos, espaços da casa, cheiros e sons que evocam a memória de seus filhos – geralmente elementos que os conectam através de práticas de cuidado – funcionando, ao mesmo tempo, como remédios para a saudade e lembretes doloridos da sua ausência. Para além, assim como outras mães, a entrevistada também relata

²⁸ Receoso em "deixar esfriar" a disposição dessas mulheres em partilharem comigo suas experiências, escolhi garantir a realização das entrevistas o mais rápido possível. Assim, as entrevistas aconteceram temporalmente muito próximas umas das outras, no início de 2022.

um processo que denota a significação contextualmente variável de outras incumbências domésticas: atividades como cozinhar e preparar refeições, vistas, no começo do processo da saída dos filhos, como tarefas cansativas e tediosas das quais estava livre, depois de algum tempo se tornam rituais que apontam para sensações negativas frente ao esvaziamento do ambiente doméstico, reafirmando para Muriel e outras mães que seus filhos não estão mais ali em momentos como esse.

Na mesma semana, entrevistei **Carla**, que também me procurou no começo de Março de 2022. Nascida em 1973, ela é uma de minhas entrevistadas mais jovens. É branca e tem cabelos longos e lisos. Trabalhando até hoje como policial militar, Carla conta que passou boa parte do processo de criação de suas duas filhas – Larissa (22 anos) e Eduarda (27 anos) – sendo chamada de "sargentão" por elas, tendo em vista a proximidade a intensidade com a qual se preocupou em gerir parte de suas vidas. O pai de suas Larissa e Eduarda faleceu quando ainda eram bem jovens e, desde então, a entrevistada esteve em dois relacionamentos estáveis com dois homens. Na forma como conta sua história, ela ressalta o quanto isso construiu nela uma sensação de proximidade com suas filhas. Sendo a principal responsável por elas durante, Carla conta que sempre viu na unidade entre elas três, o conjunto fundamental de sua família.

Quando conversamos, Larissa havia saído de casa há apenas alguns meses, para morar na academia onde ocorre a formação de policiais militares, na região metropolitana de Curitiba. Carla me contava isso enquanto mencionava, rindo de si mesma, que, frente a insistência de sua filha em ir sozinha pela primeira vez até lá, com seu próprio carro, ela e o marido seguiram Larissa na estrada para se certificar de que tudo correria bem. Contudo, a maior parte da entrevista foi dedicada à história da conturbada saída de Eduarda, que deixou a casa de sua mãe pela primeira vez com 19 anos de idade. Sua filha mais velha estudou Ciências Sociais e, em determinado momento, decidiu sair de casa por conta de uma diferença de valores em relação a Carla e seu marido. Para a entrevistada, a saída pareceu absolutamente abrupta, o que gerou bastante atrito entre as duas. Ao longo da entrevista o, cenário da saída parecia se dividir entre, de um lado, Eduarda, tentando afirmar sua independência e mostrar-se adulta e, de outro lado, Carla, surpresa pela notícia repentina e incapaz de abrir mão da ideia de ser a principal responsável pela vida de sua filha – ainda vista por ela como uma criança.

O relato de Carla apresenta muitas similaridades aos que outras mulheres que entrevistei: como Sâmia, ela também teve problemas com o consumo excessivo de álcool, engatilhados pelo evento da saída de sua filha de casa, e viu a necessidade de procurar

tratamento psicológico e psiquiátrico; como Cláudia, ela também foi particularmente afetada pela antecipação obsessiva de riscos com os quais suas filhas possam lidar fora do ambiente e da rotina de sua tutela. Contudo, um elemento importante ao qual Carla chamou atenção em sua e nas outras experiências de mulheres com quem cruzei ao longo dessa pesquisa é a dificuldade de lidar com o conflito entre as imagens através das quais mães enxergam seus filhos e filhas e se relacionam com eles como crianças (e, portanto, absolutamente dependentes) ou como adultos (e, portanto, completamente independentes). Essa cisão binarizada das formas de existir no que diz respeito ao cuidado e à tutela como vias através das quais interagimos e nos relacionamos com outras pessoas se mostrou bastante importante para entender muitos dos relatos que baseiam este trabalho.

Minha próxima entrevistada foi **Nida**, a única mulher negra à qual minha pesquisa chegou através da divulgação *online*. Marcamos nossa conversa pelo *Whatsapp* numa quinta-feira, às 14h. Ela ainda não havia almoçado. Nida tem uma voz alegre e fala de forma cadenciada e gentil. Nascida em 1970 e moradora de uma cidade do interior de São Paulo, a entrevistada passa hoje a maior parte do tempo morando sozinha, pois seu companheiro trabalha desde sempre em cidades vizinhas e seus filhos já saíram de casa há alguns anos. Formada em um curso técnico de enfermagem, Nida já trabalhou como empregada doméstica, auxiliar de enfermagem e hoje ocupa um cargo no Conselho Tutelar de seu município. Isabela, sua caçula, saiu de casa em 2019, para fazer faculdade em Curitiba. Antes disso, Túlio foi morar fora de casa quando ainda era adolescente, em 2009, para cursar o ensino médio profissionalizante em uma cidade vizinha – tendo, desde então, mudado entre cidades do Paraná e Santa Catarina em função de sua formação acadêmica e vida profissional, vivendo hoje também na capital paranaense.

Diferente da maior parte das entrevistadas, as notícias das saídas de Isabela e Túlio não foram postas como surpresas no relato de Nida, mas como parte já imaginada de uma trajetória de investimento na ascensão social por meio da escolaridade já à partir da entrada no ensino médio. Isso não significa, contudo, que esses tenham sido processos amenos: "mãe só fica sossegada se o filho tiver perto". Assim como Sâmia, a mãe de Túlio também relata sofrer com o receio dos riscos que o filho corre por ser homossexual. Ela chegou até mesmo a tentar morar em Curitiba para se manter mais próxima, mas voltou para o interior de São Paulo por não conseguir se acostumar. Para além, a relação com a comida ocupa papel importante na maneira como sente a ausência de seus filhos. Ligados através do gosto pela cozinha, é ali que se iniciam todas as boas-vindas de Túlio e Isabela, por exemplo. Contudo, a forma específica pela qual Nida atrelou a imagem de seus filhos ao ato de preparar as refeições a fez ter

enormes dificuldades em comer após a saída deles de casa. Mais do que algo pontual eu anedótico, o "nó na garganta" que a impedia de se alimentar fez com que chegasse a perder 10 quilos e adquirisse anemia grave.

Assim como quase todas as minhas entrevistadas, Nida também se conecta bastante à memória de seus filhos através de seus espaços e objetos da casa que ocupam sua rotina de tarefas domésticas. Seus quartos seguem arrumados de maneira similar a quando ainda viviam com ela. Os lençóis onde dormiram e as roupas que eventualmente ficam para trás após suas visitas servem até como material que provocam e/ou amenizam a saudade.

Quando **Mel**, minha entrevistada seguinte, me procurou para marcarmos uma entrevista, seu interesse era conversar sobre seu filho mais velho – Luiz, de 29 anos de idade –, que havia saído de casa há menos de dois meses. Mel é branca, loira e olhos escuros. Formada em odontologia pela UFPR, ela trabalhou como dentista durante a maior parte de sua vida. Hoje, ocupa um cargo na vigilância sanitária em Curitiba e está prestes a se aposentar. Mel nasceu em 1969 e viveu a vida toda em Curitiba. Vive no Água Verde, um bairro de classe média na capital paranaense, junto de seu filho mais novo – Jeferson, de 24 anos. Divorciada durante a infância de Luiz e Jeferson, Mel os criou como principal encarregada por suas rotinas e seus cuidados. Hoje tem um companheiro, mas não mora com ele.

Seu filho mais velho havia saído de casa para morar com a namorada, com quem pretende se casar em breve. Embora Mel recontre a mudança como um processo que ocorreu paulatinamente, ela também remarca que, ainda assim, sentiu sua saída de forma abrupta. De um dia para o outro, a ausência de Luiz abriu um grande espaço na rotina de Mel, organizada até então de forma bastante atribulada em torno do bem-estar de seus filhos.

Seu relato não conteve tantos elementos comuns aos de outras entrevistadas. Contudo, assim como Nida, sua conexão com seus filhos através do cuidado em torno da comida também ocupa um lugar central na experiência que compartilhou comigo. Luiz e Jeferson são, há bastante tempo, envolvidos com o mundo do *MMA (Mixed Martial Arts)*, uma combinação de artes marciais que ocupa o centro do mundo esportivo da luta atualmente. Para Mel, o engajamento de seus filhos com esse esporte significou, durante anos, uma rotina muito intensa de preparação muito regrada de alimentos em grande quantidade – compromisso balanceado com a gerência de outros cuidados da casa e com o próprio emprego. De um dia para o outro, Mel não precisava mais cozinhar os "baldes e baldes de legumes e proteínas" que compunham a dieta constante Luiz enquanto atleta. Na época em que conversamos, ela me disse estar mais acostumada com a ideia de não precisar ficar tanto tempo cozinhando e se preocupando com esse tema. Mas os dois meses anteriores haviam sido de bastante

desentendimento entre a entrevistada e seu filho. Ela me contou, em tom de indignação, que Luiz *não a deixava* cozinhar para ele ou ajudá-lo em sua alimentação – o que causava nela um grande desconforto por pensar em como isso afetaria a saúde e o bem-estar de seu filho. Apreensiva, ela me conta que chegou a pegar secretamente a lista de mercado de Luiz e sua esposa e ir até o mercado comprar o que era necessário para se certificar de que o filho não abriria mão de sua própria dieta.

Depois de Mel, entrevistei **Atalia**, que conversou comigo através de seu celular, da sala de sua casa numa tarde de terça-feira. Ela tem cabelos negros e olhos escuros e uma pele branca bastante bronzeada. Muito articulada, Atalia parece escolher falar pouco, em frases curtas e sucintas. Nascida em 1957, essa entrevistada é formada em enfermagem, área na qual trabalhou até sua recente aposentadoria. Diferente da maior parte das mulheres que participaram desta pesquisa, Atalia vive uma vida profundamente transpassada por sua religião e pelos meios de sociabilidade que ela oferece. Adventista e esposa de um pastor da igreja, ela e seu núcleo familiar mudaram algumas vezes entre municípios para acompanhar o ofício de seu marido, até se fixarem na cidade de São Paulo, onde vivem até hoje. Ao longo de sua vida profissional, também exerceu sua profissão majoritariamente em hospitais adventistas. A saída de seus dois filhos é influenciada pelos modos de vida da igreja. Devido ao caráter itinerante da vida pastoral, a comunidade adventista criou um conjunto de colégios internos voltados para filhas e filhos de pastores – para que possam, frequentando o mesmo lugar durante a maior parte de sua vida escolar, ter a garantia de um ensino unificado e da criação laços de amizade mais duradouros dentro da vida na igreja. Dessa forma, assim como no caso de Nida, a saída dos filhos de Atalia aconteceu durante o período de passagem pelo ensino básico – de forma precoce, mas já projetada e esperada. Seus filhos também fizeram intercâmbios para a Irlanda no começo da vida adulta. Hoje, o mais velho vive em outro estado e o caçula reside junto de sua esposa no mesmo apartamento de minha entrevistada. Durante a maior parte do tempo, quando Atalia me falava sobre a experiência de lidar com a saída dos filhos de casa, estávamos falando da ida deles ao internato adventista quando mais novos.

Para além do contexto específico que marca a experiência de Atalia com a saída de seus filhos de casa, é possível notar em seu relato temas muito comuns aos que aparecem nas entrevistas de outras mulheres que participaram desta pesquisa. Devido às viagens de seu marido, Atalia construiu, assim como boa parte das entrevistadas, uma relação particularmente próxima de seus filhos. Contudo, a principal forma pela qual essa mãe experienciou a ausência de seus filhos se deu através das transformações das atividades de

cuidado a partir das quais estiveram relacionados ao longo de suas vidas. Atalia me conta que, no momento em que os dois não estavam mais em casa, a ideia de um ambiente doméstico organizado e bem arrumado – antes um valor disciplinar importante – ganhava uma conotação negativa – em suas próprias palavras, ela "sentia falta da bagunça". Entre os muitos gatilhos para crises de choro, um olhar para o guarda-roupa vazio a lembrava que eles não estavam mais ali. Em suas visitas, Atalia conta se forçar além do normal na cozinha para agradá-los e para que, pela sua comida, lembrassem dela quando estivessem distantes.

Um elemento da experiência de Atalia que lança luz sobre relatos parecidos de outras mulheres é a ideia de aumentar a própria carga de trabalho ou ocupar o próprio tempo de forma ainda mais intensa como uma estratégia para lidar com a sobrecarga mental que vem junto dessa ausência. Manter-se mais atarefada é comumente uma saída encontrada por essas mulheres para driblar o constante fluxo de pensamento que vem de disposições de cuidado – pensar sobre riscos que os filhos possam estar correndo, sobre seu conforto, sua saúde, sobre a falta que eles fazem em casa e muitos outros assuntos – que não podem ser realizadas de forma prática.

Chica, minha próxima entrevistada, vive em Londrina, no estado do Paraná, onde nasceu. Marcamos nossa conversa à noite, depois do fim de seu expediente como secretária em um escritório de arquitetura. Chica apareceu em meu *Whatsapp* falando diretamente de sua cozinha, mas só iria jantar depois de nossa entrevista. Ela é branca, magra e tem cabelos alisados e pintados para ficar loira. Divorciada e mãe de dois filhos e uma filha, a entrevistada reside apenas com seus cachorros hoje em dia: "toda pessoa mais velha se liga nos cachorros pra não entrar na depressão". Desde muito novos, Ana, Junior e Paulo foram criados apenas por Chica, que, além de seu emprego em tempo integral, também era responsável pela limpeza da casa, preparo das refeições, gerenciamento da rotina, atenção à saúde e outros demais cuidados domésticos.

A entrevistada me contou que a saída de cada filho ocorreu de forma diferente, suscitando reações distintas ao longo do tempo. A primeira a sair de casa foi Ana, sua filha mais velha, que, no começo de sua maioridade, foi morar na cidade de São Paulo junto de um rapaz que hoje é seu marido. Chica me contou das apreensões que surgiam em torno do fato da filha ser mulher e estar saindo de casa muito nova: tinha medo dos riscos que ela poderia correr em uma cidade distante, bem como o receio do que poderia acontecer a partir do fato de que sua filha ainda não sabia "fazer as coisas da casa" direito – talvez uma forma de sentir a diferença entre a criança e a adulta, que aparece (ainda que de forma diferente) nas histórias de outras mães sobre seus filhos homens. Depois, o próximo a sair foi Paulo, o caçula. No

relato de Chica, essa foi uma saída conturbada. Em uma mudança de perspectiva pessoal, Paulo abandonou seu antigo curso superior, as oportunidades e a carreira pressuposta em sua antiga formação para organizar sua vida diferentemente. Na forma como a entrevistada relata, sua saída de casa aconteceu nessa mesma época, de uma maneira abrupta e conflituosa. Assim como no caso de Carla com sua filha mais velha, Chica conta que esse foi um período de brigas e bastante preocupação com o bem-estar de Paulo. Por fim, a saída de Junior, seu filho do meio, aconteceu de uma maneira vista por ela como bastante tranquila e natural, acontecendo de forma gradual e sem grandes perturbações.

Alguns elementos do relato da entrevistada convergem aos temas trazidos pelas outras mulheres com quem conversei. Assim como a maior parte delas, Chica acessava a ausência de seus filhos pelas atividades de cuidado comumente ligadas a eles no passado – ela me disse da tristeza que sentia ao preparar refeições e ter de comê-las sem a presença deles, ou da dor de entrar em seus quartos e ver suas camas feitas e vazias. Falando sobre a saída turbulenta de Paulo, a entrevistada relata discussões similares àquelas que Mel relata ter tido com seu filho a respeito da frustração causada por querer cuidar dele, principalmente quando ele impedia que isso acontecesse. Para além, percebi mais tarde que Atalia e Chica, refletindo sobre suas rotinas atribuladas durante a criação de seus filhos, falam sobre a culpa que sentem por não terem sido "mães melhores".

Marisa, outra de minhas entrevistadas, é professora de engenharia do ensino superior em uma universidade pública de Curitiba. Alguns dias antes de conversarmos, ela insistiu que eu lhe enviasse meu projeto de pesquisas para que pudesse passar seus próprios olhos de orientadora sobre eles. Depois disso, marcamos uma chamada por *Whatsapp* no começo de Abril. Marisa tem cabelos grisalhos que param pouco antes de seus ombros, é a pele branca e usa um óculos de armação fina. Nascida em Curitiba, em 1970, seu sotaque tipicamente urbano da capital paranaense, acompanha uma voz bastante tranquila. Ela fala de forma calma e objetiva e direta, adotando um tom documental e científico para falar de sua própria experiência, de seus sentimentos e memórias. Divorciada, Marisa criou sozinha uma filha adotiva e uma filha biológica da mesma idade – seus nomes são Érica e Teresa. À época de nossa entrevista, Érica, que é formada como luthier e trabalha em sua própria oficina, já havia saído há pouco mais de um ano – embora ainda visitasse a casa de sua mãe com frequência – e Teresa, que estava se formando em biomedicina, estava prestes a se mudar.

Ainda que, assim como outras mulheres, Marisa diga que o momento em que mais sente a ausência de sua filha é durante as refeições, o mesmo não estende para outras atividades do cuidado doméstico – como acontece com a maioria das entrevistadas. Isso

talvez se deva ao fato de que Marisa sempre dividiu as tarefas entre ela, suas filhas e a empregada doméstica contratada para ajudar na limpeza da casa.

À medida que ajudava Teresa a encontrar um apartamento e planejar sua mudança, Marisa conta que um sentimento misto marcava todo processo: a felicidade pela concretização de um passo na vida de sua filha em direção a uma vida adulta independente e a tristeza de saber que está prestes a viver o que ela mesma define como um luto – ela, inclusive, reforçou diversas vezes a ambivalência da constatação de que estava fazendo isso consigo mesma. Sobre o processo da saída de Érica, ela conta que algo parecido aconteceu. A situação surge como uma questão importante para Marisa, que relata já ter tido outros episódios depressivos em sua vida, tratados com a ajuda psiquiátrica. No processo de lidar com a saída de suas filhas de casa, a entrevistada também parece conviver com uma ambiguidade entre a maneira como define princípios para *como a vida deve ser* e o peso do que ela sentiu (e sente) durante esses processos. Para ela, *é errado* que os filhos não saiam de casa para viver suas próprias vidas e, ainda assim, o curso *correto* não deixa de lhe causar sofrimento. Assim como encontrou projetos pessoais no passado que a ajudaram a lidar com períodos de sofrimento e dificuldade, Marisa me diz estar procurando uma saída para não "deixar essa tristeza evoluir pra uma depressão".

Por fim, a última mãe do meu rol de entrevistadas é **Priscilla**. Quando ela me contactou, imaginei que tudo correria como nas outras entrevistas que havia feito. Contudo, logo ela me disse que havia me procurado para "oferecer um contraponto" às visões que imaginava que eu estava recebendo em minha pesquisa. Decidida a agir sobre o recorte de minha pesquisa, Priscilla se ofereceu para uma entrevista a fim de me contar a sua história – o relato de uma mãe que, não apenas não sofreu com a separação em relação aos filhos, mas a desejou com bastante intensidade. A experiência foi interessante e desafiadora na mesma medida. Seu relato foi riquíssimo, mas meu roteiro, que acabou se ajustando ao perfil de mulheres que eu havia encontrado até então, foi uma ferramenta insuficiente. Isso me forçou a improvisar bastante durante a entrevista. Por sorte, contei com a vontade de Priscilla em fazer-se vista em meu recorte.

Ela tem cabelos encaracolados castanhos com as pontas loiras. É uma mulher particularmente astuta, irônica e rápida em seu raciocínio, que fala muito bem. Ela fala em um tom bastante resoluto, quase *blasé*, como se nada a abalasse. Descreve a si mesma como polêmica e parece ter prazer na contrariedade que suas opiniões tentam provocar. Priscilla tem pouco mais de 60 anos e é nascida e criada em Curitiba. Ela é formada em Geografia,

trabalhou como professora e hoje é aposentada. Divorciada, é mãe de dois filhos, um de 40 anos de idade e outro de 36.

Priscilla conta que, a partir de certo momento, esperava ansiosamente pela saída de seus filhos de casa. Dizendo-se próxima ao pensamento europeu, ela fala sobre lidar com a independência dos filhos como algo a ser desejado cedo. No seu caso, havia uma motivação clara: a forma como a entrevistada se enxerga presa e limitada pela maternidade – sem retorno simbólico ou afetivo dos filhos – causava grande descontentamento. A imagem que melhor resume seu relato é o almoço de domingo. Muriel me disse que o domingo lhe lembrava a ideia família; quase todas as outras entrevistadas falaram dos momentos de refeição como aqueles em que mais sentiam falta de seus filhos e filhas; Priscilla, por outro lado, retrata a cena de forma completamente diferente. Para ela, a marca desse momento é o esforço não apreciado do preparo de alimentos para seus filhos e a sobrecarga solitária da pilha de pratos para serem lavados após o fim do almoço. Diferente de todas as outras mulheres com quem conversei, Priscilla parece não ter nenhum retorno subjetivo de nenhuma das atividades de cuidado – desejando, inclusive, retirar-se da relação que esse cuidado pressupõe.

Em determinado momento, fartando-se do convívio com os filhos, ela me contou que decidiu se mudar para Portugal por alguns meses e lá, onde ela podia se desfazer de seus laços de mãe e avó, onde podia se afastar do que fica como uma prisão, ela se sentiu muito mais feliz do que na presença dos filhos. Problemas financeiros e a pandemia de Covid-19 a trouxeram de volta para o Brasil e aqui ela vive sozinha em sua casa, mas divide o terreno com seus filhos. A maior parte das menções a eles se dá na tonalidade de entendê-los como interesseiros como pessoas que, em suas palavras, "te sugam" sem oferecer nada em troca. Terminamos nossa entrevista com Priscilla reafirmando que esperava apenas a próxima chance para ir para longe de seus filhos novamente.

Conhecendo nossas entrevistadas, apresento a seguir um quadro que resume as principais características de seus perfis para os objetivos desta pesquisa, enfatizando nome, idade, raça, estado civil, ocupação, contexto de cuidado ao longo da criação de filhas e filhos, bem como o cenário em que se deu a saída desses filhos e filhas.

QUADRO 1 - Perfil das entrevistadas

Nome	Idade	Raça	Estado civil	Ocupação	Contexto de cuidado ao longo da criação de filhas e/ou filhos	Contexto da saída de filhos e/ou filhas
Sâmia	54	Branca	Divorciada (hoje em um	Professora (Ensino	Principal responsável pelo gerenciamento da rotina dos filhos,	Seu filho mais novo, Guto, mudou-se para a Europa como o

			relacionamento homoafetivo).	Infantil) e dona de um Lava-Jato	sua saúde, preparo de alimentos e limpeza da casa.	namorado aos 18 anos. Sua filha mais velha saiu mais tarde.
Maria	64	Branca	Divorciada	Aposentada (antes, trabalhou com professora de Educação Física, advogada e no ramo de vendas)	Responsabilidades pelo gerenciamento da rotina dos filhos, preparo de alimentos e limpeza da casa foram compartilhadas com membros da família e com empregadas domésticas ao longo dos anos.	Seu filho único, Reinaldo, mudou-se para a Holanda aos 22 anos para trabalhar e morar com Guto.
Claudia	52	Branca	Casada	Pedagoga	Principal responsável pelo gerenciamento da rotina dos filhos, sua saúde, preparo de alimentos e limpeza da casa.	Beatriz saiu algumas vezes para fazer algumas formações de sua área, ficando períodos de até seis meses fora.
Muriel	61	Branca	Divorciada	Aposentada (antes, trabalhou como jornalista)	Principal responsável pela limpeza da casa, gerenciamento da rotina dos filhos e sua saúde. Compartilhava responsabilidade pela limpeza da casa com filhos.	Seu filho mais velho (Makai) saiu a trabalho logo após a faculdade. Seu filho mais novo (Kabir) saiu mais tarde para fazer pós-graduação fora do país.
Carla	49	Branca	Casada (é viúva de um relacionamento e divorciada de outro).	Policia Militar	Principal responsável pelo gerenciamento da rotina dos filhos, sua saúde e preparo de alimentos. Limpeza da casa foi compartilhada com as filhas.	Sua filha mais velha (Eduarda) saiu de casa pela primeira vez por desentendimentos e valores. Sua filha mais nova (Larissa) havia saído há pouco para formação profissional.
Nida	52	Preta	Relacionamento estável (está junto, mas não está casada)	Assistente Social (antes, trabalhou como assistente de enfermagem)	Principal responsável pelo gerenciamento da rotina dos filhos, sua saúde, preparo de alimentos e limpeza da casa. Quando seus filhos eram mais novos, contudo, contratava o serviço de uma empregada doméstica.	Seus dois filhos (Túlio e Isabela) saíram de casa para estudar fora. Túlio saiu ainda no ensino médio. Isabela saiu para cursar ensino superior.
Mel	53	Branca	Casada (é divorciada de um outro relacionamento)	Fiscal da Vigilância Sanitária (antes, trabalhou como dentista)	Principal responsável pelo gerenciamento da rotina dos filhos, sua saúde e preparo de alimentos. Limpeza da casa compartilhada com uma empregada doméstica.	Seu filho mais velho (Luiz) saiu de casa para morar com sua futura esposa.
Atalia	65	Branca	Casada	Aposentada (antes, trabalhou como enfermeira)	Principal responsável pelo gerenciamento da rotina dos filhos, sua saúde, preparo de alimentos e limpeza da casa.	Seus dois filhos saíram ainda jovens para estudar em um colégio interno Adventista. Um deles voltou a morar (junto de sua esposa) com Atalia até ter condições para bancar-se.
Chica	57	Branca	Divorciada	Secretária	Principal responsável pelo gerenciamento da rotina dos filhos, sua saúde, preparo de alimentos e limpeza da casa.	Sua filha mais velha (Ana) saiu para morar com o namorado em São Paulo; seu caçula saiu após uma briga por conta dos planos que tinha para a própria vida (Paulo); o filho do meio saiu de forma tranquila e gradual, para

						ter o próprio espaço.
Marisa	52	Branca	Divorciada	Professora de Ensino Superior	Principal responsável pelo gerenciamento da rotina dos filhos, sua saúde, preparo de alimentos e limpeza da casa foram compartilhados com as filhas e com uma empregada doméstica.	Uma de suas filhas (Érica) saiu de casa no começo da pandemia. Quando conversamos, sua segunda filha (Teresa) estava prestes a se mudar.
Priscilla	60	Branca	Divorciada	Aposentada (antes, trabalhou como professora no Ensino Básico)	Principal responsável pelo gerenciamento da rotina dos filhos, sua saúde, preparo de alimentos e limpeza da casa.	Hoje Priscilla vive sozinha, mas seus filhos vivem no terreno em que sua casa está. Há alguns anos ela se separou de seus filhos e foi morar fora do país por não querer mais conviver com eles.

Fonte: O Autor (2023).

Em suma, o processo pelo qual cheguei até às mulheres cujos relatos compõem o material analisado nesta pesquisa foi bipartido. Em um momento, indicações me levaram mães com quem eu realizei minhas primeiras entrevistas exploratórias às quais – pensadas a partir de algumas intuições que borbulhavam de um primeiro ano de leituras e aproximação do tema. A partir daí, a transição e análise preliminar desses encontros levou a reelaboração de um roteiro mais completo e adaptável a diferentes cenários de interlocução. Adotando uma estratégia diferente de divulgação da minha pesquisa, acabei *sendo procurado* pelas próximas entrevistadas que, vendo suas histórias como pertencentes ao meu recorte, influenciaram o perfil através do qual esta investigação pôde acessar o fenômeno das mães que têm de lidar com a saída de suas filhas e filhos de casa.

Como é possível notar na tabela acima, o perfil representado em minha pesquisa é marcado majoritariamente pelas experiências de mulheres brancas de meia idade, divorciadas e que, mesmo fazendo uso de sua escolaridade avançada para ocuparem cargos no mercado de trabalho durante a maior parte de suas vidas, também foram as principais responsáveis pelo cuidado e criação de seus filhos e filhas, bem como da manutenção do ambiente doméstico. Contudo, fazendo uso de um olhar pormenorizado, podemos nos perguntar: como os contextos que formam o perfil de entrevistadas desta tese se relacionam aos cenários estatisticamente relevantes para se pensar para a saída de filhas e filhos de casa no Brasil? Para isso, recorro a um cruzamento entre o recorte de mulheres que compuseram meu rol de entrevistas e as pesquisas que discutem os temas da saída dos estratos mais jovens do ambiente doméstico, a formação de novos núcleos familiares, os limites da coresidência e outros temas abordados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e pelos

demais dados coletados pelos Censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

É prudente começar pela constatação de que o recorte desta pesquisa acaba representando principalmente as classes médias escolarizadas brasileiras. Segundo Araújo, Junior e Siqueira, em *Determinantes e dinâmica da coresidência no Brasil no período de 1991-2010* (2021), a renda se relaciona de diferentes maneiras com os perfis que representam a saída ou a estadia no ambiente doméstico. É comum que maior renda e escolaridade signifiquem uma saída mais tardia de casa no Brasil – fenômeno explicado pela possibilidade de apoio e investimento oferecidos por pais e mães para a formação educacional, estruturação financeira e estabilidade profissional de filhos e filhas, para que saiam de casa mais preparados para uma vida independente (ARAÚJO; JUNIOR; SIQUEIRA, 2021, p. 83). A tendência é corroborada por pesquisas como *Heterogeneidade na transição para a vida adulta no Brasil*, de Matheus M. dos Santos (2018), *Transição para a vida adulta em distintos contextos de desenvolvimento*, de Joice Vieira (2008) e *Estrutura de classe e mobilidade social no processo de inserção profissional de jovens no Brasil: reflexões e agenda de pesquisa*, de Bibia Martins, Camila Scherdien e Sidinei Rocha-de-Oliveira (2019).

No caso das mulheres com quem conversei, essa é a situação dos filhos e filhas de entrevistadas como Claudia – que, ainda que tenha lidado com saídas esporádicas de sua filha Beatriz, ainda lhe oferece apoio para que termine sua formação e decida os passos de sua carreira –, Muriel e Marisa – que viram seus filhos e filhas saindo de casa apenas após o término do ensino superior e inserção profissional –, Mel – que, no último ano, teve de lidar com a saída de seu filho já um pouco mais velho, com uma carreira estabelecida e focado em casar e construir uma nova família – ou Priscilla – que viu os filhos evitando a saída de casa por tanto tempo que ela mesma decidiu se mudar.²⁹

Mais do que isso, o momento mais tardio da saída de casa que marca a trajetória da vida de filhos dessas entrevistadas também se encontra com o perfil racial do que a demografia chama de transição para a vida adulta. Diversas análises aplicadas sobre os dados dos últimos Censos brasileiros apontam para uma maior permanência de populações brancas no ambiente doméstico (ARAÚJO; JUNIOR; SIQUEIRA, 2021, p. 93; MARTINS; SCHERDIEN; ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2019, p. 17; SANTOS, 2018, p. 14). Por outro lado, essas mesmas análises, que também apontam para uma antecipação do momento em que

²⁹ Um destino parecido poderia ser imaginado para filhos de Atalia, Maria e Sâmia, por exemplo. Mas os filhos da primeira tiveram sua experiência centrada em torno do eixo das sociabilidades e itinerários da vida Adventista e os casal formado por Renato e Guto deixaram de lado a possibilidade de educação superior e segurança financeira em direção a uma vida juntos na Europa.

peessoas pretas e pardas saem de casa, contemplam as experiências de Túlio e Isabela, filhos de Nida, que deixaram seu lar bem jovens para investirem na formação acadêmica como caminho para ascensão social.³⁰

Araújo, Junior e Siqueira (2021) apontam para um declínio do casamento como motivo para a saída de casa. Historicamente, é comum que a formação de uma relação estável provoque a saída de mais mulheres do que homens (MARTINS; SCHERDIEN; ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2019, p. 17; SOUSA, 2017, p. 20) e que as faça sair mais cedo de casa (ARAÚJO; JUNIOR; SIQUEIRA, 2021, p. 84). Esse é o caso de Ana, filha mais velha de Chica, que saiu de casa ainda bem jovem para morar em São Paulo com quem viria a ser seu marido. Ao mesmo tempo, essa também é a história do filho mais velho de Mel, que permaneceu em casa até estabelecer-se financeira e profissionalmente para só então sair de casa em função de seu vindouro casamento.

Outro traço fundamental que conecta o recorte representado por esta pesquisa à realidade social brasileira se conecta ao perfil etário das entrevistadas. Com uma média de idade de 56 anos, essas mulheres caminham rumo ao processo de entrada no que hoje chamamos de "terceira idade" em um país que, segundo o último Censo nacional, encontra-se mais feminino e mais envelhecido.³¹ Essas mulheres, veremos, lidam com a miríade de questões positivas e negativas que também surgem em outras pesquisas a respeito desse demográfico. Ao longo dos próximos capítulos, será possível notar que, assim como apontam Manna (2021) e Curado, Campos e Coelho (2007), em suas pesquisas sobre envelhecimento feminino no Brasil, algumas dessas mulheres vivem o envelhecimento feminino como um processo de sofrimento, marcado por dificuldades familiares e pelo medo do desamparo, por exemplo. Ao mesmo tempo, as vivências das mulheres que participam desta pesquisa também se assemelham aos processo de reinvenção de si, experiência de mais liberdade e de criação de novas sociabilidades que transpassam a experiência de mulheres mais velhas, como apresentado por Silva, Gerolamo e Correa (2021) e Lopes, Araújo e Nascimento (2016).

Com efeito, as diferentes trajetórias sociais com as quais entrei em contato ao longo de minhas entrevistas se encontram e se desencontram com os perfis demográficos majoritários no Brasil de diferentes maneiras. Vistas "de cima" as tendências estatisticamente mais comuns

³⁰ Talvez seja válido mencionar que as experiências de Túlio e Isabela também se cruzam com os efeitos da expansão do ensino superior brasileiro ao longo das duas primeiras décadas do século XXI – que proporcionou um grande deslocamento de jovens adultos para fora de seus lares em busca de ocupar o maior número de vagas e de políticas de inclusão aderidos à estrutura universitária nacional contemporânea (BORCHE; VIECILI, 2019).

³¹ GOMES, Irene; BRITTO, Vinicius. **Censo 2022: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos.** Agência de Notícias IBGE. 2023. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos>>. Acesso em 29/01/2024.

contemplam muitos dos cenários para a saída dos filhos e filhas das mães cujos relatos formam o *corpus* desta pesquisa, ainda que representatividade estatística não seja a finalidade de uma pesquisa como esta. Porém, esse deve ser apenas o início da jornada de análise. Para compreender como a saída dos filhos e filhas de casa afeta as maneiras pelas quais as mulheres que são mães vivem e descrevem a si mesmas será necessário recorrer a construção de uma perspectiva analítica que permita partirmos do cuidado cotidiano como via relacional e constitutiva da subjetividade dessas mulheres. Também será necessário lançar um olhar atento à maternidade como um lugar histórico que oferece as categorias e estruturas de sentimentos para que essas mães dêem sentido à própria identidade e à experiência, na medida em que se apropriam dos discursos e noções que partilhamos coletivamente.

Por isso, os dois próximos capítulos serão dedicados à uma visita aos estudos do cuidado e à uma investigação da forma como essas entrevistadas vivem a identificação enquanto mães e a complexidade subjetiva dessa identidade quando tocada pelo processo da saída de seus filhos e filhas de casa. Caminhando pelos debates que compõem esses campos, poderei angariar as ferramentas explicativas necessárias para analisar os relatos oferecidos por minhas entrevistadas. Na próxima seção, me debruço sobre como as teorias desenvolvidas sobre o cuidar como atividade reveladora da importância heurística da vida cotidiana, bem como sobre o cuidado e sua capacidade crítica com a qual ele permite examinar as formas de concepção dos sujeitos são elementos fundamentais para que se entenda a profundidade das questões que surgem no dia-a-dia dessas mulheres. Depois disso, elaboro uma análise que mescla elementos empíricos dos relatos das entrevistadas e um olhar teórico que lança sua atenção para a concepção historicamente localizada de maternidade com as quais essas mulheres se relacionam para descrever a si mesmas. Mais do que isso, procuro compreender as continuidades, transformações, aprendizados e complexidades que marcam a identificação maternal repensada desse evento na vida das entrevistadas. Em seguida, pensando em inserir a maior quantidade possível de elementos empíricos nesta versão do texto, elaboro um quinto capítulo organizado quase como um apêndice. Nele, trago algumas outras análises preliminares importantes, mas que, por falta de tempo hábil, ainda não puderam ser textualmente inseridas em nenhuma dos capítulos. Ali estão contidos alguns esforços para entender quais imagens são angariadas para dar sentido à maternidade e ao processo da saída dos filhos e filhas de casa, bem como outros interstícios dessa experiência. Falo, especificamente, sobre as formas como o cuidado é vivido como via relacional de acesso à memória dos filhos e filhas; as tensões entre, de um lado, itinerários que modelam o que essas mulheres deveriam pensar e sentir sobre a saída dos filhos e filhas e, de outro, do sentimentos

apresentados por essas entrevistadas; e o entramado processo através do qual o cuidado de si e o cuidado do Outro se relacionam nas vivências dessas mães que vivem a ausência daquelas e daquelas que, por muito tempo, foram seus principais objetos de cuidado.

3 O CUIDADO COMO PERSPECTIVA ANALÍTICA

Estabelecidos os parâmetros a partir dos quais me proponho a observar o fenômeno social sobre o qual me debruço neste trabalho, é chegado o momento de descrever quais elementos compõem a perspectiva analítica da qual faço uso para compreender as maneiras em que a saída das filhas e filhos de casa surge nas experiências das mulheres que entrevistei. Se meu objetivo é compreender como a saída dos filhos e filhas de casa afeta as maneiras pelas quais minhas entrevistadas vivem e descrevem a si mesmas, um diálogo com os estudos do cuidado e com as questões trazidas ao primeiro plano pelo debate feminista em torno desse tema desde o fim do século XX me parece mais do que apropriado. De certa forma, este é um trabalho que se pergunta o que acontece com mulheres que são mães a partir da interrupção de rotinas de cuidado extensas e bastante específicas, construídas e realizadas individualmente, mas ligadas a discursos e sentidos historicamente compartilhados. Nesse sentido, uma discussão que se debruce sobre as questões que surgem das práticas e disposições advindas da manutenção do bem-estar e da reprodução da vida cotidiana nos concede elementos para realçar características fundamentais das experiências das mulheres que participaram desta pesquisa. Inseparável do exame crítico das formas através das quais nossa sociedade elaborou hierarquicamente os lugares dos corpos generificados em sua divisão do trabalho, o cuidado, enquanto via analítica, também permitirá entender em que sentido as vivências pessoais dessas mulheres se conectam a formas coletivas de viver e pensarmos a nós mesmos. Contudo, em que consiste um exame crítico elaborado a partir do cuidado?

3.1 O cuidado e o valor heurístico da vida cotidiana

Em primeiro lugar, a forma como pretendo construir uma perspectiva analítica amparada nos estudos do cuidado busca valorizar elementos da vida cotidiana politicamente e criticamente valorizados pela teoria feminista desde a segunda metade do século XX. Falo aqui dos elementos práticos do âmbito doméstico e das experiências das mulheres postas nesse espaço por um conjunto de imaginários sociais historicamente localizados. A reificação da imagem materna e cuidadora *nos* e *através dos* corpos feminilizados no Ocidente é tomada aqui como um fenômeno historicamente contingente. Assim, posso me apoiar de forma mais precisa nos debates feministas que apontam o reforço da conexão entre mulheres e as práticas estendidas do cuidado e da maternagem como concebida em nossas sociedades quando me

refiro a autoras das discussões norte-americana, como Nancy Chodorow (1978) e Joan Scott (1994), brasileira, como Heleieth Saffioti (2013), e francesa, como Elisabeth Badinter (1985) – que mostram que, a partir de certo ponto na modernidade influenciada pelos modos europeus de organização social e explicação do mundo, diversos discursos se debruçaram sobre a invenção de naturezas morais, biológicas ou religiosas para ligar a mulher à figura da mãe e à esfera do cuidado.

Voltarei a essas e outras autoras mais a frente neste texto. Contudo, por agora será suficiente que o trabalho siga apoiado nas constatações oferecidas pelos trabalhos citados sobre a construção social do lugar das mulheres na esfera privada (em contraposição à esfera pública), nas atividades reprodutivas e de cuidado (em oposição às atividades políticas e economicamente pensadas como produtivas), assim como na família (em oposição ao parlamento ou ao mercado) ao longo dos anos. Esse acoplamento entre mulheres, maternidade e cuidado certamente não forma um curso simples, coerente ou linear ao longo da história, nem pode ser ingenuamente aplicado da mesma forma a todos os corpos feminilizados ao longo da história, como mostra Patrícia Hill Collins (2000), Oyèrónké Oyewûmí (2021) e Maria Machado (2020). Mas é fundamental notar que, de maneira geral, uma conexão entre certas identificações maternais, bem como as atividades de cuidado que as acompanham, e os corpos subjetivados através dos modos hegemônicos de feminilidade na nossa sociedade persistem ainda hoje de forma histórica e empiricamente verificável.³²

Me refiro também das formas de pensar e sentir que marcam a vida das mulheres imersas nas práticas e disposições do cuidado e são postas com elas no lugar de objetos sociológicos de segunda categoria - vistos como demasiadamente idiossincráticos, apolíticos ou mesmo desimportantes para um olhar que pretendeu observar a sociedade e suas estruturas a partir de cima. Postos em foco, esses elementos revelam conhecimentos pertinentes contidos nas práticas comumente relegadas às mulheres em nossa sociedade: criar filhos e filhas, alimentar pessoas, mantê-las limpas e confortáveis, cuidar de sua saúde, dar-lhes carinho e apoio emocional; cuidar dos ambientes em que vivem essas pessoas, garantir que estes sejam seguros e estejam abastecidos com o que é necessário, tenham suas louças lavadas, que as pessoas vivem neles tenham roupas limpas etc.

³² Para a verificação da persistência da feminização do cuidado na atualidade, é possível consultar estudos como *Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil*, publicado em 2021 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e *Tendências nas horas dedicadas ao trabalho e lazer: uma análise da alocação do tempo no Brasil*, publicado em 2018 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), sob organização de Ana Luiza Neves de Holanda Barbosa. A condução da argumentação sobre como são discursivamente conectadas as identidades feminina, cuidadora e maternal será feita no capítulo seguinte.

Amparada nos insights trazidos por Dorothy Smith em seu livro, *A Feminist Sociology of Knowledge* (1990), Patrícia Paperman (2019) nos lembra da dificuldade de encontrar esse tipo de conhecimento sobre o mundo social – um conjunto de saberes ligados às experiências femininas e seu contato com o cotidiano em sua forma mais ordinária e concreta – acessado pelos métodos e paradigmas clássicos da Sociologia como a conhecemos. Para além de uma simples desconsideração que assumia (e assim conferia) certa trivialidade de tais temas, havia, como mostra Kergoat (1987), um rebaixamento hierárquico de tais atividades reprodutivas da vida social (e das vivências que as acompanhavam) frente a consideração analítica das esferas chamadas de economicamente produtivas na sociedade. Nessa configuração, a desvalorização do trabalho reprodutivo (e das experiências que o acompanham) estava atrelada à desvalorização dos corpos das mulheres responsáveis por esse conjunto de serviços em nossa sociedade – num ciclo reiterativo em que a pressuposição, de saída, da desimportância da vida de certos sujeitos leva ao corolário de sua desconsideração nas formas de conhecer o mundo.

Paperman (2019) afirma que uma das principais formas de desconsiderar a possível contribuição do conhecimento construído a partir da experiência cotidiana de contato com o cuidado era a desvalorização de um saber produzido a partir das experiências das mulheres – um saber que seria emocional demais, sensível demais, pouco generalizável etc. Mais do que isso, a autora nos lembra que a separação entre concepções de práticas sociais e de sentimentos como formas de acesso da realidade evitava que esses dois pudessem ser atrelados nas formas pensar as vivências de mulheres nas sociedades como as nossas. Isso se dá por conta de uma:

propensión de los análisis sociológicos a tratar las emociones y los sentimientos en general como categoría aparte, modalidad de expresión y de conducta desconectada de las actividades prácticas en las cuales estos cobran sentido y efecto. No se trata aquí de sostener que la sensibilidad, los sentimientos y los compromisos emocionales no componen una parte importante de la ética feminista del cuidado, sino de afirmar que las concepciones corrientes de esos fenómenos constituyen un obstáculo para pensar la forma en que estos contribuyen a la construcción social de la realidad y a su inteligibilidad. (PAPERMAN, 2019, p. 25).

A partir da via analítica da qual faço uso aqui, a construção de uma perspectiva do cuidado propõe uma reabilitação epistêmica das experiências das mulheres enquanto forma válida conhecer a realidade. Na década de 1980, Carol Gilligan (2013)³³ propôs um alargamento epistemológico da discussão sobre o desenvolvimento moral a partir da

³³ Me refiro à *In a Different Voice*, publicado originalmente em 1982 - embora eu utilize a edição de 2013. Mais à frente, voltarei às propostas de Gilligan e a suas contribuições para os estudos do cuidado nos quais me apoio com mais atenção.

constatação do contraste entre a vida das mulheres e a representação da vida humana no conhecimento científico. Atrelando o grande debate feminista sobre a contribuição epistêmica das mulheres, que ocorria há muito tempo no século XX, a um olhar sobre o cuidado – sobre o campo dos sentimentos e das experiências cotidianas da vida das mulheres – a autora oferece uma contribuição crucial para tornar pertinente as vivências atreladas a práticas e disposições até então pouco consideradas pelas Ciências Humanas e Naturais. Em sua perspectiva, a consideração da voz diferente da qual falava Gilligan trazia consigo a ideia de que a vida das mulheres não deveria ser examinada pelos parâmetros de uma forma de conhecimento amparada na observação desproporcionalmente apoiada nas experiências masculinas. Seu diálogo crítico com os itinerários estabelecidos para normatizar o desenvolvimento psicológico a partir da experiência masculina – relegando à deficiência e à falta das maneiras pelas quais as mulheres interagiam com o modelo estabelecido a partir da vida dos homens – abriu uma via de análise frutífera.

Conceber a possibilidade de conceituar éticas distintas para os comportamentos de homens e mulheres, embora trouxesse o risco de reforçar o binarismo heterossexual homem/mulher e cristalizar esses pólos generificados como referentes para a discussão, revelava também uma possibilidade bastante potente: a partir de Gilligan, o cuidado se tornaria um termo (e um campo de pesquisas) importante para entender as experiências das mulheres em seu valor científico e crítico – estivessem elas ligadas a formas de pensar e sentir através das quais as mulheres viviam suas vidas ou ao conjunto de práticas que marcam o cotidiano dos espaços nos quais as mulheres estiveram estruturalmente inseridas nas sociedades ocidentalizadas a partir da modernidade europeia. Em suma, o cuidado se tornaria uma forma de fazer das experiências das mulheres – esse encontro entre tarefas específicas do dia-a-dia e as formas de pensar que sentem e surgem a partir delas – um elemento de valor científico.³⁴

Assim, essa perspectiva se torna particularmente útil para acessar e compreender como as mães que tiveram de lidar com a saída de suas filhas e filhos de casa vivem e descrevem a si mesmas. Um importante motivo pelo qual uso dos estudos do cuidado como parte da perspectiva analítica desta pesquisa vem da possibilidade oferecida pelos estudos do cuidado

³⁴ É de fundamental importância notar que, embora eu esteja me focando sobre as maneiras pelas quais os estudos do cuidado podem oferecer visibilidade analítica ao encontro em práticas e formas de pensar e sentir, existem outras maneiras de conceder valor científico à vivência das mulheres e outros grupos cujas experiências tem sido historicamente sub-representadas em nossa sociedade através do cuidado. Destaco fundamentalmente o cruzamento entre os estudos do cuidado e a antiga tradição feminista de análise do trabalho, na qual se destacam, fora do Brasil, autoras como Pascale Molinier, Sandra Laugier e Patricia Paperman (2009), e, no contexto nacional, nomes como os de Bila Sorj e Adriana Fontes (2012), Silvana Maria Bitencourt e Cristiane Batista Andrade (2021), Thays Monticeli (2017), entre outras.

em tornar acessível e analisável esse encontro específico entre formas de pensar e sentir e rotinas práticas que advém dos cotidianos das mulheres em nossas sociedades.

O projeto de positivação heurística do cuidado enquanto aspecto da vida social (TAMANINI, 2018) é uma empreitada com a qual diversas autoras têm contribuído ao longo das últimas décadas. Eva Kittay (1999), por exemplo, viu, no trabalho ligado dedicado a dar cabo das necessidades e dependências das quais partilham todos os corpos em algum momento de suas vidas, um elemento crítico promissor: através dos insights que essas incumbências possibilitam é possível construir uma visão alternativa a respeito das maneiras pelas quais nossas sociedades definem parâmetros para autonomia, igualdade e independência - uma narrativa que permite que perfis socialmente privilegiados possam construir para si a ideia de que seu status social, suas escolhas e suas ações independem de quaisquer outros grupos. Nesse sentido, as experiências de cuidado, comumente relegadas a pessoas postas em posições hierarquicamente inferiores (mulheres, pessoas negras, imigrantes e estratos mais pobres da sociedade) tornam-se acessíveis a partir dessa perspectiva e fundamentam análises de confrontação e debate.³⁵ Como afirma Paperman:

Una atención sostenida a las situaciones concretas en las cuales el cuidado está en juego es la condición de acceso a una especie diferente de “realidad social”, “extraordinariamente ordinaria”, para emplear la expresión de Bourdieu a propósito de la dominación masculina. Esa realidad que no deja de ser sepultada bajo el efecto de un desconocimiento organizado, o de una epistemología de la ignorancia, según la expresión de Charles W. Mills, cobra forma en estudios que, a imagen de las obras literarias sobre las relaciones de cuidado, transforman la mirada sobre “los otros”, aquellos cuya palabra sigue siendo minorizada. (PAPERMAN, 2019, p. 53).

Em sentido semelhante, Virgínia Held (2006) reforça a afirmação de a perspectiva do cuidado traz a atenção aos elementos práticos da vida como requisito para a reflexão moral, o que garante certas vantagens epistemológicas para seu uso: "The concept of care has the advantage of not losing sight of the work involved in caring for people and of not lending itself to the interpretation of morality as ideal but impractical to which advocates of the ethics of care often object." (HELD, 2006, p. 9). Mais do que isso, esse abordagem, debruçada sobre a vivência de grupos historicamente sub-representados na cultura e nas ciências – não assumindo, portanto, a neutralidade como um ponto de partida –, permite fazer do cuidado uma via de pensar o mundo que surge da conexão entre valores éticos que permitem enxergar

³⁵ Mais a frente neste capítulo, dedicarei esforços mais pormenorizados à profundidade das possibilidades críticas do cuidado. Por agora, basta entendermos sua capacidade teórica e epistemológica de tornar acessível o encontro entre práticas do cotidiano das mulheres e formas de pensar e sentir que surgem a partir daí.

determinadas conexões estruturais de dependência nas quais estamos inseridos e as práticas das quais essas percepções surgem.

É importante entender que a positivação heurística da prática caminha, necessariamente, por uma consideração do cuidado como uma forma de trabalho cotidiana – que contém desafios e *insights* próprios. Nesse sentido, a perspectiva permite veicular novamente ideias como as de Silvia Federici (2019), que questiona a separação hierarquizante entre produção e reprodução, reforçando a importância dos conhecimentos próprios da experiência do cuidado, considerada como parte fundamental da produção de valor na vida coletiva. Como veremos ao longo dos capítulos analíticos deste texto, a perspectiva do cuidado – sendo, ao mesmo tempo, uma consideração da prática e das experiências das mulheres – permite ir ainda mais fundo em categorias basilares da discussão sobre o trabalho como o valor subjetivamente vivenciado das atividades e do tempo dedicado a elas, promovendo um reexame de categorias fundamentais da teoria social como aqueles propostos por autoras como Linda Nicholson (1996).

Se quero entender como as mulheres que têm de lidar com a saída das suas filhas e filhos de casa vivem e descrevem a si mesmas, parece-me indispensável o uso da capacidade teórica e epistemológica que os estudos do cuidado oferecem ao garantirem pertinência ao cruzamento entre, de um lado, práticas e disposições imersas nos elementos ordinários do cotidiano das mulheres e, de outro, as formas de pensar e sentir que surgem dessas responsabilidades estruturalmente postas e historicamente construídas. Nesse sentido, essa escolha contribui para a composição de uma perspectiva analítica alinhada com a antiga tradição feminista, sintetizada por Angela Arruda, de privilegiar "metodologias voltadas para a escuta dos sujeitos, interessadas na sua experiência e na forma como a relatam." (ARRUDA, 2019, p. 307).

Contudo, garantir visibilidade e pertinência da experiência das mulheres que entrevistei só trará contribuições verdadeiramente profundas se entendermos como uma crítica construída a partir do cuidado pode desestabilizar os termos nos quais geralmente pensamos e explicamos a formação dos sujeitos e sua interação interpessoal. Me dedico a esse tema no tópico seguinte.

3.2 O que uma crítica a partir do cuidado permite ver?

Descrevendo um abalo no modelo de auto-representação pelo qual passavam as sociedades ocidentais no fim do século XX, Boaventura de Sousa Santos (2002) nos disse que

toda civilização segura em frente a si mesma um espelho que lhe confere uma imagem na qual pode se reconhecer. O contexto de sua fala seria o fim da década de 1990, momento que marcaria uma "crise de consciência especular" – uma crise na capacidade de nossas sociedades em verem-se no espelho. Contudo, a expectativa de que uma sociedade, como um todo, reflita a si mesma de forma única e coerente nos diz algo mais importante sobre as maneiras pelas quais esse reflexo distorce o real. A crítica proposta pelos estudos do cuidado serve justamente para abordar as rachaduras que multiplicam as perspectivas através das quais se pode imaginar o real e refletir sobre ele. Mais do que isso, ela nos mostra que, assim como com qualquer espelho, quando um Leviatã vê a si mesmo, o que ele enxerga é, na verdade, uma forma invertida de si. Construída a partir de um conjunto de experiências e debates deixados de lado por aqueles que definiram o que chamamos de Sociedade (com S maiúsculo), a perspectiva do cuidado nos serve, fundamentalmente, para constatar essa inversão e investigar seus efeitos sobre o que pensamos e como vivemos.

Quando me refiro aos estudos do cuidado, me reporto a um conjunto de discussões que, a partir do fim dos anos 1970 e início dos anos 1980, levou a cabo um projeto de pôr em questão os termos nos quais dividimos o masculino e o feminino, a esfera pública e a esfera privada, os âmbitos do que se reconhecia como racional e sentimental, os âmbitos do que era eticamente desejável e do que seria emocionalmente rejeitável, bem como os destinos que itinerários do desenvolvimento moral reservavam para homens e mulheres no que se referia a dependência, independência, passagem pela infância em direção à maturidade da vida adulta etc. Publicado em 1982, pela psicóloga estadunidense Carol Gilligan, *In a Different Voice* é geralmente adotado como marco cronológico para as discussões às quais me refiro, justamente por apresentar a divisão entre uma *ética da justiça* – que retrata o comportamento masculino em nossa sociedade, marcado pela primazia da separação dos indivíduos que interagem a partir de princípios abstratos e generalizados na forma como concebem uns aos outros – e uma *ética do cuidado* – que, descrevendo o comportamento das mulheres, apresenta a possibilidade de colocar a relacionalidade, a interdependência e a concretude da necessidade de outros na frente de formas abstraídas e genéricas de imaginar a relação interpessoal. Contudo, é fundamental notar que esse intuito de retratar uma voz diferente – não sem algum grau de essencialização clínica dos gêneros binariamente concebidos – se dava como parte de um vozerio formado por muitas outras teóricas feministas que elaboravam "um movimento acadêmico mais amplo de desconstrução das formas canonizadas de conhecer em nossa sociedade, a partir da inserção da experiência das mulheres como sujeitos do fazer científico" (TAMANINI; QUAGLIATO, 2022, p. 107).

No fim do século XX, o cuidado se tornaria um ponto de convecção sobre o qual incidiam diferentes perspectivas amparadas na validação epistêmica da experiência das mulheres e no caráter transformador da consideração dos raciocínios advindos da construção histórica e social do lugar da mulher no ocidente, vinculado a práticas e disposições do cuidar nas sociedades ocidentais. Desse encontro surgiu um certo senso analítico – que autoras como Eve Kittay (1999) chamariam de *crítica a partir da dependência*³⁶ – que possibilitou deslocar os discursos ancorados sobre as divisões mencionadas no início do parágrafo anterior e devolver a eles seu caráter contingente, historicamente situado na forma como os gêneros têm sido construídos. Essa perspectiva nos auxiliará a perturbar a tautologia das formas de perceber e falar sobre os itinerários de vida para os sujeitos que vivem em nossas sociedades, bem como problematizar determinados "consensos" que, na verdade, escondem uma enorme profundidade de experiências sobre as quais não se fala.

Dentre as análises que enxergaram na valorização epistêmica e analítica das experiências vinculadas ao cuidado uma via para pensar criticamente a forma como teóricos europeus caracterizam o *self* moderno, está Seyla Benhabib (1995). A autora encontrou na divisão apresentada por Gilligan (1982) a possibilidade de explorar conexões importantes entre pilares do pensamento ético e político ocidental e as maneiras genereficadas de como são concebidos os contornos do que entendemos como as formas normais de amadurecimento pessoal e interação social. Se Gilligan (1982) aponta Lawrence Kohlberg³⁷ como o mais recente em uma linhagem de autores³⁸ que, tomando apenas a experiência masculina como gabarito do desenvolvimento moral, conceberam a individuação e generalização do Outro como critérios para a formação saudável do ser humano, para Benhabib (1995), uma herança ainda mais antiga pode ser vinculada a esse raciocínio.

Muito antes de uma psicologia do desenvolvimento moral (desenvolvida a partir de experiências masculinas) que toma a individuação e a interação social através da razão como plano genérico de concepção dos interesses do Outro como norteador de normalidade e amadurecimento, o sujeito concebido como um ser naturalmente autossuficiente e essencialmente separado e independente de outros já era um pressuposto explicativo da

³⁶ Para a autora, a crítica a partir da dependência (minha tradução para *dependency critique*) vem do trabalho vinculado à dependência (*dependency work*): esse conjunto de atividades de cuidado de outros relegado - histórica, mas não naturalmente - a mulheres nas sociedades ocidentais (KITTAI, 1999, p. 16).

³⁷ Talvez o trabalho que contenha de forma mais representativa a posição em relação a qual Gilligan constrói sua oposição seja *Essays on Moral Development. Vol.1: The philosophy of moral development*, publicado por Kohlberg, em 1981.

³⁸ Entre outros nomes, Gilligan (1982) menciona Erik Erikson (principal referência na definição e normalização do itinerário conhecido como "ciclo de vida" na psicologia norte-americana), Sigmund Freud e até mesmo Jean Piaget como autores que partilham desse pressuposto em suas análises.

teorias políticas que definiram a modernidade vivida a partir de padrões europeus. Tudo se passa como se, para pensadores da paz política e prosperidade de mercado, como Hobbes e Locke, e para pensadores do dever ético e das leis morais, como Rousseau e Kant, explicar o fenômeno da vida coletiva passasse pela uma suposição abstrata do indivíduo sozinho³⁹: imaginando-o, primeiramente, como se surgisse já adulto, radicalmente independente e portador de desejos individuais utilitários, fundamentais e indivisíveis, para só depois examinar racionalmente as possibilidades éticas e morais do encontro entre essas entidades unitárias, deduzindo assim formas de interação desejáveis entre pessoas. Em suma, a decomposição metafísica da condição do humano, imaginado dentro de um contexto historicamente, é extrapolada enquanto um corolário da condição da existência individual. Não sem motivo, o "estado de natureza" se tornaria um recurso explicativo central para teorias hobbesianas e rousseaunianas: "O estado de natureza é o espelho desses primeiros pensadores burgueses no qual eles e suas sociedades são magnificados, purificados e refletidos em sua verdade nua e original". (BENHABIB, 1995, p. 15).

Historicamente localizado, o espaço imaginado para o encontro desses indivíduos também reproduz de forma bastante específica seu próprio contexto social. Herdeiro do contratualismo, o pensamento liberal que serviria enquanto pilar epistêmico para a modernidade européia (e todos aqueles que ela tocou) pressupôs o mercado no processo de concepção do indivíduo (MCINTYRE, 1989, p. 336). Suas características fundamentais – separação do Outro como condição anterior a sua entrada no espaço público de associação, consciência cristalina das próprias vontades, indivisíveis e utilitariamente hierarquizadas e projeção espelhada dessa mesma estrutura interna de intuítos e desejos num outro acessado através da razão – são imaginadas já sob influência do espaço de troca, competição e cooperação de seu tempo histórico. Imaginado como artefato cultural do mercado e concebido concomitantemente como base do pensamento moral, o indivíduo, enquanto sujeito da sociedade liberal é, antes de mais nada, utilitarista:

³⁹ Já é famosa a menção a *De Cive*, originalmente publicado em 1642, em que Hobbes propõe imaginar os indivíduos como se surgissem repentinamente da terra, tal qual cogumelos. Locke, em *Segundo tratado sobre o governo civil : ensaio sobre a origem, os limites e os fins verdadeiros do governo civil* (publicado originalmente em 1689) assume o estado de natureza como realidade histórica na construção de seus raciocínios. Rousseau, por outro lado, elabora o estado de natureza em que baseia seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (publicado originalmente em 1754) em uma metafísica do humano que se recusa a dialogar com evidências empíricas de sua época, preferindo a especulação sobre primórdios da humano a partir do que concebia como sua natureza. Esse indivíduo, para o autor francês, foi feito para funcionar sozinho - sendo esse o eixo central de sua emancipação (ROUSSEAU, 2002, p. 172). Para além dos exemplos pontuais, o caráter substantivo da pressuposição do indivíduo sozinho como base para a arquitetura do sujeito moderno perpassa a obra política dos autores de forma mais capilarizada.

The problem of the self in liberal society arises from the fact that each individual is required to formulate and to express, both to him or herself and to others, a schedule of preferences. Each individual is to present him or herself as a single, well-ordered will." (MCINTYRE, 1989, p. 347).

Dessa forma, não há surpresa em notar que os cenários dentro dos quais foi concebido o sujeito moderno que preenche e exemplifica as teorias morais que amparam as formas de pensar o indivíduo em nossa sociedade não contemplem subjetividades (das mulheres) historicamente imaginadas como pertencentes a outro espaço: o reino do privado, do ambiente doméstico:

A esfera da justiça de Hobbes, passando por Locke até Kant, é considerada como o domínio no qual homens independentes, chefes de família, transacionam uns com os outros, enquanto a esfera íntima-doméstica é colocada para fora do território da justiça e restringida às necessidades reprodutivas e afetivas do paterfamilias burguês. Agnes Heller chamou esse domínio de “lar das emoções”. Um domínio inteiro da atividade humana, nomeadamente, nutrição, reprodução, amor e cuidado, que se tornam a sina das mulheres no curso do desenvolvimento da sociedade burguesa moderna, é excluído de considerações morais e políticas e relegado ao âmbito da “natureza”. (BENHABIB, 1995, p. 14)

Em primeiro lugar, esse tipo de construção histórica reifica um esquema de percepção do mundo que o divide binária e hierarquicamente a partir dos gêneros masculino e feminino, apartando os corpos vinculados a este segundo imaginário espaços como o mercado e a política. Como afirma Joan Tronto: "Most democratic political theories simply *assume the existence of autonomous actors* as the starting point for democracy. From this assumption, such thinkers then see human dependency as a flawed condition or problem" (TRONTO, 2013, p. 31, destaques da autora). Contudo, a questão não para por aí. Para meus objetivos, é fundamental notar que a questão é ainda mais específica do que somente excluir a possibilidade de que mulheres pudessem ocupar os campos sociais mais valorizados e manejar seus modos de pensar e sentir. Para além de todas essas questões, a operação discursiva à qual o contratualismo e os princípios da filosofia moral na modernidade ocidental dão continuidade pressupõe um único modo de funcionamento normal, desejável, saudável para a interação entre Eu e Outro. Na verborragia sobre os fundamentos do sujeito moral que baseia ideias que circularam de Hobbes a Kant, chegando a teóricos muito mais próximos de

nosso tempo⁴⁰, constrói-se uma sistematização normativa dos processos que devem surgir "naturalmente" numa relação entre pessoas.

Os saberes construídos a partir das reflexões sobre as práticas e disposições através das quais as mulheres têm existido de forma social e historicamente atreladas ao trabalho do cuidado propõem um desafio potente a esse tipo de sistematização. Uma concepção relacional do sujeito e sua interação com o Outro abala o enquadramento dentro do qual é possível imaginar o indivíduo que decide e age no mundo. O envolvimento com o cuidar muitas vezes confunde as fronteiras simplistas que concebem o interesse individual e o interesse do Outro como duas entidades fixas e absolutamente separadas. Nas palavras de Virginia Held (2005):

Those who conscientiously care for others are not seeking primarily to further their own individual interests; their interests are intertwined with the persons they care for. Neither are they acting for the sake of all others or humanity in general; they seek instead to preserve or promote an actual human relation between themselves and particular others. Persons in caring relations are acting for self-and-other together (HELD, 2005, p. 12).

Para se referir ao mesmo tema, Kittay (1999) construiu o termo "*self* transparente" (*transparent self*), que se define da seguinte maneira:

This is what I propose with the idea of a transparent self: The perception of and response to another's needs are neither blocked out nor refracted through our own needs. Of course, no self is ever truly transparent in this sense, but such transparency is a benchmark for the self-conception of the dependency worker qua dependency worker. It is a regulatory ideal of the dependency worker qua dependency worker (KITTAI, 1999, p. 52).

Posta dessa forma, a cena de interação interpessoal ganha um tipo de complexidade que o fracionamento individual do qual emerge o sujeito contratualista – e, mais tarde, o sujeito de mercado – simplesmente não contempla. O indivíduo só pode ser visto como tendo seus desejos e vontades claramente tracejados, autodeterminados e transparentes para si mesmo se, por meio de um exercício de abstração, desconsiderar as formas através das quais veio a ser quem é – ou seja, as maneiras pelas quais dependeu de outras pessoas. Observadas sob essa perspectiva, as histórias de muitas das mães que entrevistei surgiram como fruto de simples ações irracionais, impensadas, desequilibradas, demasiadamente emotivas, anormais

⁴⁰ Kittay, em seu livro *Love's Labour* (1999), vincula John Rawls ao mesmo discurso. Lendo o curso de Michel Foucault publicado originalmente em 1979 sob o título de *O Nascimento da Biopolítica*, podemos ver no sujeito que se comporta como empresa - o coração do neoliberalismo ao longo do século XX - a reprodução de valores muito próximos aos da subjetividade à qual tenho me reportado até aqui. Tronto, em *Caring Democracy* (2013) também aponta um recrudescimento dessas formas de pensar como base para o regime neoliberal que marca as últimas décadas da vida nas sociedades ocidentais.

ou até mesmo patológicas. Nesse sentido, o self moderno só pode fornecer os meios para explicar a relação entre pessoas a partir de uma *abjeção da dependência nos corpos*. Com isso, quero dizer que a possibilidade da existência de um sujeito caracterizado pela individuação, liberdade, independência radical e interação com outros primeiramente por meio da faculdade da razão se apoia na expulsão e no desprezo pelas formas de entendê-lo como vulnerável e inserido em uma rede de interdependências diversas. A delimitação da subjetividade e do corpo autônomo só pôde existir – e fazer "funcionar" teorias como as que vimos acima – a partir de uma obscurecida vulnerabilidade da qual precisou se afastar, com a qual não pôde se identificar. A liberdade individual, para se tornar um princípio das teorias da justiça, desenvolvimento moral e política, precisou marginalizar a dependência nos corpos e âmagos humanos.

Marie Garrau e Alice Le Goff (2010) chamam atenção para a vulnerabilidade e a dependência como situações profundamente marcadas pela organização das representações sociais em nossa sociedade. Para as autoras, somos todos fundamentalmente vulneráveis. Na narrativa humana proposta pelas teóricas do cuidado, essa noção de vulnerabilidade enquanto ou circunstância inerente à existência humana transpassa sociedades. É, em suas palavras, "une sorte d'invariant anthropologique" (GARRAU; LE GOFF, 2010, p. 8). Há, nesse sentido, uma fragilidade própria da existência humana desprezada pelas teorias modernas da justiça e moral. Trata-se, afirmam Garrau e Le Goff (2010), de uma ideia que abarca não só as pessoas que vêm imediatamente à nossas cabeças ao pensarmos no que é ser dependente - a figura da criança, do idoso, ou do doente, por exemplo.⁴¹ Essas formas específicas são, aos olhos das autoras, testemunhas da pluralidade das formas de lidar com a dependência. Contudo, nesse jogo de representações, é construída sobre elas uma impressão de exclusividade.

A necessidade de cuidados é uma condição compartilhada, mas "cette condition partagée est obscurcie par un certain nombre de pratiques et de représentations sociales" (GARRAU; LE GOFF, 2010, p. 8). Durante a construção das representações que preenchem os espaços políticos (e subjetivos), ocorre uma identificação seletiva de determinados grupos para que sejam lidos como exclusivamente dependentes ou vulneráveis. Esse "monopólio da

⁴¹ Como complemento ao argumento de Garrau e Le Goff (2010), reforço que a vulnerabilidade que transpassa figuras como a da criança, do idoso ou mesmo a das pessoas com deficiência não são, todas elas, construções históricas que aderem determinados discursos a determinados corpos através de processos sociais específicos. Jean-Jacques Courtine, por exemplo, descreve o processo pelo qual a atenção aos corpos que voltavam da guerra transformaram a percepção e a localização social de determinados corpos na história moderna da França em *Decifrar o corpo: Pensar com Foucault* (2013). A ideia da criança como sujeito dependente também tem suas raízes em um processo histórico de sua valorização dentro da ideia de família que começa a operar na Europa moderna, como mostra Philippe Ariès, em *História Social da Criança e da Família* (1981). Garrau e Le Goff (2010) produzem uma recuperação semelhante, focando-se em como a imagem do idoso se tornou um objeto sobre o qual se projeta uma forma específica de pensar vulnerabilidade e dependência.

vulnerabilidade", afirmam as autoras, se estabelece sobre determinados grupos como uma anomalia, um estigma, um distanciamento das condições normativas pressupostas pelos exercícios de pensamento de autores como Hobbes, Locke, Kant ou John Rawls, por exemplo. O processo de abjeção ocorre da seguinte maneira, nesse caso: é preciso cercar a dependência, acuá-la e afugentá-la em certos corpos para que desapareça em outros. Para que determinados corpos sejam lidos como independentes e, para que sejam a materialização da norma, é necessário que uma operação discursiva empurre a dependência em direção a corpos específicos, para que sobre eles reinar absoluta e reforçar a ideia de exceção contida na forma como o pensamento moderno concebe a vulnerabilidade.

Por isso a crítica produzida a partir da maneira pela qual a discussão em torno do cuidado nos convida a uma reflexão mais profunda sobre os modos de viver e pensar o mundo é particularmente importante para esta pesquisa. Deixado como está, este discurso torna a experiência das mulheres que têm de lidar com a saída das filhas e filhos de casa um fenômeno árido de sentido, raso em sua forma observável. Trabalhando na contramão da aparente obviedade e morosidade com a qual normalmente são veiculadas e utilizadas noções como independência, autonomia e individualidade – ideias que, como vimos, tem sido historicamente sedimentadas a partir de um retorno contínuo aos mesmos parâmetros para pensar o sujeito no pensamento ocidental – a perspectiva na qual me apoio permite chamar atenção para a pertinência de um olhar voltado para o que sentem essas mães e como descrevem o que se passa com elas quando os principais objetos de seus cuidados deixam sua convivência cotidiana. Dessa forma, quando encontrarmos situações em que minhas entrevistadas expressaram dificuldades e ambivalências ao lidarem com o conflito entre o vocabulário que nossa cultura as oferece e suas experiências profundamente calcadas na conexão e interdependência como parte fundamental das maneiras pelas quais pensam e descrevem a si mesmas relacionalmente, poderemos enxergar nesses impasses um imbróglio de proporções históricas contido nas tensões subjetivas vividas por elas. Vistas através das lentes propostas pelo cuidado enquanto perspectiva analítica e crítica, as experiências dessas mulheres poderão, não apenas serem compreendidas em sua profundidade, mas também trarão, elas mesmas, elementos para interrogar noções fundamentais do pensamento moderno, no lugar de serem apenas interpeladas por elas.

3.3 Um sujeito relacional como ferramenta de compreensão analítica

Ao discutir sobre a possibilidade de uma postura ética articulada a partir de uma posição feminista, Tronto (2013) reforça um desenvolvimento fundamental da crítica às tradições de pensamento político e moral que têm marginalizado a discussão sobre as práticas e necessidades do cuidado. Construída a partir desse lugar, uma reimaginação do sujeito aponta para um caminho particularmente frutífero para observar as experiências com as quais interajo nesta pesquisa: "from the standpoint of a feminist ethic of care, individuals are conceived of *as being in relationships*." (TRONTO, 2013, p. 30, destaques meus). O aspecto relacional da subjetividade é algo que caminha conjuntamente com os estudos do cuidado desde seu início. No volume comemorativo da reedição de sua obra, em 1993, Gilligan é clara ao afirmar que seu objetivo não era construir uma espécie de relativização, onde éticas femininas e masculinas existissem paralelamente, carregando verdades irreconciliáveis, sem atrito. A ideia de mover a discussão sobre o comportamento humano de um eixo amparado no relativismo para uma áxis centrada no relacionamento (GILLIGAN, 2013, p. xviii) trazia consigo o intuito de entender a diferença – e a fricção que ela carrega – como constitutiva da experiência humana.

Para que prossigamos, contudo, é fundamental que entendamos que a relacionalidade da experiência e da formação subjetiva da qual falo não é um aspecto inerente a seja lá o que imaginemos como uma existência feminina. Como uma perspectiva historicamente articulada, ela deve oferecer elementos para uma observação que enfatiza as vivências – advindas das práticas e disposições que marcam as posições nas quais corpos lidos enquanto mulheres foram postos ao longo dos últimos séculos vividos sob a égide da modernidade europeia ocidental – que possibilitam enxergar e investigar elementos que as concepções mais tradicionais de subjetividade falham em perceber. O exame das potencialidades da racionalidade enquanto ferramenta de pesquisa só se torna viável nos termos que proponho se compartilharmos de um certo ceticismo que Haraway apresentava, já ao longo dos anos 1980, ao observar os deslizes essencializantes muitas vezes cometidos pelas autoras feministas da época - entre elas, aquelas vinculadas aos estudos do cuidado. Quando a autora nos diz que prefere ser uma Ciborgue a uma Deusa (HARAWAY, 2009, p. 99), ou mesmo que, se Deus está morto, a Deusa também está (Idem, p. 60), vemos aí uma ironia que busca nos alertar para os riscos de uma reificação do feminino que se infiltrou em algumas análises elaboradas por um certo feminismo da diferença no fim do século XX (TAMANINI; QUAGLIATO, 2022, pp. 135-136).

Para os fins aos quais me proponho com esta pesquisa, a ideia de que conhecimentos adquiridos por mulheres a partir de sua posição social historicamente ligada às atividades de cuidado possibilita contemplar maneiras relacionais de observar o mundo e as interações entre pessoas têm a função de evitar dois riscos. Em primeiro lugar, devo evitar o perigo de assumir algo como uma moral *feminina* ou uma moral *das mulheres*. Autoras mais próximas de um maternalismo epistêmico, como Nel Noddings (2013)⁴², por exemplo, des-historizam a figura da mulher para encontrar em sua abstração valores que são próprios de um ponto de vista derivado de marcadores da diferença construídos em formas bastante materiais de lidar com diferentes corpos e seus diferentes lugares na hierarquia social advinda da modernidade europeia. Em respostas a posicionamentos como esses, autoras como Tronto (1997) nos lembram que, caso queiramos levar em conta as assimetrias da valorização de espaços e práticas ligadas aos gêneros, bem como as desigualdades na atribuição da responsabilidade do cuidar, é necessário mais do que uma visão feminina sobre ética do cuidado – uma visão feminista do cuidado é requerida.

Em segundo lugar, devemos perseguir uma forma realista de conceber a relacionalidade. Olhos recém-chegados aos estudos do cuidado podem imaginar que o foco posto sobre as relações como eixo central de observação dos sujeitos e seus encontros coloque ideias como relacionalidade e conflito em lugares opostos. Esse não é o caso. Um mundo visto à luz dos relacionamentos que o compõem e que constituem os sujeitos que nele vivem também contém disputas, dores, sofrimento, estratégias, escolhas, confrontos e diversas outras dinâmicas da vida social observadas em estudos apoiados em concepções epistemológicas mais tradicionais. O que torna a relacionalidade uma plataforma distinta de concepção e observação do mundo é a constatação ontológica fundamental de que, queiramos ou não, estamos conectados. Toda consideração ética, moral, filosófica ou sociológica que parte daí deve conceber posições consequenciais a partir desse princípio fundamental⁴³.

⁴² Me refiro ao livro *Caring. A relationship approach to ethics & moral education*, publicado originalmente pela autora em 1984. A edição referenciada aqui data de 2013.

⁴³ Para autoras como Annemarie Mol (2008), por exemplo, esse cenário torna questões aparentemente simples da análise da ação individual – como a ideia de "escolha", por exemplo – em algo profundamente complexo. Nesse sentido, o cenário ocidental fez da escolha um paradigma individualizante, que tem o efeito de apartar partes da experiência humana para construir um processo de decisão em que corpos e subjetividades possam – à custo da desconsideração das relacionalidades contextuais que constituem nossas vidas – serem vistos como aqueles que decidem sozinhos. Posta como a antítese da conexão e como o lugar mais alto das diretrizes éticas do Ocidente, a autonomia delimita uma lógica da escolha precária e esburacada. Em oposição a isso, a concepção do sujeito relacional que ampara as teorias do cuidado (e esta tese) permite uma análise que se aprofunde na teia de implicações e conexões, comumente subtraídas de nossos exames intelectuais sobre a ação humana.

Dito isso, entendamos de quais ferramentas a racionalidade constitutiva do sujeito contida nos estudos do cuidado pode nos oferecer para compreender as experiências das mulheres que têm de lidar com a saída das suas filhas e filhos de casa.

Quando, por exemplo, Tronto (2013, p. 36) afirma que uma perspectiva relacional é necessária para que possamos fazer sentido da existência humana, do que ela está falando? Entre outros elementos importantes, a autora está se referindo ao que chama de "ponto de partida" (*starting point*) e o que nele é distorcido pela concepção de que começamos nossas vidas como indivíduos separados uns dos outros. Concebendo o cuidado como uma atividade *de espécie*, sua análise se ampara em um dos principais raciocínios de toda essa linha de estudos: a ideia de que, em algum momento, todos os humanos farão uso de algum tipo de cuidado em suas vidas. Essa é a "fragilidade compartilhada" da qual falam Garrau e Le Goff (2010). Essas autoras chamam essa vulnerabilidade partilhada de um invariante antropológico justamente por entenderem que, na materialidade da existência, está inscrita a necessidade de cuidado. Sem dar cabo desse fator elementar, não há agrupamento social que possa existir - ainda que suas dimensões sejam mantidas escondidas pela ausência do debate sobre as condições do cuidar em nossas sociedades (GARRAU; LE GOFF, 2010, p. 26). Dessa forma, uma primeira característica importante da abordagem que pretende contemplar o sujeito relacionalmente é propor uma visão que compete com a abjeção da dependência que tem delimitado a imagem da pessoa humana individualizada à partir da modernidade europeia há séculos. Trata-se de restaurar aos corpos e suas interações um aspecto fundamental que tem sido desconsiderado há muito tempo. Os sujeitos comumente dependem uns dos outros - ainda que nem sempre reconheçam essa dependência.

Contudo, o conjunto de temas postos em foco por uma preocupação teórica e empírica com a dimensão do cuidado em nossas vidas vai ainda mais longe. Como afirma Peta Bowden, em *Caring – Gender-sensitive ethics* (1997), "Caring expresses ethically significant ways in which we matter to each other, transforming interpersonal relatedness into something *beyond ontological necessity or brute survival*." (BOWDEN, 1997, p. 1, destaques meus). Ainda que possamos imaginar os parâmetros mínimos para sobrevivência como elementos simplesmente fisiológicos - como se falassem do corpo em si mesmo, por trás de qualquer estrutura de significação e/ou representação - a verdade é que as relações que as práticas do ligadas ao cuidar geram são sempre *constituídas por e constituintes de* subjetividades socialmente localizadas.

No nível mais fundamental dessa discussão, encontramos argumentos como os de Pascale Molinier, Sandra Laugier e Patricia Paperman. Em *Qu'est-ce que le care* (2009), as

autoras conectam a subjetividade ao cuidado lembrando, por uma via sociológica mais dura, do processo coercitivo pelo qual a socialização se exercesse sobre meninas para que, através de uma "injunção identitária" (MOLINIER; LAUGIER; PAPERMAN, 2009, p. 15, tradução minha), identifiquem-se como verdadeiras mulheres, verdadeiras mães etc. ao ocuparem determinados lugares na divisão social e sexual do trabalho (*Idem*, p. 17). Nesse sentido, o elemento da construção disposicional em direção ao cuidar também é apresentado como elemento fundamental para uma construção generificada do Eu a partir do contato com certas práticas. Do trabalho historicamente dotado de sentidos sociais surge uma estrutura subjetiva, bem como um conjunto de saberes ligados a experiências marcadas pela diferença social. Nesse sentido, conhecer o próprio lugar nas estruturas de cuidado definidas em nossa sociedade se torna uma forma de conhecer a si mesmo.

Versando sobre interdependência, relacionalidade e identidade, Virginia Held (2005) reforça o papel moral e epistemológico dos estudos do cuidado em enfatizar essa conexão:

The ethics of care, in contrast, characteristically sees persons as relational and interdependent, morally and epistemologically. Every person starts out as a child dependent on those providing us care, and we remain interdependent with others in thoroughly fundamental ways throughout our lives. **That we can think and act as if we were independent depends on a network of social relations making it possible for us to do so. And our relations are part of what constitute our identity.** (HELD, 2005, pp. 13-14, destaques meus).

Se as nossas relações são parte do que constitui nossas identidades e determinada consciência da inevitabilidade dessas relações está ligada à experiência uma histórica com a responsabilização das mulheres pelo cuidado nas sociedades que vivem sob o modelo de modernidade europeia, então nota-se que o elemento relacional particularmente visível para as pessoas encarregadas o com cuidado também torna visíveis partes centrais da formação subjetiva – inacessíveis através de formas mais conservadoras supor o que compõe a personalidade individual. Assim, as possibilidades relacionais do cuidado funcionam como uma forma de interrogar modos hegemônicos de conceber o sujeito da (inter)ação social. Dessa forma, Garrau e Le Goff (2010) enfatizam que essa não é uma discussão voltada a descrever a ação moral ou os princípios éticos apenas no seio das relações de dependência. Ao contrário, se trata de repensar o conjunto de nossas relações *enquanto* relações de interdependência – enquanto relações das quais fazemos partes por conta de nossas dependências compartilhadas (GARRAU; LE GOFF, 2010, p. 49). Dessa forma, será possível redefinir a ideia de subjetividade a partir do corolário de que, vista a partir do cuidado, a subjetividade é sempre *relacional* (*Idem*). Enquanto ferramenta epistemológica, uma

concepção relacional do *self* permite, a partir da injeção de um contraste advindo de certas experiências históricas, observar lados que compõem o nosso "eu" aos quais aprendemos a não dar atenção. Essa é a razão pela qual a relacionalidade da qual falam os estudos do cuidado é central para a compreensão do que se passa na vida das mulheres que têm de lidar com a saída de seus filhos e filhas de casa. Sem entendermos a profundidade do cuidado enquanto modo de se relacionar, de perceber e sentir a importância subjetiva da relação para, não estaremos prontos para entender como essas mães vivem e descrevem a si mesmas.

3.4 Dos textos sobre cuidado que discutem maternidade

A partir do que foi discutido até aqui, é possível vislumbrar, de diferentes maneiras, a conexão entre cuidado, experiências das mulheres e a maternidade como tema de análise. De certa forma, a ligação entre a mulher e a mãe – sobrepostas discursivamente a partir do século XVIII na Europa e, mais tarde, nas sociedades reorganizadas a partir da empreitada colonial – é parte importante do processo através do qual as mulheres foram aproximadas socialmente das práticas, expectativas e responsabilidades do cuidado. Nesse sentido, a ideia de que a desvalorização das vivências femininas do cuidado se estende à maternidade motiva algumas das propostas das autoras que produziram trabalhos importantes para os estudos nessa área (NODDINGS, 2013; RUDDICK, 1995; BOWDEN, 1996; KITTAY, 1999). É comum que, aos trabalhos como os de Nel Noddings (2013), que fala do cuidado como "a linguagem da Mãe" (em oposição à "linguagem do Pai"), tenha-se atrelado o rótulo de "maternalistas"; Kittay (1999) fala sobre a ideia de ser "*a mother's daughter*" para contrapor a vulnerabilidade compartilhada da necessidade de cuidado a uma ideologia da autonomia contra a qual essa perspectiva feminista se coloca; Bowden (1997) fala da maternagem como algo próximo a um arquétipo do cuidado em nossa cultura; Ruddick (1995) fala sobre a universalidade do que chamou de "práticas maternas" – um trabalho prático que, sendo imensamente valioso, poderia ser realizado por qualquer pessoa e deveria ser mais profundamente considerado como proposta ética de forma global. Todos esses são exemplos da positivação heurística do cuidado investido discursivamente na figura da mãe.

Contudo, na tradução disciplinar da passagem entre a Filosofia, área em que todos os trabalhos acima foram elaborados, e a Sociologia, essa positivação heurística carrega alguns limites importantes. Em busca de contribuições relevantes para o projeto de compreender

como as mulheres que entrevistei vivem e descrevem a si mesmas a partir da saída de seus filhos e filhas de casa, examino algumas das propostas trazidas pelas autoras citadas acima.

Nel Noddings (2013), é verdade, talvez seja a autora dos estudos do cuidado que mais aceita as premissas de binariedades como homem/mulher, razão/emoção e objetividade/subjetividade em seu trabalho. Não sem motivo é, em oposição à ela que Tronto dirá ser necessário um cuidado feminista, não feminino (1997). Mais do que isso, é central notar que, ainda que descreva seu método a partir de sua oposição ao recurso da formulação abstrata para a análise, a autora comumente cede à necessidade de prescrever atitudes, intencionalidades e até mesmo instintos cuidadosos para o cuidado, a fim de torná-lo objeto de um raciocínio ético. Ainda que coloquiais, seus exemplos são, em sua maioria, anedóticos, marcados pelo que se presume serem suas experiências pessoais. Abstraídas, elas poderiam se aplicar a qualquer um, mas derivam de suas construções individuais, nunca postas sob a lente de sua análise.

Ainda assim, sob a égide do que a autora chamou de "a linguagem da mãe", é possível recuperar um importante esmiuçamento de uma concepção da relação de cuidado. Noddings (2013) lança um olhar bastante pormenorizado para a ideia do encontro entre a pessoa que cuida (*one-caring*) e a pessoa que recebe cuidado (*cared-for*) – concedendo, como sua maior contribuição para esta pesquisa, grande peso à reciprocidade como elemento importante desse encontro. Para além das formas como a autora prescreve quais devem ser as atitudes de cada uma das partes dessa troca ética, é fundamental notar que a iniciativa de destinar à atenção para relação entre essas duas partes é muito potente.⁴⁴ Desenvolver essa sensibilidade para a observação relação entre mães e filhos ou filhas, por exemplo, será central para que possamos entender como é afetado aquilo que a autora chama de "deslocamento motivacional" do cuidado quando pensamos nas continuidades e transformações das rotinas dessas mulheres – ocupadas, entre outras coisas, por práticas e disposições de cuidado –, transformadas pela saídas de seus filhos e filhas de casa.

Peta Bowden (1997), por sua vez, discute a maternidade à partir do cuidado tendo em mente a possibilidade de construir insights epistemológicos a partir da prática (BOWDEN, 1997, p. 5) – essa seria, para a autora, uma forma de evitar acessar essa discussão com a ilusão de partir ou chegar a verdades atemporais (BOWDEN, 1997, p. 6). Essa abordagem pretende entender o exercício realizado pelas mães como um tipo de atividade da qual emergem valores éticos específicos:

⁴⁴ Nas décadas seguintes, esse tema apareceria de forma mais proeminente em formulações sobre as fases do cuidado (TRONTO, 2013).

The complexity of this dynamic process of relatedness undermines the universality of many established understandings of personal possibilities. Hence, conceptions that set ideas of dependency and interdependency in opposition to those of autonomy and independence, or juxtapose courses of creativity and transformation against those of replication and transmission become patently inadequate. (BOWDEN, 1997, p. 22)

Nesse sentido, ainda que não seja a primeira autora a fazer da maternidade um objeto de análise dotado de valor crítico justamente pela conexão entre práticas e valores. Esse é um elemento importantíssimo para afinar nossas sensibilidades à ideia de que a experiência – e não apenas a razão ou a moral, planando em longa duração sobre nossas cabeças – pode conduzir a elaboração de valores que norteiam nossas decisões e relações. Sem ele, não conseguiremos entender conflitos específicos enfrentados por algumas entrevistadas desta pesquisa, que vêm seus desejos individuais – construídos a partir de vidas marcadas pelo cuidado como via de relação com seus filhos – entrarem em conflito com valores hegemônicos sobre qual é o itinerário correto ou normal para a saída de casa, estabelecimento da vida adulta, independência individual etc.

Bowden também poderia nos ajudar a entender como o que chamarei mais a frente de subjetivação maternal se coloca como uma relação indivíduos corporificados e determinados arranjos coletivos quando diz:

Mothering is a realm of potentiality to which all women are in some way accountable. This is not to say that our lives are exclusively dominated by maternal concerns or our relationship to mothering; rather, the powerful association between the womanly and the maternal tends characteristically to demand a response. (BOWDEN, 1997, p. 23)

Essa ideia conseguiria nos ajudar a explorar a relação entre ação e código, o procedimento social através dos quais corpos são lidos a partir de determinados códigos e, respondendo a essa interpelação (seja lá como escolham responder a ela) vivem suas vidas, descrevem a si mesmos e se tornam inteligíveis pelas culturas das mais diferentes formas. Assim poderíamos, esse caminho nos auxiliaria a entender como a interação com discursos como aqueles que sobrepõem a mulher e a mãe marca a vida das entrevistadas desta pesquisa, nas diversas maneiras pelas quais dão sentido a suas identificações enquanto mães. Contudo, conduzindo seu projeto analítico dentro do campo ético, Bowden (1997) retira a discussão de um cenário histórico e cristaliza a leitura sobre o corpo da mulher ao identificar as relações de maternidade como uma "idiossincrasia bio-metafísica" (BOWDEN, 1997, p. 22). Isso torna todo o imbróglio ético proposto pela valorização heurística da experiência materna do cuidar algo que deriva da inserção de seu corpo reprodutivo no campo da ética – ligando

maternidade e mulher à condição biológica. Do corpo (e não de um corpo na história) surgiram as questões éticas da maternidade como "arquétipo" do cuidado.

Há nessa posição uma universalização da mãe à qual não posso aderir. Quando me referir à mãe neste trabalho, estarei falando de uma subjetividade localizada historicamente. Embora a maior parte de minhas entrevistadas vivam vidas marcadas pelos marcadores sociais da branquitude, da classe média e da vida heterossexual – o que talvez faça esse tipo de ressalva parecer trivial –, reforço que destacar que as mulheres que entrevistei vivem e se relacionam com uma construção histórica (e não com um imperativo transcendente) quando se identificam como mães é central para que entendamos a qualidade epistêmica a partir da qual acesso certos sentidos coletivos e individuais ligados às práticas do cuidado e às experiências das saídas de filhos e filhas de casa relatadas pelas entrevistadas.

Mais flexível que a elaboração da experiência materna como algo de natureza bio-metafísica é a forma como Sara Ruddick, em *Maternal Thinking* (1995), discorre sobre o tema. Para a autora, o maternar é amplo em seus contextos: "Mothering in households is joined in many ways with mother in day-care centers, schools, clinics, and other public institutions." (RUDDICK, 1995, p. xii). Isso porque, acessando uma distinção já feita nos primórdios dos textos que circulavam entre as estudiosas do cuidado, na obra de Ruddick (1995) há uma separação aqui entre *birthgivers*, *legal guardian* e *mother*.⁴⁵ O parto – ou qualquer parte do fazer biológico – não é, em sua linha de raciocínio, o delimitante da maternidade. Nem mesmo o amor incondicional, concedido normalmente ao arranjo romantizado entre mãe e filho, é um fator determinante. Para a autora, o cuidado materno não envolve apenas felicidade, mas uma miríade de sentimentos muitos e diversos. Amparando-se no que chamou de "praticalismo" – tomando como referências Wittgenstein e Habermas –, a ênfase de Ruddick se dá nas práticas. A maternidade, da forma como Ruddick a concebe, é um trabalho, não uma identidade. Assim, a definição não requer um arranjo doméstico específico ou uma orientação sexual específica.

Contudo, a ideia da maternidade como uma espécie de papel assexual ou *gender-free* também está fundamentalmente presente aqui. O intuito é tentar reprogramar a codificação da ideia de "mãe" para que, através dela, se reproduzam apenas práticas e disposições, não mais os motivos essencializantes e biologizantes historicamente concedidos como base para a explicação desse comportamento. Trata-se do esforço de extrapolar o maternar para além de

⁴⁵ Em *Reproduction of Mothering*, originalmente publicado em 1978, Chodorow tentaria construir um espaço de respiro crítico de descolamento entre a mulher e a mãe a partir da distinção analítica entre *nurturance* e *mothering*.

sua condicionalidade generificada – tratá-lo como uma ocupação, uma profissão, um lugar-prático a ser preenchido por qualquer um disposto a operar segundo o princípio da atenção respeitosa e carinhosa em relação ao infante. Assim, para Ruddick (1995) a maternidade poderia não mais ser uma prisão para as mulheres, podendo ser também exercida por homens. Essa mesma tentativa de separação entre sujeito e prática também está presente como plano de fundo no linguajar arquetípico de Nel Noddings (2013). Aqui o lugar materno corresponde ao tipo de atenção ao processo do cuidar – independente de quem a ofereça.

Existem dois problemas fundamentais nas pré-condições para a análise da autora. O primeiro deles é definir a ação maternal em torno de seu objetivo consciente. Ainda que tente, a partir de seu praticismo, se livrar das amarras da organização racionalista do pensamento, me parece que a autora incorre no apoio de um sujeito como aquele da Teoria da Escolha Racional. Ainda que esse tipo de explicação – que reconhece no sujeito uma capacidade de ser transparente para si mesmo na escolha de suas decisões – possa explicar a decomposição de determinados tipos de ações, ela parece se restringir a funções ou papéis sociais, imaginados aqui como pequenas profissões em miniatura: ser mãe seria como ser bombeira ou professora. Essa talvez seja uma boa concepção ética do que a maternidade pode ser. Mas, sociologicamente, essa não é uma descrição suficiente do que ela é e como ela é operada. Essa mesma concepção não consegue explicar uma miríade de práticas dentro do contexto social – falo, especificamente das práticas que não necessariamente necessitam de intenção ou de objetivos autoevidentes durante sua realização. A intencionalidade, mesmo quando envolvida num critério coletivo, não dá conta do conjunto de práticas que compõem, por exemplo, a existência de um corpo sexuado ou gendricado.⁴⁶ Como afirmou Ruddick (1995), a mãe é um encargo prático. Mas, para além do que escreveu a autora, a mãe não existe sem uma grande carga histórica que se apoia em uma larga estrutura de leitura dos corpos – com a qual sujeitos devem lidar para que possam construir suas existências individuais.

O segundo problema exemplifica-se quando Ruddick discute sobre a preferência por uma linguagem *materna* em oposição ao que poderia se referir a termos mais genéricos como pais, cuidadores etc. Para justificar o uso do termo "mãe" para descrever as práticas e disposições às quais se refere, a autora retoma a ideia de que, ainda que a maioria das mães

⁴⁶ Tomemos, por exemplo, o gesto de andar – que é, ele mesmo, gendricado. Um homem heterossexual não anda como anda simplesmente por um objetivo consciente de demonstrar sua masculinidade heteronormativa. Ainda que escolhas racionais façam parte desse processo, dinâmicas como a socialização ou mesmo uma delimitação prévia dos códigos sociais que possam ser apropriados e apreendidos para andar são também parte dessa cena.

sejam mulheres, homens também podem ser mães. Logo em seguida, porém, ela define o papel paterno:

Fathers are not, in my terms, simply the male counterpart to mothers. Fathers, historically, are ment to provide material support for child care and to defend mothers and their children from external threat. They are supposed to represent the “world” – its language, culture, work, and role – an to be the arbiters of the child’s acceptability in the world they represent. (RUDDICK, 1995, p. 42).

Ruddick acaba, sem nenhuma delimitação histórica, congelando o modelo moderno e eurocêntrico de família branca. Ainda que promova um esvaziamento formalista desses lugares, eles continuam fixados dualmente. Pode-se ocupar um lugar ou outro, mas esses lugares já são definidos – extrapolados a partir de determinadas construções não reconhecidas. Se seguirmos a linha de raciocínio proposta pela autora, poderemos chegar à família tradicional ou à família tradicional “invertida”, onde uma mulher pode ser pai e um homem pode ser mãe – ainda que essa espécie de potência latente nunca passe de uma hipótese para a autora.

É verdade, como nota Ana Paula Vosne Martins (2005), que Ruddick não propõe uma abordagem essencialista de concepção da mãe e que seu texto surge do comprometimento com a valorização de experiências obscurecidas – ao mencioná-la no capítulo anterior deste trabalho, reconheci o mesmo compromisso. Sua valorização da ideia de um exame prático do cuidado maternal a separa de concepções mais essencializantes da maternidade – como é o caso maternalismo de Noddings (2013). Contudo, também é importante notar os limites de sua proposta, se tomada ferramenta analítica sociológica.

Para Ruddick (1995), tudo se passa como se, em teoria, todos pudessem ocupar quaisquer lugares sociais – deixando menos evidente a necessária consideração dos processos históricos que levaram as pessoas a ocuparem, factualmente, essas posições de inteligibilidade social. Uma sociedade “livre dos estereótipos de gênero”, mas que conserva papéis como o pai e a mãe, da forma como Ruddick o faz, seria uma sociedade que finge não entender as heranças históricas delimitantes e enviesantes (ainda que não totalizantes) postas sobre a ideia de família, por exemplo. Mesmo quando a autora se refere à prática maternal como aquilo que responde às demandas da criança, há uma figura do infante e um conjunto de necessidades historicamente atribuídas a essa figura pressuposta em sua análise que só surge a partir de um novo arranjo europeu, explorado amplamente por Badinter (1985) e Philippe Ariès (1981). Lidas de maneira abstraída de sua carga histórica, essas formas – presumidas por trás da ideia de “prática” na qual Ruddick se ampara – podem ser lidas como atemporais.

Nesse sentido, a mesma crítica ao raciocínio formal de Wittgenstein realizada por Marcuse em *A ideologia da sociedade industrial* (1967) pode ser endereçada à proposta de Ruddick. Uma certa formalização atemporalizante da prática, desconsiderando contextos históricos de maior duração, corre o risco de reproduzir determinadas estruturas ideológicas determinadas por processos políticos que são postos por trás de um véu por dinâmicas que são, elas mesmas, sociais. As figuras da mãe, do pai e do filho, pressupostas nos papéis práticos elaborados pela autora, carregam sentidos sem os quais não conseguiremos entender as experiências das mulheres entrevistadas nesta pesquisa. Assim, embora o apego à ideia de prática seja muito importante para um acesso às experiências da maternidade que não sejam concebidas "de cima para baixo", é necessária muita cautela ao operar a prática como uma forma vazia, aplicada a qualquer situação ou dotada de significados próprios autoevidentes. Para meus interesses analíticos, a historicidade do sentido das práticas é um elemento muito importante – tão importante quanto a multiplicidade de sentidos individuais construídos a partir da apropriação pessoal de significados coletivos. Em oposição a uma espécie de universalização da prática do cuidado materno, adoto uma atenção específica à situacionalidade histórica do cuidado materno como pilar fundamental dessa análise, à qual darei atenção no capítulo seguinte, dedicado às vivências da subjetivação maternal.

Sumariza-se o capítulo lembrando das possibilidades compreensivas e analíticas oferecidas pelo cuidado enquanto perspectiva feminista que, reconhecendo o valor heurístico de uma parte do cotidiano normalmente excluída de nossos raciocínios sobre a explicação de quem somos e como nos organizamos socialmente, descentraliza um modelo específico de sujeito moderno e, inserindo um contraste crítico ao debate, permite delimitar aspectos relacionais da existência que em mundo ajudarão a compreender as experiências das mulheres enquanto mães que tem de lidar com a saída de seus filhos e filhas de casa. Uma crítica construída a partir do cuidado oferece não apenas termos aos quais podemos encaixar esse ou aquele processo do material empírico analisado ao longo do trabalho, mas, ainda mais importante, possibilita construir uma perspectiva analítica – um conjunto de sensibilidades a determinados elementos dos relatos que permite destacar conexões pertinentes no campo. Como se estivéssemos em frente ao forno que transforma areia sílica em vidro, podemos ver como os componentes escolhidos se fundirão na lente por meio da qual procuro entender quais aspectos do objeto observado serão destacados e poderão ser examinados em detalhe pelo que surge através desse encontro. A formação dessa lente de observação da realidade

vivida e descrita por essas entrevistadas trará, acredito, profundidade a elementos da vida cotidiana que demonstram a importante dimensão histórica e social das questões atravessadas de diferentes maneiras por essas mulheres.

4 MÃE: A PLURALIDADE E COMPLEXIDADE DE UM LUGAR SUBJETIVO

The personal pronouns are offered in the service
of a collective function

(Hortense J. Spillers, *Mama's Baby, Papa's
Maybe: An American Grammar Book*, 1987)

Tendo em vista a proposta de explorar os cruzamentos entre maternidade, cuidado e subjetividade através das narrativas das mães que têm de lidar com a saída de seus filhos de casa, este capítulo tem por intuito explorar como as entrevistadas desta pesquisa se relacionam com a maternidade enquanto um lugar subjetivo para, a partir disso, entender como as maneiras pelas quais elas se entendem enquanto mães se relacionam com como experienciam a saída de seus filhos e filhas de casa. A partir desse esforço, trato parcialmente de três dos quatro objetivos específicos estabelecidos no começo deste trabalho. Conhecendo a relação dessas mulheres com as maneiras pelas quais vivem e descrevem a si mesmas enquanto mães poderemos acessar mais um pouco de suas trajetórias biográficas e os lugares que ocupam em suas famílias. Também será possível caracterizar sua relação com seus filhos e filhas ao longo dos contextos em que as saídas ocorreram. Da mesma forma, esta seção também possibilitará identificar e analisar os discursos e sentidos coletivos acionados por essas mulheres para organizar, expressar e tornar visível suas próprias histórias.

Debruçando-me imediatamente sobre como esses elementos se encontram e afetam uns aos outros em seus relatos, será possível, ao longo do trabalho, analisar importantes reverberações do processo da saída de filhos e filhas de casa nas maneiras pelas quais essas mulheres vivem enquanto mães. Cruzando esses relatos com eixos da conceituação sobre subjetividade e maternidade, esta empreitada analítica poderá compreender a profundidade dos processos acessados ao longo dos relatos das entrevistadas. Da vasta produção de textos que discutem maternidade e subjetividade à partir dos estudos de gênero e da teoria feminista, escolhi dialogar com alguns que permitem observar como se conectam discursos e experiências através de uma atenção específica lançada sobre os processos de construção social e histórica das formas de subjetivação. Dessa forma, investigo, nos relatos dessas mães, a relação entre, de um lado, vivências pessoais e, de outro, as imagens de um vocabulário culturalmente constituído a partir do qual essas vivências se tornam elaboráveis e comunicáveis.

Apropriando-me do fraseamento elaborado por Ana Paula Vosne Martins (2005, p. 63), em seu texto sobre as memórias das mulheres a respeito da transição do parto doméstico para o parto hospitalar nas duas gerações de mulheres que se tornaram mães dos anos 1940 aos anos 1970, penso ser acurado dizer que este capítulo se foca nas relações entre, de um lado, as narrativas da diversidade de práticas e sentimentos nas vidas dessas mulheres e, de outro, no conjunto abstrato e ideológico de naturalizações sobre a mãe e a natureza feminina que permeiam os códigos e discursos veiculados em nossa sociedade. Assim como Martins (2005, p. 63), busquei, nesta seção, lançar um olhar para como essas entrevistadas tomam convenções sociais sobre a maternidade e as usam para explicar sua própria identificação enquanto mães.

O capítulo se divide em quatro partes. No primeiro momento, analiso a identificação de minhas entrevistadas enquanto mães, explorando o que a maternidade significa em suas vidas. Dessa forma, será possível partir de concepções particulares sobre a identificação maternal, seguindo as maneiras pelas quais elas aparecem nos relatos das entrevistadas. Aos poucos, será possível notar que as formas como essas mulheres vivem e se identificam enquanto mães se relaciona a um conjunto de discursos e imaginários localizados historicamente e herdeiros de construções sociais a respeito do amor entre mãe e filho e dos traços fundamentais dessa relação. Essa complexa plataforma subjetiva oferecida por um lugar constituído sócio-historicamente será explorada na segunda parte do capítulo. Em seguida, reforçando o compromisso com a compreensão das formas empíricas de viver a maternidade na vida das entrevistadas, a terceira seção do capítulo explora a importância dos filhos e filhas como parte dos projetos pessoais das mulheres com quem conversei ao longo da pesquisa. Por fim, para que seja possível caracterizar de forma suficiente as maneiras como essas mulheres vivem e descrevem a si mesmas enquanto mães, analiso as menções das entrevistadas a outras esferas de suas vidas para que possamos conhecer a especificidade de suas trajetórias pessoais e evitar tratar suas experiências de forma homogênea.

4.1 Identificar-se enquanto mãe

À título de desambiguação e especificação da forma como a ideia de mãe será tratada neste trabalho, penso em explorar os termos nos quais as mulheres com quem conversei definem a si mesmas dessa maneira. Com exceção de minhas entrevistas exploratórias, todas as entrevistadas foram perguntadas sobre o que *ser mãe* significava para elas. Vejamos como elas estabeleceram os significados da maternidade em seus relatos.

Claudia – que, pouco antes, havia me dito que "não tinha pensado em não ser" mãe – falou sobre as contradições de sua impressão da maternidade. A entrevistada conta que se sente realizada cuidando de seus filhos. Mais do que isso, ela enfatiza como o nascimento de sua filha inaugura uma nova (e, em suas palavras, mais definitiva) compreensão sobre o que era o amor:

aí... são muitas contradições... muitas contradições ser mãe né. Ser mãe é muita alegria e é muita tristeza. mas eu acho que a maior parte é... como eu gosto dessa sensação de estar cuidando, organizando, controlando... me realiza, né... me realiza estar ali olhando pelos dois, tentando me meter na vida dos dois [risos]... tentando dar o meu pitaco, resolvendo... então me realiza. Uma vez eu falei que quando a Beatriz nasceu eu descobri o que era amor. Porque quando... até a Beatriz nascer eu não tinha certeza o que era amar alguém. Entendeu? Eu sabia o que era... eu me apaixonei pelo meu marido; eu amava a minha mãe, mas eu tinha 21 anos quando eu casei. E fui morar junto... hoje 21 anos é um adolescente né [...] Então, quando a Beatriz nasceu eu tinha 23. Nossa... foi... um turbilhão. São emoções assim de você passar horas do dia olhando pra aquela bebê no berço e achar "meu deus! é a coisa mais perfeita do mundo que você já fez!"... então eu acho que é um turbilhão muito grande de amor que inunda você. (CLAUDIA, 2022, Entrevista III).

Quando conversei com Muriel, ela me contou que sempre quis ser mãe. A entrevistada relata que planejou ter seus dois filhos. Ao mesmo tempo, sua fala discute uma outra complexa junção contida no significado da maternidade em sua vida. Esse encontro é marcado pela coexistência do amor contido na doação de uma mãe (mas não um pai) pelos seus filhos e das responsabilidades práticas e financeiras ligadas às vidas e as vontades deles:

aí, Henrique... é a doação, é amor, é você abrir mão de muitas coisas que você tem – não só de bem material, mas abrir mão espiritualidade, abrir mão do seu tempo. É você planejar sua vida com uma pessoa que depende de você, é a responsabilidade que você tem em ser mãe né... esse é um dos pontos que, digamos, eu sempre me calquei... "nossa, eu não vou conseguir dar isso pros meus filhos, o que eu vou fazer? eu vou arranjar um freela", sabe? Então eu trabalhava, sei lá, eu tinha quatro, cinco empregos porque eu queria dar o melhor pra eles... o que, em casa, sempre foi a educação. Eu lutava muito pra manter o Medianeira, o Medianeira era caríssimo – acredito que ainda seja. E não vem só isso né, Henrique?! Filho vem com um monte de coisa: "quero fazer aikido", "quero fazer natação", "quero fazer música" e daí você acaba tirando leite de pedra, você dá um jeito [...] Então tem essa coisa da grana que infelizmente rege toda essa bagunça e tem esse lado amoroso, entendeu? Esse carinho, essa doação que uma mãe dá com aquilo que ela tem prum filho. Eu já não vejo que o pai é assim, né... pelo menos o meu ex-marido não foi assim (MURIEL, Entrevista IV, 2022).

Respondendo a essa mesma pergunta, Nida, que também relatou sempre querer ter sido mãe, apesar de dificuldades médicas indicassem a improbabilidade de engravidar, liga o cuidado materno ao que enxerga como a beleza do vínculo entre mãe e filho e à preocupação

com seu bem-estar, que persiste mesmo depois da maioridade dos filhos e filhas e, muitas vezes, ignora as condições de vida da própria mãe:

ai... como que eu vou definir pra você ser mãe... eu acho que ser mãe é você estar cuidando sempre né... é um vínculo... fala-se assim: "ah, cortou o umbigo...", mas eu acho que é assim... é de uma beleza tão intensa porque... assim... saiu d'a gente... um pedacinho d'a gente... e você olha ali e você fica buscando semelhança... eu acho que ser mãe é você cuidar pra que eles estejam sempre bem e não deixar nada de mal acontecer porque é sua... é minha responsabilidade pra sempre... não é porque fez 18, 22 anos... eu vou ser mãe pra sempre porque... eu posso estar arreventada, mas eles têm que estar bem porque eu seguro o rojão... tipo assim.. não toque nos meus filhos... não toque nas minhas jóias porque não foi feito pra ficar... pra brincar com eles... então eu acho que... é preocupação, tem hora que é dolorido, mas os momentos de alegria, de felicidade são maiores né.. não tem [...] então eu acho que ser mãe é uma missão grande porque a responsabilidade é grande e pra mim. No meu entender, é pra sempre... nunca vou deixar de ser mãe do Túlio e da Isabela. Então é muito amor... (NIDA, 2022, Entrevista VI).

Também enfatizando a centralidade do cuidado na forma como concebe o significado da maternidade, Mel ressalta a importância do bem-estar de seus filhos para seu próprio bem-estar, falando também sobre como ser mãe é um aspecto de sua vida sem o qual ela não poderia ser quem é hoje. A entrevistada me contou que, desde o seu casamento, também planejava ser mãe. Perguntada sobre o que significa a maternidade em sua vida, ela disse:

tudo... tudo... é a minha paixão... nossa... meu deus... meu deus... é o meu motivo de existir... às vezes eu me pego pensando... deus o livre... às vezes eu vejo mães que perdem os dois filhos num acidente... eu, pra mim, acabou a vida... é tudo! Tudo... pra mim é tudo, sabe? Se eles não tão bem, eu não consigo ficar bem em hipótese alguma. Então, pra mim, eu deito e amanheço invocando o espírito santo sobre eles... que ele se sintam tão alegres, tão felizes né... que o coração transborde. Porque eu sei que a gente tem tantos momentos assim que... é uma coisa interessante... ninguém é feliz 100% do tempo, isso é mentira! Nem com todo o dinheiro do mundo... nem com todo... eu acho que ninguém é feliz o tempo inteiro... então eu peço tanto assim que eles se realizem... eu rezo pelos filhos assim dia e noite... realmente eu acho que assim, pra mim, ser mãe é tudo. Se eu não pudesse ser mãe... olha, eu vou te dizer... eu ia ser muito frustrada, muito... eu ia ser muito infeliz porque eu acho que pra mim não existe nada na minha vida que seja mais importante do que ser mãe. (MEL, 2022, Entrevista VII).

De forma parecida, Chica – que não planejou seus filhos, apesar de querer ser mãe desde sempre – destaca a intensidade e a complexidade dos sentimentos ligados aos significados de ser mãe. A entrevistada fala sobre a ambivalência de sentimentos positivos e negativos que se misturam em sua experiência. Mais do que isso, os sentidos da maternidade também acompanham questionamentos que apontam para o peso da maternidade na construção de quem ela é:

nossa, cara... é uma loucura né... significa você ... aí... eu não sei nem te explicar direito. A questão de a gente amar assim de uma forma assim que você não consegue explicar, entendeu? Que dói... um amor que chega a doer... porque você tem preocupação, porque você quer proteger ... aí é uma loucura esse negócio de ser mãe. Tava pensando nisso esses dias... d'a gente realmente padecer no paraíso, sabe? De você amar tanto e você não conseguir dormir mais direito, e você não conseguir comer direito e você se sentir bem por isso... é uma loucura... é uma coisa realmente inexplicável... aí você cresce cuidando da sua vida, pensando só em você e aí você tem que pensar em outra pessoa, mudar sua vida por outra pessoa... é... a gente sofre sendo mãe, sendo pai, sabe?... é uma sofrência assim que você fala "gente, como é que pode a vida d'a gente ser desse jeito? Você olhar pra aquela pessoinha e você amar de uma forma assim que chega a doer?"... é você se calar, sabe? Eu já me anulei, eu já deixei de fazer coisas na vida por ser mãe, sabe? A gente se anula, a gente deixa de ser a gente mesmo, entendeu... aí é uma loucura... Eu já me peguei várias pensando "gente, e se eu pudesse voltar atrás, passando por tudo o que eu passei? Será que eu ia querer ser mãe de novo? Será que eu ia querer ter filho?" sabe... porque a vida d'a gente nunca mais tá nos eixos depois que você tem filhos... e é você amar essa loucura toda, sabe, apesar de ser louco... aí eu pensei "será que eu ia querer?", "não... eu iria, eu iria..."... eu não seria eu hoje se eu não tivesse meus filhos... né... (CHICA, 2022, Entrevista IX)

Respondendo à mesma pergunta, Carla – que mencionou querer ter aproveitado a vida e ter feito coisas diferentes antes de ser mãe – se viu bastante emocionada ao mencionar como se sente a respeito de ser mãe e da forma como vê a si mesma no investimento afetivo e subjetivo feito em suas filhas. Para além, a entrevistada também fala da experiência do surgimento de um "eu" que até então ela disse não conhecer:

C: assim... como é que eu vou te dizer... muitas pessoas... muitas mulheres dizem assim: "ah.. ser mãe é a melhor coisa da minha vida"... sabe assim... se eu fosse responder há alguns anos atrás eu ia falar assim... Ser mãe me despertou ser uma pessoa que eu não conhecia em mim, sabe? É uma pessoa que... aí... vou até chorar [Carla começa a chorar]

H: tudo bem... fica tranquila...

[silêncio... Carla segue chorando]

C: elas são tanto de mim, sabe? Me segurando... elas... é como eu te falei... eu não queria ser mãe já de cara, mas eu descobri que é a melhor... aí... são a melhor parte de mim... elas são sem dúvida nenhuma a melhor parte de mim... eu posso ser N coisas, mas a melhor parte de mim está na Eduarda e com a Larissa. Desculpa! [chorando bastante] (CARLA, 2022, Entrevista V)

A conexão entre quem se é e o sentido da maternidade também é trazida de forma rápida, mas potente, por Atalia. Bastante religiosa, a entrevistada tinha receios de não conseguir conciliar maternidade e trabalho. Quando conversamos sobre os sentidos da maternidade em sua vida, Atalia ligou a experiência de ter seus filhos ao que chamou de

complementação da sua felicidade enquanto mulher. Mais do que isso, ela diz que o significado de sua vida está atrelado à experiência de ter filhos, apesar das preocupações:

A: [...] e eu falei "poxa... é tudo que eu queria ouvir, esse coração batendo... tem realmente uma criança..." tá aí a complementação da sua felicidade... a mulher se sente completa - eu acho né - com a vinda dos filhos, o cuidado dos filhos... então tem seu lado profissional, mas tem seu lado familiar que os dois juntos te levam ao que você é...

H: sim, sim... entendi... e o que significa ser mãe pra você?

A: ser mãe pra mim, hoje em dia, é tudo de bom que eu posso ter. Eu não sei como seria minha vida se não os tivesse... eles preenchem, eles ocupam qualquer espaço que tiver faltando, eles não me deixam triste... sinto preocupada com eles? sinto... oro muito por eles... mas não teria significado se não estivesse na minha vida. (ATALIA, 2022, Entrevista VIII)

Quando conversávamos sobre o tema, Marisa reforçou sua vontade de ser mãe por querer "viver todo o ciclo da vida", que incluiria crescer, estudar, casar, ter uma profissão, ter filhos etc. A entrevistada também ressalta como a experiência maternal lhe permitiu conhecer o mundo de novo através da sua relação com as trajetórias de suas filhas. Sobre o significado da maternidade, ela disse:

ser mãe me permitiu redescobrir... por exemplo, quando eu falei "olha lá o avião"... quando eu não tinha elas, o avião passava... aí quando você tem filhos... você redescobre o cachorro, a florzinha, o avião que tá passando. Então é uma forma de você redescobrir a vida. Assim como quando você vai pra um país totalmente diferente do seu, você age que nem uma criança... você redescobre a vida. Eu acho que... pra mim filhos é isso... eu redescobri a vida... os pequenos detalhes da vida. Depois, com o crescimento delas novas ideias ideias... coisas que pra mim não fariam parte do meu horizonte passaram a fazer... como por exemplo a minha filha mais nova ter escolhido uma coisa na área de biológicas, algo que nunca passou pela minha cabeça... com ela eu aprendi sobre bactéria, vírus, um monte de coisa... o fato de a minha filha estudar lutheria me trouxe pro mundo de madeira... madeira tem... ela fez um curso, acho que era uma das disciplinas... acho que era anatomia da madeira... então assim... e ela comentava... então eu acho assim tão interessante você por dois seres na sua vida que trazem... te tiram do teu quadrado e você aprende... claro que também não é tudo alegria, tem coisas bem complicadas. A Erica, por exemplo, reprovou duas vezes, passou na terceira, a mesma matéria... eu nunca tinha reprovado na vida... nunca reprovei na vida e aí... nossa... a reprovação dela foi pra mim um soco na cara... nossa... ao mesmo tempo que é um aprendizado... hoje em dia quando eu vejo um aluno meu reprovar 2 vezes eu penso "não... pode ser que na terceira ele passe"... eu olhava sempre como uma loser - os americanos falam loser - o perdedor o cara que reprovava... e daí quando eu vi isso de perto na pele da minha filha me fez ver o mundo de uma outra forma, ver os alunos de outra forma, inclusive. Com um pouco mais de compaixão... então isso que eu vejo que foi interessante de tudo que eu vivi e vivo ainda... porque eu ainda vivo ainda, aprendo coisas com elas o tempo todo. Esse ano de eleição elas vão querer ir prum lado, eu vou querer ir pra outro... certamente... e aí a tua segunda pergunta... faça de novo que eu não lembro... (MARISA, 2022, Entrevista XI)

Priscila, por outro lado, disse nunca querer ter tido filhos, tendo engravidado duas vezes por conta de falha em métodos contraceptivos e do que ela definiu como "uma fase de ignorância". A entrevistada destaca aspectos negativos da responsabilidade que, em suas palavras, está atrelada à maternidade. Falando sobre o mesmo tema, ela ressalta a ingrata recompensa pela esforço da criação dos filhos e a complexidade de vincular a própria vida e os próprios esforços de cuidado a pessoas com gostos e necessidades específicas:

eu acho que filho é muita responsabilidade tá... é muita responsabilidade... é engraçado que eu lembro que eu era bem jovem... eu sempre gostei muito de televisão, de cinema... e eu lembro de uma artista... eu lembro da fala dessa artista, mas não lembro que artista que é... e ela fala assim... "tenha filhos e depois eles vão crescer e escrever um livro do quanto que você é uma pessoa má"... e foi uma fase em que eles falavam... os filhos dessas atrizes dos anos 60, 70... viviam esbrachando os pais, escrevendo livros "minha mãe foi isso"; "minha mãe foi aquilo" e nesse período essa atriz falou isso... "tenha filhos que..."... e eu sempre achei que ter filhos é uma responsabilidade muito grande porque... sei lá... você tem que gerir a vida de uma pessoa... esses dias eu vi algo... uma análise assim... pensa... você tem que gerir, cuidar, dar proteção, dar carinho, alimentar... tudo pra outra pessoa... você é responsável por tudo... pela segurança, pela alimentação, pela saúde... por tudo ... pela diversão... de um outro ser. E nem sempre aquilo que você acha ... quer aquilo que você quer... Os meus filhos sempre... nunca quiseram aquilo que eu... digamos... ah.. eu nunca tive uma bicicleta, eu não sei andar de bicicleta... eu dei uma bicicleta pra eles, eles não ligaram... pra mim ir à praia a primeira vez... "nossa! que maravilha ir à praia!"... pra eles... (PRISCILA, 2022, Entrevista X)

Mais à frente, a entrevistada fala sobre a constrição que a ligação entre mãe e filhos representa, como um contrato vitalício, mas unilateralmente desbalanceado em termos do que cada uma das partes traz para a relação:

é... porque eu acho assim que é uma coisa muito... é tipo assim... é como se você ser mãe é um contrato vitalício que você só tem... eu vejo assim... é como se fosse... eu não sei, eu vejo... eu já dei aula de Sociologia... é uma disciplina que eu gosto muito... Filosofia até... agora essa informação... eu me apeguei e eu sou muito observadora. E eu vejo outras histórias e eu não sei o que que as pessoas sentem prazer nisso... eu não sinto isso... porque é uma relação, assim... vamos dizer... unilateral... só "venha a nós", "o vosso reino" não tem... então assim... eu, das pessoas que eu já convivi, das pessoas que eu conheço... 90% se queixa da mesma coisa... só que elas não tem essa fala... mas se queixam de que não é uma relação assim de duas mãos... não é uma via de duas mãos, assim... é só uma via... então eu acho muito desgastante e é uma coisa que eu não quero pra mim, sabe? Essa... eu não quero isso pra mim... (PRISCILA, 2022, Entrevista X)

Seria ingênuo esperar que uma única formulação pudesse dar conta da variedade de elementos trazidos nas citações acima. Há, nos relatos dessas entrevistadas, uma miríade de sentimentos, representações, opiniões e experiências que, ainda que possam ser aproximadas

umas das outras, têm traços únicos e específicos. Contudo, talvez com a exceção de Marisa, quase todas as entrevistadas se remeteram, positiva ou negativamente, a uma imagem da mãe que se atrela a um conjunto de representações marcado por responsabilidades, vínculos, doação individual, amor e identidade pessoal – cruzamento característico de uma imagética materna consolidada na modernidade europeia e, mais tarde, transportada para os países que teriam seus modos de vida afetados por suas relações com a Europa. Cláudia, por exemplo, nos fala sobre a sensação de realização pessoal na maternidade – "a melhor coisa que você já fez!" – e sobre ser inundada pelo amor que marca a relação com sua filha. Muriel, por sua vez, inscreve a experiência da doação individual, do planejamento da própria vida que leva em conta a dependência de outras pessoas em seu horizonte e do carinho como algo próprio dos significados da maternidade para a mulher. Nida, reforçando sua alegria por ser mãe, lembra-se que a maternidade significa o cuidado e a preocupação constantes com os filhos. Chica fala sobre sua maternidade como um amor que dói, que interrompe o sono e mudou para sempre sua vida a partir da vida de seus filhos e filha. Mesmo Priscila reconhece – mesmo em um tom diametralmente oposto ao das outras entrevistadas – o peso das responsabilidades e comprometimentos envolvidos no "contrato vitalício" que dá forma a sua em sua definição do que é ser mãe.

Como demonstrou Elisabeth Badinter (1985), o fim do século XVIII e o início do século seguinte marcam a cristalização de um ideal para o amor materno que, relacionalmente, fez da mãe um eixo de inteligibilidade para a experiência das mulheres em relação a seus filhos. A autora (BADINTER, 1985) mostra que a construção social do amor materno ressurgiu na modernidade europeia como um ponto de intersecção entre os saberes econômicos, médicos, religiosos e morais. Os economistas, maravilhados pela invenção da demografia, inseriram-na como elemento central na geração de filhos para o enriquecimento da nação através da ideia de população – ímpeto importante daquilo que Foucault (2005) chamaria de biopolítica: o interesse em construir mecanismos de entendimento e controle que têm a função de otimizar a vida como estado produtivo. O conhecimento pediátrico – e, mais tarde, a biologia reprodutiva, como demonstra Thomas Laqueur (2001) – anatomiza o instinto e o destino materno no corpo da fêmea humana branca européia. Ao mesmo tempo, à medida que a criança ganha valor nas sociedades europeias, o clero passa a reforçar a sobreposição da imagem edificante de Maria, mãe de Cristo, àquela da “boa mãe”, circulante entre a aristocracia e a burguesia ascendente. Num sentido parecido, os argumentos da dignificação e a satisfação individual com a empreitada maternal serviram como engrenagens de uma mecânica social utilizada pela pedagogia moral – e mais tarde, a psicanálise – em função da

solidificação da maternidade como projeto de vida de larga escala para as mulheres subjetivadas a partir dos modelos europeus de existência. Como disseram Guattari e Rolnik (1996, p. 28): "a produção da subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção". Nesse sentido, o biopoder ofereceria um lugar subjetivo habitável à mulher, lida à luz do elogio à maternidade, desde que essa se sujeitasse à narrativa do instinto materno devotado ao seu papel reprodutivo.

Como mostram Barbara Ehrenreich e Deidre English (2003), à medida que a descoberta biopolítica da criança reverberou ao longo da maior parte do século XX, também ecoaram os ecos da responsabilização materna pela figura do infante. Segundo as autoras, o momento de transição demográfica do *fin de siècle* construía sobre filhos e filhas uma expectativa futura sobre os destinos das nações. Essa centralidade biopolítica da criança exerceu um efeito gravitacional que atraiu corpos e discursos em torno de uma massiva reimaginação da família – processo através do qual uma gigantesca carga discursiva seria investida sobre a maternidade como subjetividade inteligível e sobre a relação mãe-filho como um dos pilares dessa formação do Eu para o que se convencionou chamar de mãe-esposa⁴⁷. Como lembram Ehrenreich e English (2003, p. 229), esse é o momento em que vida privada se torna um fim em si mesma: o universo doméstico passa por uma proliferação de sentidos, na qual cada pequeno detalhe da vida cotidiana ganha grande importância na construção da personalidade materna como a responsável pela harmonia da casa e pelo desenvolvimento de seus filhos e filhas. Nesse arranjo, a antiga herança do elogio à maternidade constituída em torno da figura da rainha do lar⁴⁸, que é transportada para um futuro onde a descoberta da importância da criança se torna também a descoberta de um poder exercível pela mulher enquanto mãe. Essa autoridade, não esqueçamos, é condicionada à ocupação do lugar subjetivo maternal: para exercer poder, é necessário ser sujeito.

Ehrenreich e English (2003) demonstram que, ao longo do século XX, a família e a maternidade passaram por uma nova efervescência de sentidos e discursos que surgiam e se relacionam uns aos outros através de intensas trocas, substituições, disputas e relações internas – dinâmica borbulhante própria de um ambiente eleito pela modernidade ocidental como parte central das explicações (positivas e negativas) sobre caráter e do futuro da nação.

⁴⁷ É necessário reforçar que a imagem da mãe-esposa é constituída por importantes limites políticos e epistêmicos, mesmo dentro do feminismo: autoras como Patrícia Hill Collins (2000) e Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2021) mostram que imagens como essas não só não descrevem a experiências de mulheres negras no mundo ocidentalizado, como falham em apreender a complexidade de contextos anteriores àqueles que se instalaram após a empreitada colonial.

⁴⁸ Ana Paula Vosne Martins (2013; 2015) destaca a imagem da "rainha do lar" como parte das prescrições à devoção e à presença vigilante da mãe, que surgem como valores fundamentais para os processos de investimento discursivo no amor materno a partir dos séculos XVIII e XIX.

Da mãe científica à mãe masoquista – passando pela mãe rejeitadora, a mãe narcisista, a mãe que trabalha, a mãe responsável pelos trabalhadores da nação, a mãe moralmente culpada pelo desempenho de países em guerras etc. –, uma coisa permanece: mãe e filhos seguem sendo protagonistas de uma trama de leitura dos corpos e construção das subjetividades de forma coletiva e relacional.⁴⁹

Esse tipo de o ímpeto coletivo de preocupação e produção discursiva sobre a maternidade e a relação mãe-filho estão presente no Brasil há bastante tempo tempo⁵⁰ e, ao longo do último século, têm se capilarizado de diferentes formas. Um importante exemplo desse tipo de veiculação de sentidos e prescrições práticas é a revista *Pais e Filhos*, que surge entre fim dos anos 1960 e início dos anos 1970 – idade em que a maioria das minhas entrevistadas nasceu. Segundo Georgiane Gabriely Heil Vazquez (2015), que analisou 384 números da publicação em sua tese, a publicação de tiragem popular constrói, em vocabulário nacional, um modelo de maternidade amparado no amor e no cuidado irrestritos e constantes por parte das mulheres que já são mães e daquelas que um dia seriam mães (VAZQUEZ, 2015, p. 66). Mais do que isso, a revista também auxiliou na simplificação, difusão e ampliação dos discursos médicos sobre a maternidade que, assim como na Europa, receitaram a dedicação, a abdicação, o afeto, o amor incondicional como modelo da relação mãe-filho saudável e natural (VAZQUEZ, 2015, p. 201).

Não se trata, é claro, de afirmar uma simples influência direta dessa revista específica sobre minhas entrevistadas. Esse tipo de interpretação construída "de cima para baixo" não me interessa. Com a menção à *Pais e Filhos*, meu intuito é demonstrar que existem diversos exemplos brasileiros que também veiculam essa discursividade que lê o corpo da mulher e pressupõe seu destino maternal de uma forma específica. Mais o que isso, parece-me que o recorte etário das mulheres com quem conversei indica uma geração⁵¹ que, em comum, tem a

⁴⁹ Em seu estudo sobre a maternidade na segunda metade do século XX, Badinter (2011) reforça que, mesmo sob as diretrizes hedonistas e individualistas do final dos anos 1970 e 1980 – fenômeno ao qual Ehrenreich e English (2003) se referem como uma cultura da auto-gratificação –, o Ocidente segue reafirmando a maternidade como um elemento referencial no horizonte da mulher – agora por vias naturalistas e/ou focadas na ideia de filho como projeto pessoal. Entre suas exigências contraditórias e a sombra do fracasso enquanto mãe, a maternidade segue, usando as palavras de Badinter (2011), oferecendo benefícios identitários insubstituíveis.

⁵⁰ A título de exemplo, pode-se citar uma importante figura da história moderna do Brasil. Refiro-me à "mãe higiênica" – analisada por autoras como Solange Maria Sobottka Rolim de Moura e Maria de Fátima Araújo (2004) e Jurandir Freire Costa (1979) – que, no começo do século XX, formava parte de sua subjetividade em torno da aplicação dos padrões civilizatórios e biopolíticos organizados a partir do Estado em sua própria casa.

⁵¹ Seguindo as considerações de Sirinelli (2006), trato essas mulheres como parte de uma geração – unindo-as metodologicamente a partir da condição de serem expostas e terem de se relacionar com o elogio da maternidade e com os discursos que pretendem apresentar a verdade da relação mãe-filho dos quais tenho falado até aqui. Faço da trajetória dessas mulheres, juntamente à interação constitutiva delas com a cultura na qual estão inseridas, a engrenagem que move o tempo histórico em minha análise. Ciente da importância interpretativa contida no esforço de distinguir as respirações que se referem à passagem do tempo histórico, assumo-as tocadas pelo longo fôlego dos aparatos discursivos aos quais tenho me referido nesta tese.

exposição a códigos de inteligibilidade e produção da subjetividade que versam sobre feminilidade na família e na relação mãe-filho. Global e localmente, essas entrevistadas cresceram e se tornaram mães e um contexto onde se referir a si mesma através deste nome ("mãe") significava entrar em contato e se relacionar com as ideias que ofereciam um lugar sólido para o amparo subjetivo – disponibilizando uma forma sólida de responder à pergunta "quem sou eu e como me vejo enquanto mãe?". Essa constatação, obviamente, não significará uma reprodução mecânica desses discursos, mas nos ajudará a entender o quadro de referência onde a identificação maternal se torna possível.

O resultado desse processo é a constituição de uma estrutura de sentimentos que, amparada na ideia de amor materno – constituído como um destino biológico, elogio da natureza moral feminina e meio de gratificação subjetiva –, conecta mãe e filho como subjetividades profundamente ligadas uma da outra, construídas uma relação à outra, unidas por relações de cuidados práticos, disponibilidades atenciosas, afetividade, realização pessoal, doação, abnegação, responsabilização e preocupação. Elementos como esses estão presentes em boa parte das falas trazidas acima. "Estar sempre cuidando", a união entre intenso afeto, dor e preocupação, a gratificação e mesmo a ideia de que os filhos são a melhor parte de quem se é transpassam os relatos dessas mulheres, que vivem o amor materno a partir de um modo de pensar e sentir que é herdeiro das formas históricas apresentadas por Badinter (1985). Mais do que isso, a mãe é, para essas mulheres, uma plataforma subjetiva que lhes permite ser quem são. Chica, por exemplo, conta que não seria quem é se não fosse mãe; Mel afirma que, para ela, ser mãe "é tudo" e que seria muito infeliz e frustrada se não fosse mãe; Atalia fala sobre a falta de sentido em sua vida contida na hipótese de não ser mãe;⁵² Claudia fala sobre a realização pessoal em cuidar de seus filhos e se relacionar com eles através da maternidade; Nida fala de uma beleza intensa de um vínculo que, mesmo simbólico, remonta, para ela, à conexão física do cordão umbilical. Esses relatos mostram que viver e descreverem a si mesmas como mães tem um profundo impacto na constituição subjetiva dessas mulheres.

Como dito anteriormente, a força desse vínculo – e, em alguns casos, seu caráter imperativo – são reconhecidos mesmo em falas como as de Priscila, que, diferente das outras mães entrevistadas, protesta contra – e, assim, atesta a potência – do "contrato vitalício" que

⁵² Esses exemplos, especificamente, talvez possam ser comparados a um outro lugar discursivo a respeito da naturalização da maternidade, investigado por Vazquez (2015, p. 90): "[...] a doença, a incapacidade total ou parcial, o defeito, passaram a ser integrados à rubrica da infelicidade, do confidencial, do privado. No que tange especificamente à ausência da experiência de maternidade, pode-se mencionar que no século XX se intensificou a ideia de que as mulheres não-mães estavam doentes.". Para essas entrevistadas, a mulher que não é mãe – que vive a possibilidade de ser mulher sem exercer a maternidade – traz consigo uma sentença grave, uma outridade frustrada, uma vida sem sentido.

conecta mãe e filho. Essa entrevistada afastou-se voluntariamente de seus filhos, mudando-se temporariamente para Portugal, tendo em vista o desacordo com a relação unilateral de cuidado estabelecida em seu ambiente doméstico. Posto um oceano entre ela e eles, Priscila relata sentir o prazer na desvinculação – não apenas a separação para com seus filhos, mas o afastamento do nome "mãe" – que a possibilitava desatrelar-se desse e de outros lugares subjetivos calcados na relacionalidade historicamente condicionada da qual falo aqui. A entrevistada diz "mas lá foi muito prazeroso porque não tinha nada... não tinha gato, não tinha cachorro... aliás, disso eu sentia muita falta... mas não tinha filho, eu não era mãe, eu não era avó, eu não era nada... porque eu não conhecia ninguém..." (PRISCILA, 2022, Entrevista X).

Durante a conversa, notei que a tomada dessa drástica medida de separação continental de seus filhos parecia surgir justamente da dificuldade em manter essa separação por muito tempo:

H: aham... e porque você sente que você precisou sair de perto pra se abster dessa responsabilidade? Por que não só dizer pra eles "não me procurem mais, não me encham mais a paciência"?

P: porque **essa coisa é sempre dita e sempre... aí acontece alguma coisa... nasce um neto... não sei o quê, não sei o quê... a pessoa retoma né... assim... na verdade, assim... se fosse uma relação de mão dupla, seria prazeroso... mas não é... ela... quando você pensa que vai ser, não é... e aí é desgastante porque eu continuo vivendo a vida do outro... cedendo pro outro.** (PRISCILA, 2022, Entrevista X, destaques meus).

A subjetivação materna referenciada na fala de Priscila parece ter efeitos tão potentes, que, para a entrevistada, foi necessário reduzir a viabilidade física do encontro com os filhos para que fosse possível desvincular-se da mãe enquanto algo que se é, enquanto modo de subjetivação.

Dessa forma, é central notar que, embora sejam diferentes entre si, as maneiras pelas quais as mulheres entrevistadas nesta pesquisa vivem e se identificam enquanto mães interagem com um modelo subjetivo de maternidade profundamente enraizado no processo histórico de construção social do amor materno, constituído a partir de discursos e imaginários próprios da modernidade europeia – que, mais tarde, se espalharam para as sociedades levadas a viver a partir de padrões europeus a partir da empreitada colonial e de suas reverberações. Para além, percebe-se que a geração das mulheres entrevistadas provavelmente foi exposta à uma leitura brasileira dessa imagética maternal, através da veiculação de diferentes discursividades. Ao longo da análise dos relatos das mulheres com

quem conversei, percebe-se que suas experiências são transpassadas por um complexo entrelaçamento de formas coletivas de organização biopolítica da sociedade e da oferta de uma plataforma subjetiva a partir da qual essas mães podem construir suas identificações dentro da maternidade. Mais do que isso, é fundamental notar que a estrutura de sentimento organizada sob a égide do amor materno é apropriada para os contextos particulares nos quais cada uma dessas mulheres vive seu lugar dentro dos diversos arranjos familiares e das específicas relações entre mães e filhos.

Constatada a relação entre as experiências das entrevistadas e formas de pensar e sentir construídas e veiculadas sob condições específicas, é necessário nos debruçarmos sobre os interstícios do funcionamento desse modo de subjetivação para que, assim, possamos caracterizar o lugar subjetivo a partir do qual as transformações vividas por essas mulheres a partir da saída de seus filhos e filhas de casa poderão ser compreendidas.

4.2 Maternidades e modos de subjetivação

Como pensar a complexa plataforma subjetiva oferecida por esse lugar historicamente constituído para que essas mulheres possam viver suas relações com seus filhos e filhas em contextos particulares e diversos? Talvez uma leitura preocupada com alguns detalhes das teorizações contidas em textos clássicos do debate feminista sobre maternidade⁵³ – lidos à luz de uma teoria contemporânea da subjetividade – possa oferecer algumas ferramentas com as quais seja possível acessar o peso dos significados da maternidade para que essas mulheres possam ser quem são e contarem suas histórias da forma como as contam. Abaixo, exploro ideias fundamentais de autoras como Simone de Beauvoir e Adrienne Rich sobre a maternidade, filtrando-as junto dos relatos das entrevistas e do aparato interpretativo oferecido pelo feminismo pós-estruturalista, para que seja possível compreendermos quão profunda e imbricada é a relação entre a apropriação de discursos próprios à construção histórica e social da realidade e a forma como eles afetam os lugares das entrevistadas em seus arranjos familiares e em suas relações com suas filhas e filhos.

Simone de Beauvoir, por exemplo, se dedica ao tema da maternidade por diversas vezes ao longo de *O Segundo Sexo* (1956), focando-se na figura da mãe com mais

⁵³ É necessário deixar claro que, tendo plena ciência da existência de outras investigações mais avançadas a respeito do tema, escolho investigar textos como os de Simone de Beauvoir e Adrienne Rich, tomando-os como também como relatos históricos do acesso ao núcleo da maternidade como lugar subjetivo construído pela relação códigos sociais historicamente construídos e a maneira pelas quais esses códigos, ao serem apropriados cotidianamente, possibilitam e modelam formas através das quais a experiência se torna inteligível.

profundidade no segundo volume de seu texto, na quinta parte, voltada a discutir a situação das mulheres contemporâneas à autora. Beauvoir é enfática em apontar a contraditoriedade contida na maneira pela qual a moralidade ocidental concebe o lugar da mulher no que Maria Betânia Arruda (2019) chama de “cidadania reprodutiva”. Sob o guarda-chuva da temática que liga a experiência da maternidade e o lugar social da mãe, uma discussão bem mais profunda a respeito da subjetividade das mulheres é elaborada. Para a autora (BEAUVOIR, 1956), nossa sociedade reconhece o gerar e o maternar como destinos fisiológicos da mulher e está disposta a recompensá-la subjetivamente através do elogio da maternidade – talvez, podemos especular, como uma espécie de recompensa simbólica por sua participação no arranjo biopolítico reprodutivo majoritariamente adotado pelas sociedades do ocidente. Fato é que, para a autora, essa ode à mãe surge como uma espécie de efeito colateral da valorização daquilo que ela gera – uma nova unidade produtiva para a Nação. Seu valor está atrelado ao valor do filho que ela gera. Se, ao longo de sua vida, ela se torna legível por conta da maternidade como um destino ou uma potência, é fácil perceber como, nesse enquadramento, os corpos lidos como femininos ganham o direito provisório à uma subjetividade corporalizada a partir desse modo de subjetivação maternal: “Her body is at last her own, since it exists for the child who belongs to her. Society recognizes her right of possession and invests it, moreover, with a sacred character” (BEAUVOIR, 1956, p. 477).

Nesse sentido, a maternidade, para Beauvoir, parece existir dentro dessa ambivalência entre, por um lado, aquilo que garante a ela o *status* humano legível enquanto sujeito dotado de valor e, por outro, aquilo que a prende ao lugar social reprodutivo que à torna, em suas próprias palavras, “presa da espécie” (BEAUVOIR, 1956, p. 479). Assim se constata o intrincado conjunto de contraditoriedades que marca a relação entre mãe e filho para a autora: “A whole complex of economic and sentimental considerations makes the baby seem either a burden and a hindrance or a jewel, a means of liberation and security (BEAUVOIR, 1956, p. 488). Para a autora, a codificação estruturante das hierarquias generificadas garante à mulher que é mãe uma subjetividade inteligível, mas condicionada ao cuidado de seus filhos – eles são seu passaporte para uma existência subjetivamente sustentada dentro da cultura.

Em suas discussões sobre maternidade, a autora constata uma curiosa ambivalência em relação à subjetivação ligada à figura da mãe. Beauvoir (1956) propõe uma duplicidade imbricada na experiência da mulher branca lida a partir da matriz de desejo heterossexual. Existir enquanto mãe ligada aos filhos é, ao mesmo tempo, ter o próprio corpo transpassado por propósitos biopolíticos que consideram sua existência válida apenas na condição de que efetive sua potência biopolítica reprodutiva, e encontrar-se pela primeira vez ocupando a

posição de legibilidade enquanto sujeito valorizado, coerente, elogiado e “destinado”. Reduzida à sua formulação mais básica, essa ideia representa a constatação de que um lugar nos discursos do biopoder é, antes de mais nada, um lugar de existência enquanto sujeito dentro de um conjunto de códigos socioculturais e historicamente localizados. Duas coisas acontecem em um só tempo: subjetivar-se e sujeitar-se fazem parte de um mesmo movimento de existência frente aos saberes disciplinares e soberanos. Para a autora, através de seus filhos, a mulher experimenta, pela primeira vez, a possibilidade de *ter* um Outro em relação ao qual pode existir – em vez de *ser* o Outro que garante condições validadas de existência ao Sujeito Homem. Ela deixa de ocupar um não-lugar e passa a ocupar um lugar.

Em *Of Woman Born* (1986), livro que soma uma análise da maternidade como instituição (em seus aspectos estruturais) e como experiência subjetiva, Adrienne Rich relata como viveu os efeitos de um modo de subjetivação maternal. No início do texto, discutindo sua vida anteriormente à maternidade e ao matrimônio, a autora conta que sempre se sentiu como uma mulher de mentira (RICH, 1986, p. 25) – como se estivesse atuando em um papel ao qual não pertencia completamente. Em meio a isso tudo, o casamento da autora traz consigo temas importantes. Tornar-se “como todas as outras mulheres” significava seguir o itinerário heterocentrado da união matrimonial, onde o lugar da esposa deságua na empreitada maternal: “I only knew that to have a child was to assume adult womanhood to the full, to prove myself, to be 'like other women'” (RICH, 1986, p. 25). Atentemo-nos para as palavras da autora:

[...] I have a very clear, keen memory of myself the day after I was married: I was sweeping a floor. Probably the floor did not really need to be swept; probably I simply did not know what else to do with myself. But as I swept that floor I thought: "Now I am a woman. This is an age-old action, this is what women have always done". I felt I was bending to some ancient form, too ancient to question. **This is what women have always done. As soon as I was visibly and clearly pregnant, I felt for the first time in my adolescent and adult life, not-guilty. The atmosphere in which I was bathed – even by strangers on the street, it seemed – was like an aura I carried with me, in which doubts, fears, misgivings, met with absolute denial.** This is what women have always done. (RICH, 1986, p.25-26, destaques meus)

Essa passagem exemplifica uma das formas pelas quais é necessário entender a maternidade para que compreendamos as histórias das mulheres nesta pesquisa. Em primeiro lugar, vemos que o cuidado do ambiente doméstico serve a uma finalidade para além da necessidade imediata ou auto-evidente de limpar o chão. Realizar o cuidado doméstico – prática que, lembremos, não se separava das imagens da esposa e da mãe – tinha ali outra finalidade: cultivar em si uma subjetividade específica, ter algo para fazer consigo mesma,

existir de determinada maneira, exercitar um *self*, ocupar um espaço subjetivo estável. Se antes, sua experiência com a identidade feminina não lhe oferecia um solo firme onde pudesse plantar os pés, ocupar a territorialidade subjetiva da maternidade lhe trouxe uma nova espécie de certeza – que talvez se compare às palavras de Cláudia, que diz: "quando a Beatriz nasceu eu descobri o que era amor". Quando chegamos ao fim do excerto, percebemos que, como mãe, Rich encontrou um lugar que lhe soava como uma espécie de continuidade permeada por um senso de pertencimento – *This is what women have always done*.

Não há necessidade, é claro, que concordemos inteiramente com o cenário macrosociológico apresentado por Beauvoir e Rich. Ainda que potentes, suas análises contém limitações advindas da intensidade das consequências de suas afirmações e das próprias localizações temporais nas quais estavam inseridas. Contudo, é pertinente que reconheçamos a importância da mãe como um lugar na cultura que oferece uma correspondente plataforma subjetiva que possibilita a inteligibilidade de um eu – que constitui, ainda que não unicamente, uma categoria estabilizante para que essas mulheres vivam e descrevam a si mesmas.

Um rápido olhar lançado sobre o relatos das entrevistadas mostra como a identificação maternal ocupa um lugar significativo em suas subjetividades. Quando perguntada sobre a importância da maternidade, Marisa, por exemplo, fala da "mãe" como um referencial através define a si mesma: "ah, foi muito legal sempre ser... assim... eu escrevia quando tinha página pessoal – agora não tem mais página pessoal da universidade – eu colocava assim: 'professora, engenheira e mãe', era como eu me definia. Eu achava bacana assim." (MARISA, 2022, Entrevista XI). Atalia fala sobre ser mãe como "tudo de bom que eu posso ser", relato que se aproxima ao de Carla, que diz: "eu posso ser N coisas, mas a melhor parte de mim está na Eduarda e com a Larissa". Haja vista a importância desse papel dentro da biopolítica⁵⁴ –

⁵⁴ Ainda que Badinter (1985) não o ponha dessa maneira, me parece seguro afirmar que sua análise conflui com o nascimento do biopoder, como descrito por Foucault pela primeira vez no curso que depois se tornaria *Em Defesa da Sociedade* (2005). Especificamente, o autor se refere a uma estrutura de poder que não mais se focava no indivíduo, mas nas massas. Com a biopolítica, nasce o conceito de população e as formas de delimitá-la, caracterizá-la e prever seus movimentos através da mediação estatística: taxas de óbito, natalidade, longevidade, morbidade e tantas outras se tornam temas da administração estatal; a produção se torna um tema, uma questão econômica e política da Nação soberana – sendo o recém-descoberto contingente populacional o caminho para entrete-la. Instalam-se mecanismos de previdência e controle que têm a função de otimizar a vida como estado produtivo. A biopolítica cutuca, repreende e estimula o corpo mediado por seu pertencimento ao povo compromissado com o crescimento econômico do país. A partir dela, a saúde do corpo individual – sua alimentação, sua higiene, sua vida sexual, seu comportamento – se torna uma questão de eficácia em escala coletiva. Acredito que a autora francesa dissecou o lugar da mulher dentro de um plano biopolítico que se iniciará no século XVIII e continuará a seguir. O esforço pela subsistência da criança é materializado por médicos e filósofos na figura da mãe enquanto responsável pela criança que é, ao mesmo tempo, produto e riqueza de uma Nação. Esse arranjo envolve um sistema de subjetivação aliado a recompensas simbólicas e ameaças ligadas à conformação da mulher em relação à mãe. A indocilidade ao regime discursivo estava ligada a um conjunto de estigmatizações e ameaças que envolviam a imagem de uma mulher egoísta, vaidosa e monstruosa à medida que

esse modo de gerência de corpos e subjetividades que toma cada vez mais espaço nas formas de organização das sociedades modernas ocidentalizadas –, não é surpreendente que haja grande gravitação em torno da identificação maternal enquanto uma imagem a partir da qual essas mulheres enxergam a si mesmas – mesmo em casos onde essa tração é negativamente avaliada, como na fala de Priscila anteriormente citada.

Os parágrafos anteriores devem ser compreendidos à luz de uma leitura específica, na qual me apoio para construir meu argumento. A ideia de subjetividade⁵⁵ à qual me refiro neste trabalho remete aos desenvolvimentos do feminismo pós-estruturalista do final do século XX. Se parte dessa referência talvez já tenha ficado clara quando explorei a maneira como Joan Scott (1991) e Teresa de Lauretis (1948) discutem a categoria da experiência, volto-me agora para a formulação butleriana da questão – especificamente, para a maneira como Judith Butler se apropria do que Margareth McLaren (2002) define como o desafio foucaultiano à subjetividade. Com isso a autora se refere a uma das principais propostas de Foucault: a ideia de que o sujeito não existe paralelamente às relações de poder e saber, mas surge através delas. A partir desse raciocínio, os regimes discursivos de controle não são apenas aparatos que limitam e reprimem uma subjetividade previamente organizada, mas também a tornam coerentemente possível. Discorrendo sobre as políticas do estudo dos discursos, o próprio autor afirma que a discursividade não é simplesmente um espaço invadido por uma subjetividade previamente organizada, mas sim um local onde posições e funções subjetivas se diferenciam entre si (FOUCAULT, 1991, p. 58). Dessa forma, a constituição do sujeito consiste, nas palavras de Judith Butler (2019), na “dependência fundamental de um discurso que nunca escolhemos, mas que, paradoxalmente, inicia e sustenta nossa ação” (BUTLER, 2019, p. 10). A maneira como leio as elaborações de Butler sobre performatividade e relacionalidade enquanto bases para uma vida comum – que, constantemente, se apropria e é apropriada pelos discursos nos quais está inserida – é central para a forma como concebo a maternidade enquanto um lugar subjetivo vivido pelas minhas entrevistadas (e afetado pela saída de seus filhos e filhas de casa).

Ainda que tenhamos discutido elementos importantes da forma como um olhar construído a partir da teoria do cuidado permite enxergar a relacionalidade como parte da

negasse o que se concebia como seu chamado natural. A “boa mãe” assume as responsabilidades biopolíticas tomadas como instintivas desde o início da vida.

⁵⁵ Ao longo do texto, utilizarei a noção descrita por Félix Guattari e Suely Rolnik (1996) como “modo de subjetivação” como forma intercambiável à ideia de subjetividade à qual me refiro. Faço-o justamente porque o conceito de subjetividade utilizado aqui partilha da mesma atenção ao processo de construção da subjetividade do qual falam os autores, ao se referirem às formas coletivas de elaboração do sujeito como algo manufaturado em regimes históricos, marcados por disputas e assimetrias sociais e políticas.

experiência, quero agora abordar o tema sob uma outra ótica. A primeira ideia através da qual acredito que Butler poderá nos ajudar a entender a experiência das mães com quem conversei ao longo de minha pesquisa está contida no astuto uso do duplo sentido empregado por Butler na escolha do título do primeiro capítulo de *Undoing Gender* (2004), que tem o nome *Being beside oneself*. A expressão pode ser traduzida como "estar fora de si". No Brasil, nós comumente usamos essa expressão para nos referirmos a situações em que geralmente estão envolvidas emoções fortes, momentos de grande felicidade ou tristeza – momentos em que nosso julgamento está afetado por algo que nos toma de supetão, algo que definitivamente está presente em nós, mas que não parece *ser* de dentro, algo que parece agir no acesso do "eu" ao "si mesmo". De certa maneira, esse jogo de palavras sintetiza a apresentação de uma das principais propostas analíticas de seu livro: a ideia de uma socialidade constitutiva (*constitutive sociality*) para o *self* (BUTLER, 2004, p. 18). Com essa expressão, Butler se refere à complexa interação entre o que está "dentro" e o que está "fora" na construção de quem somos. Essa questão se torna importante, não apenas quando falamos do Outro como as pessoas específicas com quem convivemos e em relação às quais definimos quem somos, mas também quando pensamos nos códigos coletivos que nos ensinam a interagir em esses outros – códigos que nos oferecem termos, noções e ideias em relação aos quais entendemos a nós mesmos. Nesse sentido, toda modalidade subjetiva é uma modalidade de apropriação dessas relacionalidades e de um conjunto de discursos, mas é também uma modalidade de desposseção frente a essas partes de nossa existência:

[...] so when we speak about my sexuality or my gender, as we do (and as we must) we mean something complicated by it. Neither of these is precisely a possession, but both are to be understood as modes of being dispossessed, ways of being for another or, indeed, by virtue of another. (BUTLER, 2004, p. 19).

Se, para a autora, esse parece ser o caso quando falamos sobre nossos gêneros, nossos sexos ou nossos desejos, acredito que seja válido dizer que a mesma ferramenta pode nos ajudar a entender a maternidade – mesmo porque a mãe é uma figura construída e construtora dos arranjos generificados e sexualizados dentro dos quais as entrevistadas desta pesquisa estão inseridas. Se o gênero, a sexualidade e o desejo (delimitantes e possibilitadores dos corpos sujeitados por uma matriz do desejo) não são simplesmente uma posse, mas um modo a partir do qual somos despossuídos de nós mesmos, talvez a identificação maternal também possa ser considerada como uma dessas formas de existências possíveis através da virtude da existência do outro e dos códigos em relação aos quais convivo junto dele. Na medida em que

identidade e relacionalidade (de gênero ou qualquer outra forma) fazem parte de um mesmo sistema onde o Eu precisa de um Outro para se perceber, comunicar-se, agir, pensar e sentir, parto da seguinte proposta analítica: 1) se identificar como mãe é uma dessas conjunturas relacionais que surgem da apropriação e desposseção frente a um vocabulário coletivo e historicamente situado discursivamente; 2) a figura do filho funciona como um Outro em relação aos quais essas mulheres enxergarem-se como mães, definirem a si mesmas dessa forma e realizarem de forma prática essa subjetivação. A partir desse contato, elas vivem as especificidades de suas vidas cotidianas dentro de um conjunto específico de relações interpessoais postas em conjunto por um nome comum (mãe), herdeiro de definições e pressuposições históricas que oferecem um vocabulário para a experiência à medida em que delimitam sua representação. Por isso, é central reforçar que, quando me refiro a termos como "sujeito" e "subjetivo", não estou me referindo a algo que possa ser simplesmente concebido como pertencendo à uma ordem do que é íntimo, pessoal ou individual *em oposição* à algo que seja cultural, estrutural ou social.

O sujeito não é essa figura ficcional, cristalizada e em torno da impressão da fixidez de um núcleo a partir do qual o indivíduo produz suas vontades, necessidades e preferências espontaneamente. Ele também não é uma simples versão corporificada de um conjunto de pressuposições estruturantes a partir das quais palavras, afetos, decisões e relações ganhariam significado partilhado, tratadas como estáticas e transcendentais, como se pairassem sobre nossas cabeças. Parece-me que, para a perspectiva butleriana a qual recorro, a ideia de que essa separação entre esses dois âmbitos seja possível é, ela mesma, problemática – não porque o indivíduo não tenha saída frente à força da estrutura e viva como expressão mecânica desta, mas porque a simples distinção fixa entre que vem de "dentro" ou "fora" fazem parte falha ao tentar explicar processos de subjetivação.

Não se trata de dizer que o sujeito é simplesmente alienado ou responsável por sua própria sujeição – isso seria, inclusive, dar continuidade à interpretação binarista que divide ação individual, de um lado, e completa sujeição mecânica, de outro. Uma síntese butleriana nos adverte contra essa tendência quando nos lembra que "susceptibilidade não é o mesmo que submissão" (BUTLER, 2021, p. 24). A submissão pressupõe a conservação de uma posição ontológica individual (como aquelas baseiam as teorias dos autores criticados pela teoria do cuidado): seu centro é a delimitação de linhas claras que separam o Eu do Outro, bem como o que está "dentro" – o que seria nativo do "eu" – e o que está "fora" – elemento estranho,

próprio do Outro.⁵⁶ Essa postura falha ao tentar explicar as experiências de minhas entrevistadas justamente porque a constante relação entre a ideia de um Eu e a figura Outro (como um filho, por exemplo) é parte central do que as constitui enquanto mães. Assim também é com a frequente interação constitutiva entre uma identidade maternal que vem de "dentro" e todo o aparato discursivo que, vindo "de fora", ofereceu, desde o início da identificação enquanto mãe, o quadro referencial para a elaboração desses elementos do *self*. A suscetibilidade, por outro lado, expressa justamente essa *exposição* primordial. Essa porosidade das frágeis fronteiras de um eu que só existe na condição daquele que é (desde o começo) e poder ser (o tempo todo) afetado a todo momento por discursos, pessoas, relações, práticas, estruturas, representações, agressões, carinho etc. Suscetíveis, somos constantemente constituídos por uma dinâmica de trocas sem a qual não temos os parâmetros para dar nomes às coisas do mundo e a nós.

Nesse sentido, Butler afirma que "o sujeito é a modalidade de poder que se volta sobre si mesmo; o sujeito é o efeito do poder em recuo." (BUTLER, 2019, p. 15). Essa sentença tem importância fundamental. Estamos acostumados a garantir uma substância específica à ideia de sujeito, como se ele fosse um sinônimo de "indivíduo" – e como se o indivíduo, por sua vez, fosse uma realidade interna a-histórica. Contudo, tratá-lo como modalidade de poder, como um lugar constituído a partir do retorno das estruturas de poder sobre si mesmas através de indivíduos e da ação individual transforma a questão. Quando o sujeito deseja, sente, age, representa, obedece ou faz qualquer coisa, estamos falando, como diria Foucault (2018), da circulação do poder a partir de baixo – da circulação do poder *através* das pessoas. Isso garante à subjetividade uma existência mais dinâmica: constituída a partir do poder, ela não se reduz à ele; ao mesmo tempo, só encontra nele – na apropriação constante de seus discursos e efeitos – a condição para qualquer ação no mundo. Nas palavras de Butler (2021, p.24):

⁵⁶ Essa não é, devemos lembrar, uma posição exclusiva à obra de Butler. A virada epistemológica em direção ao que veio a ser chamado de pós-estruturalismo é conhecida por tratar essa questão de diferentes maneiras. Posso citar, por exemplo, a noção de subjetivação, utilizada por Guattari e Rolnik (1996) para se referir à fabricação da subjetividade – não só a fabricação mas a modelagem, a recepção e o consumo dela no capitalismo tardio. Essa parte da constatação analítica de que o indivíduo – livre, sozinho, autoformação, radicalmente autônomo e conectado com outros apenas através da razão – não é o início da formação social das pessoas, mas uma construção de segunda instância, uma ficção histórica que forma sujeitos a partir de noções específicas da modernidade capitalista. Deleuze (2015), em um de seus cursos sobre a obra de Foucault, também discute a formação do sujeito como processo semelhante ao da invaginação – nome que, na embriologia, se dá ao processo a partir do qual uma dobradura no tecido embrionário faz com que onde os tecidos de fora se curvem sobre si mesmos e se tornem uma parte "de dentro" do organismo gestado. Até mesmo Elias, que não é posto junto aos pós-estruturalistas, reconhece, na terceira parte do conjunto de ensaios que compõem *A Sociedade dos Indivíduos* (1994), o lugar histórico e contingente dessa separação entre dentro e fora na episteme ocidental. Escolho dialogar com Butler, assim como escolhi dialogar com Haraway e Harding antes, pela nuance específica que as teorias feministas e os estudos de gênero trazem ao momento interpretativo. O faço dessa forma também porque, para meus fins particulares, as nuances genericadas do encontro entre as esferas performativa e relacional da agência humana estão mais dinamicamente apresentados na obra da autora norte-americana.

"Nunca estou simplesmente formada nem nunca estou completamente me autoformando. Essa pode ser outra maneira de dizer que vivemos em um tempo histórico ou que ele vive em nós como historicidade de qualquer que seja a forma que tomamos como criaturas humanas."

Nesse sentido, parto da ideia de que agir a partir da identificação maternal – assim como agir a partir de uma identificação generificada – é, usando as palavras de Butler, um ato de improvisação em uma cena de limitações impostas previamente por um contexto social e histórico:

If gender is a kind of doing, an incessant activity performed, in part, without one's knowing and without one's willing, it is not for that reason automatic or mechanical. On the contrary, it is a practice of improvisation within a scene of constraint. Moreover, one does not "do" one's gender alone. One is always "doing" with or for another, even if the other is only imaginary. What I call my "own" gender appears perhaps at times as something that I author or, indeed, own. But the terms that make up one's own gender are, from the start, outside oneself, beyond oneself in a sociality that has no single author (and that radically contests the notion of authorship itself). (BUTLER, 2004, p.1)

Contudo, se o gênero é uma forma de fazer (*a kind of doing*), acredito que a maternidade também seja – e, por isso, deve ser entendida em termos de uma performatividade praticada como parte constituinte da subjetividade dessas mulheres, enquanto mães. A apresentação do conceito de atos performativos de gênero já foi explicada à exaustão em livros, teses, dissertações e artigos. Por isso, me atento à maneira específica pela qual a concepção de maternidade da qual falo se apoia na ideia de que a ação prática (realizada dentro de um universo de discursos apropriados cotidianamente) é produtora da impressão de anterioridade que lhe concede um efeito estabilizante para a própria identidade em relação à qual o agir é tido comumente como apenas uma forma de expressão.

Com isso, quero dizer que a subjetivação maternal à qual me refiro é vivida à medida que é praticada por essas mulheres que, como vimos ao longo das citações trazidas até aqui e através da tabela apresentada no final do capítulo anterior, foram as principais cuidadoras de seus filhos e filhas até o momento de suas saídas. Mas, mais do que isso, tomo como elemento analítico a ideia de que esse fazer é constitutivo das formas através das quais essas mulheres entendem a si mesmas como mães. Agindo "como mães" – ou seja, através das práticas e disposições historicamente atreladas à ideia de mãe, mas apropriadas e vividas de maneira específica para cada uma das histórias dessas mulheres – as entrevistadas constroem a si mesmas enquanto mães. Dessa maneira, elas se relacionam com discursos históricos à medida que os tomam como vocabulário usando para viverem e descrevem a si mesmas. A maternidade, como repetição de atos de gênero socialmente construídos e citação de códigos e

discursos historicamente herdados trazem a possibilidade de amparo subjetivo e inteligibilidade para as maneiras como essas mães vivem dão sentido a essa parte de suas vidas. Contudo, é necessário reforçar que, assim como Butler, não penso que a coisa toda seja uma simples repetição automática. Em seu caráter produtivo (inevitavelmente ligado aos limites impostos a todos pelos modelos de ação apropriados pela prática da existência), a repetição estilizada dos atos de gênero também é criativa. Para a autora, ela oferece a aparência de substância – uma expressão que produz artificialmente a própria internalidade que expressa –, mas também oferece possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas nas quais estamos inseridos (BUTLER, 2019, p. 244).

O encontro entre todo esse referencial e a pesquisa empírica da área da Sociologia não é uma tarefa simples de se conduzir. As complicadas reorganizações das formas de interpretar os sujeitos mães e as subjetividades maternais encontram um caminho tão ou mais complexo quando pensamos em estruturas de demonstração argumentativa. Ainda que haja um limite próprio ao esforço pontual de recobrar correspondências entre as falas das mulheres que entrevistei e o sistema de dispersão dos discursos a respeito da mãe sobre os quais tenho me debruçado com a ajuda das autoras e autores citados anteriormente, insisto em alguns exemplos específicos.

Lembremos, por exemplo, da forma Chica sintetiza sua experiência enquanto mãe. Ela nos diz sobre sua quase inexplicável experiência de "[...] a gente realmente **padecer no paraíso**, sabe? De você amar tanto e você não conseguir dormir mais direito, e você não conseguir comer direito e você se sentir bem por isso" (CHICA, 2022, Entrevista IX, destaques meus). Chica – assim como outras entrevistadas, veremos – lança mão da expressão destacada para dar sentido e comunicabilidade à complexa vivência de sua maternidade – marcada por um confuso e intenso encontro entre amor e dor. Quando o faz, a entrevistada, sabendo ou não, apropria-se de um fraseamento consagrado no pensamento popular brasileiro registrado no poema de Coelho Neto⁵⁷, fundador da segunda cadeira da Academia Brasileira

⁵⁷ Embora o autor tenha morrido em 1934, o poema *Ser mãe* aparece pela primeira vez publicado na coletânea *A mulher na poesia do Brasil*, organizada por Da Costa Santos, em 1948. Reproduzo-o a seguir:

"Ser mãe é desdobrar fibra por fibra
o coração! Ser mãe é ter no alheio
lábio que suga, o pedestal do seio,
onde a vida, onde o amor, cantando, vibra.

Ser mãe é ser um anjo que se libra
sobre um berço dormindo! É ser anseio,
é ser temeridade, é ser receio,

de Letras. Nessa parte de seu relato, Chica faz dessas as *suas próprias palavras*: toma posse da ideia de padecimento no paraíso para tornar inteligível – para si mesma e para mim, seu entrevistador – o que viveu pessoalmente enquanto mãe de Ana, Paulo e Junior, bem como para explicar como se sentiu ao longo dos processos narrados na entrevista. Simultaneamente, esse também é um momento em que algo, em retorno, se apropria das palavras da entrevistada. Nesse instante, algo possibilita sua resposta sobre o que é ser mãe – oferecendo-lhe, ao mesmo tempo, referenciais, limites possíveis para uma expressão cognoscível da própria vivência e uma herança de significados socialmente construídos, atrelados à percepção da maternidade no pensamento brasileiro e naquilo que o pensamento nacional toma das construções europeias já tratadas acima. Despossuída pelo discurso enquanto o possui para seus próprios fins, Chica constitui sua experiência ao mesmo tempo em que é constituída por noções fundamentais (contidas em discursos, valores culturais, na linguagem e nas estruturas de comportamento sedimentadas pelo tempo histórico) que tornam essa vivência possível. Há, nesse complexo excerto, uma dinâmica marcada por um contrabando de sentidos: a entrevistada se apropria de um discurso sobre a maternidade para, *através* dele, falar sobre sua própria vida enquanto mãe (adaptando-o contextualmente à sua vivência); o discurso, por sua vez, escamoteia sentidos historicamente construídos sobre a maternidade *através* da fala da entrevistada.

Esse elemento constitutivo da subjetivação na construção da própria identificação maternal pode, da mesma forma, ser observado no início da primeira citação deste capítulo, através da qual Claudia explica parte do que significa definir a si mesma como mãe: "[...] eu gosto dessa sensação de estar cuidando, organizando, controlando... **me realiza**, né... **me realiza** estar ali olhando pelos dois, tentando me meter na vida dos dois [risos]... tentando dar o meu pitaco, resolvendo... então **me realiza**." (CLAUDIA, 2022, Entrevista III). Ainda que esse também seja, acredito eu, um excerto sobre realização pessoal no sentido mais comum da expressão, permito-me ir adiante na análise para que encontremos nele o processo performativo de subjetivação ao qual tenho falado até aqui. Pensando mais a fundo na ideia de

é ser força que os males equilibra!

Todo o bem que a mãe goza é bem do
filho, espelho em que se mira afortunada,
Luz que lhe põe nos olhos novo brilho!

Ser mãe é andar chorando num sorriso!
Ser mãe é ter um mundo e não ter nada!
Ser mãe é padecer num paraíso!"

realização contida no relato, é válido que nos perguntemos: *o que* é realizado nesta fala? E como?

Se tomarmos as palavras de Claudia destacadas acima, é seguro reconhecermos que algo relacionado ao seu próprio Eu seja realizado – efetuado, efetivado – ao cuidar, organizar, controlar e tentar se meter na vida de Beatriz (sua filha mais velha) e Bruno (seu filho caçula). Sabemos também que esse Eu formulou essas frases ao ser inquirido sobre o que significa ser mãe – tendo, contextualmente, já se identificado dessa maneira para participar da entrevista em questão, bem como para descrever sua relação com seus filhos e sua posição dentro de seu arranjo familiar. Claudia se realiza enquanto mãe quando performa as atividades citadas acima. Através delas, ela pode se sentir como uma mãe, atrelar-se a esse nome – que já continha, em seus usos práticos e discursivos, significados culturalmente definidos e veiculados há muito tempo. Através dessa dinâmica, a entrevistada pode se apropriar dessa palavra para viver e descrever a si mesma. Ao agir dessa forma, Claudia se produz enquanto mãe. Curvando-se sobre si, a entrevistada constrói, através de determinadas práticas e apropriações de seus significados, uma interioridade que, usando as palavras de Bulter (2019), serve-lhe de princípio organizador da identidade: apoia seus sentimentos e seus conhecimentos sobre si mesma.

É necessário, então, responder: por qual motivo é possível que Claudia se realize enquanto mãe ao dar cabo de atividades como as mencionadas acima? Certamente não estou assumindo que cuidar, organizar, resolver problemas ou dar pitaco na vida de outras pessoas sejam ações com significado intrínseco, essenciais ou universais. Pelo contrário, eles são parte do que essa e outras entrevistadas vivem como aquilo que Butler (2019), referindo-se à obra de Marx, chama de "presente histórico": a realização no agora de processos históricos de maior duração. No tempo histórico que marca a vida de Claudia como mãe estão contidas técnicas de construção da maternidade que, mesmo interpretadas e apropriadas a um contexto particular, ainda se referem a sentidos atrelados à prática do cuidado de filhos nos períodos dos séculos XVIII, XIX e XX, analisados por Badinter (1985), Philippe Ariès (1981), Ehrenreich e English (2003). Todo o recuo histórico construído anteriormente neste capítulo mostra que o conjunto de atividades através dos quais Claudia se realiza enquanto mãe é composto por práticas de cuidado através das quais o corpo das mulheres foi socialmente lido através de um destino maternal pressuposto a ele através da relação mãe-filho na modernidade europeia, sendo, mais tarde, adaptado aos países forçados a viver como europeus a partir da empreitada colonial. Isso, obviamente, não significa que essa seja a única forma de realizar-se enquanto mãe ou que Claudia tenha assumido uma identidade genérica em nome da mãe. Ao

contrário, esse é um exemplo da performatividade prática do lugar subjetivo materno, que se constrói através da iteração dos atos de gênero historicamente localizados em nossa sociedade e da apropriação contínua de seus significados para contextos pessoais muito mais complexos e dinâmicos. Claudia não se sente simplesmente satisfeita ou contente por agir como descreveu em sua citação. Ela efetivamente se realiza – se constrói – enquanto mãe ao operar práticas e disposições atreladas historicamente à figura da mãe e ao elogio da maternidade – que tem construído, ao longo dos últimos séculos, um itinerário de cuidados maternos sob a égide de uma felicidade que seria específica e às mulheres que são mães.

Os exemplos se multiplicam ao longo dos relatos das entrevistadas. Algo parecido está em curso quando, nos excertos trazidos anteriormente vemos outras expressões da relação entre as vidas particulares dessas mulheres e sua construção apropriativa do lugar subjetivo da mãe. Quando algumas dessas mães dizem enxergar nos filhos e filhas a contemplação da própria felicidade – como fez Atalia –, quando definem suas próprias maternidades através do constante ato de cuidado para com eles e elas – como fez Nida – ou quando afirmam ver nas filhas e filhos o melhor de si mesmas e suas razões para existir – como fizeram Carla e Mel –, o que essas mulheres estão fazendo é construir a si mesmas através da mãe enquanto um modo de subjetivação historicamente localizado e, ao longo dos últimos séculos, difundido no ocidente. Reiterado historicamente, esse lugar subjetivo oferece a essas mulheres princípios organizadores de suas identidades que as ajudam a viverem e descreverem a si mesmas enquanto mães – não como as figuras das engrenagens estruturalistas, que se moviam em uníssono ao serem informadas por um elemento transcendente, mas como personificações historicamente situadas a partir da posse e desposseção frente ao discurso. Dessa forma poderemos entender como trajetórias e relações particulares são, ainda assim, dotadas de sentidos socialmente constituídos.

Em suma, é central reconhecer que o agir cotidiano, possibilitado pela contínua apropriação de códigos dos quais tomamos posse e em relação aos quais somos despossuídos, leva à proliferação das formas de viver a maternidade. Isso não significará dizer que estou igualando discurso e vida prática, mas reafirmando que sua mútua relação é central para que entendamos o que media as maneiras pelas quais essas mulheres se identificam como mães e experienciam seus vínculos com seus filhos. No largo esquema argumentativo da tese, este é um ponto de grande relevância. Apenas entendendo que a maternidade é, entre outras coisas, um modo de subjetivação através do qual essas mulheres vivem e descrevem a si mesmas relacionalmente, poderemos compreender como este lugar subjetivo é afetado pela saída de filhas e filhos de casa. A mudança do ambiente doméstico, das rotinas de cuidado e das

interações interpessoais não causam transformações em interioridades a-históricas, não tocam simplesmente em algo inato a essas mulheres. Essas modificações também não são de simples ordem individual. Somente entendendo a socialidade historicamente localizada da constituição das identificações maternais dessas mulheres, poderemos vislumbrar, como dito no capítulo anterior, os imbrólios de proporções históricas contido nas tensões vividas por elas ao lidarem com a saída de seus filhos e filhas de casa.

4.3 A maternidade como projeto

Antes de passarmos para a última parte deste capítulo, existe um último elemento importante para entender a maternidade como esse complexo lugar subjetivo: a importância dos filhos e filhas como projeto pessoal. Esta curta seção se dedica a compreender de maneiras a maternidade é importante para que essas mulheres possam ser quem são. Em outra parte de seu relato, Muriel fala sobre outro elemento importante para compreensão de seu e outros relatos que compõem esta pesquisa: o planejamento para ter seus filhos e a importância de tê-los para ser quem ela quis ser:

Eu casei em 1982, no meio da faculdade de jornalismo, em 1985 meu filho nasceu. Ele nasceu em julho, em agosto o pai dele foi embora pra Rio Negro pra cuidar da produção musical parará... eu tava fazendo faculdade - naquela época tinha aula de manhã, de tarde e de noite -, trabalhava à tarde no jornal quando eu conseguia... sozinha morando no apartamento. Sorte que eu tinha minha irmã que ficou comigo um ano e me ajuda nos intervalos. Então o Makai cansou de ir em faculdade comigo, carrinho tátátá... e o Kabir não... eu já tive uma certa tranquilidade de contratar uma (mensalista?) porque aí eu fiz um concurso e eu era funcionária pública. Então eu tinha meu horário pra me programar, pra entrar, pra sair. Mas sempre com meus filhos, Henrique... sempre, sempre... (MURIEL, 2022, Entrevista IV)

Quando olhamos para as condições da realização de seu projeto de maternidade, percebemos, na confluência entre vida acadêmica, profissional e maternal, uma característica que marca um novo lugar para maternidade – que não precisa necessariamente competir ou ser posta antagonicamente a outras esferas da vida feminina. Esse novo lugar é indicado nos textos de Lucila Scavone (2001a, 2001b), que discutem a contemporaneidade como o momento em que se torna concebível a continuidade da maternidade como projeto menos ambigualmente dividido entre vida profissional e familiar. Como dito por Solange Moura e Maria Araújo (2004), o desenvolvimento das formas de viver a maternidade agora indicam a mãe como uma entre outras facetas da vida pessoal e profissional das mulheres.

Em sua entrevista, Atalia relatou uma insegurança calcada no desafio de equilibrar sua vida profissional e a possibilidade de uma vida materna. Retomando o trecho de nossa conversa em que a entrevistada falava sobre o sentidos da maternidade em sua vida, vemos exemplificada o encontro desses dois projetos em sua vida:

No início assim, do casamento, eu achava que eu não tinha capacidade de ser mãe. O Carlos, meu marido, fala "mas como? você é enfermeira, você sabe cuidar de criança", mas não era esse cuidado... falava "puxa... como eu vou ser mãe, vou trabalhar fora, vou cuidar dos meus filhos?" Eu tinha um certo medo... quando eu fiquei grávida do primeiro filho eu fiquei com muito medo... eu falei "como que eu vou cuidar dessa criança? o que que eu vou dar pra essa criança?" Fiquei assim meia desorientada... até que eu fui fazer o ultrassom e o coraçãozinho começou a bater... e eu falei "poxa... é tudo que eu queria ouvir, esse coração batendo... tem realmente uma criança..." tá aí a complementação da sua felicidade... a mulher se sente completa - eu acho né - com a vinda dos filhos, o cuidado dos filhos... então tem seu lado profissional, mas tem seu lado familiar que os dois juntos te levam ao que você é... (ATALIA, 2022, Entrevista VIII).

Em sentido parecido, outras entrevistadas falam sobre a ideia de ter filhos como uma vontade intimamente importante. Esse é o caso de Chica, por exemplo. Como elemento de realização pessoal, a jornada para ter seus filhos adquire complexos significados que, em alguns casos, resultam em um profundo apego a essas figuras – lembremos das palavras da entrevistada, que disse amar os filhos de uma forma que "chega a doer". Chica fala sobre importância da ideia de ser mãe como um desejo:

C: cara... eu não sei nem te explicar por que... não sei ... sei lá... mas eu queria porque eu queria ter uma pessoinha minha, uma continuação minha... sei lá... não sei... não sei te explicar... eu só queria ser mãe... queria ter um filho, sabe?

H: sim..

C: a gente quer se ver numa outra pessoa... sabe... aí cara... não sei te explicar. Não sei te explicar o porquê de querer, mas eu queria muito... (CHICA, 2022, Entrevista IX)

Em alguns casos, filhos e filhas não são apresentados como um projeto em si, mas como um componente para outras vontades individuais. Assim é o caso de Marisa, que conta enxergar em sua maternidade parte de seu desejo por conhecer todas as partes do que chamou de "ciclo da vida":

eu acho que é o ciclo da vida... depois, se eu tiver uma outra ideia eu te descrevo, mas eu acho que é o ciclo da vida crescer, estudar, casar, ter uma profissão, ter filhos, quem sabe um dia ser vó... morrer [risos]... então assim... eu acho que é o ciclo da

vida e eu sempre quis viver todo o ciclo da vida então é isso... eu acho, por exemplo, que eu não devia ter me casado - eu acho que eu não tenho jeito pra casamento - mas do ciclo da vida eu me casei... até porque eu acho que eu não teria tido coragem de ser mãe solteira. Eu acho que eu sou muito presa às convenções da sociedade. Então... mas hoje em dia eu vejo que "sempre quis casar?" não... isso já não fazia tão parte da minha vida como querer ter filhos... então eu acho que é do ciclo da vida... eu queria viver todo o ciclo da vida. (MARISA, 2022, Entrevista XI).

Surgindo de maneiras diferentes, a conexão entre o desejo de ter filhos e um potente apego a suas figuras também é trazida em outros relatos. Sâmia, por exemplo, menciona seu desacordo com a expressão popular "filho cresce e vai para o mundo" e reforça a ideia de que criou seus filhos para ela, chamando atenção para sua história pessoal com a luta para tê-los:

E quando as pessoas diziam “filho cresce e vai pro mundo”... nossa eu tinha vontade de bater nas pessoas, sabe? Porque não é assim. Filho eu criei pra mim. É meu. Eu sonhei com os dois, eu quis ter os dois. A primeira gestação, a primeira vez que eu engravidei, o pai dos meus filhos ficou muito bravo. Ele ficou furioso. Mas furioso, furioso. Me agrediu... foi uma coisa terrível, sabe? De tanta perturbação dele, da minha sogra na época, eu... eles optaram por eu fazer um aborto, né.. numa clínica aqui em Curitiba. E eu fui na clínica e no dia 18 de outubro de 1989 eu fiz um aborto. Ai passaram-se dois, três anos e eu engravidei de novo. Porque a medicina falha, a gente não se cuida direito. É terrível porque a responsabilidade é da mulher. Ai eu tive a menina. [...] e quando eu engravidei do Guto foram coisas piores né... então eu sofri de novo a violência física até o sexto mês de gestação. Tanto que eu só emagrecia, eu não engordava. Todo dia... todo dia ele me dava um safanão, ele me dava um murro, ele me dava um tapa na barriga... ele pegou o nome do médico que tinha feito o aborto, trouxe o cartão... ele foi no médico de novo, trouxe o cartão do médico, botou lá na geladeira e falou “você sabe o que fazer. Pega um taxi e vai lá que eu dou pra você o dinheiro. Eu só pago. Eu vou lá só pra pagar e te buscar”. E eu neguei né... falei “eu não vou fazer outro aborto” – eu já tinha feito um. Então esse vínculo com o Guto é muito maior por conta disso. Porque o Guto eu sofri pra ter... foi um ato assim... de resistência ter o meu filho. Porque todo mundo ficou bravo... da família dele, todo mundo ficou bravo. “Como assim?! Você vai se encher de filho!”. Minha sogra, portuguesa, ela me chama de zinga... que é um chamamento ruim... que é cigana, né?... “você vai se encher de filho que nem índio! você já nem cuida dessa tua filha direito... que a menina parece índio! Tudo o que é raiz a menina come. A menina come de tudo, que nem índio... você vai se encher”... então... aí eu tive o meu filho! Foi um ato de resistência.... aí o filho da puta resolve, com 18 anos, ir embora?! (SÂMIA, 2021, Entrevista I).

A maternidade fazia parte de um desejo pessoal a respeito do qual Sâmia insistiu apesar de condições bastante adversas. Depois de um aborto inicial – algo que aconteceu *com* ela e não *a partir* dela –, a entrevistada decide ter seus filhos apesar das violências de todo tipo: agressões físicas, racializações e diversas estigmatizações. Em seu relato, a resistência necessária para gestar e partir Guto a conecta de uma forma muito potente a seu filho – o que, por sua vez, agrava ainda mais o contexto de sua saída, marcado por uma sensação de traição expressa no fim da citação acima.

A intensa conexão entre o projeto pessoal ligado à maternidade e o apego à figura dos filhos também está presente no relato de Mel, ainda que de uma forma diferente:

Quando eu me casei... aí eu queria ser mãe... eu queria ser mãe e o meu ex-marido dizia assim "ai... " que dava pra esperar e tal... mas enfim. Primeiro que eu tinha certeza que eu ia ter uma princesa... absoluta... que ela ia vir assim... idealizada, entendeu? Ela ia usar rabinho de cavalo, ela ia ser linda, ela ia ser estudiosa, ela ia ser aquele... nossa... tudo o que eu sonhei na vida eu ia ter... ali eu engravidei... eu tinha certeza que era uma menina... daí... foi ali acho que eu perdi um pouco da minha estrutura pessoal. Daí eu fui fazer um exame pra ver o que que era o sexo do bebê... e eis que eu descubro que era um menino... daí o que que acontece... na hora, eu levei um choque... tanto assim que na filmagem - que a gente filmou, a gente gravou e tal - aparecia assim o médico dizendo - tava eu e meu marido - o médico dizendo que era um menino... daí aparece um silêncio meu... daí aparece eu chorando... eu limpando o nariz... daí o médico para e diz: "ela ficou emocionada" - fala pro meu marido - ele "é..."... daí o que aconteceu... segundo a psicóloga - que um tempo depois eu fui fazer terapia - ela me explicou que... puta esse é um negócio que mexe comigo até hoje... mas que... o que que aconteceu... que por alguns segundos... porque eu sempre tentei, pelo menos, ser uma mulher sensata... é óbvio que eu não ia recusar aquele bebê, nem recusar, nem me revoltar, nada disso... foi poucos segundos... tanto que ninguém sabia que eu esperava uma menina - só o meu marido - tanto que eu cheguei em casa... já passei a mão no telefone, liguei pra todo mundo... que era um menino... nunca ninguém soube que eu tive aquela decepção por alguns instantes... mas que, por alguns segundos, inconscientemente eu... reneguei talvez... não gosto nem de usar uma palavra forte dessa... mas eu assim... por alguns poucos instantes é como se eu tivesse... renegado, vamos dizer, esse filho... sem fazer... porque eu vejo mulher louca ali né... não falei isso pra ninguém, não reclamei pra ninguém... nada... só o meu marido sabia e já no mesmo instante já retomei, já fiquei feliz e tal... enfim... só que... diz uma psicóloga minha aqui... como eu, por alguns segundos, eu rejeitei, vamos dizer, aquele bebê... no dia que esse piá nasceu... eu fiquei deslumbrada... eu fiquei deslumbrada... eu desenvolvi uma paixão... por ele... tão grande que eu acho que até hoje eu preciso de tratamento... tratamento psicológico... mas assim ... eu acho que quando ele nasceu, que eu bati o olho naquele bebê - coisa mais linda, ele era um bebê lindo, ele era perfeito - então diz a psicóloga que quando eu bati o olho naquele bebê... gente eu não dormia... deslumbrada com aquele bebê... eu não sei te explicar realmente é uma coisa muito estranha... eu fiquei tão apaixonada por aquele ser que... eu não sei te explicar... então eu acho que ali houve um amor... nossa... até hoje eu tenho um amor assim pelo Luiz - pelo Jeferson idem - mas assim... que eu acho que, segundo a psicóloga, teve um pouco a ver com aquilo... tanto que eu lembro assim ó... eu não deixava ele dormir com ninguém, eu não deixava ele ficar com ninguém, eu tinha que deixar porque eu trabalhava muito... então eu deixava pra trabalhar... mas eu não tinha confiança em ninguém, ninguém sabia fazer como eu...[...] nós somos de uma família realmente acolhedora... mas aquele amor que eu desenvolvi por aquele bebê foi uma coisa meio patológica, assim, vamos dizer. (MEL, 2022, Entrevista VII).

No longo trecho citado, a entrevistada nos conta uma história específica: uma narrativa que vai do desejo idealizado a um desejo reorganizado. Mel queria uma menina e teve um menino. Essa mudança parece ter lhe causado alguma frustração - à qual ela anexa uma boa quantidade de palavras para acolchoar a chegada da expressão "rejeição", quando atrelada ao filho. Ao longo de nossa entrevista, pude perceber que o relato da entrevistada é repleto de culpa - Mel culpa a si mesma por ter se separado, pelo sofrimento ao qual teria feito os filhos

passarem por conta disso e também pela frustração de não ter uma filha mulher. Talvez seja válida a consideração de que ela organiza a história de sua maternidade como uma história de culpa, de uma hiper-fixação na figura de seus filhos – lembremos de suas palavras trazidas no começo do capítulo⁵⁸ –, de um deslumbramento causado como resposta, como compensação ao que ela definiu, junto com um aparelho do campo Psi, como uma rejeição subconsciente.

Uma complexa constelação rege a identificação dessas mulheres como mães. Para algumas delas – como é o caso de Mel, Chica, Sâmia, Marisa e Muriel, por exemplo – a maternidade é narrada como um projeto de vida, uma escolha individual que advém da realização de um desejo pessoal, carregado de um profundo investimento subjetivo que as conecta a seus filhos e filhas. Claudia conta que não havia pensado na questão da maternidade como uma escolha, mas apenas como parte de um fluxo que gozava de certa obviedade, como algo posto fora do campo de decisões sobre as quais haveria possibilidade de se pensar a respeito. Priscila, por outro lado, nunca quis ser mãe, mas teve filhos como consequência de problemas com contraceptivos e escolhas que hoje desaprova. Para ela, a identificação maternal também é reconhecida, ainda que seu valor tenha sentido inverso ao da maioria das entrevistadas. Nesse caso, o reconhecimento do peso identitário desse modo de subjetivação vem do esforço necessário para se afastar dessa territorialidade subjetiva avaliada negativamente por ela.

Assim, parece-me central notar que o amparo e o peso da subjetivação a partir da figura da mãe foram mencionados por quase todas as entrevistadas. Ao longo das entrevistas, essa identificação aparece, em muitos casos, sobreposta a uma espécie de contentamento, de identificação positiva com esse lugar subjetivo. Contudo, noto que, mais profundamente, é importante perceber as significativas referências à importância da maternidade para que essas mulheres possam ser quem são. Como um lugar fundamentalmente identitário e herdeiro de uma figura maternal cristalizada em determinado período da modernidade europeia, pautado por um elogio específico de certas características da mãe e da relação que essa constrói com seus filhos, essa subjetividade possível oferece a capacidade de elaboração estável de si, de construção da própria inteligibilidade a partir de códigos coletivamente partilhados – ainda que, como vimos, essa não seja a única forma através da qual essas mulheres se identificam.

⁵⁸ "[...] pra mim não existe nada na minha vida que seja mais importante do que ser mãe." (MEL, 2022, Entrevista VII).

4.4 Outras facetas da identificação maternal

Duas constatações importantes demarcam a importância desta seção para o capítulo. Em primeiro lugar, é necessário notar que essas mulheres não vivem a maternidade da mesma forma – não apenas experienciam idiossincrasias próprias às suas relações com suas famílias e seus filhos e filhas, como também não se sentem da mesma forma a respeito de seus lugares enquanto mães. Em segundo lugar, é central notar que a maternidade não resume a vida das entrevistadas. Mesmo as mulheres mais apegadas aos seus lugares subjetivos vividos a partir do nome coletivo "mãe" não têm essa como a única característica de suas experiências – se me debruço sobre as maneiras como elaboram e organizam suas maternidades é por conta do recorte específico desta investigação, não pode imaginá-las como *apenas* mães. No intuito de não homogeneizar ou simplificar suas vidas, esta seção se dedica às outras facetas da identificação maternal e das vivências das entrevistadas.

Como dito acima, o modo de subjetivação maternal não é vivido da mesma forma por todas as entrevistadas. Se, para algumas delas, ele oferece um senso de estabilização e identificação positivamente experienciados, para outras mulheres – como Priscila, por exemplo – a mãe se constitui como um lugar subjetivo enclausurador, do qual ela tenta se separar com bastante esforço. Muitas das mães com quem conversei mencionam elementos negativos ou desafiadores em suas experiências com a maternidade. Algumas falam sobre a necessidade de anularem a si mesmas, outras falam sobre a falta de tempo ou o excesso de demandas e responsabilidades que enfrentam – o peso do trabalho do cuidado, posto quase exclusivamente sobre essas mulheres, não lhes passa despercebido em nenhum momento. Ainda assim, a grande maioria das entrevistadas atravessa essas dificuldades registrando o balanço de suas vivências de forma otimista, reforçando o profundo retorno subjetivo que retiram do arranjo nos quais estão inseridas: além das alegrias e da intensidade de sentimentos positivos que relatam sentir, essas mulheres retiram da identificação maternal uma sensação de encaixe, de acerto, de certeza a respeito de quem são e do que escolheram fazer. O relato de Priscila, por outro lado, é perpassado por um conflito em torno da maneira pela qual é identificada como mãe: existe um atrito entre essa identificação e as formas pelas quais quer viver a própria vida. Se as outras mulheres com quem conversei parecem receber um profundo retorno subjetivo do fato de viverem e descrevem a si mesmas como mães – gratificação que parece produzir certa equivalência frente aos desafios da maternidade –, para essa entrevistada, a conta não fecha. Entender-se como mãe não traz, para Priscila, satisfação,

estabilidade ou felicidade. Pelo contrário, suas falas mencionadas no começo do capítulo indicam sensações como incômodo e aprisionamento na maternidade.

Essa entrevistada nos conta que encara a maternidade como uma grande responsabilidade, marcada pela incumbência pela segurança, alimentação, saúde, diversão, necessidades e preferências de outras pessoas. Uma das vias explicativas está contida em sua própria fala: sua relação com seus filhos não é uma via de mão dupla. Aqueles por quem essa mãe teve de cuidar não retribuem como ela gostaria e os encargos e as recompensas não se correspondem proporcionalmente em seu relato. Organizando a questão como um jogo de soma zero, Priscila se vê em déficit a respeito do trabalho e do esforço investidos em seu arranjo familiar. Contudo, algo ainda mais profundo está em curso nessa explicação. Em quase todas as outras entrevistas, as práticas e disposições do cuidado realizado a partir da figura da mãe estão envoltos por uma lógica própria à subjetivação maternal – uma lógica que distribui os pesos e valores das ações e relações relativamente à coerência elaborada dentro dessa longa narrativa do elogio à maternidade e do exercício dela na relação mãe-filho. Este, para mim, é o elemento fundamental para compreender a distinção entre a maneira como Priscila orienta sua postura e a forma como as outras mulheres que entrevistei fazem o balanço de suas maternidades. Para essa entrevistada, a lógica da subjetivação maternal, que lhe prende a identificação enquanto mãe, não lhe oferece retorno subjetivo algum. Sem esse retorno, outra lógica rege a valoração dessas atividades do cuidado – a lógica dos interesses e recompensas individuais, a lógica do contrato, simétrica, composta por obrigações e deveres equivalentemente estabelecidos. Sob esse ponto de vista o trabalho do cuidado que transpassa a maternidade vivida por Priscila não é outra coisa que não um péssimo acordo entre indivíduos, onde apenas um deles dá e nada recebe em troca.⁵⁹

Ainda assim, Priscila não consegue se livrar totalmente desse arranjo organizado sob a égide da identificação maternal e da relação mãe-filho. "Algo sempre acontece", e a entrevistada se vê forçada a retornar a seu lugar nas relações familiares. Mesmo que não haja equilíbrio entre o que é dado e recebido, Priscila acaba, em suas próprias palavras, "cedendo" à desgastante função de viver a vida de seus filhos, junto de seus netos e suas noras. Ainda

⁵⁹ Ainda que sejamos tentados a dizer que Priscila vê as coisas de forma nua, despida de suas roupagens sociais e organizada cruamente em torno de uma economia das trocas domésticas, sou compelido a não fazê-lo. Esse definitivamente é o papel que essa entrevistada define para si mesma: aquela que fala verdades difíceis de digerir, que vê o que outras pessoas escondem. Contudo, isso seria o mesmo que dizer que uma das entrevistadas vê as coisas "como elas são" – como se pudesse acessar a realidade objetiva por si só –, enquanto todas as outras estariam enganadas (ou se enganando) a respeito de suas próprias maternidades e dos sentimentos atrelados a elas. Por isso me parece sociologicamente mais cauteloso explicar a questão através da diferença entre as lógicas de organização das práticas e relações, organizadas a partir dos universos discursivos dentro dos quais essas atividades e disposições são dotadas de sentido.

que tenha tentado afastar-se, cruzando o oceano para se livrar dos laços que a figura da mãe tem para com sua família, seu relato dá a entender que, inevitavelmente identificada como mãe (por si e por outros), a entrevistada sente a coerção das vinculações que esse universo da relação mãe-filho pressupõe. Mesmo que tente lançar mão de uma outra lógica de concepção e valoração das trocas entre indivíduos para justificar seu afastamento, os discursos e convenções sobre o que uma mãe deve fazer em determinados momentos da vida de seus filhos a puxa de volta, compelindo-a a retornar para esse arranjo relacional. Nesse sentido, Priscila vive uma tensão propriamente sintetizada por palavras Foucault, mais tarde apropriadas por Butler, em *Problemas de gênero* (2013, p. 235): “a alma é a prisão do corpo”. Assim, essa entrevistada experiencia uma certa inevitabilidade da conexão entre o Eu e o conjunto de códigos e discursos que oferecem as palavras com as quais esse eu pode descrever a si mesmo.

Outro elemento importante para a compreensão de como as entrevistadas vivem sua subjetivação maternal vem da observação de que a maternidade não deve ser tomada como a totalidade do que compõe a vida dessas mulheres. É bastante comum, nos textos feministas que constroem suas análises a respeito da maternidade no ocidente, que se construa uma oposição entre a mulher e a mãe, essa posição social que operaria a negação da pessoa que a antecede e promoveria seu apagamento em função das responsabilidades maternas (BADINTER, 1985; 2011; RICH, 1986; FIRESTONE, 1970; FRIEDAN, 1974; CHODOROW, 1978). Um olhar lançado sobre o perfil de nossas entrevistadas permite notar que, ainda que a maternidade ocupe um papel muito importante em suas vidas, outros elementos são importantes para a forma como vivem e descrevem a si mesmas. Nenhuma das entrevistadas, por exemplo, ficou fora do mercado de trabalho enquanto seus filhos e filhas ainda estavam sob sua tutela. A grande maioria das mães com quem conversei passaram décadas sendo as principais cuidadoras de suas crianças e dos ambientes domésticos nos quais estavam inseridas: algumas delas viveram a maternidade como mães solo, outras viveram seus relacionamentos sem contar com a ajuda de companheiros (que trabalhavam viajando ou não se envolviam de maneira significativa nos cuidados da casa). Quando olhamos para os dados analisados Sorj e Fontes (2012), essa não é uma constatação nova. Exercer uma ocupação formal pode diminuir a carga de trabalho do cuidado que mulheres de diferentes classes social, mas, no Brasil, um emprego não impede a responsabilização das mulheres no que se refere a cuidar de outras pessoas.

Nas falas de algumas das entrevistadas, essa separação entre a mulher e a maternidade é sugerida. Mesmo no caso daquelas que enxergam sua experiência como mães

positivamente, é feita uma separação entre o "eu" e a "mãe" como coisas que se sobrepõem, sem que sejam a mesma coisa. Chica, por exemplo, disse, em parte de seu relato já citado acima, que anulou a si mesma muitas vezes, deixando de ser quem era ou de fazer o que queria fazer por causa de seu lugar enquanto mãe. A mesma palavra é utilizada por Atalia para descrever, retrospectivamente, que mudou em sua forma de enxergar sua vida após a saída de seus filhos: "não sei se é a palavra certa... a gente anula pelos filhos... você não vive a sua vida... você vive a vida deles, em função deles e para eles. Então eu comecei a mudar essa visão" (ATALIA, 2022, Entrevista VIII).

Ressalto, porém, que a adoção de uma postura marcada pelo *selflessness* pode ser vista também como um tipo de *self* – sendo, inclusive, parte integrante da “mãe devotada” criada na Europa e analisada por Badinter (1985). Essas mulheres não se submeteram à maternidade, mas elaboraram suas identificações maternais através da suscetibilidade constitutiva que as expõem a um universo discursivo do qual se apropriam para viverem e descrevem a si mesmas como mães. Esse investimento cuidadoso e/ou afetivo de si em função de outras pessoas não se separa de um tipo de subjetividade (biopoliticamente localizada) em relação a qual uma pessoa reconhece a si mesma e é reconhecida por outras dentro da cultura. Essa questão constitui a principal divergência entre meus argumentos e as formas como a maior parte das autoras tem tratado a maternidade até aqui – me separo das posições que vêem a “mãe” uma espécie de anti-subjetividade, de máscara, de um esvaziar-se, um não-eu. Do contrário, acredito que só poderemos entender a experiências das mulheres entrevistadas nesta pesquisa se considerarmos que a mãe existe através de um conjunto de protocolos históricos estética e subjetivamente organizados a partir da doação de si como a realização de um papel social ou qualquer coisa que o valha. Parece-me que, somente reconhecendo que essa é uma identidade historicamente organizada por um conjunto de discursos, saberes e poderes, sabendo que é uma estrutura subjetiva inteligível, experienciável e comunicável como algo – e não apenas como a negação de algo – poderemos entender, mais a frente neste trabalho, o que acontece quando a performance da maternidade na dessas mulheres é afetada pelo afastamento entre mãe e filhos e filhas.

Talvez o maior exemplo dessa possibilidade venha da trajetória relatada por Marisa. Acostumada a descrever a si mesma como "professora, engenheira e mãe", a entrevistada conta sobre a indeterminação que marca a saída de suas duas filhas de casa:

Porque quando você tem filhos pequenos, você tem a identidade dos filhos. Como eu te falei... quem definia meu final de semana eram elas. O que eu lia, lia livrinho com elas. Tinha aula... levava uma na aula de violão... a identidade era totalmente

aquilo... e agora a identidade é da Marisa novamente... aquela Marisa antes de ter filho, talvez até antes de casar porque, como eu não tenho marido, seria antes de eu casar. eu casei com 23 anos de idade. Então eu posso ter aquela situação de só depender de mim e só depender de mim pra viver a minha vida. Então... **é uma nova construção de identidade... é isso mesmo que tá acontecendo comigo.** (MARISA, 2022, Entrevista XI).

No começo do excerto citado, vemos algo parecido com a divisão binária que está no horizonte analítico das teóricas feministas mencionadas acima. Marisa seria a mulher por trás da mãe; a mulher antes da mãe e que agora se livra desse papel, dessa função, dessa espécie de camada externa de encargos e relações. Contudo, ao longo de sua fala, vemos que a questão talvez não seja tão simples. O relato de Marisa indica a identidade não como uma linha reta fixa, composta por identificações congeladas no tempo. Contudo, algo importante acontece ao fim de seu relato e tudo muda: a construção da imagem referida à Marisa antes de casar e ter suas Erica e Teresa é, nas palavras dela, uma **nova** construção de identidade. Nesse sentido, o que assistimos é a **construção** de uma Marisa anterior à maternidade e ao casamento. Através dela, a entrevistada elabora a busca um novo norteamento do que fazer consigo e como gerir a própria vida sem o amparo tão diretamente posto sobre a maternidade e a relação mãe-filho. Na pretensão de andar para trás na linha reta da identidade fixa, Marisa encontra o que entende como um eu mais jovem, intocado pelas experiências da vida que vieram depois, como se visto objetivamente a partir do passado. Contudo, é claro que um "eu que não é mãe" só pode ser construído a partir da maternidade como experiência de referência. Dito de outra forma: o antes e o depois da mãe são lugares de identificação pessoal concebíveis apenas a partir da maternidade – ela ainda é o eixo de construção da identidade nessa dinâmica. Acredito que algo muito mais complexo do que essa separação binária do Eu está em curso aqui: a reinvenção desse eu anterior a partir de construções da memória, de uma arqueologia auto-narrativa do eu – elaborada, não nos esqueçamos, a partir de um lugar já situado na maternidade por mais de duas décadas – é justamente o tipo de ficção performada que permite uma reorganização de si. Construída a partir do presente, a figura da Marisa antes dos filhos só poderá habitar o futuro a partir dos referenciais inapagáveis de sua vivência enquanto mãe. Nesse caso, a mulher antes da mãe terá sido, desde o início, a mãe que imagina como será a vida sem suas filhas.

Contudo, os relatos das entrevistadas não se resumem a identificações como mãe ou não-mãe. Muriel, por exemplo, apresenta um cenário mais amplo, destacando as diferentes personagens que as mulheres representam, sendo a mãe apenas uma delas:

A mulher tem, com tudo... a mulher, a mãe, as personagens... inclusive tem uma frase que eu usei que eu acho linda do Visconde de Taunay se eu não me engano... eu até coloquei no meu TCC... que na vida as pessoas exercem diversos personagens... é exatamente isso, Henrique... nós temos... as mulheres... muitos personagens e você tem que representar, entendeu? Você tem que ser a personagem mãe, você tem que ser a personagem mulher, tem que ser a personagem ex-mulher, profissional, aquela que tá ali morrendo de sono, cansada "meu deus que vontade de mandar... de chutar o balde", "não você vai ir..." você tem que ser persistente, você tem que ter esse jogo de cintura pra poder administrar tudo né... porque ser mãe não é fácil... nem um pouco (MURIEL, 2022, Entrevista IV).

No trecho acima, a entrevistada descreve o "jogo de cintura" necessário para atravessar a vida em seus diferentes âmbitos. Cada um desses espaços requer, em sua narrativa, uma personagem adequada. Um diálogo interno parece decidir com quais códigos será necessário dialogar, qual será o eixo de referência para conduzir a vida em suas diferentes esferas. A pluralidade de figuras possíveis para o comportamento indica, simultaneamente, que a mãe não surge como identidade total, nem como intimidade essencial, primordial ou coisa do tipo. Ao mesmo tempo, nota-se que diferentes formas de identificação (com suas lógicas de ação específicas) convivem em constante negociação, demandando adaptações e improvisações a partir de cenários onde as regras do jogo requerem um diverso conjunto de habilidades e disposições.⁶⁰

Para o intuito desta pesquisa, é relevante entender a mãe como um lugar subjetivo, ancorado historicamente e vivido de forma diversa e específica para cada uma das entrevistadas – sempre em relação com o código social que lhes oferece os discursos através dos quais a maternidade e a relação entre mãe, filhos e filhas pode se tornar inteligível e oferecer amparo coletivo para uma identificação individual. Isso porque acredito que as vivências das participantes desta pesquisa com a saída de seus filhos e filhas de casa respondem diferentemente a essa mesma forma de subjetivação. Nesse sentido, assim como, para De Lauretis (1994), as mulheres vivem uma constante negociação semiótica com A Mulher, parece-me que a forma como mães se relacionam com A Mãe é importante para compreender como elas experienciam o momento que suas filhas e filhos deixam seu espaço doméstico de convivência. Tendo, com sorte, demonstrado algumas importantes

⁶⁰ É digna de nota a constatação de que diferentes cenários das trajetórias pessoais das entrevistadas demandaram por uma negociação entre lógicas de ação diferentes. Mais a frente nesta tese veremos como o conflito entre diferentes estilos de comportamento podem trazer tensões específicas às situações enfrentadas pelas mães cujos filhos e filhas saem de casa.

características desse elemento fundamental no raciocínio que tento expor aqui, será possível dar continuidade ao capítulo. Conservando o mecanismo analítico preocupado com a relação entre as experiências constituídas através dos relatos das entrevistadas, os códigos que possibilitam a inteligibilidade dessas vivências e as formas como essas mulheres se apropriam desses discursos em suas vidas cotidianas, o próximo capítulo deste trabalho investiga a complexidade da identificação maternal a partir das vivências ligada à saída dos filhos e filhas de casa. A seguir, procuro entender o que se passa na vida dessas mulheres quando a forma pela qual se identificaram enquanto mães e viveram, por décadas, relações profundamente marcadas por rotinas de cuidado e responsabilização pessoal pelo bem-estar de outros é desafiada pelo processo da saída de filhos e filhas de casa.

5 SER MÃE DE FILHOS E FILHAS QUE SAÍRAM DE CASA: OS INTERSTÍCIOS DA EXPERIÊNCIA

Tendo compreendido a intensidade com a qual algumas das entrevistadas descreveram o lugar da maternidade em suas vidas e observado traços importantes de suas trajetórias com a vivência cotidiana dessa experiência – marcada por responsabilizações herdadas de construções historicamente localizadas e vividas de forma particular em cada uma de suas rotinas de cuidados apresentadas no segundo capítulo deste trabalho –, agora podemos prosseguir na linha temporal interna aos relatos das mulheres com quem conversei. Este é o momento em que posso começar a me debruçar sobre como o processo da saída dos filhos e filhas de casa afeta os arranjos referentes a alguns desses temas na vida dessas mães. Abaixo, discuto como a transformação das maneiras pelas quais a maternidade é exercitada traz consigo diferentes reverberações importantes nas vidas das entrevistadas. Ao longo do capítulo, veremos que essas mães relataram serem atravessadas sentimentos como culpa, solidão, revolta e tristeza, mas também orgulho e alegria. Para algumas delas, esse foi um período conturbado em suas vidas. Examinada atentamente, a desestabilização de uma rotina de exercício das maternidades vividas por essas mulheres – e dos cuidados que elas continham – nos mostrará elementos basilares da forma como essas entrevistadas vivem e descrevem a si mesmas enquanto mães. Como dito anteriormente, agora poderemos enxergar, nos impasses enfrentados por essas entrevistadas, um imbróglcio de proporções históricas.

É necessário enfatizar que os processos da saída dos filhos e filhas de casa causaram reverberações intensas nas vidas de quase todas as entrevistadas. Não se trata de uma simples mudança no arranjo das tarefas cotidianas ou de uma transformação pontual nos modos de convivência dentro do ambiente doméstico. A vida da maioria das mulheres com quem conversei foi profundamente tocada em diferentes âmbitos por esse evento. Sâmia e Carla, por exemplo, tiveram de passar por tratamentos psiquiátricos durante as fases mais emocionalmente intensas da saída de suas filhas e filhos – Cláudia também relatou procurar ajuda nesse ramo da medicina para lidar com mudanças em seu comportamento que foram particularmente agravadas pela saída de sua filha. Carla e Sâmia desenvolveram problemas com consumo excessivo de álcool e enfrentaram dificuldades com suas rotinas de trabalho enquanto lidavam com a mudança em suas rotinas e com as preocupações a respeito de suas filhas e filhos que lhes ocupavam a cabeça ao longo do dia. Muitas das mulheres com quem conversei também relataram investir seu tempo e sua energia de forma mais intensa no trabalho ou em outras atividades dentro de casa para que, através da exaustão causada por dias

cheios, pudessem dormir com mais facilidade frente às preocupações que as incomodavam – esse foi o caso de Maria, Sâmia, Atalia e Carla. Algumas delas, como Atalia e (mais gravemente) Nida, passaram a enfrentar problemas para se alimentarem por conta da lembrança das refeições como os momentos em que conviviam de forma mais próxima com seus filhos e filhas. A transformação nas relações domésticas tocam em pontos nevrálgicos da interligação entre disposições e hábitos que passam a ser vistos, sentidos e pensados de forma diferente. Pensar os filhos e filhas sem a sua presença carrega consigo um conjunto latente de medos, expectativas e ansiedades que, como veremos, não são simples problemas individuais, mas consequência de heranças históricas vividas de forma particular por essas mulheres.

O capítulo se dividirá em três tópicos. No primeiro deles, examinarei o conflito entre itinerários normativos do ciclo da vida e as experiências práticas do cuidado vivido na relação mãe-filho de cada uma dessas entrevistadas quando lembram das questões com as quais tiveram de lidar a partir da notícia da saída de seus filhos e filhas de casa. Em seguida, discuto a exacerbada percepção de risco que se inaugura no fluxo de consciência das mulheres com quem conversei – relacionando esse desenvolvimento à inteligibilidade de filhos e filhas como sujeitos definidos por necessidades de cuidado das quais essas mães não poderão mais dar cabo, apesar das disposições desenvolvidas por décadas de exercício da maternidade. Por fim, lanço um olhar para a saída como o momento em que é abalada uma estrutura que fundiu cuidar, tutelar e controlar como verbos comuns à relação mãe-filho. Através desses pontos, será possível contemplar os objetivos preocupados com a caracterização da relação dessas mães com seus filhos, a investigação das condições em que a saída ocorre, as transformações causadas por esse evento e com os discursos apropriados ao longo de todo o processo.

5.1 *"Por mais que eu queira, eu não quero": o conflito entre itinerários normativos do ciclo da vida e as experiências práticas do cuidado vivido na relação mãe-filho*

Talvez a forma mais pertinente de iniciar as discussões deste capítulo seja imprimir um esforço analítico sobre um tema que, nos relatos de minhas entrevistadas, geralmente acompanha a notícia de que seus filhos e filhas haviam decidido sair de casa. Sâmia, por exemplo, falou sobre a proliferação de tensões que surgiram (externa e internamente) quando Guto lhe contou sobre seus planos de se mudar para Holanda junto de seu namorado:

Aí eu tive essa outra culpa que as mães que deixam seus filhos irem... como se a gente tivesse o poder de dizer não né... você sabe que a gente não tem, né. Não temos o poder e não temos o direito. O que me fez aceitar que o meu filho fosse é justamente

querer que ele tivesse uma vida diferente do que tava planejado pra ele aqui no país, né... o pai dele já tinha feito a trajetória da vida dele todinha. Acabou ele pegou... e... eu... apoiei. Confesso pra você que eu não queria. Eu nunca quis que ele fosse porque eu tinha certeza que era o filho que ia ficar comigo até o dia que eu morresse. E não foi. Ele foi embora. Ele foi embora... Então eu tive que ser forte pra apoiar porque todo mundo. A minha ex-sogra tava me culpando porque eu tava “mandando o meu filho embora” [...] A minha mãe me culpava. Ela falava “eu vou morrer sem o meu neto e a culpa é tua”. O pai dele me xingava: “eu vou ficar sem ver meu filho e a culpa é sua” porque eu fui a única que apoiei... eu tive que apoiar. Eu não queria. Se todo mundo tivesse apoiado, eu seria a primeira a dizer que não queria, mas ele iria do mesmo jeito. Ele iria. E essa nossa trajetória mudou a minha vida totalmente. (SÂMIA, 2021, Entrevista I)

Parte do projeto pessoal de Sâmia a respeito de sua maternidade envolvia a ideia de ter seu filho consigo até o resto de sua vida. Deflagrada a notícia da saída de Guto, vemos a entrevistada cindida entre dois pólos contrastantes: de um lado, suas vontades e seus planos para uma vida junto de sua família e, de outro, a percepção da necessidade de apoiar o desejo de seu filho (contra sua própria vontade e a despeito dos diversos julgamentos que surgiam dos outros membros da família). Uma tensão parecida – ainda que menos marcada por pressões externas) é apresentada por Maria, mãe de Reinaldo, falando sobre quando seu filho lhe contou a respeito de seu intuito de mudar-se para fora do Brasil com Guto:

tem amigas minhas “você é louca! imagina que eu vou deixar meu filho”... pois é, mas o filho dessa pessoa tá lá agregado nas costas dessa pessoa até hoje né... não tenho nada com isso... Deus que abençoe, mas a gente tem que deixar os filhos voarem... voe, voe... se quebrar a asa volta. se não quebrar, melhor ainda... aumenta a asa e vamo embora... então comigo não teve... dificuldade nenhuma por eu já ter esse pensamento já de muito tempo. **É lógico que se você perguntasse pra mim “gostaria que ele fosse embora?”... lógico que não! Nenhuma mãe... se disser pra você “não... queria que ele fosse embora”, eu to mentindo! Claro que não... queria que ele ficasse comigo, né... comigo ou, como diz, perto de mim... mais perto de mim. Mas não é assim... então não é assim.** Se alguma mãe disser... lógico, a não ser aquelas mães desnaturadas... vamos supor a mãe que fica ali, que cuida que nem a gente cuidou também que nem bibelô e tal... a gente quer que fique junto né... (MARIA, 2021, Entrevista II, destaques meus).

Em outro momento, a entrevistada fala sobre uma certa dissonância experienciada quando pensa na escolha de seu filho Reinaldo em sair de casa e sobre a decisão de ajudá-lo como pudesse:

Mas a princípio é isso: a gente vai lutando pra que o filho vá melhor, pra que mais tarde ele vá... também pra dar melhor pros filhos e assim por diante né... Então eu sempre digo... **se você disser pra mim “era isso que você queria?”... não... eu queria que o meu filho ficasse comigo... tanto é que me judia... que eu fico às vezes... “ai meu deus”... a falta de que a gente sente. mas também fico alegre porque eles tão bem lá... graças à deus eles tão bem. tão se virando, tão trabalhando...** (MARIA, 2021, Entrevista II, destaques meus)

Um tensionamento interno parecido é ser expresso de forma mais curta por Muriel, ao falar sobre o que sentiu nos momentos de sua vida em que seus filhos estavam prestes a sair de casa: "eu acho que quanto mais você se prepara pra libertar os filhos, você acaba tendo aquele ciúme, aquele amor egoísta, entendeu?... "mas eu queria que eles estivessem aqui comigo". Mas aí eu justifico "eles não podiam ficar aqui comigo. Eles têm a vida deles". (MURIEL, 2022, Entrevista IV).

A ideia que pretendo apresentar começa a ganhar forma a partir desses relatos. Percebe-se aí um conflito específico, que surge não apenas a partir das pessoas em torno dessas mães, mas também como um tensionamento interno. Nos excertos acima, a vontade de que os filhos fiquem em casa contrasta com o reconhecimento da validade de suas escolhas individuais e com a ideia de que esse seria um caminho natural – crescer, sair de casa, separar-se do ambiente em que se vivia quando criança, voar com as próprias asas e construir uma vida para si parecem surgir como partes de um itinerário comum, pelos quais todos passaríamos em algum momento. Assim, parece-me que a saída dos filhos e filhas de casa aciona uma tensão entre duas lógicas norteadoras da ação: enquanto uma delas valoriza a convivência entre mães e filhos e é marcada por uma indisposição em relação à ideia de separar as duas partes dessa relação, a outra lógica estabelece uma espécie de itinerário normal, de tons indubitáveis para o desenvolvimento da vida individual. De um lado está a vontade de manter os filhos por perto, de outro está uma espécie de reconhecimento resignado de que a vida tem um curso a ser seguido e não seria correto interrompê-lo.

Nida, contando sobre o momento em que Túlio passou no vestibulinho que o permitiria estudar em uma escola melhor (em uma cidade vizinha), relata que a felicidade da possibilidade de acesso à uma educação de qualidade que garantiria um futuro profissional para seu filho dividia espaço com um apego à figura de Túlio. Mesmo feliz pelas chances abertas para a vida de seu filho com sua saída de casa a entrevistada me disse que também pensava em pedir para que ele ficasse:

aí ele foi prestar o vestibulinho - a gente teve que pagar um taxi pra ele ir pra cidade vizinha pra prestar o vestibulinho e aí... "mãe, passei!" né... cê fica feliz... falei "Deus que abençoe! Túlio do céu!", né... a felicidade tomou conta d'a gente porque né.. e ele também muito contente... o Túlio sempre foi muito comunicativo. Ele nunca teve muita dificuldade pra fazer amizade né... então esse lado me confortava um pouco. Mas a vontade grande de falar "não vá. fique" ... aí eu acho que passa pela boca de toda mãe... "não vá. Fique". (NIDA, 2022, Entrevista VI).

Ainda que reconheça a importância desse passo para a vida de Túlio – lembremos que a saída desse filho ocorre em um cenário onde a busca por melhores condições de ensino

surgia como uma estratégia familiar na busca por melhores condições de vida –, a entrevistada conta que passou por esse processo estando internamente dividida. Como no caso das outras mulheres com quem conversei, o apoio aos planos para seu filho contrastavam com sua própria vontade – posta de lado em função do futuro de Túlio. Mais tarde, a entrevistada voltou ao tema enquanto falava sobre o que aprendeu a experiência da saída de seu filho mais velho:

Olha... o aprendizado que acho que fica pra mim é que a gente tem que admitir que são seus, mas que eles também têm que cuidar da vida deles. Então eu também não tenho muito direito de interferir, de falar "não faça, não vá"... que é a vida deles... mas é um aprendizado que você sabe, mas que **não encaixa muito bem pra mãe**, sabe? (NIDA, 2022, Entrevista VI, destaques meus)

Mais a frente, quando começamos a falar sobre a saída de Isabella, sua filha mais nova, um dilema ainda mais profundo é expresso por Nida:

na verdade... da boca saa uma coisa e o coração sente outra... aí meu Deus do céu e da terra!... teve uma... eu acho que quando a Isabela foi prestar o vestibular... ao mesmo tempo que eu queria muito, eu falava "Isabela se não der certo não se preocupe. Não se preocupe. Você fica aqui com a mãe pra mãe não ficar sozinha". **Essa briga eu acho...será que a gente acaba sendo falsa um pouco - porque da boca sai um negócio e o coração tá pedindo outro?** (NIDA, 2022, Entrevista VI, destaques meus)

Há aqui um componente ainda mais complexo a ser considerado. A maior parte dos relatos das entrevistadas conta a história de filhos que estão dando os primeiros passos em seus projetos pessoais – que envolvem a busca de uma boa educação, uma posição mais bem estabelecida no mercado de trabalho, a construção de uma nova célula familiar com companheiros e companheiras e muitos outros cenários. Isso torna a tensão apresentada até aqui ainda mais drástica: essas mulheres não apenas têm de lidar apenas com a duplicidade de valores a serem levados em conta ao formarem suas próprias posições a respeito da saída de filhos e filhas de casa, mas também devem dar conta do fato de que recai sobre elas a responsabilidade de *ajudar* os filhos a saírem de casa. Uma parte do relato de Marisa expressa de forma clara a questão:

inclusive hoje foi um dia em que nós fomos assinar a escritura do apartamento dela. Então, assim, eu tô entre ficar feliz e viver o luto. É muito louco isso. Transito entre a felicidade dela estar conquistando o apartamento e saber que eu mesmo gerei essa situação pra mim... eu mesmo tô gerando a situação dela sair de casa porque eu ajudei financeiramente, ajudei ela a ir correr atrás da papelada, fui visitar os apartamentos junto com ela. Então eu mesma tô gerando essa situação pra mim. (MARISA, 2022, Entrevista XI)

Posta em contraposição à felicidade de ver sua filha Teresa conquistando seu próprio apartamento, o movimento de "gerar para si mesma" a saída de sua filha de casa parece existir num espectro negativo para a entrevistada. Marisa parece culpar a si mesma pela situação na qual se encontra. A contradição é um elemento fundamental desse relato: as ações através das quais a entrevistada conta causar sua própria tristeza são justamente aquelas ligadas ao cuidado e ao apoio da filha em sua empreitada na busca por uma casa própria. Somada à tensão estabelecida entre querer a filha por perto e entender que ela deseja e precisa sair de casa, a posição de Marisa enquanto mãe – enquanto aquela que auxiliará sua filha com suas vontades e seus planos pessoais – torna a situação mais complexa. Ajudar a filha com um de seus próprios desejos se torna aqui uma forma de ser feliz (através da felicidade da filha) e se fazer triste (com o processo da saída e afastamento de sua filha mais nova de casa) ao mesmo tempo.

Mais a frente, a mãe de Érica e Teresa contou sobre a dualidade de sentimentos que experienciou em relação à saída de sua filha mais nova de casa:

Eu fiquei triste, mas eu procuro não deixar que isso... não transferir essa tristeza pra ela. porque a vida é essa. os filhos crescem e vocês tem que ir embora mesmo... até hoje minha filha depois... ela veio agora há pouco assim: "é mãe... vou morar até os 40 anos com você", ela falou brincando – a minha filha mais nova, essa que acabou de assinar a escritura do apartamento dela – e eu falei "deus o livre!"... isso é errado. é melhor mesmo que os filhos vão embora, é o ce... **agora, entre saber o que é o certo e você lidar bem com isso... você... tem um gap [brecha ou lacuna, em inglês]... eu acho que tá tudo certo ela ter ido, eu acho que tá tudo certo a filha mais nova estar indo... mas aí... eu preferia que elas ficassem comigo [risos].** (MARISA, 2022, Entrevista XI, destaques meus)

Chama a atenção nessas falas as constatações das entrevistadas sobre o que sentiam e queriam, o que sabiam que seus filhos e filhas desejavam e o que acreditavam ser o correto a se fazer nos cenários em que estavam envolvidas. Marisa, por exemplo, enfatiza a diferença entre o que sente e o que "é o certo" a se fazer. Há uma certa resignação frente a uma espécie de constatação da ordem correta das coisas. Ancora-se em algo como lógica de princípios abstratos sobre o itinerário da vida de sua filha. Ao mesmo tempo, essa postura contrasta justamente com os sentimentos pessoais de Marisa e seu apego a suas filhas: "Entre saber o certo e sentir-se de uma forma consonante, há um *gap* [brecha ou lacuna, em inglês]". E o que é essa lacuna, essa separação irreconciliada entre posições, experienciada por essa entrevistada, mas também por Nida e Maria, por exemplo?

Em momentos como esses, as entrevistadas parecem habitar um hiato, viverem uma ambivalência ética dividida entre não quererem abrir mão da convivência com filhas e filhos e uma certa constatação de que não podem controlar o processo de sua saída – permeado por por outras vontades e por uma certa "ordem das coisas". Em que se ampara essa última ideia, que se refere a uma espécie de ordenamento natural da vida? Seguindo Badinter (1985), poderíamos recuperar o impacto das noções rousseauianas sobre nosso imaginário a respeito da formação de núcleos familiares e do desenvolvimento individual. A narrativa fundacionista que apoia a primeira parte do *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (2010)⁶¹, por exemplo, supõe uma natureza individuadora: os animais – essa espécie de espelho para a pureza possível na alma do humano – só ficariam junto de suas mães até serem fortes o suficientes para buscarem seu próprio alimento e viverem por conta própria. Nesse sistema de pensamento, assim também seria com os humanos.

A influência do pensamento de Rousseau, como nos conta a autora (BADINTER, 1985, p. 258), expandiu-se até a virada do século XX, através de figuras como o padre francês Henri Didon. Seguindo a temática de *Emílio*⁶², obra que colocaria o pensamento rousseauiano no centro da construção das noções de maternidade que dominariam dali em diante, Didon explicou a função materna de forma mais clara: para a mãe era obrigatório aderir a um modelo de educação moral focado não apenas na iniciação e preservação da criança, mas na construção de sua emancipação pessoal. Acoplando-se à figura do sujeito moderno elaborado de outras formas por Hobbes e Locke, o elogio e as prescrições da maternidade colocavam a autonomia individual do filho como uma responsabilidade da mãe. Mentora dotada de um "instinto" educador, a figura maternal imaginada a partir desse conjunto de discursos existiria para, entre outros fins, transformar seus filhos e filhas em adultos bem formados e independentes.

Mais a frente, a popularização da psicanálise e outras ciências do campo Psi – fenômeno ao qual dedicaram atenção não apenas Badinter (1985), mas também Betty Friedan (1974), Adrian Rich (1986) e Ehrenreich e English (2003), por exemplo – dá continuidade à responsabilização materna pelo desenvolvimento de seus filhos e filhas. Os comportamentos externalizados e os desejos mais íntimos (conscientes e inconscientes) dessas mães seriam responsáveis por quão bem ou mal formados seriam aquelas e aqueles criados por elas.

⁶¹ O texto foi publicado originalmente em 1755. Aqui utilizo a edição de 2010, publicada pela Martin Claret.

⁶² Publicado originalmente em 1762, *Emílio* é destacado por Badinter (1985) como uma das obras mais importantes para a veiculação e enraizamento do mito do amor materno na modernidade europeia. Massivamente influente, o texto existe como um tratado para educação – construído em torno da figura da criança, seu desenvolvimento e o papel da mãe nesse processo.

Contudo, tão importante quanto à centralidade da incumbência materna a respeito do destino de seus filhos e filhas é também a normalização da própria ideia de desenvolvimento moral construída ao longo do século XX.

Hoje o itinerário pressuposto para a vida individual em direção à autonomia e independência – pensados como ausência de vulnerabilidades ou susceptibilidades viu frente a presença de outras pessoas em nossas vidas – ainda goza de um enraizamento tão profundo que destacá-la como *uma* forma de pensar trajetórias pessoais (ligadas a um conjunto de discursos historicamente localizados) e parece uma maneira de negar a realidade das coisas. Contudo, talvez devamos lembrar que a própria proposta analítica de Gilligan que inicia os estudos do cuidado (trazida no segundo capítulo deste trabalho) surge justamente como uma forma de nomear e criticar essa espécie de gabarito normativo estabelecido por autores como Freud, Kohlberg e Erikson para pensar esse a formação individual que vai da infância à vida adulta. Herdeiras de um discurso sobre o sujeito moderno, as explicações sobre uma resolução salutar do complexo de Édipo, sobre os estágios daquilo que Erikson chamaria de "ciclo da vida" na década de 1950⁶³ e sobre as fases do desenvolvimento moral resultam na concretização da ideia hegemônica de um itinerário normal para cursos de vida.⁶⁴ Assim como com o padre Henri Didon no fim do século XIX, em todos esses nódulos de produção discursiva, é parte da função maternal promover a autonomia de seus filhos e filhas – em direção à subjetividade individual, seu papel é educar seus filhos para que eles se afastem dela e construam suas próprias vidas.

As ideias que veiculavam a normalização de uma concepção específica a respeito do itinerário correto para a vida individual, como vimos até aqui, têm a mãe como personagem na história de outras pessoas. No emaranhado de conceitos, noções e corolários organizados em nome dessa narrativa sobre o desenvolvimento humano, vê-se não apenas as experiências masculinas pressupostas por trás da figura ideal do Indivíduo, mas a formulação de um papel coadjuvante para a maternidade: à mulher caberia a função de fomentar a trajetória do Outro, prepará-lo para o futuro e catalisar seu crescimento em direção à independência e autonomia – sinônimos, nesse universo discursivo, do que teóricas do cuidado chamam de liberdade por separação do Outro (TRONTO, 2013, p. 88). Nesse cenário, uma série de definições *a priori* prescrevem o que as mães *deveriam* sentir – talvez até supondo que, se acessassem a própria natureza, como pretendiam fazer moralistas, economistas, médicos e religiosos, poderiam

⁶³ O conceito surge pela primeira vez de forma robusta na publicação de *Childhood and Society*, em 1950.

⁶⁴ Um olhar atento para as entrevistas de Georgiane Vazquez (2015) indica que a ideia de ciclo vital também transpasse de forma referencial as narrativas advindas das diferentes posições registradas ao longo de suas entrevistas – o que registra a veiculação desse tipo de discurso também no Brasil.

entender a si mesmas de maneira mais completa. Em troca, as mulheres cultivariam os "instintos naturais" que lhes foram implantados por uma leitura discursiva de seu corpo, sua "natureza" e seu destino moral. Agora, porém, as entrevistas que formam o *corpus* de análise desta pesquisa permitem que nos debruçemos sobre o lugar das experiências narradas *pelas mães* ao descreverem a complexidade desse momento em suas vidas.

Sabendo disso, é possível que olhemos novamente para a ambivalência narrada pelas entrevistadas em seus relatos. Algumas delas, como Sâmia, contam sobre a complexidade da mistura entre sentimentos externos de pressões externas que, centradas sobre seu papel de mãe, responsabilizavam-na de diferentes maneiras por conta das escolhas de Guto. Nesse cenário, a mãe – posta na impossível situação de agir como responsável absoluta pelas decisões e por toda a vida de outra pessoa – tem de escolher entre a cruz e a espada: não apoiar seu filho e reforçar seu desejo de uma vida vivida em conjunto significaria lidar com os impactos desse tipo de escolha na sua relação mãe-filho; defender sua saída, por outro lado, fez com que fosse tratada como culpada por sua família estendida ao apoiar os planos e emancipação individual do filho. Outras, como Marisa, se enxergam intimamente divididas entre o que sentem e aquilo que, alheio a suas emoções e vivências pessoais, seria "o correto" a se fazer. Logo no começo da entrevista com Atalia, ela mencionou que seu filho mais novo havia voltado a morar com ela até que tivesse condições financeiras de bancar sua vida junto de sua esposa:

meu filho mais novo.... ele voltou pra casa... agora, né, não to mais sozinha - tão sozinha... ele casou e eles tão aqui até eles conseguirem sustentar a si próprios... ele é arquiteto e ela é dentista... como ela veio do interior ela tem que fazer aqui pra conseguir isso aí... então tão... tão querendo sair, quem sabe, até o final do ano ... **eu, por mim, não sai... mas é a vida deles, claro que eles tem que sair... mas por mim tá ótimo** (ATALIA, 2022, Entrevista VIII, destaques meus).

De forma um pouco resignada, a entrevistada parece saber que, mesmo que defenda a estadia de seu filho e nora em casa, um certo itinerário normativo sobre o que "tem" de acontecer estabelece um prazo para o arranjo em que pode conviver com seu filho em seu próprio lar. Outro trecho onde a dissonância à qual me refiro pode ser percebida surge ao longo de nossa conversa, quando a entrevistada conta sobre como lidou com o fato de que seu filho mais velho sairia de casa para estudar num colégio interno adventista:

Eu já comecei a chorar só de saber que ele ia... mas eu sabia que era o melhor pra ele porque... no colégio interno o pessoal pensa que é ruim, mas é bom porque você faz amizades. Eu estudei na faculdade num colégio interno... como a gente muda a cada

quatro anos, eles não tinham raízes de amigos, eu falei "bom, pelo menos esses quatro anos e mais a faculdade... eles vão ficar no mesmo lugar e vão criar amigos". Então ele [filho mais velho] foi... quando ele foi já foi difícil pra mim, mesmo se ficou um em casa... mas é... é parte de você que vai embora. Só de arrumar as coisas dele eu já chorava muito. **Quando eu cheguei lá, eu chorei tanto que o meu marido: "Atalia, você tem que dar apoio", né... mas eu não conseguia parar de chorar.** Vim chorando na viagem, deixei ele lá... ele também apreensivo, novinho, não conhecia nada... então quando eu cheguei em casa que eu olhei aquele guarda-roupa que não tinha uma peça de roupa... aí foi o pior ch... a pior sensação que eu pude ter de todo aquele tempo... eu falei "poxa, agora ele não é mais meu... ele não volta mais pra casa". Então foi essa a sensação que eu tive quando ele saiu. (ATALIA, 2022, Entrevista VIII).

Em torno da partida de seus filhos, está condensada uma carga emocional bastante intensa. O relato de Atalia é marcado pelo conflito entre, de um lado, a estratégia familiar de aposta no internato (aposta que tem seu valor reconhecido pela própria entrevistada) organizada em função da inserção dos filhos num itinerário de desenvolvimento individual e, de outro, o apego à figura do filho que sai – enraizado em mais de uma década de proximidade, afeto, carinho, cuidado e grande dedicação pessoal da entrevistada em direção a seus dois filhos. Essa mãe contou ter vivido a confusão estabelecida entre sofrer com a saída de seus filhos de casa e *ter* de apoiá-los nesse processo, para além do que estava sentindo. De forma ambivalente, Atalia – assim como outras mães já mencionadas acima – vive a tensão entre querer e sentir duas coisas ao mesmo tempo: uma espécie de duplicidade que se dividia entre acreditar que essa é uma boa escolha para o destino de seus filhos em suas trajetórias individuais, mas não querer que eles se afastem do arranjo no qual a relação mãe-filho se configurou ao longo de todo o tempo em que viveram juntos.

Ainda que expressa em um contexto diferente, uma expressão dita por Mel ao longo de sua entrevista parece sintetizar as dificuldades vividas por quase todas as outras entrevistadas que também lidam com o tensionamento entre, de um lado, sentir o desejo íntimo de conexão e continuidade da relação entre mãe e filhos construída ao longo de um longo período de cuidado, atenção, trocas e dedicação e, de outro, acreditar no valor do itinerário normalizante de desenvolvimento e crescimento individual – incentivando-o na trajetória de seus filhos e filhas. Me contando sobre a decisão de Luiz, seu filho mais velho, a entrevistada sumariza a duplicidade de sua posição de maneira direta e precisa:

então... fazia tempo já que ele tava juntando um dinheirinho e sempre dizendo que tava vendo apartamento... "não mãe, eu to vendo apartamento"... aí ele dizia "poxa, mãe... daqui há pouco eu to com 30 anos também... não quero ficar com 40 anos morando com a mãe..." e eu realmente acho que ele tinha razão né... nem eu quero né... **por mais que eu queira, eu não quero** (MEL, 2022, Entrevista VII).

Falamos aqui de uma tensão específica à experiência dessas mulheres, que viveram décadas em um contexto transpassado por práticas, discursos e significados que as tornam hiper-cientes à intensidade dos laços e relações de cuidado invisibilizados pela concepção de indivíduo – herdeira do sujeito pressuposto nas teorias políticas modernas já visitadas anteriormente neste trabalho. Parece-me adequado compreender essa ambivalência como uma consequência do encontro entre, de um lado, vidas vividas sob um modo de subjetivação constituído historicamente pela construção de um eu-mãe *em relação* à figura do filho e, de outro, o estabelecimento normativo de uma concepção de ciclo de vida norteadas pela independência enquanto separação. Com efeito, o momento da saída de casa é culturalmente investido de uma tonalidade de ruptura entre um ambiente de dependência (imaginado como espaço fundamental de uma lógica de cuidado e conexão) para um ambiente de independência (imaginado como um ambiente de autossuficiência e liberdade).

Nossa cultura oferece um lugar subjetivo habitável para que essas mulheres possam viver e darem sentido às próprias experiências através de discursos que rondam a figura da mãe e sua conexão com esse Outro fundamental (o filho) em relação ao qual podem viver e descrevem a si mesmas. Ao mesmo tempo, criamos um modelo de itinerário para a vida individual que não oferece vocabulário suficiente para o conflito que ele mesmo gera na vida dessas mulheres. Sabemos, como visto acima, que esse itinerário normativo e o elogio da maternidade não se separam. Ainda assim, uma situação contraditória está posta: nesse paradigma de imaginação do desenvolvimento individual do filho, está pressuposto para a mãe um papel de apoio e separação que simplesmente ignora o apego, o investimento pessoal e a intensa relação desenvolvida a partir do próprio modo de subjetivação maternal. Essas entrevistadas vivem um emaranhado contraditório de discursos, que construiu em suas vidas – desde o começo de suas maternidades – um modelo de relação mãe-filho pautado pela mais profunda interconexão entre essas duas partes. Mais tarde, contudo, essas mulheres têm de lidar com a abrupta demanda de uma capacidade de separação e desconexão que vai no sentido diametralmente oposto a tudo o que viveram junto de seus filhos e filhas até então. Enquanto sociedade, pedimos para que essas mulheres se movam em uma direção específica por décadas a fio; em seguida, imprimimos uma mudança radical de sentido e direção em suas vidas e as deixamos desamparadas para lidar com a somatória de forças que as puxam em diferentes direções quando isso acontece.

É importante notar que a contradição não esgota a complexidade da questão posta acima. O fraseamento utilizado por Mel na citação trazida anteriormente define bem o imbróglio em questão: não se trata apenas de um desejo interno que seja contraposto a uma

exigência externa. Querer e não querer surgem ambos internamente, a partir das mesmas pessoas – tensionadas pela ambivalência das lógicas que demandam o direito de nortear suas ações. As entrevistas mostram que quase todas mulheres mencionadas acima acreditam, *simultaneamente*, na validade do itinerário normativo que prescreve um caminho de individuação em direção à independência-como-separação e no apego cuidadoso (pensado através da valorização da conexão) que lhes faz querer o filho por perto o máximo de tempo possível. Dessa forma, a saída dos filhos e filhas de casa se encontra em uma paradoxal convergência histórica de dispositivos discursivos. Tudo se passa como se dois modelos subjetivos diferentes disputassem o enraizamento de suas noções fundamentais na vida dessas mães para, com isso, guiar suas escolhas.

É notório que teóricos das experiências racializadas de populações negras ao redor do mundo – como William Du Bois⁶⁵, Frantz Fanon⁶⁶ e Paul Gilroy⁶⁷ – tenham se utilizado da noção de "dupla consciência" para dar nome ao conflito interno vivido por grupos colonizados, escravizados e subordinados ao lidarem com o emaranhado de discursos que compõe suas próprias opiniões, valores, ideias, preferências e crenças – elementos constitutivos de suas existências dentro sociedades hegemonicamente marcadas por valores opressores, colonizadores e escravocratas. Acredito que aqui estejamos diante de um exemplo particularmente representativo da dupla consciência na maternidade: essas mulheres vivem o dilema da irreconciliável da sobreposição de duas lógicas diferentes para guiar suas ações e percepções do processo da saída de seus filhos e filhas de casa. Ambos, o itinerário normalizante para o desenvolvimento individual – esse depósito de confiança na ideia que o crescimento normal e saudável se dá em direção à independência-por-separação – e o apego cuidadoso à relação mãe-filho – elemento particularmente marcante das experiências reais e cotidianas, vividas sob a égide da subjetivação maternal – são vistos como pertinentes pela maioria das entrevistadas.

Voltemos ao fraseamento organizado por Mel: "Por mais que eu queira, eu não quero". Essa posição – semelhante aos posicionamento de muitas das outras mulheres com quem conversei – só poderá ser lida como incoerente ou como um contrassenso caso tenhamos um sujeito específico pressuposto em nossas leitura do mundo: um sujeito que ouve à razão antes

⁶⁵ Du Bois apresenta o conceito de forma mais robusta em *The Souls of Black Folk: Essays and Sketches*, originalmente publicado em 1903.

⁶⁶ Em *Black Skin, White Masks* (originalmente publicado em 1952), Fanon também elabora a ideia de dupla consciência a partir da explicação das complexas dinâmicas da identidade negra ao redor do mundo.

⁶⁷ Discutindo a dificuldade em reconhecer as influências européias e africanas das populações escravizadas no Atlântico, Gilroy também faz uso do conceito em *Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness*, originalmente publicado em 1993).

de mais nada, que organiza suas decisões a partir de princípios abstratos e os hierarquiza em ordem de valor e universalidade; um sujeito que opera suas escolhas com o objetivo final de sempre decidir, de forma clara, direta e definitiva, uma coisa e não outra. Esse conjunto de pressuposições não nos ajudaria a *entender* essas mulheres – podendo apenas *avaliá-las* ou *julgá-las*. Para compreender os relatos trazidos até aqui, é necessário que seja feito o que este trabalho se propôs a fazer metodologicamente: perguntar o que uma crítica construída a partir do cuidado permite enxergar.

Voltemo-nos, rapidamente, ao conceito de "ética do cuidado", apresentado por Gilligan (2013). A noção é importante, não porque oferece os meios para dividir o juízo binariamente entre as formas masculinas ou femininas de resolver um problema, mas porque permite olhar criticamente em direção a *uma abertura do espectro de soluções possíveis* para os impasses da vida real e compreender as posições que daí emergem. A ideia de que essa conceituação descreve o processo decisório e comportamental das mulheres não me interessa tanto quanto o fato de que essa noção opera uma desobstrução analítica útil para conceber o complexo cenário vivido pelas mães de minha pesquisa. Isso porque a ética do cuidado não é apenas uma forma de descrever ou tipificar um comportamento, mas um meio para mostrar que os sistemas de escolha e decisão objetivados ao longo da história ocidental por discursos e saberes disciplinares são, eles mesmos, limitados no que se refere à sua aplicabilidade prática – e à sua representatividade histórica, devo adicionar. Em termos de sua contribuição analítica, a caracterização fixante do comportamento de um grupo contida nesse conceito não é, nem de perto, tão importante quanto a *ampliação epistêmica* que ele traz para o espectro de respostas possíveis a um dilema moral. Por trás do conceito de ética do cuidado está o esforço intelectual de demonstrar que a recusa das mulheres em oferecer respostas pontuais, simples e contidas para as questões que a psicologia clínica colocava não vinha de uma falha, mas de linhas de raciocínio excluídas de nossas imaginações coletivas sobre como uma pessoa pensa, escolhe e age.

Em suma, o raciocínio expresso nos parágrafos acima diz: o processo ambivalente de acesso a um dilema moral como aquele enfrentado pelas mães que têm de lidar com a saída de seus filhos e filhas de casa só poderá ser compreendido à luz de uma estrutura de explicação do mundo que, por descrever a experiência da ação pessoal a partir da infindável consideração das interdependências múltiplas que formam as redes em que estamos inseridos, possibilite entender que nem sempre as decisões serão tomadas de forma matemática, retilínea e única. Esse tipo de virada analítica nos permite entender que a necessidade de escolha *entre* opções não necessariamente encerra o diálogo interno a respeito das repercussões de nossas ações

dentro do universo de entrelaçamentos relacionais no qual estamos inseridos. Essas mulheres querem o melhor para seus filhos e filhas, mas sabem que serão afetadas por sua saída; entendem que o desenvolvimento de autonomia é importante, mas não desejam que isso signifique um regime de separação entre elas e as pessoas que elas amam; percebem que algo lhes diz que o papel de uma mãe é apoiar seu filho em suas decisões, mas também sentem receio em ignorar a experiência de conexão construída com seus filhos e filhas através de suas próprias maternidades. Analisar a conduta dessas mães através do cuidado como ferramenta explicativa não significa estabelecer um parâmetro ético alternativo para avaliar suas posturas, mas compreender que, mesmo após o momento em que decidem o que fazer, o dilema não se encerra.

Isso, contudo, não significa que essas duas lógicas sejam igualmente valoradas no universo que as entrevistadas estão inseridas. Toda essa carga de sentimentos, ideias, discursos e experiências se acumula sobre um momento específico da vida das mulheres com quem conversei e o conflito em questão faz com que essas mães julguem a si mesmas, como se estivessem *sentindo algo de forma errada*, como se suas emoções tivessem caráter inadequado frente a uma espécie de ordem natural das coisas. Marisa, por exemplo, separa a discussão em duas partes: de um lado, está o princípio abstrato do que "é certo" e, de outro, está a sua dificuldade pessoal em lidar isso – mesmo preferindo o contrário. Nida chega ao ponto de acusar a si mesma de falsidade, haja vista o apoio oferecido para a saída de Túlio e Isabela, mesmo querendo que ficassem junto dela. Maria, de maneira parecida, descreve uma ode ao desenvolvimento individual e ao imperativo de que seu filho abra suas próprias asas e voe para, logo em seguida, deixar claro que sua vontade aponta no sentido contrário. Não parece haver, é necessário notar, nenhuma dúvida por parte dessas mulheres entrevistadas a respeito do que sentem nesse quesito. A questão vem da disputa entre o que sentem e o que imaginam ser "o correto" a se fazer. Nesse sentido, entre o que se sente de forma inegável e o que se acredita de forma racional, uma violência simbólica autoinfligida produz uma minoração das próprias emoções em função de valores abstratos hegemonicamente estabelecidos: o desejo de conexão expresso por seus sentimentos não irá embora, mas também não será o fator mais importante na balança das decisões que essas mães tomam a respeito da saída de seus filhos e filhas de casa.

Pautado pelo segundo objetivo específico deste trabalho, o esforço de caracterizar a relação dessas mães com seus filhos e filhas e descrever o contexto em que a saída ocorre revela esse como um dos primeiros conflitos enfrentados pelas entrevistadas: essas mulheres têm de lidar com uma ambivalência específica, estabelecida entre duas lógicas de norteammento

e justificação das próprias posições parecem disputar espaço em suas decisões e da forma como lidam com as posições tomadas nesse momento. Mais do que isso, o intuito de identificar os discursos e significados acionados por essas mulheres para contarem suas próprias histórias – definido em meu quarto objetivo específico – aponta para uma experiência vivida sob uma paradoxal convergência histórica de dispositivos discursivos. A vivência do modo de subjetivação maternal constrói, na vida dessas mulheres, um conjunto de investimentos pessoais na relação mãe-filho: uma dinâmica de cuidado, apego, convivência, proximidade, tutela e dedicação. Contudo, como pudemos ver, as raízes do elogio da maternidade também contém o corolário da responsabilidade da mãe na promoção da autonomia de seus filhos e filhas – vivida, lembremos, através das hegemônicas noções de individuação e da busca de uma vida guiada pela independência como separação do Outro. Assim, a saída dos filhos e filhas de casa contém um emaranhado histórico cujos efeitos subjetivos não são apenas complexos, mas contraditórios, ambivalentes. Nesse processo está contido um resultado não previsto do desenvolvimento de dois ramos de raízes que correm por baixo dos modelos de ação através dos quais essas entrevistadas descrevem os desafios enfrentados a partir da saída de seus filhos e filhas de casa.

Um eixo específico de inteligibilidade governa a relação de algumas mulheres com quem conversei e seus filhos e filhas. Ao longo do próximo tópico deste capítulo, será possível compreender que a tensão vivida pelas entrevistadas ao lidarem com os primeiros momentos da saída se vincula à uma maneira específica na qual essas mães percebem a existência de seus filhos e filhas. Veremos que algumas delas vivem esse processo à luz da percepção exacerbada dos riscos aos quais estão expostos aqueles e aquelas que sempre estiveram sob seus cuidados. A seguir, seguindo os objetivos de caracterizar a relação dessas mães com seus filhos e filhas e apreender as mudanças práticas e subjetivas relatadas pelas entrevistadas ao contarem a história desse evento em suas vidas, investigarei a profundidade das experiências de antecipação e preocupação constantes a respeito do bem-estar dos filhos e filhas das entrevistadas – que, como será possível notar, derivam de uma dinâmica de reconhecimento específica à configuração histórica da relação entre mães e seus filhos e filhas.

5.2 A percepção do risco e a inteligibilidade do filho enquanto sujeito de cuidado

Na primeira citação do capítulo anterior, Claudia me falava sobre o que chamou de as contradições da maternidade – sobre as alegrias e tristezas dessa parte de sua vida através da

qual ela diz se sentir realizada. Mais do que isso, ser mãe lhe possibilitou, em suas palavras, descobrir o que era o amor. Nesse sentido, a maternidade ofereceu à entrevistada um correspondente sentimental para a ideia de amor mais potente e inequívoco do que as outras relações de sua vida até então. Aproveitando a dinâmica organizada por Claudia para falar de seus sentimentos, escolhi aplicar à mesma ideia do que cada momento da vida permite descobrir para falar sobre a saída de seus filhos de casa:

C: [...] Então eu acho que essa primeira parte, que são essas emoções muito fortes de muito amor né. E essa parte que é essa preocupação, que é pro resto da vida né. Não tem saída...

H: sim, sim... Eu gostei muito dessa formulação que você fez: "quando a Beatriz nasceu eu descobri o que é o amor" e aí eu queria usar essa frase meio que... quando a Beatriz saiu de casa, o que você descobriu no fim das contas?

C: O que era a dor! [risos]

H: era outro turbilhão? era um turbilhão diferente?

C: é... era muita insegurança quando ela saiu. você sente muita insegurança porque sai do teu controle né... mas tem uma frase que eu acho que foi um humorista acho que falou... que diz que ser mãe é padecer no paraíso né... daí ele falou que ser mãe é **pra descer do paraíso! Eu tava no paraíso e não sabia... aí você vai ser mãe, você saiu dele...**(CLAUDIA, 2022, Entrevista III, destaques meus).

Em seu relato, amor e preocupação são conectados como as duas partes da contradição que compõe sua experiência com a maternidade. Apropriando-se da subversão da popular expressão "ser mãe é padecer no paraíso" (já referenciada acima), a entrevistada conecta um novo sentido a essa ideia. Se a conhecida frase geralmente tenta representar a ideia de sofrer em um ambiente perfeito e/ou idílico – uma forma de caracterizar uma vivência desafiadora em meio ao lugar construído pelo elogio materno ao qual Badinter (1985) se refere em seu trabalho –, sua paródia representa a curiosa adaptação dessa concepção para a forma como Claudia vive sua maternidade. Tendo experimentado os sentimentos que marcaram a saída de sua filha mais velha de casa, a entrevistada reflete sobre a ideia de que tornar-se mãe não seria adentrar o paraíso, mas sair dele. Como a queda, que sucede o pecado inaugural de conhecer o bem e o mal, a maternidade vem acompanhada de uma espécie de conhecimento da responsabilidade e de um conjunto de preocupações – historicamente vinculadas à figura da mãe, lembremos – dos quais é muito difícil se desvincular.

Veremos que a saída dos filhos e filhas de casa traz consigo um conjunto de desafios e complexidades que derivam do abalo que afeta justamente o encontro entre a vida prática e o suporte subjetivo vividos a partir da identificação maternal. Algo começa a acontecer na vida

dessas mães – o processo de transformação dos arranjos domésticos e relacionais traz consigo desafios específicos para as entrevistadas que, acostumadas a serem as principais responsáveis pela segurança e bem-estar de seus filhos e filhas, agora tem de lidar com a impossibilidade de agir sobre as preocupações derivadas de uma estrutura de percepção cuidadosa exercitada ao longo de décadas. Observando as facetas de como a ausência de filhas e filhos é vivida – bem como as estratégias elaboradas por essas mães para darem sentido a momento em suas vidas – será possível conceber parte das reverberações desse processo na forma como essas mulheres vivem e descrevem a si mesmas. Veremos que as implicações desse processo estão bastante relacionadas às imagéticas construídas em torno da mãe ao longo dos últimos séculos e às disposições e práticas de cuidado através do qual essas mulheres se relacionam com seus filhos ao longo dos anos.

Claudia foi a primeira entrevistada a me fazer perceber como a saída dos filhos e filhas de casa poderia inaugurar uma percepção de risco particularmente acentuada para algumas das mães desta pesquisa. Ela me contou que a saída de Beatriz, sua filha mais velha, inaugurou um novo nível de preocupações e ansiedades a respeito do bem-estar e da segurança de sua filha fora de seu alcance. Quando perguntei como o cenário da saída de Beatriz lhe afetava, Claudia exemplificou sua situação da seguinte maneira:

C: assim né... eu não durmo, eu me agarro em televisão porque daí é série, é coisa pra não dormir. Eu não durmo muito. Eu perdi muito a qualidade do meu sono desde que a Beatriz começou a viajar. Então eu acho que eu... eu fiz uma sequência que eu fui prejudicando meu sono né... aí hoje eu corro atrás disso porque prejudicou muito... porque eu ficava muito nervosa, muito ansiosa, chorava bastante. Quando a Beatriz começou, não tinha vídeo chamada no whats... quando ela foi pra Espanha era... como é que era o nome...?

H: Skype, talvez?

C: Skype! Então... mas tinha o whats... graças a Deus! Essa benção que é o whatsapp. Então a gente mandava "bom dia" e tal... daí dava uns dois ou três dias e eu fala "ó... pode me ligar porque eu preciso ver você!" fica dizendo que tá tudo bem, "tudo bem", mas como é que eu vou saber né... e às vezes ela dava uma resposta um pouquinho diferente e eu falava "não é a Beatriz, não! Tem alguém com o celular da Beatriz". Daí o meu filho: "Mãe, é a Beatriz!" e eu "Não! Tá muito diferente essa resposta". E eu falava "pode fazer uma ligação aí que eu quero te ver". (CLAUDIA, 2022, Entrevista III).

Mais a frente, pedi para que a entrevistada me dissesse o que passava na sua cabeça quando estava preocupada a respeito de sua filha fora de casa. Claudia disse:

Ah... eu pensava que ela podia ser assaltada, ela podia tá sofrendo, que se perdesse, que tivesse longe dos amigos que ela fez lá... coisas básicas assim. Tinha coisas muito ruins... como pensar em alguém enganar ela, ser sequestrada, ser assaltada, um

acidente qualquer. "Se acontecer um acidente com ela, quanto tempo eu levo pra chegar lá? O que eu faço se isso acontecer?"... tudo isso assim muito ruim [...] por exemplo, ela foi... ela aproveitou pra conhecer Portugal. Aí ela conversou com uma amiga do Brasil que tava em Portugal. Daí elas combinaram de ir prum hostel. Daí ela falou que quando ele chegou nesse hostel, o cara que atendeu era muito estranho, muito mal encarado. Daí ela chegou, esperou a amiga, quando a amiga chegou, ela falou: "eu não vou ficar nesse lugar não. Esse lugar tá muito esquisito, né... esse cara tá muito estranho", daí a amiga; "não... vamos embora..." daí foram, desfizeram e foram pra outro lugar. Daí, quando ela me contou você imagina tudo o que eu pensei que pudesse ter acontecido naquela situação né?! (CLAUDIA, 2022, Entrevista III).

O cuidado materno – que carrega, como herança de um modo de subjetivação historicamente constituído, a responsabilidade por um conjunto de práticas e disposições para com a figura do filho – cria um modelo de relação muito específico na forma de conceber, antecipar e mediar riscos para a entrevistada. Para uma mãe como Claudia – que, lembremos, se diz realizada pelo cuidado que oferece a seus filhos – não poder cuidar de Beatriz é não poder dar vazão a um conjunto de angústias, tensões e ansiedades ligadas às possibilidades negativas antecipadas como reflexo dos anos em que passou como principal responsável por sua filha. Nas contradições da vida materna, o amor investido sobre Beatriz e as preocupações que acompanham a responsabilização materna surgem como elementos conectados. A maternidade – que carrega, como herança e um modo de subjetivação historicamente construído, a responsabilidade por um conjunto de práticas e disposições para com a figura do filho – resulta num modelo de relação muito específico na forma de conceber, prevenir e mediar riscos. Os impactos desse tipo de constituição subjetiva do Eu em relação a um Outro se tornam particularmente claros quando essa disposição para a realização de cuidado não encontra possibilidades práticas para a sua realização. Nesse sentido, não poder cuidar de Beatriz significa, para essa entrevistada, não poder dar vazão a um conjunto de preocupações que surgem justamente do lugar que ocupa a partir da íntima identificação pessoal como mãe

Durante a entrevista de Carla, uma atenção parecida à segurança de suas filhas fora de casa foi mencionada algumas vezes. As situações que marcaram a saída de Eduarda e Larissa envolveram momentos de muita preocupação. Primeiro, a entrevistada contou sobre o turbulento processo da saída de Eduarda, sua filha mais velha:

e aos 19 anos ela resolveu... chegou em casa e falou "amanhã eu vou embora"... "mas como assim você vai embora?"; "não... eu quero morar com uns amigos e quero ir embora"... aquilo, pra mim, foi um... cabou o meu mundo! Pra mim foi terrível porque, assim, eu olhava pra ela, eu não entendia que ela já tinha 19 anos. Eu entendia que a Eduarda era meu bebê, sabe? E aquilo me causou uma revolta muito grande! E eu me revoltei contra ela. Falei "mas, como assim, de um dia pro outro?!"... e eu sei disso - como eu falei pra você - sou muito controladora... é um perfil meu esse... ainda bem que eu fui procurar ajuda pra mudar isso... E ela falou "não... eu quero viver minha vida, nós não concordamos em várias coisas"... e não sei o que... e foi!

Só que aí nós brigamos... ela foi embora! Ficamos 9 meses sem nos falar... eu não sabia onde ela estava, eu não sabia o que ela tava fazendo, eu não sabia de nada, sabe? Lógico... eu tinha contato com pessoas e aí fui... e acabei localizando onde ela tava... ficava vigiando ela de longe pra saber se tava bem, né... aquela coisa de mãe (CARLA, 2022, Entrevista V).

Mais tarde, Carla mencionou como foi lidar com o processo de saída de sua filha mais nova, Larissa, que passou no vestibular da Polícia Militar e decidiu seguir a carreira – o que envolvia uma mudança para a Academia Policial Militar do Guatupê, na região metropolitana de Curitiba. No dia da saída, a entrevistada conta sobre como lidou com suas preocupações a respeito da segurança de sua filha

e aí quando ela me falou assim "mãe eu vou fazer o vestibular pra Polícia Militar"... daí eu falei assim "tem certeza que é isso que você quer?"; "quero... é isso que eu quero" e não sei o que... aí eu já fui meio que me preparando sabe... aí quando ela foi embora mesmo, que eles ficam lá na academia da polícia lá... meses... são 3 anos... e no começo você fica dias sem ter contato, dias sem saber o que tá acontecendo... e eu me lembro que o dia que ela foi, ela falou assim "eu vou com o meu carro, mãe", aí eu falei assim, mas você não tem experiência! você acabou de tirar carteira!" e não sei o que... daí ela "eu sei, mas eu tenho que aprender mãe"... aí eu falei "tudo bem". Aí ela foi e eu e meu marido fomos seguindo ela escondidos [risos]. Eu falei assim "meu deus! ela vai pegar a BR, esse carro é velho, não é um carro muito bom" e não sei o que... daí eu até comentei com os meus colegas e eles falaram "você é louca! você é muito coruja!"... daí eu falei assim "não... mas é só por precaução, não é pra controlar ela"... e daí ela foi e nós ficamos... assim... chorei bastante, não vou mentir... chorei... (CARLA, 2022, Entrevista V, destaques meus)

Primeiramente gostaria de me focar sobre a forma como Carla conecta o ato de vigiar sua filha como "aquela coisa de mãe". Não é difícil de imaginar que quando pessoas próximas se afastam bruscamente, haja algum tipo de preocupação envolvida no processo. Contudo, parece-me central notar que medidas como essas estão, para a entrevistada, ligadas ao seu lugar enquanto mãe. Há, na fala da entrevistada, uma naturalização desse tipo de esforço. Para Carla, seguir sua filha mais nova que terá de dirigir até a cidade vizinha para sair de casa ou rastrear sua filha mais velha após uma saída de casa que seguiu um desentendimento são coisas típicas da maternidade. Para ela, isso é o que qualquer mãe faria para dar cabo da própria preocupação e percepção de risco posta sobre as filhas. Ao mesmo tempo, esse tipo de esforço vem da quebra do arranjo onde, sendo a principal responsável por suas filhas, Carla saberia de suas rotinas, anteciparia suas necessidades e poderia fazer o necessário para protegê-las. Contudo, evitar que suas filhas corram perigo, embora seja claramente um esforço em prol da segurança de Eduarda e Larissa, parece surgir também como uma necessidade da própria entrevistada – algo que ela precisa fazer para que tenha certeza do bem-estar de suas filhas.

Olhando mais atentamente às entrevistas, nota-se que as preocupações com filhos e filhas não se resumem a uma percepção exacerbada a respeito do risco de que *graves* problemas ocorreram enquanto aquelas e aqueles que viviam sob o teto de suas mães não contam mais com a sua proteção. Mel, por exemplo, conta que muitas de suas noites foram tomadas por receios como "eu fico aqui preocupada que ele vai chegar exausto, não vai ter o que comer, vai ter que fazer... (MEL, 2022, Entrevista VIII). Claudia, depois de descrever o medo de algo muito sério acontecer com Beatriz conta que outras coisas também a preocupavam: "tinha tudo isso assim muito ruim e coisas básicas como ela dizer que comeu cebola odiando e eu ficar morrendo de pena como se fosse "nossa! coitada da minha filha! O que ela tá fazendo?!", que é uma coisa básica da vida" (CLAUDIA, 2022, Entrevista III). Muriel, em sentido parecido, conta sobre as apreensões que passavam por sua cabeça quando seu filho mais velho saiu de casa:

eu falava "filho você tá legal? O que você comeu hoje?", "ah abri uma lata de atum", "mas desde quando, meu filho, atum é jantar? Tem que comer um carboidrato, uma fruta", "não mãe... tudo bem..."... aí, quando eu fui até lá, até Macaé. Eu fui no mercado, comprei um monte de tupperware, fiz um monte de comida pra ele, congelei. (MURIEL, 2022, Entrevista IV).

Por fim, podemos citar o exemplo de Chica e da inquietação que a toma ao ver um dos lugares que seu filho Paulo estava morando quando saiu de casa:

eu quase morri do coração quando eu cheguei na casa que ele morava. Bagunça, aquela coisa toda... aquela coisa que você fala "não... eu vou ter que vir aqui pra limpar isso aqui"... realmente naquela época eu voltei pra casa com o coração na mão, sabe? Querendo tirar ele de lá e trazer pra casa na marra assim... "não... vai voltar lá pra casa, quero que você fique lá comigo... lá você tem comidinha feita na hora, você tem seu quarto arrumadinho, suas coisas limpinhas, tudo certinho"... nossa... aquela época... eu fiquei assim com o coração na mão. (CHICA, 2022, Entrevista IX).

O que estou propondo ao juntar esses diferentes relatos dessas mães a respeito de suas preocupações (que variam grandemente em grau de seriedade)? Parece claro – e até mesmo óbvio – que mães se preocupem com a segurança e o bem-estar de seus filhos e filhas quando saem de casa. Não é estranho imaginarmos que alguma agitação interna tenha surgido com a transformação do arranjo que, antes, estabelecia essas mulheres como integralmente responsabilizadas pela vida do outra pessoa de forma tão profunda. A perda, abrupta, da possibilidade de realizar praticamente os cuidados do Outro – antecipados a partir de uma disposição cuidadosa cultivada por décadas – surge como um desafio para quase todas as entrevistadas. Contudo, algo ainda mais importante se esconde por trás das cenas relatadas

pelas entrevistadas. É fundamental que entendamos que as percepções de risco relatadas estão intimamente ligadas com a subjetivação maternal e a forma como essas mulheres viveram a relação mãe-filho ao longo de suas vidas.

As famigeradas teorizações sobre o risco já foram bastante discutidas no âmbito da Sociologia. Ulrich Beck (1992) elabora e populariza a noção a partir de uma análise das características de uma modernidade avançada e pós-industrial, onde vida comum e ciência se transpassam de forma constante e antigas estruturas de norteamiento da ação se dissolvem. As consequências desse arranjo envolvem, segundo o autor, uma nova visibilidade do risco – que nos invade a consciência a partir de uma estrutura de percepção do mundo forjada pelo somatório do desamparo existencial presente (principalmente) nas sociedades industrializadas do Norte Global à estrutura de auto-diagnose própria dos desenvolvimentos científico-tecnológicos mais e mais presentes no dia a dia. Giddens, em mesma medida, trabalha sobre o conceito entendendo a nova escala de entendimento do risco como "o lado escuro da modernidade" (GIDDENS, 2002, p. 115). A liberdade desamparada que marca a modernidade tardia resulta no desenvolvimento comum de consciência moderna a respeito do risco. A reflexividade – essa estrutura de comportamento calcada no exame dos processos da vida moderna que ocorre *enquanto* atravessamos tais processos – resulta em uma atitude verificadora constantemente atravessada por novas e preocupantes possibilidades do mundo contemporâneo.

Enquanto fenômeno histórico, a saída de filhos e filhas de casa pode ser considerada parte dos mesmos processos de dissolução dos modos tradicionais de vida: a passagem entre os séculos XIX e XX é marcada pela transição demográfica – o aumento na expectativa de vida e a diminuição da quantidade de filhos por casal – que resulta em uma nova fase da vida de mães (principalmente na Europa e Estados Unidos). A partir de então, surgia o momento "pós-parental" na vida das mulheres, em que viveriam suas vidas fora do ciclo reprodutivo, sem novos filhos ou netos sob seus cuidados, vivendo sob o mesmo teto. A dissolução de parte dos itinerários tradicionais para o que hegemonicamente se definiu como "a vida familiar"⁶⁸ resultou na emergência de novas estruturas de comportamento, propriamente

⁶⁸ Como discutem Edward Shorter (1995), Philippe Ariès, Ehrenreich e English (2003), Badinter (1985) e até mesmo Foucault (2018), uma determinada imagem da vida familiar – amparada esteticamente e moralmente na figura da família burguesa – se cristaliza ao longo do século XIX e passa a servir como referência normativa para a descrição dos arranjos domésticos a partir de então, sendo criticamente desconstruída de forma sistemática pela teoria feminista e outras escolas de pensamento a partir da virada da primeira para a segunda metade do século XX.

vinculadas à sensação de incerteza e ausência de modelo de conduta nos quais atores sociais pudessem se amparar.⁶⁹

Talvez a insegurança desses processos vividos por essas mulheres – que têm suas raízes e sua difusão no mesmo Norte Global que produziu as conhecidas teorizações sobre o risco na contemporaneidade – não tenha sido considerada como um fator digno de nota pelas teorias da modernidade avançada por conta de seu viés masculinista, apontado por Joan Tronto em *¿Riesgo y Cuidado?* (2020). Para a autora, a discussão em torno da noção de risco ocorre num universo metaforicamente organizado a partir de experiências masculinas, numa formulação alarmada a partir da ideia de que homens tenham perdido controle sobre o avanço da tecnociência sobre a vida das pessoas (TRONTO, 2020, p. 24). Em sua crítica, Tronto relembra que a vida marginalizada – própria de realidades excluídas do mundo masculino, economicamente estável, branco e euro-americano – se encontra com o risco muito antes da modernidade tardia – e o faz de maneiras diferentes. Quando o cuidado é adicionado às formulações sobre risco, o que percebemos são preocupações masculinas em um mundo processualmente atravessado pelo trabalho de mulheres, empenhado na manutenção do bem-estar de outras pessoas em diferentes contextos (TRONTO, 2020, p. 22). Dito de outra forma: a experiência do risco não será a mesma para aquelas que vivem responsabilizadas pelo cuidado e para aqueles que não experienciam o mundo dessa forma.

Especifiquemos, então, como a percepção do risco apresentada nos relatos das entrevistadas pode ser compreendida à luz da subjetivação maternal e da relação mãe-filho, pensadas através do cuidado.

Como pode ser visto no acompanhamento das trajetórias das mulheres com quem conversei, suas experiências de maternidade são (em quase todos os casos) marcadas pelo fato de serem as principais responsáveis pelo bem-estar de seus filhos e filhas. Diariamente exercendo disposições e práticas cuidadosas, essas mães tiveram de se preocupar com segurança, alimentação, aprendizado, formação moral, necessidades fisiológicas e as preferências cotidianas de cada um de seus filhos e filhas – toda essa interação marcada, lembremos, por discursividades histórias da subjetivação maternal e da relação mãe-filho.

⁶⁹ A caracterização sociológica do fenômeno da saída de filhas e filhos de casa é, hoje, um local comum na discussão científica em torno da Síndrome do Ninho Vazio. Dolores Borland (1982), por exemplo, vincula as transformações advindas da transição demográfica aos desafios trazidos pelo que chamou de efeito diminuidor da perda de uma identidade vinculada ao papel maternal na vida das mulheres. Para além, é possível mencionar ainda a primeira leitura da saída de filhos e filhas do ambiente doméstico a partir da ideia de esvaziamento de um ninho, feita em 1914, por Dorothy Canfield Fisher – que discutia, especificamente, a incerteza própria do lugar materno frente às transformações sociais e econômicas da virada do século, não enfrentada por mulheres de gerações anteriores. A insegurança e a saída de filhos e filhas de casa tem raízes comuns, que se encontram no passado, desenvolvendo-se de forma entremeada (ainda que pouco discutida em nossa cultura).

Muitas das mulheres com quem conversei tiveram décadas de suas vidas condicionadas ao exercício de ler/perceber seus filhos e filhas como corpos necessitados de cuidado: treinaram a si mesmas para antecipar suas necessidades e vontades e dar cabo delas para a manutenção de seu bem-estar. Ainda que suas interações sejam múltiplas e diversas, arrisco-me a dizer que, com base nas entrevistas realizadas para esta pesquisa, nenhuma das entrevistadas pôde conhecer seus filhos e filhas sem levar em conta os cuidados dos quais eles e elas precisam. O cuidado é um fator fundamental na inteligibilidade de suas existências para essas mães – conhecê-los através da relação mãe-filho significa entendê-los como sujeitos que necessitam de atenção cuidadosa. Esse é um aspecto fundamental para que percebamos que, nessas situações, as mulheres com quem conversei não percebem o risco de forma genérica. As entrevistadas percebem o risco *como mães*.

Certa vez, discutindo a respeito desta questão dentro de meu trabalho de pesquisa, um colega apontou que muitas das mulheres com quem conversei pareciam enxergar seus filhos como sujeitos *incompletos* – como se vissem, naqueles e naquelas que saíram de casa, um conjunto de faltas que colocaria em questão sua aptidão para viverem sozinhos e sozinhas, longe de suas mães. Acredito que essa observação conserva parte importante do espírito da análise que venho elaborando até aqui. Conhecendo seus filhos e filhas *através* de práticas e disposições cuidadosas, as entrevistadas apreendem essas figuras a partir de uma atenção específica a suas necessidades, vontades, preferências, dificuldades e fragilidades. Entender as características do cuidado necessário para o bem-estar desses filhos e filhas é parte fundamental da maneira pela qual essas mães os concebem como pessoas no mundo. Conhecê-los através da subjetividade maternal e da relação mãe-filho significa entendê-los enquanto sujeitos *de cuidado* – como pessoas que carregam consigo um conjunto de vulnerabilidades próprias e particulares e são definidas, entre outras coisas, por essas vulnerabilidades. A isso se soma a percepção de um itinerário normalizante, onde a saída de casa significaria a conquista de uma "independência ideal", em um mundo onde a independência individual é concebida de forma oposta à necessidade de cuidado apresentada por esses filhos e filhas e sanada pelas mães como as que entrevistei.

Assim, essas filhas e filhos – conhecidos primeiramente pela sua dependência dos cuidados externos que os definem – são lidos como pessoas expostas a certos riscos *justamente* por ainda terem sua existência compreendida a partir da centralidade da percepção de certas fragilidades fundamentais. Nesse cenário, as vulnerabilidades conhecidas a partir de anos de cuidado experienciados através da relação mãe-filho alertam as entrevistadas (de forma aguda e alarmada) para possibilidades de risco que se proliferam quando esses filhos e

filhas saem de casa: eventualidades que vão desde o medo de golpes e sequestros – como relatado por Cláudia a respeito da experiência de sua filha Beatriz na Europa –, até o receio de que seus filhos e filhas não saibam como se alimentar corretamente – como é o caso de Mel, pensando sobre a rotina e a preparação de refeições de seu filho mais velho quando este saiu de casa. Dessa forma, o que se esconde por trás da percepção de risco aflorada nos relatos trazidos acima é a complexa dinâmica de reconhecimento do Outro como filho e, portanto, como um corpo dependente e particularmente necessitado de cuidados. Entendendo a si mesmas como aquelas que devem dar conta de tais necessidades, essas mães se tornam dolorosamente hiper-sensíveis à ideia de que, na ausência de seus cuidados, seus filhos e filhas estariam sempre expostos a uma larga gama de riscos possíveis fora do ambiente doméstico. Em suma, a percepção aguçada dos perigos aos quais estão susceptíveis aqueles e aquelas que saíram de casa surge como uma maneira através da qual quase todas as entrevistadas lidam com a experiência das transformações nos arranjos de cuidado ao longo do período em que filhos e filhas decidem se mudar.

Mais do que isso, a exposição do Outro também significa, devemos lembrar, a transformação do lugar subjetivo habitado por essas mulheres enquanto mães. Voltando ao relato de Carla, chamo atenção para uma dissonância imagética que marca a dificuldade da entrevistada em lidar com essa questão: "Pra mim foi terrível porque, assim, eu olhava pra ela, eu não entendia que ela já tinha 19 anos. Eu entendia que a Eduarda era meu bebê, sabe?" (CARLA, 2022, Entrevista V). Em outro momento da entrevista, ela retorna ao tema:

a minha cabeça ficava trabalhando assim "onde ela está? com quem ela está? o que ela tá fazendo? Será que tem pessoas maldosas em volta dela que possam fazer mal pra ela? Ela não sabe se defender... Ela precisa de mim pra se defender", sabe? Era isso que eu pensava... foi como eu falei pra você... **eu não enxergava ela grande... eu enxergava ela como esse bebezinho que precisava de mim pra tudo** e isso me martelava a cabeça porque eu não dormia... e era a noite inteira pensando nisso. (CARLA, 2022, Entrevista V).

Nota-se a ausência de uma imagem intermediária que auxiliasse Carla a dar sentido ao que estava vivendo quando Eduarda saiu de casa. Não a vendo como adulta – esse nome culturalmente ligado à ideias como independência –, a entrevistada só conseguia enxergar Eduarda como uma criança. Do ponto de vista de Carla, essa foi uma passagem súbita. Como no processo de sublimação, em que a água passa diretamente de seu estado sólido para o seu estado gasoso, vemos que, para essa mãe, tudo aconteceu como se sua filha atravessasse de maneira expressa a mudança entre um lugar marcado pela dependência, tutela e pela égide da autoridade materna para o polo culturalmente oposto – marcado pela ideia de autonomia

radical e de liberdade de escolha. Mais do que isso, é necessário reforçar que a descoberta da brusca mudança do lugar do Outro nessa relação significa um descobrimento igualmente inesperado da mudança do próprio lugar:

Porque... pra mim... sabe... acabou meu mundo... "o que que eu fiz pra essa menina? Cadê o meu bebê que eu tava sempre ali?! Cadê?" sabe... e daí também, sabe... o meu marido não entende... os homens... é mais difícil pros homens entender, sabe... eles não entendem... você fala assim "é aquele ser que saiu das minhas entranhas e tá indo embora!" e ele não entendia isso, sabe? (CARLA, 2022, Entrevista V).

O excerto acima é particularmente importante. A respeito do impacto subjetivo na forma como algumas mães vivem a saída de seus filhos e filhas de casa, algo muito potente se desnuda quando, em vez de dizer "cadê o meu bebê que estava sempre ali?", a entrevistada diz "cadê o meu bebê [pra quem] **eu** tava sempre ali?". Mais do que a mudança da imagem disponível para a inteligibilidade da filha, mais do que a mudança do eixo de leitura dessa outra pessoa, está em questão a transformação da posição de Carla haja vista a readequação necessária para compreender a saída de Eduarda. À medida que Eduarda sai de casa – afetando, assim, a relação entre mãe e filha – a posição de Carla também muda. A transformação desse arranjo expõe uma relacionalidade muito importante para a constituição do Eu: quem somos – lembremos que Carla definiu o significado de sua maternidade dizendo "eu posso ser N coisas, mas a melhor parte de mim está na Eduarda e com a Larissa" – depende de quem está à nossa volta e de como nos relacionamos com esses outros.

Quando, simbolicamente, a filha mais velha de Carla deixa de ser vista como um bebê para quem a entrevistada sempre precisou oferecer cuidados, uma grande mudança acontece. A dependência de Eduarda era um fator central para aquilo que "a partir de fora" constituía parte de quem Carla era a partir das relações nas quais estava inserida. Cuidar de sua filha mais velha enquanto mãe significava performar um conjunto de práticas e disposições – dotadas de sentido de forma social e historicamente localizada – que ofereciam amparo subjetivo para Carla. Quando esses elementos relacionais mudam, Carla – assim como muitas outras entrevistadas, veremos no próximo capítulo – se depara com uma relocalização do eu. Na vida dessas mães, a mudança dos filhos e filhas com quem conviveram e formaram a si mesmas significa a necessidade de mudança pessoal.

Em síntese, nota-se que a percepção do risco tem um lugar importante nos processos relatados pelas entrevistadas. A saída dos filhos e filhas de casa trouxe, na vida dessas mulheres, uma separação entre as disposições cuidadosas profundamente arraigadas em suas

vidas e as possibilidades práticas de realização das antecipações e percepções das necessidades e vontades de seus filhos e filhas. Mais do que isso, ela também representa os desafios enfrentados a partir da constatação da impossibilidade de atuar como principal responsável pela vida de pessoas que, até então, viviam sob seus tetos. Para entrevistadas como Carla e Claudia, por exemplo, esse processo levou a problemas de saúde física e mental que variam do consumo excessivo de álcool ao desenvolvimento de ansiedade e um pensamento constantemente acelerado – essas e outras mães com quem conversei também relataram problemas além de problemas com sono que tiveram efeito considerável em suas vidas.

Contudo, ainda mais importante é a conexão estabelecida entre as experiências de percepção do risco e a inteligibilidade de filhos e filhas à luz das necessidades de cuidado através das quais foram lidos e lidas pelas entrevistadas ao longo de décadas de co-habitação, vivenciada a partir da subjetivação maternal e dos contornos historicamente localizados da relação mãe-filho. A hipersensível atenção dessas mulheres aos perigos, desconfortos e problemas possivelmente enfrentados por filhas e filhos que saíram de casa é engatilhada pelo conhecimento dos filhos *enquanto* sujeitos marcados por suas necessidades de cuidado. À essa altura, percebê-los no mundo já é notar as demandas de cuidado atreladas a suas figuras – contudo, pela primeira vez essas entrevistadas se encontram radicalmente impossibilitadas de influenciarem os rumos da vida de seus filhos como fizeram no passado.

A seguir, será possível perceber que o impedimento da ingerência na vida de filhos e filhas toca um outro elemento central das formas como as entrevistadas desta pesquisa lidam com as mudanças no ambiente doméstico e nos rumos das vidas daqueles e daquelas que saíram de casa. Abaixo, discuto como a deflagração da saída de casa abala certas expectativas de tutela e controle, desenvolvidas juntamente com a disposição cuidadora através da qual essas mães se relacionam com seus filhos e filhas.

5.3 Cuidado, controle e tutela

As formas como a maioria dessas entrevistadas lidam com a percepção dos riscos aos quais seus filhos e filhas estariam expostos se conecta à maneira como os enxergam enquanto sujeitos reconhecidos, entre outros aspectos, através de suas necessidades de cuidado. Esse mesmo ímpeto se desenvolve também de outras maneiras dentro das vivências pessoais dessas mulheres em suas relações *enquanto* mães de seus filhos e filhas. Como veremos a seguir, os arranjos através dos quais essas entrevistadas se tornaram as principais responsáveis pela vida

de outras pessoas não trouxeram apenas uma hiper sensibilidade à antecipação de possíveis perigos, mas também a expectativa de controle sobre importantes aspectos da vida de seus filhos e filhas. Nesse sentido, o momento em que a decisão de sair de casa é tomada e comunicada – acompanhado da constatação da maioridade e de certo senso de emancipação daqueles e daquelas que saem de casa – surge, nos relatos que baseiam esta pesquisa, como um ponto crítico, em que o poder de dizer como as coisas devem ser já não reside apenas com essas mães.⁷⁰

Essa não é uma discussão necessariamente nova. O movimento intelectual que hoje chamamos de feminismo da segunda onda, movimento marcado pelo ímpeto de escancaramento das relações políticas dentro do ambiente doméstico e das interações pessoais, esboçou uma concepção dos arranjos da maternidade em torno da noção de poder e das assimetrias que ele poderia tornar explícitas. Beauvoir (1956), talvez o principal nome apropriado pelas teóricas feministas que escreviam no período da primeira para a segunda metade do século XX, definiu – como já vimos anteriormente – o filho como um *Outro* para a mãe. Para a autora, a criança opera, para a mulher, a produção de uma identidade onde antes havia apenas alteridade em relação ao homem. Nesse universo explicativo, a posse de um filho é ligada, ainda que de forma passageira, à constituição de um valor intrínseco à mulher. Principal responsável pelos cuidados do infante, seu poder estaria vinculado ao direito de tutela exercido sobre a criança. Por isso, Beauvoir (1956) elabora uma dinâmica em que, à medida que a criança cresce em direção à vida adulta – pressupondo um processo de individuação e formação de independência através da separação⁷¹ –, a mãe se vê retornando a um âmbito de desvalorização. A independência dos filhos seria, para a autora, o retorno da mulher à condição de *Outro* da cultura – movimento recebido com revolta e resignação.

Em sua contribuição para o debate feminista sobre maternidade, Rich (1986) elabora a ideia de que há uma conjunção de poder e falta de poder no fazer materno – que ela chama de "the complexity of maternal power" ou "the conjunction of maternal power and

⁷⁰ Não haveria surpresa alguma em dizer que são muitas e consideravelmente diversas as dinâmicas que conectam cuidado, tutela, controle e exercício do poder à partir da subjetivação materna nos relatos das entrevistadas. Atento aos meus objetivos específicos, elegi como objeto de discussão as passagens que ajudarão a caracterizar as relações entre essas mães e seus filhos e filhas e analisar o contexto que as saídas de casa ocorrem. Nesse sentido, o que veremos a seguir são as situações em que a discordância entre as duas partes dessa relação foi explicitada. Existem diversas instâncias mais silenciosas em que as entrevistadas tentaram impor suas vontades sobre a vida de seus filhos e filhas de forma escamoteada.

⁷¹ Leitora enciclopédica das diferentes áreas de conhecimento que despontam em seu tempo, Beauvoir se mostra grande leitora de Helene Deutsch, uma das herdeiras do modelo teórico freudiano para o desenvolvimento sexual normal de homens e mulheres. Nesta padronização, está pressuposto o mesmo itinerário normativo em direção à individuação e à independência enquanto separação do qual falei anteriormente. Este esquema é incorporado pela autora francesa ao adotar os termos de Deutsch para o debate sobre o envelhecimento da mãe e a relação entre mãe e filhos.

powerlessness" (RICH, 1986, p. 35-38). Nossa sociedade considera o trabalho de cuidado envolvido no esforço da maternidade como simples demais. Ao mesmo tempo, todo o trauma que marcaria a formação problemática dos sujeitos pode ser direcionado à figura da mãe. Ela tem controle sobre toda a agenda, alimentação e educação dos filhos, mas tem seu poder restringido pelo marido e pelos próprios limites morais do que pode ou não fazer com seu filho. Mulheres que são mães podem ser exploradas por suas capacidades reprodutivas e, ao mesmo tempo, controlam o potencial reprodutivo do mundo em seus úteros. Assim, a mãe pode ser vista como uma pessoa sem poder algum ou como a grande detentora do poder por seus filhos.

Esse eixo de configuração da maternidade e da relação mãe-filho ao longo da modernidade ocidental foi bem representado por Barbara Ehrenreich e Deidre English (2003), quando disseram que "a descoberta da criança era, em certo sentido, a descoberta do *poder* da mulher." (EHRENREICH; ENGLISH, 2003, p. 207, destaque das autoras). As autoras nos lembram, contudo, que esse poder é mediado pela figura do especialista desde o seu surgimento. Para Ehrenreich e English (2003, p. 255), a possibilidade de controle sobre os aspectos domésticos – recém alçados ao protagonismo do mundo do consumo capitalista após a Segunda Guerra Mundial – concedia à figura da mãe, esposa e dona de casa um lugar consideravelmente poderoso – potente o suficiente para causar com o que as autoras chamam de "crise da masculinidade americana" no século XX.

Nesse sentido, maternidade e poder se conectam de uma forma complexa. Na prática, uma dupla dinâmica rege a vontade e a possibilidade de influenciar ações alheias através dos cuidados maternos e da identificação de si enquanto mãe. Para compreendê-las, é necessário retornar a um dos corolários metodológicos estabelecidos por Foucault em *História da Sexualidade I* (2018). Em sua discussão sobre o papel das investigações modernas a respeito do papel do sexo na era vitoriana, o autor aponta uma importante conexão entre a capacidade agir no mundo e as condições que tornam essas ações possíveis. Poderíamos dizer que, para Foucault, a garantia da viabilidade e eficácia das maneiras de agir no mundo derivam de um regime de conhecimento que conecta nossas condutas à verdade – mantenhamos em mente que o verdadeiro não é um elemento transcendental para o autor, mas um arranjo temporal e historicamente localizado de forma contingente. Um regime de verdade, por sua vez, existe como o resultado da existência coletiva e dos rituais de discursos entremeados em nossas relações. Esses rituais são exercitados por interlocutores assimetricamente localizados nas hierarquias sociais em que estão inseridos. Dessa forma, a verdade – seja a verdade sobre o sexo, sobre a maternidade ou qualquer outro tema – se tornar pronunciável e exercível.

Através dela, o sujeito pode conhecer a si mesmo e aos outros. Assim, sujeito e poder estão mutuamente implicados em uma estrutura que constrói, a partir de baixo, uma malha de relações horizontalmente (mas não homogeneamente) dispostas.

Operar o poder para agir e tentar decidir os rumos de disputas locais e das relações pessoais também significa habitar um lugar que, de saída, está transpassado pela lógica de acesso à verdade a partir de sistemas discursivos que amparam as estruturas que tornam nossas interações possíveis. Assim, *só é possível exercer poder a partir da posição de sujeito* – ou seja, só é possível conceber nossa atuação no mundo a partir de nosso lugar já posto em um arranjo onde significados de nossas ações possam ser vinculados a um regime de verdade construído social e historicamente. Encontramos aqui uma formulação que nos ajuda a compreender a dupla dinâmica descrita nas análises de Beauvoir (1956), Rich (1986) e Ehrenreich e English (2003). Exercer poder *enquanto* mãe significa estar, de saída, ancorada no regime de verdade através do qual a maternidade como a conhecemos hoje em dia foi construída. Assim, não há como conceber a capacidade de ação no mundo sem levar em conta o sistema discursivo que 1) pressupõe o acesso à verdade através dessas ações e que, como consequência, 2) estabelece a efetividade e validade delas no mundo em que vivemos. Nesse sentido, as formas pelas quais as entrevistadas vivem e descrevem a si mesmas enquanto mães e as maneiras como interagem com seus filhos e filhas são transpassadas pelo universo discursivo analisado no capítulo anterior: o mundo da subjetivação maternal e da relação mãe-filho construída na modernidade europeia através da junção entre saberes médicos, religiosos, morais e econômicos – essa conjunção biopolítica estabelece os parâmetros através dos quais poderemos compreender as tentativas e justificativas de exercício de poder nos contextos particulares em que essas mulheres vivem.

Municiados desse entendimento, poderemos agora nos debruçar sobre os relatos de minhas entrevistadas.

Contando sobre a recepção da notícia de que seu filho sairia de casa, Sâmia relembra partes do diálogo que tentou construir, em vão, para evitar que Guto viajasse para morar fora junto de seu namorado:

“então... eu vou pra Holanda dia vinte de março de 2014”... isso era janeiro de 2014. Daí eu falei “mas você não tem dinheiro.”, e ele falou “eu tenho, porque eu trabalho”... ele sempre foi de buscar pequenos trabalhos. [...] aí ele falou “não... eu trabalho... lembra que eu fazia...” ele fazia site, fazia cartão de visita, folders, flyers... eu falei “tá... mas da onde você tem?” e ele falou “mãe, mas eu sempre juntei dinheiro”. O dinheiro do lanche, o dinheiro da mesada do pai e da vó ele sempre foi guardando. E, realmente, ele tinha o dinheiro. (SÂMIA, 2021, Entrevista I).

Quando a tentativa de destacar a inviabilidade financeira dos planos de seu filho falha, a entrevistada recorre ao monopólio da expertise a respeito das práticas de cuidado fundamentais para a sobrevivência cotidiana, com o intuito de impor sua posição a respeito da ida de Guto para a Europa. Ainda assim, seu esforço não obteve êxito – restando-lhe a irônica e resignada posição superada nessa discussão:

eu falei “como você vai viver?”. Ele falou “mãe, eu sei fazer.”. Eu falei “não sabe! Você vai morrer de fome. Você não vai saber! Você vai só comer banana, porque mais nada você sabe descascar. E banana é caro na Europa! É muito caro.”... daí ele falou “não, mãe. Aqui tem todas as frutas e elas já vem picadas”. Daí eu falei “que bom! Substituíu a mãe por um pote de fruta picada!” [diz em tom irônico]. (SÂMIA, 2021, Entrevista I).

As barganhas relatadas por Sâmia não são uma simples expressão de uma disputa pontual. Ao contrário, seu engajamento na discussão para impedir que seu filho saísse de casa para morar fora do país se enraíza no apego à figura de Guto, base para todo o seu relato. Mais do que isso, seus esforços para influenciar as decisões e direções da vida de seu filho se relacionam à própria maneira como deseja exercer sua maternidade: "Eu não criei filho pro mundo. Eu criei meu filho pra mim. Não criei pro mundo. Eu sou egoísta em relação a filho. Não criei pro mundo, criei pra mim." (SÂMIA, 2021, Entrevista I). No projeto de Sâmia para sua vida enquanto mãe, era imperativo que seus filhos vivessem próximos a ela – a passagem acima afirma isso de maneira enfática. Identificar-se através da maternidade significava tê-los por perto. Nesse cenário, o lugar subjetivo do qual surge o ímpeto de argumentar contra a saída de Guto também oferece os meios para lutar por esse objetivo: a posição da entrevistada se ancora na autoridade sobre o cuidado e o bem-estar individual de seu filho. Contudo, o momento em que Guto anuncia sua saída inaugura um arranjo em que esses planejamentos já não são mais soberanos: os planos dessa mãe e sua capacidade de exercer poder sobre as decisões de seu filho em função desses mesmos planos são dissolvidos.

No fim do segundo excerto mencionado acima, algo curioso acontece. Sâmia, que, até então, tentava amparar sua reação negativa à saída de Guto em algo como uma objetividade auto-evidente das necessidades de cuidado, vê-se reduzida à operação mecânica equivalente ao seu cuidado – "Substituíu a mãe por um pote de fruta picada!". Um elemento fugidio sobre a relação mãe e filho (e as transformações pelas quais ela passa) está presente aqui. O cuidado, elemento fundamental de ancoragem para os argumentos da entrevistada até então, logo se torna estreito demais para descrever o arranjo relacional que conecta Sâmia e Guto. O

movimento argumentativo em questão se desenvolve em três atos: primeiro, a entrevistada ressalta as necessidades de cuidado do filho, reforçando que apenas ela e o arranjo doméstico no qual viviam poderiam dar conta de tais demandas; percebendo-se resumida a essa função, Sâmia se vê substituível por operações mecanizadas outras; protestando contra essa correspondência, a ironia que marca o fim do diálogo diz algo como "eu represento mais que apenas isso em nossa relação". Nesse sentido, essa discussão explicita uma mudança específica: ela captura o momento em que o cuidado materno – ancoragem da autoridade materna para dizer como as coisas deveriam ser até então – deixa de resumir a relação entre Sâmia e Guto, não podendo mais servir como ferramenta para que essa mãe possa influenciar o destino de seu filho.

O relato de Marisa a respeito da saída de Erica, primeira filha a se mudar, apresenta um elemento similar. Nele, veremos, a vontade pessoal da entrevistada e o monopólio das formas de conceber e exercer cuidado se misturam:

Aí o pai dela tinha um container - que ele viveu nesse container e aí agora tá numa casa - e aí ela resolveu trazer esse container e instalar na oficina. E ela não tinha dinheiro... agora ela tá conseguindo fazer uma renda boa, suficiente pra pagar as contas - até porque agora ela mora com o namorado, então divide as contas. Mas ela não tinha e eu fui ajudando ela financeiramente a trazer. Porque você tem que trazer, tem que trazer guindaste, aí você tem que fazer base, aí tem um pedreiro que tem que vir fazer instalação do banheiro, pia... e aí eu fui ajudando financeiramente e sempre tinha alguma coisa... e eu sei que essa época eu... "não, filha... você não precisa se mudar. Você pode esperar mais um pouco. Vamos esperar fazer não sei o que..". Aí um dia ela chegou pra mim e falou "Não. Eu vou, mãe! Do jeito que for, eu vou!". E aí ela foi. Tinham várias coisas que não tavam boas ainda e ela foi. E virou um desconforto, mas eu senti como se assim... ela falou que "chega! não aguento mais"... e ela foi. E pra mim foi um vazio, assim, foi um vazio. E é muito louco isso porque ela não tá longe, mas foi difícil assim... foi bem difícil. e tudo bem porque, pelo menos, tinha minha comadre, tinha minha filha mais nova, ela não morava longe também... mas foi assim... **eu fui tentando não deixar ela ir...** muito louco... hoje em dia, olhando em retrospectiva... eu fala "não... vamos fazer tal coisa... você não tá sendo expulsa de casa. você pode esperar ficar perfeito... perfeita a situação"... e aí um dia eu vi ela fazendo esse grito de independência e eu entendi... eu acho que eu faria isso também no caso... se eu fosse ela... "eu vou. do jeito que for, eu vou e vou" [...] eu só consigo ver em retrospectiva que eu agi assim. porque na época eu sempre queria o melhor pra ela, digamos assim. **Mas, na verdade, eu tava com medo de perder ela.** (MARISA, 2022, Entrevista XI)

O cuidado surge aqui como via de relação através da qual a entrevistada tentou, ao mesmo tempo, auxiliar sua filha a realizar as condições para sua saída e controlar o andamento desse processo. Assim como no excerto anterior, o lugar do qual a entrevistada parte para assumir sua posição nesse contexto relacional é o da mãe como aquela que tem o monopólio do conhecimento (e dos meios financeiros) a respeito do cuidado de sua filha: cuidando do prosseguimento da saída de Erica, Marisa também tentava tutelar a cadência

desse movimento. Gerenciando o processo a partir da posição de mãe cuidadora, a entrevistada poderia tomar as rédeas desse evento na vida de sua filha – fazendo-o em função do próprio medo em perder sua companhia. Assim como Sâmia, essa engenheira utiliza do apelo à impessoalidade das condições nas quais o cuidado é realizado para exercer sua vontade. No raciocínio desvelado retroativamente por Marisa, tudo se passava como se o cuidar tivesse sido tomado, estrategicamente, como um conjunto de técnicas neutralizadas – existentes para além dos projetos, receios e desejos de influenciar os rumos da vida de Erica dentro dos arranjos familiar e doméstico. Com efeito, através das definições coletivas – vividas de forma particular – a respeito do que uma mãe deve/pode fazer para ajudar sua filha, a entrevistada também tentou exercer o poder de dizer como as coisas deveriam ser na vida de Erica. Assim, a posse dos meios através dos quais o cuidado é realizado – posição ocupada por Marisa a partir modo de subjetivação maternal construído historicamente e adaptado à sua vida pessoal – surge como uma prerrogativa para exercer o controle sobre o andamento dos planos de sua filha.

Carla, apelidada de "sargento" por suas filhas – em menção à rigidez (semelhante à de sua vida profissional) com a qual conduzia a vida familiar –, também teve seus planos para sua família frustrados quando, de supetão, Eduarda anunciou que sairia de casa. Relatando o diálogo interno experienciado ao passar por esse processo, a entrevistada conta da revolta que sentia a respeito da rebelde decisão de sua filha:

é uma revolta meio que inexplicável sabe... porque a gente acha que eles vão estar sempre ali com você... eu falei assim "mas eu sempre tentei ser a melhor mãe que eu pude... sempre dei tudo o que eu pude... e agora vai me abandonar!"... uma revolta assim... de ingratidão da parte dela, sabe... mas é uma coisa que não existe isso... é uma coisa engraçada... aí você pensa assim, como mãe "eu doe a minha vida pra esse ser e agora ele vai simplesmente sair, bater a porta e me abandonar!"... sabe? é isso que eu sentia na época. Hoje eu vejo com outros olhos, lógico. Mas era o que eu sentia... era uma revolta de ingratidão... assim "que ingrata! eu fiz de tudo pra essa menina e agora ela vem com esse papo de que quer ir morar sozinha!"... era essa... eu não entendi o porquê que ela queria ir embora... sabe, assim... "puxa vida... mas a gente se dá tão bem, uma família tão bacana, sabe? Tão aberta... a gente conversa sobre todos os assuntos"... (CARLA, 2022, Entrevista V).

Notemos: cuidado e poder estão profundamente conectados no relato de Carla. Exercer as formas de cuidar enquanto mãe parece, na passagem acima, carregar consigo a prerrogativa de decidir como as pessoas que recebem esse cuidado devem direcionar suas vidas. Nesse sentido, cuidar, tutelar e controlar se conectavam na forma como essa mãe imagina sua relação com suas filhas. Não sem motivo os nove meses que se passaram ao longo da primeira saída de Eduarda foram marcados, como mencionado no tópico anterior,

por uma constante (ainda que distante) vigilância por parte de Carla – que, ao tentar manter sua filha segura, também exercia sobre ela uma forma de patrulha.

Mais do que isso, é necessário mencionar o esquema de equivalências escamoteado por trás da linha de raciocínio adotada pela entrevistada no momento da saída de sua filha mais velha de casa – "eu fiz de tudo pra essa menina e agora ela vem com esse papo de que quer ir morar sozinha!". Por trás desse pensamento está a suposição de que a recompensa por todo o cuidado já oferecido à Eduarda deveria ser o direito de exercer o controle sobre o arranjo doméstico e o papel de sua filha nessa composição. O relato revela que, por trás da antiga forma de pensar expressa por Carla, constituía-se uma ligação entre ser a principal responsável pelos cuidados da casa e da família e ter a prerrogativa de comandar a organização da família e as decisões de suas filhas a esse respeito. A saída de Eduarda escancara um entendimento silencioso que pautava a forma como a entrevistada vivia e entendia a si mesma enquanto mãe: para Carla, cuidar, proteger e controlar eram correlatos em sua maneira de exercer a maternidade.

A constatação da junção entre cuidado, proteção e controle nas narrativas dessas mães se torna particularmente interessante quando a confrontamos com o corolário elaborado por Joan Tronto (2013) para discutir a relação entre proteção, cuidado e controle. Para a autora norte-americana, preocupada com uma explicação macrosociológica do cuidado na sociedade estadunidense, a proteção seria um dos ramos de atividade majoritariamente masculina que normalmente dispensa os homens da responsabilização pelo cuidado. Nesse sentido, proteger outros concederia a eles uma espécie de passe livre⁷² em relação às práticas e disposições cuidadosas dentro de nosso modelo de sociedade – preocupar-se com a segurança os livraria dos encargos a respeito do cuidar. Mais do que isso, Tronto (2013, p. 74) nos lembra que, na maneira como são praticadas na esfera pública, essas são atividades de controle e policiamento, formas de exercer poder sobre outras pessoas. Assim, proteção (com sua propensão ao exercício do controle) e cuidado de outros não habitariam o mesmo espaço de forma pacífica, livre de problemas.⁷³

⁷² Em *Caring Democracy* (2013), Tronto constrói a ideia que determinadas atividades advindas de lugares de privilégio social e econômico garantem às populações brancas, economicamente estáveis e aos homens um aval de desresponsabilização pelas atividades de cuidado. A esse desencargo, a autora dá o nome de *pass* – expressão que, em português, pode ser traduzida como um "passe livre" para que determinadas pessoas não precisem se preocupar com as demandas e necessidades dos cuidados de outras pessoas.

⁷³ Em um breve momento de sua análise, Tronto também nos lembra do importante trabalho de Uma Narayan, que discute como discursos de atenção, libertação, e cuidado justificaram projetos colonizadores a partir da Europa. Nesse sentido, à revelia de qualquer contradição ideal entre as dinâmicas de cuidado e controle, a análises históricas como as compõem *Colonialism and Its Others: Considerations on Rights and Care Discourses* (1995) nos mostram que os entrelaçamento entre essas práticas é mais complexo em seu enraizamento empírico.

Nos relatos de Carla, Marisa e Sâmia vemos todos esses elementos se confundirem. No intuito de realizar disposições cuidadosas historicamente vinculadas à subjetivação maternal – e vividas concretamente dentro de suas relações com suas filhas e filhos –, essas entrevistadas operam também mecanismos de tutela em função de seus próprios desejos. Ainda que, em princípio, imaginemos cuidado e controle como comportamentos opostos, o que vemos na prática das vidas vividas por essas mulheres ao longo da saída de seus filhos e filhas de casa é uma convivência ambígua de significações, onde os mesmos gestos foram concebidos como maneiras de se preocupar com o bem estar de outras pessoas ou como uma forma de delimitar e exercitar a própria influência sobre os planos de quem está sob seus cuidados. É claro que, a partir do ângulo através do qual discuto poder dentro da relação mãe-filho no cenário de minha pesquisa, interesses pessoais não são simples operações de vontades espontâneas. O lugar subjetivo materno a partir do qual é exercido o controle e a tutela com intuito de interferir no processo da saída de filhos e filhas de casa também é o modo de subjetivação que construiu essas mulheres enquanto mães a partir de discursos historicamente localizados e sentidos coletivos que faz da situação de separação entre mãe e filho um momento em que emoções fortes e conflitantes se misturam.

Assim, ao falarmos das relações entre cuidado, tutela e controle no contexto dos relatos das entrevistadas, devemos entender que não se trata do simples uso da prerrogativa materna para alcançar determinado resultado – nesse caso, para influenciar no processo da saída de filhos e filhas de casa. De maneira muito mais complexa, a própria identificação enquanto mãe – constituída historicamente pela junção da mãe ao filho, e vivida através da maternidade como projeto – afeta os objetivos em relação aos quais o exercício do poder na relação mãe-filho é empregado.

Até aqui, três importantes dilemas das vidas das mães com as quais conversei se destacaram através desta investigação sociológica, empreendida com os objetivos específicos de caracterizar as relações das entrevistadas com seus filhos e filhas, analisar os contextos em que as saídas de casa ocorrem, entender quais mudanças ocorreram a partir desse processo e compreender quais discursos significados coletivos são acionados nos relatos através dos quais essas mães constroem o sentidos de suas experiências. Através dessas categorizações, pudemos analisar algumas das tensões centrais que marcam as formas pelas quais a saída dos filhos e filhas de casa afeta as maneiras pelas quais essas mulheres vivem e descrevem a si

mesmas enquanto mães: o conflito entre itinerários normativos para o ciclo da vida e as vivências dessas mulheres junto de seus filhos e filhas; o desenvolvimento de uma exacerbada percepção do risco (derivada de a concepção das filhas e filhos como sujeitos necessitados de cuidado); e os conflitos advindos da junção entre cuidado, controle e tutela nas formas como dessas mulheres tentaram influenciar o processo de saída de seus filhos e filhas. Mais do que isso, foi possível tornar claro que esses impasses contém um imbróglio de proporções históricas: os desafios vividos cotidianamente por essas mulheres são herdeiros das formas coletivas e historicamente situadas de pensar a subjetividade maternal, seu comportamento ideal naturalizado por discursividades diversas e a sua relação com aqueles e aquelas pelas quais são responsáveis (e em relação a quem elas podem definir a si mesmas enquanto mães).

Contudo, para que seja possível compreender de forma mais pormenorizada os interstícios das experiências de minhas entrevistadas, ainda é necessário destacar algumas imagéticas empregadas por elas para darem sentido às suas experiências. Abaixo, veremos como a apropriação de certas figuras históricas e noções coletivas auxiliaram as mães com quem conversei a passarem por momentos difíceis ao longo da mudança dos arranjos familiares que estavam inseridas e balizaram a elaboração de seus relatos na forma como descreveram os desafios enfrentados durante do processo da saída de seus filhos e filhas de casa.

6 IMAGENS DO MEIO DO CAMINHO: CONSTRUINDO OS SENTIDOS DE UMA EXPERIÊNCIA

"É preciso então rachar, abrir as palavras, as frases e as proposições para extrair delas os enunciados [...]"⁷⁴: essa é uma das sínteses oferecidas por Deleuze para explicar a originalidade da metodologia foucaultiana na análise dos discursos e das formas pelas quais o saber constitui nosso acesso à realidade – sempre histórica e socialmente localizado, devo adicionar. Seguindo esse espírito analítico, este capítulo será dedicado a examinar exemplos da interação entre, de um lado, as estruturas de representação de elementos da vida cotidiana e, de outro, as vivências do dia a dia dessas mulheres enquanto se adaptavam à saída de seus filhos e filhas de casa.

Ao longo da análise do rol de entrevistas que compõem esta tese, pude perceber que significados coletivos específicos foram apropriados e estrategicamente utilizados para auxiliar essas mulheres a passarem por um período difícil de suas vidas, bem como para construir os sentidos das experiências pelas quais elas passaram em relação a este tema. Se a performatividade é, como dito anteriormente, um ato de improvisação dentro de um cenário delimitado pelo lugar ocupado pelos sujeitos no tempo, no espaço e na linguagem, esse é o momento de empreender uma análise cenográfica, voltada sobre as imagens com as quais essas mulheres interagem na construção de seus relatos. Esse olhar permitirá traçar relações e conexões entre a história contada pelas entrevistadas e a carga histórica de alguns dos elementos que compõem as cenas narradas por essas mães. Com o objetivo de reconhecer e analisar os discursos utilizados por essas mulheres para organizar, expressar e tornar visível suas próprias histórias, este capítulo se debruça sobre partes sutis dos relatos das entrevistadas que permitem entender como foram agenciadas imagéticas que gravitam umas às outras no universo historicamente situado da subjetivação maternal para que essas mulheres pudessem não apenas passarem pelas turbulências do processo da saída de seus filhos e filhas de casa, mas também pudessem organizar suas narrativas a respeito desse período e suas vidas.

O capítulo se divide em dois grandes tópicos dedicados a identificação e análise dos modos de apropriação e usos de imagéticas específicas nos relatos das entrevistadas. Em um primeiro momento, debruçar-me-ei sobre as maneiras pelas quais algumas das entrevistadas lançaram mão da figura da criança e da noção de família quando tiveram de lidar com os abalos em suas relações com seus filhos e filhas. Mantenhamos em mente que esses arranjos relacionais também são parte das formas pelas quais as entrevistadas vivem e descrevem a si

⁷⁴ DELEUZE, 2013, p. 61.

mesmas e perceberemos que essas são imagens do meio do caminho: são formas de atravessar as instabilidades íntimas causadas pelo processo da saída dos filhos e filhas e de casa. Depois, lançarei um olhar para a expressão "síndrome do ninho vazio" – me preocupando em entender como essa ideia, já tão carregada de significados na cultura, no senso comum e nos saberes disciplinares do campo psi, aparece nos relatos das entrevistadas. Dessa maneira, será possível que deixemos os relatos das mulheres com quem conversei mostrarem as intenções por trás do uso dessa noção, bem como o que ela traz aos relatos das entrevistadas, enquanto cenário que concede os termos e referenciais em torno dos quais é possível elaborar uma narrativa sobre o Eu através do tempo..

6.1 As imagens da criança⁷⁵ e da família

Olhando para importantes análises históricas construídas sobre o tema, nota-se que, no âmbito dos códigos que possibilitam a inteligibilidade no mundo social, as figuras da mãe e do filho infante estão profundamente ligadas uma à outra. Como mostram Badinter (1985) e um de seus principais interlocutores, Philippe Ariès (1981), a história dos processos que levariam ao modo de subjetivação maternal construído na modernidade europeia – e que, persiste, de certa maneira, em sociedades forçadas as se adequarem como europeus ao longo dos séculos – se ampara nos resultados de um outro movimento de destacamento e valorização da criança de uma forma específica. Até o século XVII a infância ainda não existia enquanto estrutura de representação de um momento na vida humana. Contudo, processos próprios à realidade biopolítica que marca o pensamento europeu da época institucionalizam a criança como categoria e delimitam suas características como ser de características específicas. O corpo do infante, antes percebido como um adulto em miniatura, a partir de então se distingue em seu caráter particular: trata-se um ser sensível, indefeso, dependente e incapaz. Ao longo dos séculos XVIII e XIX, a valorização da criança deixa de se tornar uma campanha e se torna um dispositivo discursivo consumado: representando o

⁷⁵ Ciente das diferentes abordagens do tema na Sociologia – como, por exemplo, a Sociologia da Infância e a Sociologia das Crianças –, escolhi me ater a uma teorização mais geral e de cunho histórico sobre o tema. Sigo esse caminho, primeiramente, por conta da rapidez com a qual o tema aparece nas entrevistas – o que não permitiria lançar mão de um espaço de teorização mais denso, sob o risco de englobar de forma perigosa o campo de análise. Mais do que isso, porém, é necessário ressaltar que não discuto a ação social desses filhos e filhas enquanto criança ou mesmo a estruturação de suas relações com suas mães neste período de suas vidas. Meu intuito com esta seção é discutir a imagética da infância nos relatos das entrevistas. Para isso, bastará evidenciar que esse é um signo histórico que serve de agente aglutinador na construção de significado dentro dos relatos dessas mulheres.

futuro da força de trabalho e poderio militar de uma nação, a civilização europeia opera uma recentralização dos valores e das diretrizes dentro do âmbito doméstico em torno da infância.

O século XX encontra, na medicina, no campo psi e nas representações sociais sobre a infância dentro do senso comum, o auge da valorização da criança. O "século da criança" (EHRENREICH; ENGLISH, 2003, p. 203), mergulharia ainda mais fundo na atenção dedicada a esses pequenos corpos e às relações que os envolviam. A vigilância em torno das condições de crescimento agora não falam apenas sobre a higiene da formação de sua fisiologia de seu caráter moral, mas falam também sobre os afetos e sentimentos que compõem seu desenvolvimento pessoal a partir de seu inconsciente. Toda essa fórmula resultaria na figura do adulto que representaria o país nas fábricas e escritórios, no exército e na chefia das famílias. A operadora dessa fórmula – a ferramenta através da qual o dispositivo discursivo de valorização biopolítica da infância seria incorporado – seguiu sendo a subjetivação maternal. Socialmente encarnada sobre o corpo feminino, a identificação imagética da mãe comumente se ancora na imagem do filho. Esse, claramente, não é um processo encerrado ou fixo – mães e filhos não ocupam o mesmo lugar discursivo que ocupavam nos períodos analisados nas referências citadas acima.⁷⁶ Ainda assim, nas falas de algumas entrevistadas, por exemplo, algo parece se manter residualmente da ligação entre essas imagens socialmente conectadas. De alguma forma, para algumas dessas mulheres o filho enquanto criança ainda persiste como parte de um código de inteligibilidade acessado de forma involuntária ou estratégica para lidar com o momento de mudança no ambiente doméstico – momento que, nos relatos de algumas das entrevistadas, surge como um complexo período de mudanças nas rotinas através das viviam suas vidas e se relacionavam com seus filhos e filhas.

⁷⁶ Entre as décadas de 1960, 1970 e 1980 uma grande efervescência na luta pelos direitos das mulheres que, entre suas pautas, traziam importantes discussões sobre os direitos sexuais e reprodutivos, a compulsoriedade ligada à maternidade e as barreiras ligadas à inserção feminina no mercado de trabalho. As possibilidades de separação entre sexo e reprodução com a pílula e as legislações em torno da interrupção da gestação adicionavam novas complexidades e possibilidades de escolha ligadas ao maternar. Como mostra Lucila Scavone (2001), a evolução do debate a respeito do tema caminha na direção do tornar-se mãe como um projeto de vida. Nesse mesmo sentido, Solange Moura e Maria Araújo (2004) afirmam que o desenvolvimento das organizações em torno da mãe que lida com a maternidade assim como com outras facetas de sua vida pessoal e profissional – ainda que também enfatizem a ascensão de um grupo de profissionais médicos e do campo psi chamados “profissionais da gravidez”, ligados a uma normatização disciplinar a respeito de uma gravidez planejada, correta e saudável. Como mostra os estudos mais recentes de Badinter (2011), mesmo a ascensão dos movimentos de mulheres e a construção de narrativas importantes sobre direitos fundamentais para essa população ainda tem de conviver com discursos naturalistas que retomam a essencialização e a biologização da maternidade. Em suma, acredito que as importantes transformações nas relações entre mulheres e a imagem da mãe no ocidente convivem com a continuidade da existência de discursos ligados à subjetivação maternal como uma plataforma para o “eu” que oferece a coerência de uma narrativa de si ao mesmo tempo em que pode reforçar perigosas noções sobre os gêneros.

Assim como no relato de Carla, que, anteriormente, mencionou ter dificuldade para lidar com a saída de Eduarda por ainda vê-la "pequena", como um bebê dependente, a imagem de filhos e filhas como crianças está presente nas formas pelas quais outras entrevistadas retratam suas experiências com a saída de seus filhos e filhas e casa. Logo no começo de sua entrevista, Sâmia fala da seguinte maneira sobre a saída de Guto, que hoje tem 27 anos de idade: "nós, **mães de crianças que foram...** nós ampliamos os corações, ampliamos os horizontes, a mente, tudo, sabe?" (SÂMIA, 2021, Entrevista I, destaques meus). A afirmação não se separa da percepção de seu filho enquanto um sujeito de cuidado – em relação a ele, a entrevistada conta ter de operar uma ampliação de seus horizontes a respeito das expectativas sobre o bem-estar de Guto.

Outras mães contam que acessavam a imagem de seus filhos e filhas ainda pequenos para lidar com as mudanças causadas por sua saída no ambiente doméstico. Quando perguntada sobre quais eram os momentos em que notava a ausência de Túlio e Isabela, Nida conta sobre uma de suas estratégias para lidar com essa falta durante o dia:

Então a dificuldade que eu sinto assim... muito é na hora da alimentação, na hora de ir dormir... porque, durante o dia assim eu imagino que tão na escola, né... eu sempre arrumo uma válvula de escape pra mim... **"ah... tão na escola... à tarde vai chegar todo mundo"**... e não chega né... só que eu falo com eles todos os dias... todos os dias a gente se fala... (NIDA, 2022, Entrevista VI, destaques meus).

O que o excerto acima mostra é um complexo agenciamento dos modos de sentir, uma utilização estratégica da memória e da maneira como esse tipo de lembrança se atrela a determinadas sensações. Acionando essa combinação, Nida produz sobre si um efeito paliativo que a ajuda a enfrentar a falta que sente de seu filho e filha. Essa não é, contudo, uma operação individual. Para organizá-la dessa maneira, é necessária a rememoração de uma rotina organizada em torno de um específico ritmo familiar e doméstico: filhos na escola, marido no serviço e mãe em casa ou trabalhando. Parte da matéria-prima que torna possível o uso de recordações e emoções vem do fato de que essas estão atreladas a formas pessoais de viver estruturas coletivas de organização da família e das relações intrafamiliares.

Muriel, de maneira parecida, mencionou a ideia de acessar a memória de seus filhos mais novos quando lhe perguntei como se sentiu quando a rotina da casa mudou após a saída de Kabir e Makai:

Tinha lá dias que eu sentia falta... falava, sinceramente "quero voltar aquela loucura de novo"... chegar do trabalho, botar feijão de molho, escolher o que comer pra fazer pra eles amanhã, já deixar tudo pronto do micro e aí eles não tão mais em casa ... Henrique, de não tê-los, eu acho que foi mais difícil assim. De não lavar a roupa deles - roupa suja do futebol, roupa do colégio... tanto que quando eles começaram a crescer eu achei uma coisa muito louca... **eles adoravam assistir Tom & Jerry e eu sempre deixava os desenhos na TV pra ficar ouvindo os desenhos pra lembrar como era antes...** (MURIEL, 2022, Entrevista IV, destaques meus).

As situações mencionadas por Nida e Muriel lembram um tensionamento elencado por Betty Friedan em seu famigerado livro *The Feminine Mystique*, publicado originalmente em 1963. Trabalhando para caracterizar uma espécie de mal-estar na domesticidade da vida suburbana (branca e economicamente estável) nos Estados Unidos do período pós- Segunda Guerra Mundial, a autora chama atenção para um desencontro entre representação e vivência cotidiana: segundo sua análise, uma imagem desatualizada regia a vida da dona de casa nos anos 1960. Para Friedan, o "felizes para sempre", congelado em uma fotografia na qual estão representados o marido, a esposa e a criança, funcionaria como um horizonte fixo, de falsa profundidade – como o cenário de uma peça de teatro, que tenta retratar perspectivamente a vastidão de uma paisagem, mas existe como realidade reduzida a duas dimensões. Muriel e Nida, é claro, não vivem no mundo dos subúrbios estadunidenses da metade do século passado. Ainda assim, elas parecem agenciar estrategicamente a imagem de um período específico de suas vidas familiares (lido através dos elementos oferecidos pela cultura para pensar a rotina do ambiente doméstico) para amenizar as dificuldades causadas pelo processo da saída de seus filhos de casa. A falta de um vocabulário representacional para a experiência vivida por essas mulheres – essa desatualização da fotografia que poderia retratar a família – resulta na adoção de improvisações e remendos feitos de memórias e sensações apropriadas em função de suas necessidades particulares. Assim, o recuo à imagem dos filhos e filhas pequenos e as imagens dos "bons tempos" são eventualmente trazidas como uma espécie de colagem, uma complementação para o fluxo de consciência cotidiana na experiência da saudade de filhos e filhas. Cristalizada uma imagem específica da vida familiar – que mistura a estética coletiva em torno da imaginação da família e vivência pessoal dessas mulheres como as partes da vida incluídas nessa estetização social e historicamente organizada – o que se nota é o uso de sua efigie como "válvula de escape" dentro de uma economia interna dos sentimentos na vida cotidiana.

Em relatos como os de Muriel, uma outra imagem também surge como elemento de ancoragem na constelação de discursos e ideias que representam as relações afetadas pelo

processo da saída de seus filhos de casa. Quando lhe perguntei em quais eram os momentos em que ela mais sentia a ausência de seus filhos quando eles saíram de casa, a entrevistada me disse:

Quando eu acordava, quando eu ia almoçar, quando eu ia jantar, quando eu ia assistir um filme... o som deles... a casa ficou muito silenciosa... não existia mais aquele murmurinho "Mãe! Biga!" - ele me chamam de Biga ... não tão mais aqui. Então em todos os momentos assim e principalmente, até hoje, o que me pega muito é a refeição... refeição.. refeição é impressionante.. inclusive o dia mais triste pra mim é domingo. Domingo porque eu almoçava muito com os meus pais, eles ia comigo, as minhas irmãs tavam lá com os filhos, os sobrinhos... eu acho que domingo, pra mim, ele caracteriza a família, Henrique. Daí meu pai faleceu, minha mãe faleceu, minha irmã infelizmente faleceu ano passado bruscamente com 61 anos... muito foda... até hoje eu to meio assim com tudo isso que acontece. Mas, enfim, eu sinto muita falta do tal almoço de domingo. O almoço de domingo me pega bastante assim. (MURIEL, 2022, Entrevista IV).

A imagética da família sentada em torno da mesa no momento da refeição – que, como afirmam Amy Bentley e Hi'ilei Julia Hobar (2014), é veiculada ao longo século XX no Ocidente como parte de um ideal moral familiar pelo qual as mulheres eram responsabilizadas – cristaliza um cenário em relação ao qual Muriel nutria investimento afetivo. Com a saída de seus filhos de casa, esse momento de sua rotina se torna uma espécie de referencial que reforça a lembrança dessa vivência – uma memória que ganha contornos de tristeza quando posta em relação às mudanças pelas quais o ambiente doméstico da entrevistada passou.⁷⁷ De diferentes maneiras, outras mães com quem conversei também mencionaram o momento da refeição como a instância em que mais sentiam a ausência de seus filhos e filhas. Carla, por exemplo, conta como sentia a ausência de Eduarda e Larissa ao passar pelas refeições sem poder exercitar da mesma forma o hábito de reunir-se a sua família como fazia quando suas filhas eram mais novas:

na hora... na hora do almoço e do jantar... porque a gente sempre tava... isso sempre foi uma exigência muito minha... mesmo correndo quando elas eram crianças... nós tínhamos que sentar na mesa e almoçarmos e jantarmos todos juntos. Isso... é... pra mim é o momento que eu sinto mais falta... por isso que eu falei pra você... que eu gosto quando elas tão aqui porque eu fico lá fazendo comida e aí todo mundo senta na mesa... e terminamos de almoçar e ficamos jogando conversa fora e falando abobrinha... um monte de abobrinha... ou fazendo... como eles faziam... "vamos ter

⁷⁷ No começo de nossa entrevista, Muriel conta que a saída de seu filho mais velho coincidiu com o processo de divórcio pelo qual ela passava. Como o excerto a seguir sugere, esse período é lido como um momento drástico em sua história pessoal. A saída do filho contribuiu para um senso de perda da própria estrutura familiar: "eu tava me divorciando de um casamento de mais de 30 anos, então foi aquele choque e eu muito reflexiva com tudo aquilo. Falava assim nossa parece que é uma engrenagem do universo meio esquisita... **eu tinha tudo e daqui há pouco eu não tinha mais... eu pertencia a um núcleo familiar, digamos... daqui há pouco meu filho sai, meu ex-marido obviamente também sai...**" (MURIEL, 2022, Entrevista IV, destaques meus).

um café filosófal"... daí a gente fica filosofando sobre religiões, sobre... ah... sobre N assuntos sabe... e daí... isso eu sinto falta, sabe? Isso me dá aquela coisinha: "puxa... não tão aqui... era tão bom quando elas eram pequenas", sabe... isso pega de vez em quando... (CARLA, 2022, Entrevista V)

Atalia e Nida, por outro lado, citam que, justamente por atrelarem o momento da refeição à convivência com seus filhos e filhas, tinham dificuldades em se alimentarem nos momentos em que tinham que fazê-lo sem a presença das pessoas a quem esse cenário esteve atrelado por tantos anos. Atalia diz:

H: na sua rotina, no dia-a-dia, quais eram os momentos em que você mais sentia a ausência deles?

A: quando a gente sentava pra comer! porque era na mesa que a gente batia o papo ali né... ficava todo mundo junto... eles são muito assim sarrista... tira sarro um da cara do outro... d'a gente também... então eu sentia muita falta daquilo ali... daquele convívio na mesa...

H: aham... e como era? como você se sentia na hora de comer assim? porque você tá ali... tem que fazer as coisas praticamente, mas, ao mesmo tempo, tá percebendo uma ausência... como você se sentia?

A: no início a comida nem descia direito... eu me sentia triste... ficava lembrando deles, do que que eles podiam estar comendo..., mas o lado bom de tudo isso também é que... o meu marido, ele é muito bem humorado então ele tentava ali fazer as piadinhas dele... mas às vezes a comida nem descia viu... (ATALIA, 2022, Entrevista VIII)

Nida relata algo parecido. Sem seus filhos em casa, comer se tornava uma tarefa difícil. Porém, em seu relato, vemos o quão graves podem ser os efeitos do abalo das práticas cotidianas atreladas a significados socialmente construídos e a hábitos de convivência quando as pessoas simbólica e praticamente atreladas a esses rituais cotidianos não estão mais ali para performá-los. A entrevistada recupera essa complexa experiência:

H: [...] outra coisa que eu ia perguntar sobre a sua rotina... em quais momentos do dia você sente mais a ausência deles?

N: Olha, por exemplo, hoje eu não almocei até agora...

H: jura?

N: uhum... só que eu não conto pra eles, se não eles ficam assim muito preocupados. eu não consigo comer muita comida assim até agora quando eu to muito sozinha. Ontem eu fui pra casa da minha mãe e às vezes eu pego uma marmita, mas, mesmo assim, não é legal... a comida não tem o mesmo sabor. Então a dificuldade que eu sinto assim... muito é na hora da alimentação, na hora de ir dormir... porque, durante

o dia assim eu imagino que tão na escola, né... eu sempre arrumo uma válvula de escape pra mim... "ah... tão na escola... à tarde vai chegar todo mundo"... e não chega né... só que eu falo com eles todos os dias... todos os dias a gente se fala... eu, a Isabela, ele...

H: sim... e o que... nesses momentos em que você lembra da ausência deles, seja à noite, seja na hora das refeições e tal... o que você sente, especificamente? Que tipo de emoções? O que te impede de comer? O que você sente?

N: Então...eu volto a contar pra você... esse negócio que dá na garganta, uma saudade... assim... sabe por que? dá impressão que quando tá fora... que... "nossa será que eu fiz tudo certinho? Será que não tinha como..?"... a gente se sente um pouco meio que culpada de uma coisa que a gente sabe que é um gatilho pro bem, mas você fica se perguntando... eu, por exemplo, eu me culpo bastante porque eu podia estar em Curitiba com eles, mas eu tenho muita dificuldade porque eu sempre morei aqui... (NIDA, 2022, Entrevista VI).

Em outro momento da entrevista, Nida conta um pouco mais sobre como todo esse processo afetou sua capacidade de se alimentar e sua saúde:

Daí eu fui junto, mas não acostumei com Curitiba e voltei embora. daí que o estrago foi maior ainda... eu emagreci 10 quilos pra você ter uma ideia... não conseguia comer. Tipo.. coisa doce eu conseguia comer, mas se alimentar... eu tive uma anemia que chegou no 8 ... quase eu precisei de transfusão de sangue e tudo porque eu não conseguia comer... de tanto que eu queria que tivesse perto, sabe? (NIDA, 2022, Entrevista VI).

No relato de Nida, essa espécie de impedimento emocional em se alimentar – que chegou a lhe deixar anêmica – é um tema bastante importante, ao qual ela retorna algumas vezes. Na forma como me conta a história da saída de seus filhos de casa, a entrevistada menciona o cuidado em torno da comida como uma via relacional através da qual viveu sua relação com Túlio e Isabela. A cozinha era o cômodo em que ocorreram as conversas, encontros cotidianos e comemorações quando eles ainda moravam juntos. Agora, comer a comida que por muito tempo preparou para seu filho e filha lembra Nida de sua ausência. Para a entrevistada, torna-se difícil continuar a comer porque, dadas as fortes emoções, forma-se um nó na garganta. A falta de comida por um período prolongado a leva a ficar doente. Um conjunto de sentidos sociais e um conjunto de sintomas físicos aqui se unem de forma muito intensa e imbricada. Parece haver uma ritualística no cotidiano do comer que evoca a memória de sua relação como Túlio e Isabela. Trata-se de uma prática territorializada por um sentido coletivo historicamente construído – ligado à uma consciência moderna construída nas famílias ocidentais a respeito de si mesmas, a qual Edward Shorter dá o nome de "domesticidade" (SHORTER, 1995, p. 244) –, mas também marcada por significados individuais específicos. Nesse sentido, existe ali prática reiterada cotidianamente, abalada pela

transformação no ambiente doméstico; uma sociabilidade de presenças que passam a ser evocadas e notadas quando elas justamente não estão ali.

Uma importante menção à maneira como a imagem da família reunida no momento da refeição compõe o relato de Priscila. Assim como Muriel, ela também retoma a imagem do almoço de domingo como uma cena ancorada à lembrança de sua relação com seus filhos. Contudo, ela acessa o mesmo objeto a partir de uma valorização diametralmente oposta àquela trazida anteriormente:

[...] um dia eu fiz o almoço, eles comeram e foram embora e eu fiquei "puxa vida... agora tem tudo essas louça pra lavar"... queria descansar, assistir um filme pra amanhã retomar o trabalho... e aí... eu falei "não. A partir de hoje acabou isso"... não disse pra eles, não dei a carta pra eles... mas nunca mais fiz almoço... eu penso "ah... almoço de domingo, que legal..."... na fotografia é bonito né... depois sobra a louçarada pra você lavar, gente que briga, gente que bebe... eu não sei... eu não sei até que ponto isso é legal... mas enfim... (PRISCILA, 2022, Entrevista X).

O contraste entre as posturas de Priscila e Muriel – que talvez também possa ser validamente estendido na comparação com as outras entrevistadas citadas acima – oferece a possibilidade de conceber diferentes delineamentos valorativos atrelados a situações semelhantes. Notemos que, assim como Muriel, Priscila também reconhece a forma como a cena do almoço em família se atrela à relação entre mães e filhos, conectando-os prática e simbolicamente. Nos dois relatos, está claro o reconhecimento da conexão entre sentidos coletivos para a inteligibilidade dos vínculos familiares e esse tipo de prática de cuidado. Contudo, a diferença entre as duas experiências mostra que os significados pessoais vinculados a essa imagética não são óbvios, homogêneos ou auto-evidentes. Ao contrário, a mesma imagem tem significados radicalmente distintos nesses relatos. Para Muriel, esse era um meio através do qual ela podia acessar afetivamente a figura de seus filhos através do cuidado como via relacional – o que faz desse um momento particularmente doloroso em alguns momentos de sua rotina. Para Priscila, o almoço de domingo (e a louça suja que o sucede) representa uma postura muito próxima daquela através da qual Silvia Federici, em *Wages Against Housework* (1975), conectou amor e trabalho não pago nas rotinas de mulheres solitariamente encarregadas pelo cuidado em seus ambientes domésticos. Para Muriel, trata-se de uma cena em relação à qual ela sente saudade – um momento de sua rotina em que vive o tempo esvaziado. Para Priscila, trata-se de uma cena da qual procurou escapar em busca de tempo livre:

Há uns 10 anos... eu falei "eu quero o divórcio" [risos]... "quero o divórcio... não quero mais"... daí eles arrumaram namoradas... ou então antes disso, sabe... eu trabalhava a semana inteira, manhã, tarde e noite... aí domingo eu fazia almoço... tipo uma mãe típica né... daí eles comiam e saíam...e eu ficava a tarde inteira lavando, passando, fazendo até na semana seguinte... daí teve um dia que eu disse "não... não quero mais essa vida pra mim... vou me divorciar deles" e eu me divorciei... (PRISCILA, 2022, Entrevista X).

Ao longo dos últimos capítulos, pudemos ver que o cenário para a performatividade materna contém diferentes elementos que compõem o universo do nomeável e apropriável na elaboração das narrativas individuais. Imagéticas como as da criança ou da família não serão necessariamente percebidas das mesmas maneiras por todas elas. Contudo, percebe-se um retorno a essas figuras como objetos cenográficos com os quais essas mães interagem para contarem suas histórias – para si mesmas e para mim. Imaginar as próprias filhas e filhos quando ainda criança é uma forma de lidar com a transformação dos arranjos relacionais: muda-se a forma de imaginar a infância de filhos e filhas (agora vista como algo do passado) e, por isso, essas mães também precisam passar por mudanças internas – cada uma delas à sua maneira. A constatação de transformações irreversíveis também se aplica à figura da família. Antes que uma nova figuração familiar possa tornar representável as experiências dessas mulheres, percebe-se que algumas das entrevistadas lamentam a inevitável desatualização de uma fotografia que já não pode mais representar o arranjo atual de suas vidas, lembrando-as de um passado no qual viveram e construíram a si mesmas em relação às pessoas que amaram. Para outras, a substituição de imagéticas como essa não é apenas bem-vinda como ativamente buscada: a família pode ser uma imagem opressora, desconfortável e injusta – ainda que seja reconhecida como eixo importante na elaboração de uma relato sobre a vida materna, ela não é lida com apego, mas com antipatia por mulheres como Priscilla.

A seguir, discuto um outro elemento importante para a construção das experiências de minhas entrevistadas. Abaixo, veremos como a noção de Síndrome do Ninho Vazio foi utilizada pelas mulheres com quem conversei na construção de seus relatos. Assim como o apego às figuras da criança e da família surgem do abalo no regime de relacionalidade entre mães e filhos e filhas, o que veremos adiante consiste na apropriação de uma imagética que permite a algumas dessas mães representarem de maneira sintética e resumitiva a tristeza que sentiram após as mudanças no arranjo doméstico em que estão inseridas. Para outras entrevistadas, essa é uma forma de representar uma tristeza da qual querem se diferenciar.

6.2 Representar a tristeza: a imagética popular da Síndrome do Ninho Vazio

Dentre as ideias angariadas para balizar o relato da experiência com a saída de filhos e filhas de casa, é necessário chamar atenção para o uso que as entrevistadas fazem da noção de Síndrome do Ninho Vazio. A expressão é apropriada por algumas dessas mulheres para tornarem inteligíveis seus sentimentos a respeito dos processos através dos quais suas filhas e filhos deixaram seus lares. Abaixo, veremos que a mesma diferença qualitativa que separa relatos como os de Priscila e Muriel quando investigamos os significados individuais concedidos a imagens operadas nos relatos sobre a saída dos filhos e filhas de casa também se mostrará presente quando nos debruçarmos sobre essa outra ideia coletiva utilizada pelas entrevistadas para dar sentido ao que viveram. Também é necessário que entendamos mais sobre a herança histórica contida nessa noção e sobre como ela surge ao longo das entrevistas.⁷⁸ Contudo, comecemos observando quais lugares essa noção ocupa nas histórias contadas por algumas dessas mães.

Sâmia conta que, antes de nossa entrevista, já havia ouvido falar da expressão "síndrome do ninho vazio", mas que a conectava com o luto de mães que haviam perdido seus filhos em situações como abortos, por exemplo. A entrevistada foi mais profundamente apresentada à noção em 2017. À época, sua mãe havia falecido. Sâmia soube que um conjunto de profissionais oferecia, no cemitério, apoio emocional para pessoas enlutadas. Buscando falar sobre sua mãe – é importante destacar que a entrevistada atribui o desgosto da partida de seu filho à piora da condição de saúde de sua própria mãe –, Sâmia acabou conhecendo um termo que lhe ajudaria ancorar um conjunto de descrições para representar o que sentia a respeito da saída de seu filho de casa:

O pessoal do cemitério oferece conversas com um psicólogo sobre essa ausência, né. Eu até fui em uma e quando eu fui, nessa eu completei a questão do ninho vazio. Falei “agora eu entendo o que é a questão do ninho vazio”... realmente fica esse buraco. E não tem. Ninguém cuida d’a gente. Ninguém cuidou da sua mãe quando passou. [...] porque esse negócio do ninho vazio... ele fica pra sempre. Porque a minha filha casou e não mora aqui, mas mora ali. E eu sei que foi opção né... que... como é que eu vou dizer... que foi muito bom que ele casou e tenha a casa dela. O Guto casou e tem a casa dele, mas o fato do Guto estar a 13 mil quilômetros de distância faz o ninho ficar mais vazio ainda. Porque a gente tá nesse país, com uma condição financeira meio ruim. E, que nem agora... agora eu poderia ir porque ele tem condição de pagar a minha passagem ou de... “mãe, aqui você não gasta”. Agora é outra vivência, é outro tempo. Mas eu quero ir também por minhas contas, por minhas custas. Então o ninho,

⁷⁸ Em contextos diferentes, sete das onze mulheres que participaram desta pesquisa mencionaram a expressão em algum momento de seus relatos. Devo lembrar que, à exceção das entrevistas exploratórias, realizadas com Sâmia e Maria, evitei trazer a noção para as conversas – focando-me sobre elas apenas depois de mencionadas pelas entrevistadas em seus relatos.

assim, ele permanece vazio porque fica aquele trauma do dia 20 de março, às 11h35 da manhã, que ele virou e deu tchau. Isso vai vir pra sempre [Sâmia começa a chorar] e, por conta disso, aconteceram muitas coisas e ninguém cuida d'a gente. E nisso eu aprendi a questão do auto-cuidado... que também escutava auto-cuidado e achava que era só tomar banho, escovar o dente e pentear o cabelo. E não... aí que eu fui buscando... o Guto: "faça meditação, mãe", falei "Guto eu sou acelerada, eu não consigo fazer meditação" mas então agora e faço meditação. Ele falava "faça orações" e eu falava "ai Guto, é tão chato fazer oração assim... sem estar com o coração né..." então ele foi me direcionando, ele é bem filha da mãe, ele foi me direcionando pruma questão de auto-cuidado. Então, assim, eu parei de fumar, eu não bebo mais como eu bebia antes né... eu tomo uma cerveja, um vinho... mas nada que faça eu dormir - porque eu tava bebendo pra dormir... eu limpava a casa, deixava tudo arrumado e eu bebia pra dormir. Falei "vou dormir que daí amanhã eu acordo e ocupo o máximo do tempo da rotina diária com trabalho físico pra me dar exaustão, pra eu poder vir pra casa e ... Então, assim... o ninho vazio, ele permanece... porque foi uma ruptura, não foi algo assim natural, na minha visão. Não foi assim "ele saiu de casa porque casou com o Reinaldo". Não. Ele saiu de casa pra ter uma vida melhor e ele tem uma vida melhor. A gente, quando a gente entra nessa pira... você se sente culpada por querer seu filho perto. (SÂMIA, 2021, Entrevista I).

Diferentes ideias gravitam em torno da expressão, quando usada pela entrevistada. Ela, obviamente, se refere ao que Sâmia chama de buraco deixado pela saída de seu filho; mas também se conecta à indignação vinda da ausência de assistência para esse momento específico na vida de mulheres que sofrem com esse tipo de mudança em suas vidas. Mais do que isso, vemos que a noção também marca um referencial na sua história individual – algo que, em suas palavras, permanece, que fica para sempre. A saída de Guto oferece sentidos específicos à história contada por Sâmia. A partir dela, a entrevistada abusaria da própria saúde: após a saída de seu filho, a entrevistada começou a fumar e beber de forma intensiva, usando esses subterfúgios e construindo a rotina mais atarefada possível para que não tivesse tempo de pensar na ausência de seu filho. Ao mesmo tempo, Sâmia também encontraria caminhos para o que chamou de auto-cuidado – noção vivida de forma bastante mediada por sua relação com Guto. Por fim, o esvaziamento do ninho surge como uma forma de representar uma ruptura abrupta no projeto elaborado por essa mãe para sua vida junto de seu filho, bem como a culpa causada pelo tensionamento entre querer Guto por perto e, ao mesmo tempo, apoiar as decisões individuais em sua vida.

Sâmia, como veremos, foi a única das entrevistadas que encontrou a expressão Síndrome do Ninho Vazio através de seu contato com o campo Psi – as outras seis mulheres que mencionaram a noção disseram tê-la descoberto de maneira informal, através de amigas, de seus filhos ou mesmo por meio de reportagens.

Essa dupla veiculação marca a própria história da "síndrome do ninho vazio", fenômeno que surge no começo do século XX com o processo de transição de demográfica, em que, principalmente no hemisfério norte, as taxas de natalidade começam a declinar e a

expectativa de vida aumenta, criando um novo período na vida para mulher branca em idade adulta, como entendida pelo discurso público da época: um momento em que ela já não está mais gerando filhos, mas também não está no fim de sua vida. Essa é uma nova territorialidade para a existência da mulher, até então discursivamente vinculada ao ciclo reprodutivo. Esse é o contexto histórico em que, pela primeira vez, menciona-se, já de forma bastante pessimista, esse tipo de mudança no espaço doméstico como o esvaziamento de um ninho.⁷⁹ Atrelada a veiculação dessa expressão, estava um retrato da mãe, que, pega de surpresa pelos novos arranjos familiares do século XX, encontra em sua própria vida um espaço onde não pode exercitar os cuidados maternos através dos quais foi definida desde o fim do século XVIII. A posição conservadora condenava a nova figura da mulher que não se dedicava exclusivamente à maternidade.⁸⁰

Junta-se a essa percepção uma espécie de pessimismo construído em torno do envelhecimento da mulher dentro do discurso psicanalítico da primeira metade do século passado – que, como afirma Eva Illouz (2008), tem enorme influência na psicologia clínica norte-americana até os dias atuais –, que dava continuidade a determinadas características da medicina do século XIX⁸¹ e retomava a relação entre a mulher, seu corpo e a maternidade

⁷⁹ Um dos primeiros e mais reconhecidos registros a respeito do tema do esvaziamento do espaço doméstico vem de *Mother and Children* (1914), publicado pela educadora montessoriana norte-americana Dorothy Canfield Fisher. No capítulo intitulado *Maternity no longer a position for life*, a autora pondera o que reconhece como um novo dilema para o século que começava: a dolorosa impermanência da maternidade. Na narrativa proposta pela autora, as transformações econômicas do início do século deslocam a maternidade de seu eixo. Essa constatação não aparece sem algum descontentamento por parte de Fisher. Seu tom a respeito das formas de maternidade que a precederam são saudosos, falam sobre quando a mulher era “permitida” a dar continuidade às suas atribuições maternas (FISHER, 1914, p. 248). No cenário apresentado pela autora, o destino do esvaziamento do ninho vazio corre o risco de ser também o de tristeza e atrofiamento para a vida da mulher (FISHER, 1914, p. 250).

⁸⁰ Em seu artigo *Inventing the "Postmaternal" Woman, 1898-1927: Idle, Unwanted, and out of a Job* (1995), Margaret Morganroth Gullette analisa o surgimento dessa nova personagem para a paisagem social das primeiras décadas do século passado, principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos. Fenômeno novo o suficiente para carecer de denominações claras, a mulher que já não mais exercia os cuidados maternos como concebidos pela imagética da mãe devotada representava um objeto inédito para a ordem do discurso. Incógnita demográfica, esse momento na vida das mulheres brancas de meia-idade parecia ser um elemento desconfortável e perigoso, que, sob a lente conservadora, não a pertencia. A “pós-maternidade” representava o esvaziamento da substância que antes ditava a expectativa de conduta feminina no projeto biopolítico de desenvolvimento nacional – principalmente nos modelos sociais da Europa e Estados Unidos ao longo do século passado. A aura ociosa investida sobre a figura da mulher “pós-maternal” fazia dela uma espécie de engrenagem desajustada, um elemento ineficaz na lógica funcionalista do sistema biopolítico de reprodução coletiva. Mais tarde, Gillette (1995) afirma que o não cumprimento do que se imaginava ser o destino natural para as mulheres passaria a ser concebido como algo psicologicamente nocivo à própria saúde da mulher.

⁸¹ É fundamental lembrar que a psicanálise freudiana e seus desenvolvimentos – aqui acompanhados até as margens da psicologia norte-americana – advém, eles mesmos, de um conjunto de discursos médicos que têm o auge de sua veiculação no século XIX. Me refiro aqui ao debate em torno da natureza feminina e a ambiguidade de uma espécie de normalidade patológica estabelecida no contato entre corpos e representações medicalizantes. Como mostra Fabiana Rohden (2001), o período que precede o nascimento da teoria psicanalítica de Freud é um momento de efervescência do surgimento de tratados sobre a saúde da mulher, que não separavam corpo e alma, comportamento e biologia – o maior exemplo disso sendo a ligação entre a mulher histérica e seu útero. Construía-se aos poucos a curiosa concepção de que “as doenças das mulheres nada mais seriam do que a expressão mesma de sua natureza.” (ROHDEN, 2001, p. 30). Dentro dos discursos médicos e psiquiátricos, a

como seu destino – e como condição de sua saúde física e mental. Se Freud desenvolve seu próprio modelo para o que seria o desenvolvimento feminino heterossexual normal em torno do investimento no ciclo reprodutivo para a compensação da inveja do pênis que estaria na base da formação da personalidade da mulher, herdeiras de seu trabalho, como Deutsch (1963) e Benedek (1950), dão continuidade ao projeto de interpretação do envelhecimento das mulheres através da psicanálise. Nele, o fim do ciclo reprodutivo seria um reavivamento dos momentos em que o complexo de Édipo se pronuncia de maneira mais enfática na trajetória da mulher. Somaria-se a isso um período de conflito entre a fisiologia do envelhecimento corporal e a estrutura psíquica de comportamento – que, nessa narrativa, deve se dedicar à maternidade como sua única via para um desenvolvimento tido como ideal. Inscrito na narrativa psicanalítica do envelhecimento da mulher, encontra-se um pessimismo advindo da constatação da impossibilidade da realização da principal tarefa para qual a mulher é pensada no sistema freudiano: gerar filhos.

Esse é o contexto em que opinião pública e saberes disciplinares convergem na elaboração medicalizante da noção de Síndrome do Ninho Vazio – que, dali em diante, aparecerá com moderada frequência em periódicos científicos como *Journal of Marriage and Family*, *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *Psychology of Women Quarterly*, *The Journal of Nervous and Mental Disease* e muitos outros. Veiculada no circuito de publicações acadêmicas da psicologia, psicologia social, sociologia e medicina, essa noção se relacionará à ideia de ciclo da vida (*life cycle*)⁸² – tanto para a vida individual, quanto familiar. Nesse processo, a confusa fronteira entre o normal e o patológico, estabelecida na interpretação da relação entre corpo e psiquê feminina ganhará tons de uma “crise normativa” e a discussão sobre o papel maternal ganhará ainda mais importância por conta da influência funcionalista na discussão sobre a organização familiar.

Ao longo do século XX, passa a existir uma bifurcação entre discurso científico e sua representação social, elaborada a partir da apreensão popular sobre a expressão Síndrome do Ninho Vazio e sobre o processo pelo qual passam as mães cujos filhos e filhas saem de casa. Ainda que sejam conectados de alguma forma, o debate que vem das publicações de artigos e

maternidade – elemento central do desenvolvimento heterossexual “normal” da mulher freudiana – era concebida como uma espécie de antídoto para todo esse risco em torno de sua natureza feminina propensa a patologias. A mulher que falhasse em exercê-la acabaria, nesse universo prescritivo, destinada à insanidade (ENGEL, 2004, p. 338).

⁸² Como dito anteriormente, o principal nome para a difusão da ideia de *life cycle* na psicologia seja Erik Erikson, psicólogo do desenvolvimento e psicanalista amplamente influente como professor e autor ao longo do século XX. O modelo de amadurecimento de Erikson é, enquanto herdeiro de Freud, criticado por Gilligan (2013) quando a autora expõe os limites das teorias tradicionais para o desenvolvimento, amparadas na centralidade das experiências masculinas.

pesquisas sobre o tema carrega uma diversidade de posições que não se traduz para a apreensão da opinião popular sobre o tema. Dentro das revistas científicas, vê-se diferentes posições: algumas reforçam o impacto da saída dos filhos de casa na mulher, amparando suas afirmações em naturalizações e essencializações sobre gênero feminino⁸³; outras publicações afirmam a inexistência da Síndrome do Ninho Vazio⁸⁴; existem também textos de cunho feminista que reforçam a existência do fenômeno como consequência de um sistema patriarcal de opressão⁸⁵; assim como textos que afirmam que diferentes arranjos familiares levam a diferentes formas de experienciar esse processo⁸⁶. Ao contrário, de buscas no *Google* a vídeos no *Youtube*, assim como de programas de rádio e televisão até artigos em revistas do que se convencionou chamar de "imprensa feminina" (DARDIGNA, 1978), é praticamente impossível encontrar narrativas sobre a forma como as mães vivem a experiência da saída de seus filhos e filhas de casa que não sejam exprimidas sob a égide da Síndrome do Ninho Vazio enquanto um conjunto de estados de espírito como tristeza, sentimentos de inutilidade, de vazio, falha ou culpa, que surgem em determinados círculos para caracterizar esse processo na vida das mães.

Essa é a carga histórica da expressão que, nos relatos das entrevistadas desta pesquisa, terá apropriações ainda mais específicas – mas, ainda assim, relacionadas a miríade de trocas e apropriações entre ciência e senso comum apresentada nos últimos parágrafos.

Em alguns casos, como no relato de Nida, a expressão surge sem grande peso. Ela conta que seus filhos, tentando aliviar o peso de sua ausência na rotina de sua mãe, tentaram lhe dar um animal de estimação. Para Túlio e Isabela, a ideia provavelmente era inserir um novo objeto e cuidado no cotidiano da entrevistada. Contudo, esse foi justamente o motivo pelo qual Nida recusou a ideia:

⁸³ Para exemplificar essa posição (que surge em textos antigos e recentes), é possível citar artigos como *The "Empty Nest": A Transition within Motherhood*, publicado originalmente em 1971 por Donald Spence and Thomas Lonner, na revista *The Family Coordinator*, ou mesmo textos mais recentes, como *She's leaving home: a large sample investigation of the empty nest syndrome*, publicado por Alan Piper e Ian Jackson em 2017, no Painel de estudos sócio-econômicos do instituto DIW Berlin.

⁸⁴ À título de exemplo, menciono dois textos de um movimento que tentava reimaginar o envelhecimento das mulheres no fim do século XX: *Women's prime of life: is it the 50s?*, publicado em 1990 na revista *Psychology of Women Quarterly* pelas autoras Valory Mitchell e Ravenna Helson; e *Women in Midlife and beyond: Is it the new prime?* publicado por Iris Fodor e Violet Franks na mesma edição do periódico.

⁸⁵ Cito dois trabalhos que assumem essa posição em momentos diferentes: *The "Empty nest syndrome" as a focus of depression: a cognitive treatment model, based on rational emotive therapy*, publicado originalmente em 1977 (durante o auge da segunda onda feminista) por Rose Oliver, na Revista *Psychotherapy: Theory, Research And Practice*; e o artigo *Old Women and 'Empty Nest Syndrome'—An Analysis of Mary Gavell's The Swing from the Perspective of Feminism*, publicado em 2018 por Wenju Han no periódico *Theory and Practice in Language Studies*.

⁸⁶ Talvez o maior exemplo dessa posição seja a análise realizada por Barbara Mitchell e Andrew Wister, em *Midlife Challenge or Welcome Departure? Cultural and Family Related Expectations of Empty Nest Transitions*, publicado em 2015 em *The International Journal of Aging and Human Development*.

N: eles até tentaram me dar um animal de estimação por causa da Síndrome do Ninho Vazio, mas eu não me adaptei. Porque aí quando eu quero ir pra Curitiba eu pego e vou. E se você tem um animalzinho, acaba complicando...

H: você chegou a pegar um e deixar com o você ou você chegou a planejar e falou "ah não é uma boa ideia"?

N: eu cheguei a ter um cachorrinho sun... mas aí desapeguei por causa disso daí de sair e aí fazer o que? Não dá pra ficar levando... antes que ficasse apaixonada demais eu me desfiz... teve uma pessoa que cuidou muito bem, cuida muito bem...

H: e você me falou sobre a síndrome do ninho vazio... você já conhecia esse termo antes então?

N: não, não conhecia... foi eles que falaram pra mim "não sei nem de onde vocês tão tirando esse negócio aí"... falei pra eles "adota uma criança e deixa aqui comigo então" [risos] melhor... "adote um e deixe aqui"... "não, quando eu adotar eu que vou criar", falei "deixa aqui pra você ver"...

[problemas na conexão]

H:...você me ouviu Nida?

N: to ouvindo

H: e como é que eles te falaram da Síndrome do Ninho Vazio? Quando é que foi isso? Como é que foi?

N: o Túlio falou pra mim... os dois juntos... "mãe a senhora sabe que tem a síndrome do ninho vazio?", "não... nunca ouvi falar disso não", "então..." aí eles começaram a explicar pra mim né... "aí é bom a senhora ter um animalzinho, um cachorrinho, alguma coisa... não que vá substituir nós, mas a senhora... pra muitas pessoas ajuda". eu já vi histórias de pessoas que ajudou, que saiu até de uma depressão porque tem um animalzinho e coisa e tal... aí eu falei pra eles que "não, eu vou saber lidar com isso. Não se preocupe que eu acho que vou chegar até próximo da depressão, mas garanto pra você que eu não deixo ela tomar conta de mim"... e daí num... mas foi mais ou menos... não explicaram realmente com detalhes bem porque eu nem dei oportunidade.. "falaram que tinha que ter um cachorrinho, um animalzinho", falei "ah vocês querem que eu fique aqui com um animalzinho que é pra eu não ficar perturbandinho vocês muito né?!..."

H: filho é fogo... tenta ajudar ao mesmo tempo tenta acalmar... é uma relação complicada

N: é complicado... eu vejo que era pra me acalmar, mas também pra empatar a coisa toda... então eu fico meio atenta... (NIDA, 2022, Entrevista IV).

Para Nida, não há intercambialidade: seus filhos são aqueles a quem seu cuidado materno se apegam. Nota-se que o tema está atrelado ao combate do que antecipavam como um risco depressivo – percebido por Túlio e Isabella, e também por Nida. Contudo, ainda mais interessante é a forma como a entrevistada opera a questão, se dizendo atenta para o que afirma ser tentativas de "empatar" sua preocupação – e as expectativas de controle e vigilância das quais Nida não quer abrir mão. Para essa entrevistada, tudo se passa como se ela

escolhesse conscientemente assumir os riscos emocionais trazidos pelo apego nutrido em relação aos filhos distantes justamente para que não tenha de abrir mão dessa relacionalidade. Isso se relaciona a algo que Nida me disse quando falava sobre seu apego à ideia de ser mãe:

Mas eu adoro ser mãe, adoro as preocupaçõezinhas né... porque faz parte da vida... não gosto que eles fiquem escondendo as coisas de mim... não gosto... deus o livre! Se esconde eu fico muito brava... tipo assim... como é cidade pequena, às vezes as pessoas querem meio que fazer fofoquinha né... eu nunca tive esses probleminhas porque eles sempre contavam... "eu quero saber sempre de vocês primeiro... não deixa outra pessoa vir contar pra mãe e eu me assutar"... não... eu já sabia, já contaram pra mim (NIDA, 2022, Entrevista IV).

Outras entrevistadas enfatizaram a forma como a expressão poderia representar o espaço deixado pela saída de seus filhos no ambiente doméstico e na rotina da casa. Mel, por exemplo, inseriu a ideia em seu relato para referenciar o impacto da saída de Luiz no cotidiano de sua família:

Então eu digo pra você o seguinte: eu posso dizer com todas as letras que existe, sim, a Síndrome do Ninho Vazio porque aqui ficou um vazio devastante aqui dentro dessa casa, sabe? Principalmente porque o irmão dele também não vive sem ele... quando eu me separei lá atrás ele teve uma depressão muito profunda... então eu fiquei com esse receio, sabe? (MEL, 2022, Entrevista VII)

Mais tarde, recuperando o uso da expressão, perguntei como Mel havia sido apresentada a ela. Enquanto me conta sobre já ter ouvido falar anteriormente sobre a expressão, ela reflete sobre como o que a afeta talvez tenha afetado sua própria mãe:

eu sempre ouvi falar... sempre... nossa.. e hoje eu tenho certeza que ele existe, né. Imagine... imagine se tivesse saído os dois de casa... ainda bem que foi só um né. Mas existe muito a síndrome do ninho vazio... né... você se vê de repente com a casa vazia... eu vejo muita gente contando isso... que nem a minha mãe, que tinha 6 filhos... hoje eu fico pensando... eu fui a última né... eu fui a caçula... nossa o que que ela não sentiu quando eu saí... ainda mais ela e o meu pai que quase se matavam, que se detestavam... imagine o que ela não passou! (MEL, 2022, Entrevista VII)

Maria também utilizou essa ideia – apropriada da apresentação que fiz sobre o tema no momento do convite para a entrevista – para se referir ao espaço deixado pela saída de seu filho. Em seu relato, porém, a expressão pareceu se encaixar como forma de descrever sua solidão após a partida de seu filho:

M: A pandemia... eu fiquei... eu quase entrei em parafuso... e você sabe né... que nem você falou da Síndrome do Ninho Vazio ... você entra em depressão.... você acaba entrando em depressão, você sente a falta da pessoa, você cheia a pessoa, você

sente o cheiro, você... eu fazia muita coisinha gostosinha pros dois... e você às vezes não tem vontade de fazer porque você lembra.... aquilo te lembra... te deixa assim nervoso... [queda na conexão]

[...]

H: você tava falando sobre a saudade... sobre se sentir meio depressiva com a falta da pessoa

M: é... pois é... como diz... é a síndrome do ninho vazio... a saudade, a falta da pessoa... tem muita gente que vai lá cheira o quarto, vai fazer... eu procurei meio que fazer... deixar isso num compartimento estanque, sabe? Porque, se não, a gente sofre demais... eu me sinto assim muito sozinha, sabe? Eu me sinto muito sozinha...(MARIA, 2021, Entrevista II).

É importante notar a maneira pela qual as atividades de cuidado, como a cozinha, por exemplo, evocam a figura de Reinaldo. Fazer algo que ele e Guto gostavam de comer se torna uma maneira de lembrar – dolorosamente – de sua ausência. O cuidado aparece aqui como uma via relacional através da qual se acessa a memória de seu filho. E a consciência dessa conexão, construída dentro de um universo discursivo que a ligava a Reinaldo através de atividades inteligíveis sob a égide do cuidado materno, levam-na a evitar preparar determinados pratos para que não precise lembrar da partida de seu filho e o incômodo de sua falta.

Mesmo tendo trabalhado durante toda sua carreira na área da saúde, Atalia me contou ter conhecido a expressão através de uma amiga mais experiente, para quem foi pedir conselhos após a saída de seus dois filhos de casa. Na ocasião, sua amiga a confortou:

eu tava conversando com uma amiga... e os filhos dela já tinha saído e já tinha casado. Então quando os meus saíram... que eu fui conversar com ela, que eu tava assim... ela falou "isso chama Síndrome do Ninho Vazio... eu já passei por isso..." - ela ainda brincou assim - "mas a gente não morre não, viu?! A gente sobrevive". Falei "ah, então tá bom! Se vai sobreviver, tá bom..."... então foi ela que me disse isso... (ATALIA, 2022, Entrevista VIII).

Antes disso, porém, a entrevistada utilizou a expressão para me contar sobre como se sentiu no período que sucedeu a saída de seus filhos:

E quando eles saíram de casa, a casa ficava arrumada e eu já não queria a casa arrumada, né... eu queria aquela bagunça deles, eu queria falar com eles "ó o tênis tá aqui", "guarda isso aí"... a geladeira... eu fazia as coisas e não acabavam, né... Então essa síndrome que a gente chama de Ninho Vazio... ela é muito ruim de sentir... então muitas vezes eu me sentia a pior das mulheres... "poxa tenho dois filhos, mas não tem nenhum comigo" né... Essa foi a sensação que eu senti durante todo esse tempo que eles tavam fora. Como eu queria ouvir eles brigando, discutindo... e a casa tinha aquele silêncio... não tinha com quem conversar... tudo no lugar... eu falava

"ai... não vou aguentar isso"... mas a gente aguenta, passa por tudo né... isso não é um problema... a solução é o paraíso... isso não é problema (ATALIA, 2022, Entrevista VIII).

No trecho acima, Atalia traz uma questão que remete à complexidade contida na comparação entre Muriel e Priscila, mencionada anteriormente. A entrevistada conta sentir falta da bagunça, do barulho, das broncas e de seus filhos esvaziando sua geladeira. Atalia relata que sentiu falta justamente das atividades que, sob outra ótica, poderiam ser chamadas de trabalho de cuidado doméstico – tempo gasto, como o contrário de tempo livre que surgiria com a saída de seus filhos. Mas um olhar atento mostra que a entrevistada se refere a esse como um tempo esvaziado – a respeito do qual Atalia expressa ter sentido certo descontentamento. Mais do que isso, vemos aqui também o tema, já abordado anteriormente, da imagem da mãe historicamente conectada à imagem do filho na formação discursiva da família moderna, retomado como através de sentimentos culpa generificada através do papel da mãe: Atalia se sentia a pior mulher do mundo por não ter seus filhos consigo.

Carla, por sua vez, menciona a ideia de um ninho vazio – que afirma ter conhecido em uma reportagem da revista Marie Claire⁸⁷ – em um momento da entrevista em que me contava sobre como pensava sofrer com certa dependência emocional em relação a suas filhas, tendo em vista sua história pessoal com as pressões e idiossincrasias de sua maternidade. Pensando sobre a carga de apego a Eduarda e Larissa gerada por sua trajetória enquanto mãe, a entrevistada levanta a questão: para quem eu vou me dedicar? Vejamos:

então... eu sempre achava que era... que era uma dependência emocional isso, sabe... parecia que... não era dependência emocional delas, era minha dependência emocional, sabe... parecia que pra eu estar completa eu precisava delas grudadas em mim... ou melhor... eu grudada nelas... sabe assim.. porque aí eu estava ali... o tempo que eu estava... eu precisava... eu sempre fui cobrada pela minha família de ser uma boa mãe, sabe... eu sempre fui a mais destrambelhada... destrambelhada... que não pensava muito... agia e depois pensava, sabe... e eles me cobravam muito essa questão de ser uma boa mãe, de ser uma mãe presente, sabe? Então além de querer mostrar isso pra minha família... hoje em dia isso não tem nada a ver... mas eu queria mostrar pra eles que eu era uma boa mãe e era aquela dedicação... então eu grudava nas meninas e queria que elas fossem perfeitas né... porque né... tem que ser perfeito pra ninguém falar nada e eu precisava me dedicar a elas... então pra ser uma boa mãe eu teria que me dedicar. E esse pensamento veio muito... "pra quem eu vou me dedicar?"... mas assim... não... eu fiz o melhor que eu pude no tempo que eu pude e agora não tem mais... não é que não tem mais... o tempo que eu deveria ser mãe já acabou. Não que eu vou deixar de ser mãe, mas aquela coisa de cuidar, de zelar, de ficar aquela mãe coruja assim pra proteger a filha já... já se findou né... mas... mas é um sentimento bem estranho, bem ruim assim... que é... é uma coisa de vazio mesmo, sabe? o tal do ninho vazio... acho que era mais ou menos isso que eu sentia, sabe? "Puxa... qual é o sentido da minha vida agora?"... Uma coisa que eu

⁸⁷ Novamente, é possível identificar a presença da imprensa feminina (DARDIGNA, 1978) na oferta de um vocabulário específico através do qual mulheres como Carla possam descrever, compreender e tornar representáveis suas próprias experiências para si mesmas e para outras pessoas.

pensava... "qual é o sentido da minha vida se as minhas filhas não tão mais aqui comigo?"... sabe... daí você... você vê que... isso eu li numa reportagem uma vez que eu vi uma senhora... mas ela era bem mais velha assim... que ela olhava pro marido... que ela queria até que o marido fosse embora porque não tinha sentido mais a vida dela... não que eu visse isso no marido, sabe... mas... eu falava assim... "qual o sentido? não tem mais ninguém que precise de mim"... e não é verdade... eu preciso de mim... não tem essa... como elas precisam delas mesmas... mas é um sentimento horrível (CARLA, 2022, Entrevista V)

Existem algumas camadas neste relato. Um rápido olhar poderá perceber a ligação entre o uso da expressão "ninho vazio" como uma forma de dar vazão às dúvidas sobre o sentido da própria vida que surgiram frente a essa transformação na maneira como Carla viveu a maternidade. Contudo, essa incerteza se atrela a uma história de vida específica. Tendo sua capacidade para cuidar de suas filhas posta em dúvida – por um crivo que, devemos imaginar, não se separa das vigilâncias morais historicamente atreladas à forma como o ocidente tem imaginado o exercício da maternidade –, Carla se apegava a suas Eduarda e Larissa com uma intensidade que, em seu relato, parece resultar em uma dificuldade em lidar com a separação provocada pela saída de suas filhas de casa. Assim, o sentido de sua vida e os abalos provocados nele são provocados, em parte, pela relação entre pressões externas e pelas formas como a entrevistada responde a esse cenário. Não há uma simples linha reta que ligue um comando exterior ligado à boa maternidade à forma como ela se comporta ou se apegava a suas filhas. Contudo, esse trecho da entrevista denota a conexão entre, de um lado, a pressão familiar que ligava – em tom de cobrança – Carla à figura historicamente construída da boa mãe, e, de outro, o modo específico como a entrevistada respondeu a isso – apegando a suas filhas através da apropriação individual desse lugar maternal socialmente elaborado.

Depois de compreendido esse complexo entrecruzamento, é possível entender como a ideia do ninho vazio serve à função de representar os abalos subjetivos ligados à saída de Larissa e Eduarda. O intenso investimento de si – construído através desse modo de subjetivação maternal – realizado em direção às filhas como objeto de cuidado tem seu principal eixo deslocado. Afetada a relacionalidade entre Carla, Larissa e Eduarda, a própria subjetividade da entrevistada é impactada – "qual é o sentido da minha vida se as minhas filhas não tão mais aqui comigo?". Contudo, as últimas linhas do excerto apresentam a constatação de um novo lugar para o investimento subjetivo – "'qual o sentido? não tem mais ninguém que precise de mim'... e não é verdade... *eu* preciso de mim".

Ao mesmo tempo, Carla também conta sobre a importância de conhecer o termo como forma de acessar as experiências de outras mães que tenham passado por essa situação:

então... eu acho que eu li uma... essa da senhora eu tenho certeza que eu li na revista Marie Claire, eu acho que nem existe mais... e depois outras coisas na internet. Porque aí você digita lá e começa a pingar um monte de coisa né... e você lê incansavelmente porque você se enxerga naquelas pessoas e você pensa "cara, mas não sou só eu"... porque quando eu conversei com a minha mãe... não assim diretamente no que eu estava sentindo... porque a minha mãe sempre foi uma pessoa bastante fria, sabe... a gente não conseguia sentir o afeto dela... até hoje... não consegue... diferente do meu pai... meu pai demonstra o afeto e a mãe não... minha mãe sempre foi fria. O dia que eu fui falar com ela sobre isso... ela falou "ah... isso aí já passa... você vai ver... vai ser até bom pra você", sabe? Daí eu fiquei assim "cara... mas eu queria ouvir outra coisa... não queria ouvir isso"... e então daí... aí que eu fui ler e ver... que realmente não era somente eu que estava com essa sensação assim... sabe, Henrique, é uma coisa que eu não sei se a tua mãe comentou com você... ou outras mães que você entrevistou... é sentimento de impotência... de fracasso tão gigantesco... que não existe explicação... cara, é uma coisa absurda... eu não sei de onde vem isso... você tem que trabalhar a tua cabeça mesmo porque se não você entra em depressão, você entra no alcoolismo... você fica doida. (CARLA, 2022, Entrevista V)

No relato da entrevistada, nota-se a busca por uma narrativa que lhe ajude a representar a complexidade do cenário pelo qual passa – pessoas em relação às quais pudesse estabelecer uma vivência compartilhada. Vemos que sua mãe não lhe oferece um encaixe possível para que se sinta contemplada. Através da ideia do ninho vazio, Carla encontra validação de sua própria experiência.

Priscila, por sua vez, usa a Síndrome do Ninho Vazio como uma forma de se separar de outras mulheres. Logo no começo de nossa entrevista, ela me conta que seu principal interesse em participar de minha pesquisa vinha da possibilidade de oferecer um contraponto para a forma excessivamente negativa através da qual o efeito da saída dos filhos de casa é retratado:

P: [...] mas na verdade... quando o Carlos me mandou falando que você gostaria de fazer essa pesquisa... eu só me interessei porque eu falei "eu vou fazer um contraponto"... porque eu vejo muito essa história de síndrome do ninho vazio, sabe... e eu não sou... eu, pelo contrário... eu gostaria que o meu ninho ficasse vazio... eu fiquei muito feliz né

H: você gostou que os filhos saíram de casa...

P: nossa...que alegria... eu penso como os europeus e acredito que os filhos com 18 anos, 20 anos... tem que sair de casa...

H: aham... e como é que você se sentiu durante o processo de saída deles? Quando eles começaram a anunciar "ó mãe... vou casar, vou sair de casa... tamo procurando casa eu e a fulana"...

P: pra mim é sempre uma alegria... não sinto nada assim... acho bom... é... assustador - vou repetir, ser repetitiva: essa coisa dos pais assim com essa Síndrome do Ninho Vazio... pra mim chega a parecer uma doença... porque eu acho que é um processo né... o passarinho... o nome é Síndrome do Ninho Vazio... o passarinho não vai ficar dentro do ninho... o ninho já nem serve... já nem cabe mais todo mundo... a passarinha né... a fêmea... ela já não mais aquela função de estar alimentando aqueles bichinhos... então é natural isso né... e eu vejo assim que acho um absurdo que os pais protelam e querem os filhos... né... hoje tem agora a... não sei como é que chama... que os filhos ficam eternamente dentro de casa... não saem mais... meu deus do céu! (PRISCILA, 2022, Entrevista X).

Priscila oferece um contraponto para a ideia de que a saída dos filhos deva ser universalmente tratada como um evento angustiante. Em sua experiência, esse foi um momento aguardado, marcado pela alegria e antecipação. Isso se dá pela relação pessoal da entrevistada com seus filhos – esse contato, definido anteriormente por ela como assimétrico, como a oferta de algo sem nenhum retorno – mas também pelo que, no relato de Priscila, surge como uma espécie de prescrição do que seria o itinerário "natural": filhos crescem e saem de casa. Em suas próprias palavras, é "absurdo" que esse processo seja protestado ou protelado.

Vemos, na forma como a entrevistada se expressa, um senso de separação entre ela e as pessoas que sofrem com a partida de seus filhos ou filhas. Mais a frente, ela definirá o apego excessivo à figura dos filhos como algo estranho para ela, que se identifica com o que chama de cultura européia – aquela que estabelece como normativo o itinerário que tem a autonomia individual como seu objetivo norteador. Quando fala sobre o tema, Priscila lança sobre a imagem da mulher que se apega à ideia de ser mãe e sofre com a saída de seus filhos e filhas de casa um olhar estigmatizante: trata-se, em suas palavras, de uma doença, de algo bizarro. Mais a frente, enquanto defende a ideia da necessidade de valorização da existência individual para além do investimento integral das mulheres em função da maternidade, a entrevistada localiza a mãe que "só quer ser mãe" como um o contrário do que a maioria das mulheres deseja na atualidade:

[...] no meu caso eu vejo mais de 50% das mães são mães solo... então você vive manhã, tarde e noite em função de filhos... aí eles crescem e você continua em função... mas você é uma pessoa, você é um indivíduo, você tem as suas necessidades, entende? Eu não sou só mãe... né... ficar ali fazendo comida no domingo... interessante ontem eu vi uma série em que a moça é bem casada, tem dois filhos lindos... aí eu penso "nossa... eu de repente me vejo uma pessoa... só limpando ranho, só cuidando de criança. Não é essa vida que eu queria pra mim". Então... sabe... que hoje esse tipo de fala tá muito presente, sabe... nas mídias e tal...

a gente tem visto isso muito forte... das mulheres dizendo "não quero só ser mãe"... e quando fala da Síndrome do Ninho Vazio é daquela pessoa que quer continuar sendo mãe... e eu não queria... eu cumpri, vamos dizer assim... eu sou o passarinho fêmea... cumpri meu papel... agora vão cuidar da suas vidas. (PRISCILA, 2022, Entrevista X).

Ainda assim, Priscila parece também não conseguir viver integralmente de acordo com a impessoalidade na separação entre mães e filhos que atribui aos europeus:

eu vejo essa coisa do ninho vazio - volto a repetir pra você - como ... assim até como uma doença... uma coisa muito estranha... porque, de uma certa forma, é natural que eles fossem viver a vida deles né... eu penso como européia nesse sentido... que eles tem que ir... mas eu penso como brasileira quando eu acho que eles deveriam ser mais gratos, mais afáveis... porque o europeu... ele sai de casa e aí... às vezes nunca mais vê os pais... às vezes raramente vê os pais... então... e já... é dúvida, né... essa coisa... porque, ao mesmo tempo que você quer cobrar carinho, atenção... ao mesmo tempo você quer um afastamento. (PRISCILA, 2022, Entrevista X).

Uma complexa ambivalência marca a experiência de Priscila. Ela define um tipo ideal de separação marcada pela saída dos filhos de casa como algo a respeito do qual não se deva sentir nada além da sensação de que tudo segue como deve ser, mas vive a dúvida de enxergar-se ainda desejando que seus filhos se comportassem de forma afável, grata e carinhosa. Nesse sentido, *viver* como mãe parece trazer consigo sentimentos, vontades e complexidades que um itinerário abstrato pressuposto para o desenvolvimento individual não contempla.

A busca por imagens para tentar dar sentido aos desafios enfrentados no processo da saída dos filhos e filhas de casa passa por diferentes lugares – a maioria deles ancorados de uma maneira ou de outra em construções históricas herdadas a partir das formas como a maternidade branca tem sido culturalmente compreendida ao longo do tempo no ocidente. A imagética da conexão entre mães e filhos ou mesmo do cenário da família em torno da mesa – ilustrações do universo discursivo construído em torno da maternidade como figura e como modo de subjetivação – são apropriados como pontos de referências, operados por essas mulheres na forma como contam as histórias dessas partes de suas vidas e dão sentido a elas. Ao mesmo tempo, muitas delas se referiram a uma noção mais recente e, a partir de diversos lugares narrativos, mencionaram a ideia da Síndrome do Ninho Vazio – fenômeno representacional de experiências que surge no século XX a partir de uma transformação do

itinerário familiar tomado como modelo ao longo desse período – como uma forma de auxiliar a descrever como se sentiram e como suas rotinas mudaram a partir desses eventos.

Ao mesmo tempo, para mulheres como Priscila, o mesmo cenário pode conter significados diferentes: as refeições em família não representam intrinsecamente a idílica e nostálgica experiência do carinho e da boa companhia dos filhos, mas a desigual e cansativa vivência do trabalho do cuidado (não recompensado) envolvido na elaboração desse cenário. Quanto à Síndrome do Ninho Vazio, a entrevistada não apenas desidentifica-se da experiência popularmente representada pela expressão como a lança sobre outras mulheres a partir do que assume ser uma posição crítica: mais do que apegar-se à história que a síndrome do ninho vazio permite contar, é necessário criticar os mecanismos de apego materno que geraram esse tipo de ideia.

Essas são, ao que me parece, elaborações "do meio do caminho", próprias aos desenvolvimentos que surgem quando olhamos para as transformações pelas quais a identificação maternal passa a partir dos novos contextos nos quais a relação entre mães e filhos é vivida. Como vimos no capítulo anterior, a saída das filhas e filhos de casa demanda novas formas de compreender e experienciar que é ser mãe – sem que as antigas maneiras pelas quais a subjetivação maternal era vivida sejam simples ou absolutamente substituídas. Pavimentando esse processo está a elaboração de sentidos que angaria determinadas imagens retiradas de um vocabulário socialmente partilhado para tornar representável o conjunto de vivências narrados nas entrevistadas dessas mulheres.

A seguir, discutiremos momentos mais avançados das cronologias dos relatos da entrevistada. Através deles será possível, em primeiro lugar, vislumbrar as mudanças práticas e subjetivas que marcam a vida das mulheres com quem conversei. Mais do que isso, um exame do momento mais tardio da história contada por essas mães permitirá analisar as maneiras pelas quais o sentimento de perda relatado por elas catalisa um processo de transformação pessoal em função da reorganização dos arranjos vividos em relação a seus filhos e filhas. Por fim, discuto as formas pelas quais a identificação enquanto mãe se renova.

7 O ENTENDIMENTO DE SI ENQUANTO MÃES *ATRAVÉS DO TEMPO*: TRANSFORMAÇÕES, CONTINUIDADES E APRENDIZADOS

Nos níveis mais íntimos, somos sociais; somos conduzidos em direção a um "você"; estamos fora de nós mesmos, constituídos a partir de normas culturais que nos precedem e ultrapassam, entregues a um conjunto de normas culturais e a um campo de poder que nos condicionam fundamentalmente.

(Judith Butler, em *Vida precária*)

Procurando compreender como a saída dos filhos e filhas de casa afeta as maneiras pelas quais as mulheres que são mães vivem e descrevem a si mesmas, examinei até aqui: as formas como essas mulheres constroem a si mesmas através do modo de subjetivação maternal; as tensões que enfrentaram ao lidarem com a desestabilização das formas pelas quais exercitavam suas maternidades – assim como as reverberações desse processo nas dinâmicas de cuidado, controle e tutela em suas relações com seus filhos e filhas –; e as imagens, historicamente localizadas, apropriadas por essas mulheres para atravessarem períodos emocionalmente conturbados e darem sentido a suas experiências a respeito desse evento em suas vidas. De certa forma, a maior parte dos temas tratados até aqui se refere ao passado das mulheres que entrevistei. É chegado o momento de debruçar-me sobre momentos mais avançados das cronologias de seus relatos – procurando observar como essas mulheres falaram sobre seus presentes, sobre os aprendizados adquiridos a partir dessas experiências e sobre suas relações com seus filhos.

Dando continuidade à análise sobre os deslocamentos do Eu ocorridos a partir da mudança do arranjo relacional que conecta as entrevistadas àquelas e àqueles que saíram de casa, este capítulo se concentra nas 1) mudanças práticas e subjetivas que marcavam, no momento de nossas entrevistas, a vida das mães com quem conversei; 2) nas maneiras pelas quais o sentimento de perda relatado pelas entrevistada catalisa um processo de transformação pessoal frente necessidade de reorganização arranjo relacional vivido junto de seus filhos e filhas; e 3) nas formas pelas quais a identificação enquanto mãe se modifica, conservando elementos fundamentais da relação entre mães, filhos e filhas e ganhando novos contornos a partir de sua reestruturação. Focando-se na caracterização das mudanças pelas quais passam

as formas de viverem e identificarem a si mesmas enquanto mães, este capítulo se vincula profundamente ao terceiro objetivo específico estabelecido para esta investigação.

Abaixo, darei atenção às formas através das quais o cuidado, enquanto via relacional, evoca a presença dos filhos e filhas – atentando-me para os usos estratégicos dessa conexão por parte de minhas entrevistadas para enfrentarem os dilemas trazidos pela mudança do arranjo doméstico e relacional dentro dos quais estiveram inseridas (e junto dos quais construíram a si mesmas enquanto mães) por décadas. Também dedicarei algumas páginas à análise de um importante processo de troca entre mães, filhas e filhos através do qual se organizam processos de cuidado de si e do Outro relatados ao longo das entrevistas. Ao mesmo tempo, seguindo o intuito de caracterizar um momento mais avançado dos relatos das entrevistadas, debruçar-me-ei sobre as sutilezas do uso do tempo – referindo-me especialmente ao trabalho do cuidado realizado por essas mães para que percebamos as transformações qualitativas das formas como a rotina e o ritmo de vida dessas mulheres se transformou após as mudanças no ambiente doméstico e familiar nos quais estão inseridas. Em seguida, discutirei a maneira como os sentimentos de perda aparecem nas entrevistas, focando-me em uma análise sobre as conexões reveladas pelo luto e seus efeitos transformativos nas maneiras pelas quais essas mães vivem suas subjetividades. Por fim, investigo a flexibilidade da identificação maternal através dos aprendizados e reorganizações operados pelas mulheres com quem conversei ao longo da entrevista.

7.1 Mudanças práticas e subjetivas tornadas visíveis à luz do cuidado

Uma forma eficaz de observar o que se passa na vida dessas mulheres a partir da saída de seus filhos e filhas de casa vem de uma atenção a como as mudanças em suas rotinas – em termos de seus elementos práticos, disposicionais e subjetivos – são relatadas ao longo de suas entrevistas. A perspectiva dos estudos do cuidado, visitada anteriormente, permite compreender essas transformações e delinear suas reverberações no cotidiano das entrevistadas a partir da positivação heurística de certos laços construídos através de rotinas de cuidado, elaboradas e executadas ao longo de décadas sob a égide de significados históricos da maternidade e das formas como esses são apropriados no dia a dia dessas mães.

Veremos que, tendo se relacionado com seus filhos e filhas através de práticas e disposições cuidadosas ao longo de décadas, hoje essas mulheres lidam com essas mesmas práticas e disposições enquanto maneiras de evocar a memória de suas filhas e filhos. Mais do que isso essa perspectiva também possibilita observar a complexidade das vivências

apresentadas por algumas dessas mulheres ao discutirem suas vontades, as vontades individuais daqueles e daquelas que saíram de casa e uma certa ideia do que "é correto" quando pensam sobre o itinerário da saída de seus filhos e filhas de casa. Entendo que esse processo é culturalmente investido de uma tonalidade de ruptura entre um ambiente concebido como um lugar de dependência (imaginado como espaço fundamental de uma lógica de cuidado e conexão) e um âmbito visto como um lugar de independência (imaginado como um ambiente de autossuficiência e liberdade) – essa tensão permanece com essas mulheres. Por fim, também é necessário lançar um olhar para como se relacionam as ideias de cuidar de si e do outro nos relatos das entrevistadas, bem como a importância que a sobreposição desses dois movimentos têm na forma como essas mães lidam com esse evento em suas vidas.

7.1.1 Evocando a presença do Outro através do cuidado enquanto via relacional

Em muitos sentidos, esta é uma pesquisa que tenta entender o que a falta diz sobre a presença: o que a ausência de um sujeito de cuidado e a descontinuidade das práticas e disposições debruçadas sobre esse sujeito nos dizem sobre os contornos do espaço ocupado por ele na vida das pessoas responsáveis pelo cuidar – buscando entender o que os contextos de encaixes e desencaixes contidos no relatos dessas entrevistadas nos dizem sobre a forma como pensamos coletivamente sobre maternidade em nossa sociedade. Pensado aqui como via relacional que liga mães, filhos e filhas, o cuidado oferece um contraste epistêmico e analítico que auxiliará a delinear traços específicos do fenômeno sobre qual tenho me debruçado ao longo deste trabalho. Um olhar atento aos relatos das entrevistadas permite perceber uma importante conexão entre práticas de cuidado sedimentadas no cotidiano dessas mulheres e a forma como a relação entre minhas entrevistadas e seus filhos foi construída e é vivida até hoje – mesmo que o período de coabitação já tenha se esgotado nas vidas da maior parte das entrevistadas. Parte dos relatos das entrevistadas sugere que atividades e objetos envolvidos no cuidado de filhos e filhas ao longo do período em que ainda viviam juntos de suas mães ainda evocam sua presença-ausente na vida dessas mulheres. Ao realizarem, em seu dia-a-dia, atividades costumeiramente ligadas ao exercício ao cuidado de seus filhos e filhas, essas mães acessam memórias e sentimentos aos quais dedicarei atenção. Faço-o porque será possível perceber, através das análises desses relatos, que uma certa economia dos modos de lembrar (e das maneiras de evitar lembrar) dos filhos e filhas é operada por essas mulheres como

ferramenta que as ajuda a lidar com os desafios trazidos pelas transformações em seus ambientes domésticos.

Sâmia, me contando sobre sua rotina de cuidados quando seu filho Guto ainda morava com ela, relembra algo que chamou a minha atenção:

E eu fiquei muito preocupada porque ele era um menino... meus dois filhos. Eu acordava bem mais cedo que eles. Eu acordava quatro e meia da manhã pra deixar tudo pré-pronto... fazer um arroz, deixar numa panela elétrica, deixar... cada um... o menino, ele comia frutas de manhã, então eu deixava tudo picado no prato coberto. A menina comia cereal, então eu deixava o cereal e o leite pra acrescentar. E eu ia trabalhar e deixava eles com tudo arrumadinho. E eu fiquei imaginando “como esse menino vai sobreviver num país tão distante, com costumes tão diferentes, se ele não sabe descascar uma manga?”. E ele não sabia descascar manga porque toda manhã ele comia uma manga e eu que descascava essa manga há dezoito anos... quinze anos que ele resolveu que queria comer manga no café da manhã e eu fazia. O meu ritual era sagrado. E era... eu amava fazer isso: eu deixar tudo arrumadinho o canto americano dele, o canto da minha filha... e depois ele ia? [olhos cheios d’água novamente] Então foi assim... é muito ruim. **São seis anos. Eu comecei a comer manga agora e ainda não como inteira, sabe? Vem a memória...** (SÂMIA, Entrevista I, 2021, destaques meus).

Em primeiro lugar, noto algo como uma preocupação com a incapacidade de Guto, que sempre foi objeto de cuidado, em cuidar de si mesmo. Trata-se de um receio, por parte de Sâmia, de que a sua ausência significasse também a ausência dos cuidados dos quais seu filho dependia. A inteligibilidade dos filhos a partir das necessidades e vontades que os definem enquanto sujeitos reconhecidos para essas mães já foi explorada no quinto capítulo desta pesquisa. Porém, mais importante que isso, a entrevista está principalmente se referindo a falta que lhe faz realizar esses “rituais” de cuidado para o filho. O exemplo da manga, oferecido ao final do excerto acima, me parece central. Sâmia conta que amava organizar o café da manhã de seus filhos. Descascar mangas é um ato que ganha um sentido específico dentro de uma relação de cuidado transpassada pelos discursos e vivências que configuram essa relação entre mãe e filho. Somente seis anos após a saída de Guto, ela decidiu tentar comer mangas novamente – uma atividade que não se separa das lembranças do filho atreladas à fruta e aos processos necessários para seu consumo que, ritualizados por mais de uma década em direção ao bem-estar de Outro, configuram práticas de cuidado específicas ao contexto da vida da entrevistada junto de seu filho e filha. A incompletude desse ritual parece estar ligada a um cruzamento muito específico entre as relações de identidade e as relações de cuidado. A repetição desse ato parece trazer consigo a memória dessa relação. Contudo, agora uma das partes da relação está ausente. A prática ritualizada do cuidado, mesmo que em outro

contexto, traz consigo uma expectativa frustrada (e, por isso, dolorida) da presença do outro em relação a qual Sâmia acostumou a exercer a si mesma enquanto mãe.

Contando sobre o dia em que Guto embarcou para a Europa junto de seu namorado, Sâmia relembra:

Quando ele entrou no avião, eu colocava a mão em mim, eu não achava... [Sâmia começa a chorar] ainda me emociona... respira... eu não me achava, sabe? Eu não me sentia ali. Era como se eu tivesse num aquário assim, vendo ele indo. E daí quando eu voltei pra casa a sensação foi de luto, de velório assim... a sensação foi de velório. Eu lembro que uma colega de trabalho tinha perdido o filho, assim, dias antes da viagem do meu filho – o menino faleceu na fila da faculdade, assim... e pra processar isso no dia seguinte?! Na verdade, eu sou muito dramática. Eu sei que eu sou dramática. Mas a sensação que eu tinha é que eu tinha enterrado o meu filho. Porque era muito longe. Eu falei “eu sou pobre, sou professora... como é que eu vou ter dinheiro...” porque eu lembro que a gente falava “tem que ter 10 mil reais pra ir”... eu pensava “como que eu, professora, com mais uma filha fazendo faculdade... eu tenho um fusca” que não vale nem 3 mil, não dava nem pra comprar a passar... aí... ele foi. **No dia seguinte eu acordei, corri pra cozinha e descasquei a manga... pronto... daí essa... porque daí o comedor de manga não tava ali.** (SÂMIA, Entrevista I, 2021, destaque meu).

Lembrando de como foi ouvir Sâmia me contando isso enquanto Eu a tentava acolher seu choro pela tela de meu celular, recordo-me de pensar que a cena retratada pela entrevistada parecia contar um intuito específico: era como se Sâmia quisesse evocar a presença de seu filho através do ato de cuidado atrelado a sua pessoa durante tantos anos. Como se, descascando a manga, Guto fosse aparecer para comê-la. É curioso o lugar do cuidado nisso tudo. Ele parece ser parte desse ritual mal sucedido que tenta produzir a presença de Guto – e talvez assim seja justamente porque, enquanto prática relacional, as práticas de cuidado são parte importante da forma como essa mãe acessa a presença de seu filho em sua vida. Concebê-lo, enxergá-lo ou lembrar-se dele são movimentos que passam, inevitavelmente, pelo lugar de objeto de cuidado ocupado por ele ao longo de todo o tempo que precedeu sua saída de casa. Reconhecer sua existência não se separa da disposição em atentar-se às necessidades de cuidado atreladas a sua figura. Como dissemos antes, os filhos se tornam inteligíveis para essas mulheres como *sujeitos de cuidado*, através das necessidades e vontades atreladas a sua existência. O cuidado constrói a presença de Guto para Sâmia e é operado por ela como um meio de acesso à sua memória. Nessa relação mãe-filho – historicamente localizada por uma prescrição da imagem maternal como devotada à figura do filho através do cuidado e individualmente vivida por Sâmia e Guto em um contexto específico –, reconhecer e perceber o filho também é um processo que se dá *através* do

cuidado – ou, ao menos, de uma forma pela qual o cuidado surge como elemento inescapável do reconhecimento da existência do Outro.

Algo parecido é relatado por Nida quando ela me contou sobre uma estratégia pessoal para lidar com o peso da saudade de Túlio e Isabella, seus filhos que saíram de casa para estudar e hoje moram em outro estado:

a hora que eu sinto a falta deles mesmo... que tá muito doído... eu entro no quarto, sabe? no quarto deles e começo a mexer nas coisas, arrumar... é coisa da minha cabeça, entendeu? Vou arrumar porque "já tá perto deles vir"... vou arrumar, deixar tudo organizado porque "já está perto deles vir"... e limpo o quarto, passo pano, deixo cheirosinho... e eu mesmo tento me enganar... e aí vai distraindo, sabe? (NIDA, Entrevista VI, 2022)

Nesses dois casos, o cuidado é uma via através das quais essas mães podem ser aproximar de seus filhos. Uma cronologia cotidiana do cuidado poderia ser estabelecida da seguinte maneira: 1) pessoas habitam determinado lugar; 2) a existência desses corpos faz surgir demandas de cuidado – esses corpos se alimentarão, usarão roupas, ocuparão espaços etc.; nesse cenário 3) as pessoas encarregadas socialmente pelo cuidar atuam de determinada maneira sobre objetos e espaços – preparando comida, lavando roupas e fazendo a manutenção dos ambientes ocupados, por exemplo; esse trabalho, por fim, 4) torna o lugar em questão habitável para as pessoas que ali existem. De certa forma, esse é o encadeamento que está por trás de ações com as de Nida. Uma espécie de memória muscular das rotinas de cuidado, adquirida ao longo de anos ocupando um lugar contextual e historicamente responsabilizado por essa atividade. Na ordem das coisas, tudo se passa como se, quando chega o momento em que esse cuidado é necessário, Túlio e Isabella estão para chegar. Numa tentativa de "se enganar", a entrevistada tenta subverter sua experiência pessoal com dimensão temporal do cuidado, antecipando o significante (essa prática cuidadosa repetida performativamente ao longo dos anos) para sentir a proximidade que o significado dele traz consigo (a presença dos filhos) e assim aliviar um pouco do sofrimento causado pela saudade de seu filho e sua filha.

Existe nesses relatos um desafio à ideia de que a prática de cuidado exista como algo auto-evidente a partir da mecânica através da qual ele é realizado. Em um famoso texto da discussão brasileira a respeito do tema, Angelo Soares (2012) recupera, a partir das experiências do campo da enfermagem, algumas dimensões do cuidado, atrelando-as às formas pelas quais quem realiza essas atividades têm de lidar com os corpos das pessoas que recebem cuidados, com a diplomacia envolvida um trabalho que pode ser embaraçoso e

desconfortável para os e as envolvidas ou mesmo com a carga emocional que surge desse cotidiano. Experiências como as de Nida e Sâmia trazem consigo um conjunto de significados afetivos e sentidos específicos que fazem da prática e da disposição formas de conexão entre quem cuida e quem recebe cuidado. Mais do que isso, esse relatos indicam que há algo de limitante em não percebermos que os sujeitos não só experienciam sentimentos a partir do cuidado como ele é praticado, mas também o fazem a partir da forma como seus significados são construídos contextualmente, à medida que são constituídos histórica, social e pessoalmente.

Mesmo mães que não enfatizaram se relacionarem com seus filhos especificamente através do cuidado esbarram em algo parecido quando me contam sobre como uma atividade comum pode desencadear lembranças, ausências e sofrimento. É o caso de Maria:

Você fica triste... mas não no sentido de triste de coisa ruim... você fica triste porque você vai ficar sem a companhia do teu filho. Até hoje eu vou fazer café, eu lembro dele. Eu vou fazer uma comida... sabe? Principalmente no... o sábado ainda passa porque você fica fazendo um monte de coisa... mas no domingo eu tenho crise ansiedade direto, sabe? E não adianta... [...] você entra em depressão.... você acaba entrando em depressão, você sente a falta da pessoa, você cheira a pessoa, você sente o cheiro, você... eu fazia muita coisinha gostosinha pros dois... e você às vezes não tem vontade de fazer porque você lembra.... aquilo te lembra... te deixa assim nervoso... (MARIA, Entrevista II, 2021)

No caso de Maria, o desconforto trazido pelas lembranças atreladas aos atos de afeto e cuidado que realizados para seu filho antes dele partir para a Europa junto de Guto faz com que a entrevistada evite realizar certas atividades em seu cotidiano. Construídas dentro de um contexto de cuidado que ganha seu sentido através da relação mãe-filho historicamente localizada, mas também na sedimentação de décadas de convivência, essas atividades denotam, para Maria, a incômoda ausência de Reinaldo e, por isso, são evitadas hoje em dia.

Voltando ao relato de Sâmia sobre período imediatamente posterior à saída de seu filho, surge um elemento comum às experiências relatadas por outras entrevistadas. Falo da intensidade com a qual os objetos que contém a marca da presença dos filhos e filhas também trazem, em si mesmos, a possibilidade de acessar sua presença-ausente. Sâmia conta:

Eu fiquei 15 dias dormindo no quarto dele. Eu não deixava ninguém tirar nada... ele deixou o prato do último café da manhã e a caneca... eu guardei. A caneca eu tenho até hoje comigo. Mas eu guardei suja porque eu queria... as roupas dele de Brasil eu guardei... eu cheirava e eu chorava e chorava, fiquei 15 dias chorando. (SÂMIA, Entrevista I, 2021).

Nida relata algo bastante parecido quando fala sobre os momentos que sucedem as eventuais visitas de seus filhos:

A gente mesmo fala pra a gente: "tá fazendo drama demais"... e até agora quando eles vêm, que agora às vezes eles vêm juntos... eu deixo a cama deles arrumada por uma semana... eu não consigo, tipo, vai embora e eu já tirar os lençóis e lavar... não consigo... fico, deito na cama, cheiro o lençol pra tentar amenizar a saudade... (NIDA, Entrevista VI, 2022).

Mais a frente, retomando esse tema, a entrevistada disse:

A cama parece que é mais gostosa na semana que eles vão embora por causa do cheiro que fica né... enquanto não tira o lençol... daí por exemplo... agora como tem a Isabela... então eu fico uma semana às vezes dormindo no lençol do Túlio e daí tiro... e aí vou uma semana no lençol da Isabela e aí depois eu troco o lençol (NIDA, Entrevista VI, 2022).

Outras mães, como Muriel – aqui falando sobre a saída de Makai, seu filho mais velho –, relatam experiências qualitativamente similares, mas vetorialmente diferentes. Para ela, assim como para Maria, a capacidade do objeto em evocar a presença do filho era algo a ser evitado para não lidar com a dor e a saudade:

Então ao mesmo tempo, Henrique, que você solta – eu, pelo menos, me sinto assim – você vai se castrando daqueles prazeres e daquelas memórias né. O Makai ficou em Macaé acho que uns 4 anos...pra eu abrir de novo a porta do quarto dele demorou 6 meses eu me lembro... até porque eu tinha que limpar né... abri tudo.. aí eu mexia nas coisinhas dele, já me dava assim um pouco de dor, de saudade... (MURIEL, Entrevista IV, 2022).

Mais tarde, o cenário se inverte, permanecendo o investimento simbólico sobre os objetos através dos quais a entrevistada pode evocar a presença e a memória de Makai:

Sentia muita falta do abraço deles – e os meus filhos tem um abraço assim que é único... eles me abraçam e parece que vai me quebrar, sabe? aquele abraço de urso assim... isso eu sentia. eu sentia muita falta do cheiro deles também. E eu sou uma pessoa muito tátil aos cheiros então, nossa, eu sentia muito essa falta... então eu realmente pegava algumas coisas deles, jaqueta, algumas coisas que tava mais usada assim, via as fotos. Um dia até abri o armário do Makai e peguei um perfume dele e fiquei cheirando e falei "Caramba! Que coisa!"... é uma neura isso! (MURIEL, Entrevista IV, 2022).

Sinto que vale a pena chamar atenção ao que fica dos filhos e filhas nos objetos e como isso se relaciona ao cuidado. Na primeira parte de *O Casaco de Marx - Roupas, memórias, dor* (2013), Peter Stallybrass, de quem tomo a expressão "presença-ausente",

apresenta uma rica reflexão sobre o casaco de seu falecido amigo e intelectual Allon White. Nela, o autor nos fala sobre uma certa magia das roupas que recebem os corpos que vêm e vão – carregando, assim, a marca humana deixada pelo seu uso. Nesse sentido, roupas e outros objetos funcionam como um espaço de registro. Neles, estão inscritas as marcas de um corpo e das consequências materiais de sua existência. Ali estão os sinais de uma memória, o gatilho para uma expectativa de presença, que acaba por constatar uma ausência. Essa reflexão me parece útil para compreender o que relatam as mulheres que entrevistei.

Penso ser particularmente importante notar que todas as entrevistadas falam sobre o cheiro de seus filhos nas roupas, lençóis, cobertores e demais objetos que deixaram para trás ao saírem de casa. O cheiro é o que vai embora depois que as roupas e lençóis e demais objetos forem lavados ou higienizados – quando sobre eles for exercido um tipo de cuidado que, durante as décadas em que os filhos dessas mães viveram junto delas, provavelmente ocupou um lugar rotineiro e trivial em suas vidas. Nesses relatos, cuidado, presença e memória fazem parte de um mesmo curioso encadeamento. Tomados como parte de uma rotina de tarefas domésticas, roupas e outros objetos demandam cuidado quando são utilizados – requerem cuidado justamente por terem sido utilizados *por alguém*. O que os "suja" também os marca com a presença de quem os usou. O cuidado, enquanto disposição – ou seja, enquanto atenção especial que antecipa certas necessidades, que percebe o uso dos objetos e prescreve socialmente a responsabilidade socialmente pela manutenção de ambientes e pessoas –, leva essas mulheres ao encontro da presença de seus filhos em roupas de cama recém utilizadas, peças de armário que não foram lavadas, louças sujas etc.

Nesse sentido, as experiências dessas mulheres – que vivem um modo de subjetivação através do qual são interpeladas por imagens historicamente construídas da mãe e que, por isso, foram inseridas em uma rotina de práticas de disposições de cuidado doméstico – denotam uma profundidade à qual raramente nos atentamos. No terceiro capítulo desta tese, já discuti como o cuidado, enquanto ferramenta analítica, permite observar emaranhados de interdependência e relacionalidade aos quais estamos constantemente ligados. Com efeito, as experiências postas em primeiro plano por essa episteme tornam-se profundamente complexas. Elas não representam apenas as atividades pouco valorizadas à medida que foram vinculadas a uma estrutura histórica marcada por assimetrias de gênero. Para além, elas também remetem ao profundo senso de interconexão que transpassa as vivências de mulheres como essas mães – que se vêm atravessadas cotidianamente pela presença-ausente e pelas memórias daqueles e daquelas em relação a quem construíram rotinas de cuidado e convivência.

Assim, a positivação heurística proposta pela perspectiva do cuidado não fala apenas das roupas a serem lavadas ou da desigual distribuição social das responsabilidades por atividades como essas, mas também se refere às profundas relações construídas através desse tipo de gesto e do efeito constitutivo que essa relacionalidade carrega consigo. No quinto capítulo deste trabalho, destaquei a maneira pela qual o reconhecimento da existência dos filhos e filhas está historicamente atrelado a sua inteligibilidade enquanto sujeitos lidos através de suas necessidades, vontades e demandas de cuidado. Aqui vemos a expansão desse cenário: a construção da relação entre mãe e filho através de rotinas domésticas do cuidar faz com que esses ambientes e essas atividades lembrem as entrevistadas de suas filhas e filhos, queiram elas ou não. A figuração simbólica do filho como aquele que precisa de cuidados e as experiências cotidianas dessas mulheres, que aprenderam a se relacionar com seus filhos através da lavagem de suas roupas ou do preparo de suas refeições, por exemplo, resulta em uma relacionalidade – essa implicação de uma existência à outra – da qual é difícil se desvencilhar, para bem ou mal.

Quando recorrem aos objetos usados por seus filhos e filhas como forma de fazê-los presentes – ou como forma de evitar encontrar sua ausência –, a presença investida nesses itens (e acessada através do cuidado sedimentado no cotidiano) é algo constatado por essas mulheres precisamente por conta de seu envolvimento nas rotinas domésticas ligadas à manutenção do bem-estar de seus filhos e filhas. O cuidado surge aqui como via relacional da qual muitas de minhas entrevistadas se aproximam ou se afastam à medida que estão mais ou menos necessitadas ou dispostas a entrarem em contato com a evocação da presença de suas filhas e filhos. Como uma espécie de economia emocional da capacidade significativa das coisas, os diferentes objetos que carregam consigo a marca de filhas e filhos ausentes são guardados, acessados ou deixados de lado em momentos específicos de necessidade. O efeitos que o emaranhado formado, de um lado, por arranjos históricos, sociais e culturais na ligação entre mãe e filho através do cuidado e, de outro, pelo cenário específico das histórias de cada uma dessas mulheres, agem sobre essas entrevistadas à medida que são apropriados por elas em suas decisões cotidianas frente ao desafio de lidar com a saída de suas filhas e filhos de casa.

Abaixo, porém, analiso uma outra importante característica das rotinas vividas por algumas das entrevistadas após a saída de seus filhos e filhas de casa. Ao longo dos relatos de parte das mulheres com quem conversei, é possível perceber uma importante dinâmica de trocas que possibilita compreender a profundidade do cuidado enquanto via relacional. O próximo tópico deste capítulo se dedica às formas pelas quais o cuidado do outro e o cuidado

de si entremeiam-se na forma como as entrevistadas conduzem suas vidas e suas relações (à distância) com seus filhos e filhas. Através desse esforço analítico, veremos que a perspectiva do cuidado permitirá contemplar um imbricamento específico na forma como são vividas reiteraões cotidianas do exercício da ligação entre mães, filhos e filhas a partir do cuidado.

7.1.2 Cuidar de si e do outro

Seguindo a investigação do lugar ocupado pela relacionalidade experienciada por essas mulheres através das dinâmicas de cuidado – e da transformação dessas dinâmicas a partir da saída dos filhos e filhas de casa –, debruço-me agora sobre outra questão importante para a caracterização a relação dessas mães com seus filhos e filhas em função dos contextos em que as saídas ocorrem, bem como para apreender as mudanças práticas e subjetivas relatadas por essas mulheres ao contarem a história desse evento em suas vidas. Como veremos a seguir, entrevistas sugerem um tipo específico de troca entre essas mães e seus filhos e filhas: conversando com algumas entrevistadas, notei que, nas maneiras pelas quais organizam o cuidado de seus filhos e o cuidado de si mesmas, um complexo processo de interação ocorre. A seguir, exploro a forma como esses dois movimentos se influenciam, além de observar como se inserem na vida das mulheres em questão.

Antes, contudo, dedicarei alguns parágrafos ao esclarecimento do que quero dizer quando me refiro ao "cuidado de si" a partir do qual examino as passagens das entrevistas a seguir. Dois conceitos me parecem importantes para que a dinâmica analisada abaixo seja compreendida de maneira correta. Em um primeiro momento, é necessário notar que, ao longo desta discussão, estarei me referindo ao espírito da noção de autocuidado (*self-care*), elaborada por Dorothea Orem (2003) a partir de um debate próprio à enfermagem: essa ideia descreve o comportamento humano voltado a si mesmo, à sua relação com o ambiente em que se encontra e à performance de ações ligadas à regulação das condições de sua saúde. Para a autora, este é um processo aprendido em função da inserção de crianças e adultos nos "grupos sociais" (família e outros círculos de convivência) aos quais pertencem – tratar-se-ia de um conhecimento orgânico, herdado a partir da vivência e da comunicação dentro de uma comunidade.

Cunhada na década de 1950, como forma de valorizar o papel do paciente ao longo de tratamentos médicos, a ideia de autocuidado contém uma avaliação das habilidades e conhecimentos disponíveis para amparar essa prática – levando em conta os elementos contextuais da vida pessoal que influenciam na relação das pessoas com o seu próprio

bem-estar. Aqui o autocuidado não é um procedimento projetado sobre a vida, mas uma espécie de tipificação de ritmos e situacionalidades próprias à vida cotidiana. Contendo grande utilidade para o destrinchamento dos processos particulares e para o reconhecimento das condições locais através das quais é possível cuidar de si mesmo, a noção deriva de uma abordagem holística da saúde. Ainda que meus objetivos não contemplem estabelecer parâmetros de análise para a saúde das entrevistadas, é necessário reforçar que conceito permite lançar sobre os relatos dessas mulheres um olhar contextual que busca destacar as práticas voltadas a si mesmas (e o lugar de suas relações com seus filhos em meio à essa dinâmica).

Concomitantemente, procuro somar as preocupações contidas no conceito de *self-care* às possibilidades contidas na elaboração da noção de cuidado de si (ou cultivo de si) por Foucault, delineada a partir das pesquisas que deram origem às obras *História da Sexualidade 3: O Cuidado de Si* (2005) e *A hermenêutica do Sujeito* (2006). Em sua investigação a respeito do uso de práticas sexuais (*aphrodisia*) na Grécia antiga, bem como os princípios de conduta ética presentes nas filosofias de Epicuro, Platão, Marco Aurélio Sêneca e Plutarco, o autor recupera um conjunto de técnicas e disposições que, ao longo de diferentes momentos históricos, foram socialmente reconhecidos como processos necessários para a construção de subjetividades moralmente válidas. Através exercícios, exames de si e a elaboração geral de uma atitude reflexiva a respeito da própria existências – realizada através de práticas e comportamentos em que sujeitos se voltam sobre si mesmos – o autor identificou a relação fundamental entre cultivar a si mesmo de acordo por códigos morais e discursos hegemônicos e a construção do sujeito à partir do tempo histórico em que ele está inserido.

Mais tarde, intelectuais como Margareth Rago (2013) tomaram o conceito como ferramenta para a discussão da experiência feminista brasileira. Retomando a profundidade da discussão foucaultiana a respeito da política da verdade enquanto um espaço de disputa, a autora pensa o cultivo de si como uma ideia que pode dar vazão ao caráter apropriativo da construção do Eu. Dessa forma, abre-se espaço para pensar o assujeitamento de forma mais dinâmica. É necessário entender que a constituição do sujeito ainda depende da linguagem e da circunscrição histórica e social nas quais ele está inserido, mas também é central notar que não existe um único conjunto de códigos, imóvel, à espera de uma apropriação de cima para baixo: se o poder se organiza a partir de baixo e se a verdade existe como uma disputa⁸⁸ a

⁸⁸ A ideia da verdade como elemento de disputa e hegemonia, bem como os procedimentos de compreensão desse fenômeno dentro da história, são discutidos por Foucault em *A Verdade e as Formas Jurídicas*, livro organizado originalmente em 1973, a partir de conferência organizadas pelo autor em busca de uma conceituação

partir da polivalência tática dos discursos e seus usos, o conceito de cuidado de si se torna uma ferramenta importante para compreender a miríade de formas através das quais o sujeito pode construir a si mesmo dentro da complexa interação entre subjetividade e significados coletivamente delimitados.

Juntas, essas formas de pensar a atenção voltada a si – concebida em relação aos contextos pessoais e sentidos disponíveis para apropriação e construção do sujeito – possibilitam lançar um olhar atento às complexidades das interações entre as mulheres que entrevistei e seus filhos e filhas que saíram de casa. Abaixo, acompanharei o desenvolvimento dessas trocas nas maneiras através das quais essas mulheres fazem uso do que lhes está disponível para lidarem com os desafios da construção de suas subjetividades quando um dos principais elementos em relação aos quais costumavam definir a si mesmas muda de lugar dentro de sua vida.

As entrevistas de Sâmia e Maria contém um tema importante para a pensar as mudanças e continuidades nas disposições de cuidado através das quais mães e filhos se relacionam. Em casos como os apresentados abaixo, vemos que muitas vezes a intenção do cuidado de si e do cuidado do Outro não se separam, entremeando-se em uma complexa amálgama. Logo no começo de nosso encontro, pedi para que Sâmia me contasse um pouco de sua vida e rapidamente ela se emociona:

Eu... só tem eu e ela [companheira de Sâmia] em casa, né... e um gato e plantas. As plantas vieram por conta da ausência né [nesse momento Sâmia já fala com a voz embargada]... a ausência do filho... eu tinha que substituir com alguma coisa, né. Então eu substituí por planta. Planta e hobbies. Porque é algo, assim, que ele pediu muito... que eu me ocupasse. Ele falou “tenha ócios, ócios criativos, ócios produtivos...” porque nós dois éramos muito ligados e eu tinha certeza que ele nunca iria embora [...] E daí eu tive que suprir essa lacuna com coisas que me traziam... com coisas que ele me pediu pra fazer. Então eu me ... sabe? Eu me supri dessas pequenas coisas. (SÂMIA, 2021, Entrevista I)

Sâmia mencionou gostar de jardinagens e assuntos afins. Contudo não é por isso que suas plantas estavam ali no cenário em que ela apareceu em minha tela à época de nossa entrevista. Elas estavam ali por causa de seu filho – não apenas porque elas são escolhidas para preencherem sua ausência, mas, como vemos no final da frase, porque elas são a expressão de um pedido de Guto. Ele pediu para que ela investisse em plantas e hobbies, que tivesse momentos de ócio em sua vida. Tudo se passa como se o cultivo de plantas fosse também uma forma de realizar as vontades de seu filho a respeito do bem-estar emocional da

sobre os conflitos em torno da possibilidade de acessar a verdade e falar a partir dela em determinado tempo histórico.

própria Sâmia. Essa temática é trazida diversas vezes ao longo da entrevista. Mais a frente, a entrevistada conta que Guto não só a incentiva, mas apresenta um itinerário através do qual ela possa seguir em frente:

Ele falou assim: “ó, mãe, você tem que seguir em frente”... aquele discurso que as pessoas fala... que é clichê já. “Você tem que superar, tem que seguir em frente”. Falei: “eu não quero!”... aí quando eu falei “não... tenho que parar de ser ridícula... e vou fazer o que o meu filho fala”. [...] aí eu falei “filho, o que eu faço, então?”... “faça mosaico”... então vamos fazer mosaico... menino, eu fiz mosaico, mas eu fiz mosaico... eu fazia mosaico na escola com os meus alunos, aí eu chegava em casa e fazia mosaico e a minha casa virou... o quarto dele, ele falou “transforme meu quarto num ateliê”... onde eu estou agora, que é meu apartamento em Pinhais... esse quarto que eu ocupo agora é o meu quarto de artesanato, era o quarto do Guto. Então aqui tem, que eu comprei, os posters que eu comprei, que nós fomos juntos à Paris... eu comprei esse à beira do rio Sena e eu botei aqui... então aqui que eu faço arte. Tem uma mesa gigante... eu faço... eu costuro, eu pinto, eu bordo, eu faço crochê, faço tricô... é bem poético, sabe? É onde eu tenho meu altar, né... onde eu tenho os meus santos, as fotos dos meus filhos...(SÂMIA, 2021, Entrevista I)

Isso se torna uma dinâmica dessa relação entre mãe e filho relatada por Sâmia, com Guto sendo uma espécie de catalisador para o bem-estar de sua mãe e principal proponente de seu cultivo de si mesma:

Aí eu comecei a ampliar meus horizontes e falei “não... eu vou cuidar de plantas”... “mãe, você tem que ter um hobby. O que que você gosta?”, eu falei “eu gosto de plantas”... “então tenha plantas”... então tem planta, planta, planta aqui, tem planta na sala, onde a gente tem lavar... eu enchi de plantas também. Daí ele falou “o que mais?”, eu falei “eu gosto de santo”... “então tenha seus santos”... aí ele foi puxando... ele me mandou uns links de coisas de escolas... porque eu sempre dei aula diferente... e ele falou “então você gosta de dar aula diferente... tem a escola waldorf... pedagogia Waldorf... faça os brinquedos Waldorf, mãe, que você vai ser uma professora diferenciada”. Aí eu vou fazer brinquedos Waldorf. Então eu sou uma professora diferenciada no meu município agora porque eu faço brinquedos Waldorf. Então vem pessoas visitarem minhas salas de aula porque eu tenho os brinquedos Waldorf. eu não uso plástico, não tenho brinquedo... não tenho barbie... eu tenho bonecos de pano, fantoche... eu tenho muita madeira, pedra, terra... tudo o que uma criança... caixa de areia”. Então isso eu consegui através do Guto. (SÂMIA, 2021, Entrevista I)

Sâmia inclui em sua vida uma constante preocupação com ampliar seus horizontes, encontrar novos hobbies, cultivar a si mesma de diferentes formas e seu filho opera como uma espécie de mediador e motivador desse processo. Contudo, há um complexo movimento a ser destrinchado aqui. Preocupado com sua mãe, Guto a incentiva a procurar novas experiências, se qualificar profissionalmente e dedicar-se a atividades diversas para ocupar seu tempo. Notemos, contudo, que, ainda que reconheça os benefícios de todo esse investimento em si mesma, o grande motivador para que ela passe a preocupar-se mais comprometidamente consigo mesma é seu filho. Preocupar-se consigo mesma não se separa do ímpeto de

realização dos desejos de Guto, e o reconhecimento da própria necessidade de autocuidado está mediado pela sua relação com ele. Acredito que, para além da anterioridade da afeição de Sâmia por plantas, santos ou qualquer um dos temas de seus novos hobbies, sua nova dedicação – bastante intensa, aliás – a esses temas não pode ser compreendida separadamente da sua relação com seu filho. Parece-me claro que o afínco com o qual ela se apegue a essa busca deriva do mesmo mesmo investimento pessoal em direção à figura do filho – processo mediado pela subjetivação maternal historicamente localizada e por suas apropriações nas vidas das entrevistadas – da qual tenho falado até aqui. Contudo, ainda mais importante é notar que Sâmia, que conta sempre ter cuidado de outras pessoas, permite-se receber o cuidado e a atenção de seu filho – e o desejo de fazê-lo não se separa de sua vontade de agradá-lo.

No período que sucedeu sua saída, Guto e Reinaldo pediram para que Sâmia se aproximasse ainda mais de Maria para garantir apoio emocional a ela: “Aí eu comecei a puxar a Maria, porque o Guto tinha pedido e eu fazia tudo o que o Guto pedia.”(SÂMIA, 2021, Entrevista I). Dessa preocupação surge uma relação de convivência, companheirismo e amizade profundamente importante para essas duas mulheres, que passavam pela mesma questão delicada da saída dos filhos de casa:

Eu ia na casa da Maria, eu já chegava no portão chorando. Porque ela me abria o portão chorando. E eu tinha que ser forte pra Maria... o psicológico dela é mais delicado, sabe? Ele é bem mais delicado que o meu. Eu já sou chorona, mas ela sofre muito. Ela sofre na carne. Ela tem uma doença autoimune que aumentou muito depois que os meninos foram embora. Então eu tinha que ser forte, mas eu tinha que ir na Maria... duas, três, quatro, cinco vezes na semana. A gente morava próximo né. Eu virei muito mais amiga. A Maria é uma pessoa fantástica. Eu virei muito amiga da Maria. E a Maria... e passados seis meses... que aí a gente começou a parar de chorar, nós duas juntas. Aí nós começamos a fazer um vínculo. Daí que eu comecei... não a esquecer a dor, mas aí eu coloquei... voltar a ser feliz de novo. Como eu dirijo... a Maria também dirige, mas eu tenho mais segurança por conta dos meus movimentos de mão. Então eu falava “Maria, vamos pra praia amanhã cedo?”... então nós fizemos uma rotina de mães, de co-sogra... e aí eu comecei a ... sabe? porque era só eu, sozinha. (SÂMIA, 2021, Entrevista I)

Maria e Sâmia encontram uma na outra um espaço para o compartilhamento de sofrimento a respeito da saída de seus filhos de casa. Percebe-se, porém, que, na narrativa de Sâmia, a construção de um arranjo onde ela assume a responsabilidade pelos cuidados de sua amiga parece ser um motivador ainda mais potente para o desenvolvimento dessa aproximação. Novamente, essa empreitada se inicia através da mediação de seu filho e, mais uma vez, ela resulta em um importante cuidado de si.

aí eu comecei a puxar e Maria pra vida. E puxando a Maria pra vida, eu voltei pra vida também. Porque a Maria, ela é uma amorção de pessoa. Ela é muito, muito, muito fofa. Então, ela topa qualquer coisa: “Vamo ver porquinho?”, “vamo ver porquinho”, “Vamo ver flor?”, Vamo ver flor”. Aí eu consegui... eu falei.. “Maria, vou arrumar um trabalho pra você” (SÂMIA, 2021, Entrevista I)

Pouco depois, Sâmia inscreveu sua amiga em um processo seletivo para o serviço público do Paraná e, para a surpresa de ambas, Maria foi selecionada para ocupar o cargo. Da oportunidade de fazer com que a mãe de Reinaldo se mantivesse ativa, tendo motivos para sair de casa e se manter ocupada, surge uma oportunidade de emprego – aceita a partir da possibilidade de juntar dinheiro para visitar Guto e Reinaldo na Europa.

E quando a Maria foi pra trabalhar, eu comecei a tomar conta da casa da Maria. Então eu trabalhava o dia todo na escola, eu saía da escola cinco, cinco e meia eu tava na casa da Maria. Então eu limpava a casa dela, eu fazia a janta, deixava a sopa – porque a Maria gosta de sopa à noite – e tirava cocozinho dos gatos...(SÂMIA, 2021, Entrevista I)

Notemos: Sâmia consegue recuperar seu centro – “voltar para a vida” – ao inserir em seu cotidiano um novo objeto de cuidado em torno do qual pode construir uma rotina performativa do cuidado – que, na maior parte do tempo desenvolve-se num novo sentido, que às vezes, segundo a própria entrevistada, esbarra no cuidado “como o de uma filha”. Elaborando um novo conjunto de disposições em práticas dedicadas à Maria, Sâmia engaja seu “eu” na direção de alguém e, sem sua narrativa, esse é um motivo importantíssimo para sua melhora. Ela pode voltar a exercitar cuidado – algo que fez por décadas em relação aos filhos – agora em direção à sua amiga que passava por dificuldades. Com isso, ela retoma o exercício de uma subjetivação cuidadora e, com isso, consegue reorganizar a si mesma enquanto sujeito coerente. Estando em movimento, ela resgata a si mesma:

ela é uma pessoa que me chamou pra ir pra igreja... eu ia na igreja evangélica, mas eu ia na igreja católica junto com ela... porque ela é polaca, né, é uma católica diferente... e nisso aí a gente começou a ir pra praia – ia de manhã e voltava de tarde –, nós começamos a ir em feira de plantas, começamos a fazer mosaicos, eu lembro que eu pinteí a casa dela por dentro... a parte que ela guarda as coisas que ela acumula, né... eu falava “ah... eu vou aí pintar”, ela falava “quando?”, eu falava “agora”... passei na loja, comprei a tinta e falei “já to indo na sua casa pintar”. Então nós criamos um vínculo muito bom. Um vínculo muito bom. [...] e foi nisso que a Maria me salvou também. Porque aí quando eu ia pra casa dela, ela não deixava eu fumar lá... e daí eu também não bebia apesar de eu tomar uma taça de espumante, alguma coisa assim. Mas eu não estava bebendo porque eu estava bebendo dentro de casa. E a minha mãe teve problemas com alcoolismo, as minhas tias tiveram problemas com alcoolismo e meu avô paterno morreu por conta do alcoolismo e eu tenho um irmão alcoólatra... que é o caçula. Então nisso a Maria me salvou e muito. (SÂMIA, 2021, Entrevista I)

O aspecto relacional da vida, tornado visível por uma perspectiva centrada no caráter coletivo e interdependente do cuidado, é parte central para a compreensão do processo relatado por Sâmia. Através do investimento em sua relação com seu filho – estratégia disponível para superar a ausência de Guto e dar continuidade aos rumos da própria vida – a entrevistada passa a construir uma nova rotina para a ordenação do cotidiano e, com isso, reencontra Maria como alguém em relação a quem pode direcionar-se. O cultivo de si dentro de um arranjo relacional acaba por inserir Sâmia em um novo tipo de relacionamento e, por isso, leva-a a uma melhora pessoal significativa. A amizade entre essas mulheres, elemento central para a manutenção do bem-estar dessas entrevistadas, surge do contexto relacional em que estavam inseridas. De uma relação à outra, uma dupla dinâmica do cuidado de si e do outro se apresenta aqui: prestando atenção em si mesmas a partir do investimento cuidado em direção a seus filhos, essas mães encontram novos objetos de cuidado, agora concebidos sob o signo do companheirismo entre mulheres que têm de lidar com a saída de seus filhos de casa.

Acompanhando a entrevista de Maria, nota-se que o investimento de si em função da atenção cuidadosa em relação a seu filho também está presente. Enquanto Sâmia se tornou mãe bastante cedo, Maria decidiu focar seus esforços na construção de sua carreira profissional. Ela me conta que, sendo filha temporã, teve uma educação bastante repressora e restritiva: “Então eu fui criada, como eu falei, numa bolinha de vidro, como um bibelozinho dentro de uma bolinha de vidro.... “ninguém pode mexer com a Mariazinha...” entende?” (MARIA, 2021, Entrevista II). Justamente por isso, ela decidiu oferecer uma educação mais aberta a seu filho, o que resultou numa posição bastante diferente daquela apresentada na fala de Sâmia:

Eu falo da repressão da educação porque eu tenho amigas minhas que dizem: “eu não vou mandar! Magine que eu vou mandar meu filho pra Europa ou pra qualquer lugar sozinho” e eu mandei porque eu tinha na minha cabeça aquela coisa assim... na minha casa, com o meu filho, não vai ter a palavra “não”. “Quer fazer isso”, vamos fazer; “quero fazer aquilo”, vamos fazer.... só se fosse uma coisa ruim... daí não né. “Mãe, eu quero fazer intercâmbio”, vamos dar um jeito; “mãe, eu queria esse livro”, vamo dar um jeito. [...] Então eu induzi meu filho a ser seguro: “vai! vamo embora! se você não conseguir, eu to aqui. Mas vai embora! vai voar!”... eu sempre escutei aquilo assim... “você cria filho pro mundo”... então... “vai voar meu filho”... tanto que ele tá lá. (MARIA, 2021, Entrevista II).

Por uma combinação entre as possibilidades financeiras e uma educação mais livre, Reinaldo pôde fazer intercâmbio na Europa aos 16 anos de idade, no mesmo país em que hoje

vive com Guto. Se, na narrativa de Sâmia, a notícia da ida do casal para fora do Brasil tem tons trágicos, Maria se lembra da ocasião da forma um pouco mais pragmática:

Eles chegaram pra mim e disseram “mãe... nós vamos pra Europa”... me deu uma vontadezinha de dizer “tá... e eu com isso?” hahaha aí eu falei “tá... e?” e lá vem a mordida... “mãe, pois é... você ajuda a gente?”... ver o que que precisa... a gente raspa daqui, tira dali, empresta de lá e vamo embora. Vai... vão crescer. Eu falei “não se incomode... lute lá... se não der certo, nós tamo aqui. Aqui vocês tem casa, vocês tem onde morar, onde viver... vão trabalhar e tal”. Graças a Deus eles tão lá vai fazer 7 anos, estão bem... (MARIA, 2021, Entrevista II)

O dinheiro e a organização financeira são partes bastante importantes da forma pela qual a entrevistada organiza conta a história de sua relação com seu filho e com a sua saída de casa. Tendo criado Reinaldo sem a ajuda de seu ex-marido, Maria esteve focada em oferecer melhores condições de vida para si e para seu filho. Por isso, não esteve tão próxima de sua vida quanto Sâmia esteve de seus filhos. Por muitos anos de sua carreira, trabalhou de domingo a domingo, ficando o dia todo fora de casa. Assim, contava com os serviços da escola pública, de uma empregada doméstica contratada e, às vezes, com o auxílio de alguns de seus parentes para tomar conta de Reinaldo. Enquanto me conta sobre esse arranjo, ela se volta aos meandros de seus gastos durante o intercâmbio e como fazia para ajudar seu filho à distância – até mesmo lembrando-o disso em momentos de tensão:

Tanto que uma vez meu filho me cobrou... “você trabalhava demais, eu ficava muito sozinho”... “ficava sozinho, mas toda horas que eu tava em casa eu tava com você... mas pra você ter... ir pra Europa, estudar... quem é que foi da tua turma lá da escola? Quem é que foi pra Europa estudar... dá pra contar nos dedos”... “pois é...” daí ele passou a entender... (MARIA, 2021, Entrevista II)

Se, comparada à narrativa de Sâmia, Maria parece ser mais “durona” ou distante por trazer tais temas à forma como conta sua história e se relaciona com seu filho, é interessante perceber que ela fala como uma provedora que não pode se permitir deixar de falar de dinheiro – do quando as coisas custas, do quanto de ajuda financeira ela pôde oferecer. Essa é sua forma de falar sobre como cuidou de seu filho e lhe ofereceu as bases para que ele pudesse realizar seus próprios desejos e projetos. Quando perguntada sobre o dia da partida de Guto para a Europa, Sâmia me contou que ficou 15 dormindo no quarto de seu filho, em meio às coisas que a lembravam dele. Notemos como Maria respondeu a essa mesma pergunta:

Eu sei que eu sentei, menino, e eu tenho uma figura entronizada de Jesus, de Deus... e eu não via luz no fundo do túnel porque eu já tinha esgotado a parte financeira até o último... daí eu falei “Ah, meu Deus... o Senhor me dê uma luz! Só o Senhor pra me

dar uma luz. E sentei ali, peguei um caderno e... parece que baixou lá o anjo da guarda, o santo... e eu comecei a planilhar minhas contas... eu falei “meu Senhor... eu vou ter que viver com o que eu ganho”... porque eu ganhava X + X ... e muitas vezes mais X... eu não via a cor desses aqui... porque ia tudo... e eu ainda trabalhava com uma parte de vendas... eu comprava, vendia e o pessoal não me pagava... o que acontecia? chegava o meu salário e ia tudo pra pagar conta de fornecedor... eu comecei a dever! as minhas contas pessoais estavam todas... o imposto atrasado, eu não tinha um carro decente... meu deus! uma situação assim.. difícil mesmo! Mas eu falei assim “Deus vai me ajudar” e ajudou... eu falei “o Senhor vai me ajudar a viver com o salário que eu tenho”... e eu fui fazendo... como se alguém dissesse “faça isso, faça aquilo... tire daqui, pague aqui... dívida lá... “ e... sabe? Conclusão: hoje eu vivo com o meu salário... porque assim... chegava o meu salário e eu já tava devendo pro banco... o cheque especial vinha e pegava... pense! Hoje eu tenho todas as minhas contas pagas, eu não devo pra ninguém, eu vivo do meu salário, eu tenho o carro do ano, eu tenho uma situação boa... só a minha casa que eu preciso reformar, que tá uma zona... mas não dependo de nada... mas eu arrumei... dizem que é bíblico que você tem que guardar o sábado ou o domingo... eu não guardava nenhum dos dois e não via a cor do dinheiro... até hoje que eu mexo com venda ainda tem os calotes, tem as coisas... mas nada mais afetou o meu... a minha planilha... eu trabalho em cima de uma planilha... (MARIA, 2021, Entrevista II)

Talvez pareça estranho que, numa pesquisa em que buscamos a relação entre subjetividade e maternidade, ouçamos falar tanto de contas, planilhas e estratégias domésticas. O encontro entre muitas das noções sobre maternidade e o arranjo tradicional da família nuclear no ocidente comumente separa os lugares de provedor e cuidador, assim como separam binariamente as esferas do público e do privado ou das figuras do homem e da mulher. Em *Caring Democracy* (2013), Joan Tronto qualifica esse cenário como uma construção ideológica das esferas separadas que se furta de pensar sobre as nuances históricas da diversidade de atuações das mulheres dentro e fora do ambiente doméstico.⁸⁹ Tendo isso em vista, me parece central entender que essa é a maneira através da qual Maria escolheu relatar sua experiência e enunciar os cuidados que investiu em Reinaldo. “Planilhar” suas contas, prestar atenção nos gastos e balanços financeiros devem ser lidas como atitudes imbricadas na forma pela qual essa mãe solteira decide demonstrar afeto, incentivo e carinho para com seu filho.

Ainda assim, Maria e Sâmia trazem elementos comuns em algumas partes de seus relatos. Quando perguntada sobre os sentimentos ligados à saída de Reinaldo de casa, a entrevistada um misto de alegria e tristeza – se referindo especialmente à falta da presença física de seu filho, percebida de uma forma específica:

⁸⁹ Contudo, Tronto, muito por conta do caráter mais largo de suas teorizações, dedicou-se muito pouco a explicar a preocupação financeira como uma forma de cuidado. O tema recebe maior atenção em obras como *Masculinities, Care and Equality* (2012), onde Niall Hanlon investiga qualitativamente a forma como homens qualificam seu envolvimento com as práticas do cuidado. Além da temática do cuidado, podemos lembrar também o importante texto de Viviana Zelizer, *The Purchase of Intimacy* (2005), que traz consigo análises potentes mostrando como os mundos do afeto, da intimidade e do dinheiro não podem ou devem ser hermeticamente separados como imaginamos ou desejamos.

veja bem... da saída dele é um misto, né... é um misto de alegria porque eles vão buscar alguma coisa pra eles melhorarem a vida deles... no caso o Reinaldo e o Guto também... pro Reinaldo melhorar a vida dele. E é um misto também de tristeza né... você fica triste... mas não no sentido de triste de coisa ruim... você fica triste porque você vai ficar sem a companhia do teu filho. Até hoje eu vou fazer café, eu lembro dele. Eu vou fazer uma comida... sabe? Principalmente no... o sábado ainda passa porque você fica fazendo um monte de coisa... mas no domingo eu tenho crise de ansiedade direto, sabe? E não adianta... (MARIA, 2021, Entrevista II)

Aqui vemos uma menção parecida àquela de Sâmia a respeito da presença do filho como uma parte faltante, percebida a partir de rituais domésticos cotidianos antes ligados ao cuidado dos filhos. Mais a frente ela elabora ainda mais esse sentimento ruim ligado às atividades investidas de uma forte carga emocional derivada da conexão entre mãe e filho através das formas de cuidar:

você entra em depressão.... você acaba entrando em depressão, você sente a falta da pessoa, você cheira a pessoa, você sente o cheiro, você... eu fazia muita coisinha gostosinha pros dois... e você às vezes não tem vontade de fazer porque você lembra.... aquilo te lembra... te deixa assim nervoso... [queda na conexão]...

[conexão retomada]

H: você tava falando sobre a saudade... sobre se sentir meio depressiva com a falta da pessoa

M: é... pois é... como diz... é a Síndrome do Ninho Vazio... a saudade, a falta da pessoa... tem muita gente que vai lá cheira o quarto, vai fazer... eu procurei meio que fazer... deixar isso num compartimento estanque, sabe? Porque, se não, a gente sofre demais... eu me sinto assim muito sozinha, sabe? Eu me sinto muito sozinha... mas, como eu falei pra você... a gente tenta compensar de outros lados (MARIA, 2021, Entrevista II)

Por fim, gostaria de chamar atenção para uma experiência comum entre Sâmia e Maria. Assim como minha primeira entrevistada, Maria também passou a investir em si mesma e procurar novas atividades para ocupar seu tempo – nessa busca, decidiu voltar a frequentar as aulas da faculdade, ainda que virtualmente. Aprovando seu esforço, Reinaldo demonstra interesse em incentivá-la. Contudo, eu gostaria de chamar atenção para a forma pela qual essa troca ocorre entre os dois:

então às vezes eu me proponho a fazer determinadas coisas pra mostrar pro meu filho que eu estou melhorando... tanto que... não sei se isso entra... mas meu filho diz “mãe, posso falar que eu mando uma mesada pra você?” [risos]... “eu não preciso de mesada, não quero nada”... “não mãe... então eu vou pagar essa tua faculdade”... essa que eu to fazendo... eu falei “filho... mas a mãe tem... a mãe não precisa” e tal... “não! mas eu faço questão!” – ele diz “não... mas eu sei que você tá fazendo, tá tentando se superar... eu fico muito felizão!”. Ele diz “eu fico felizão de fazer”... “então tá bom, filho... a mãe vai aceitar... você pode falar que você manda uma

mesada pra mãe que se você fica feliz a mãe fica feliz também”. (MARIA, 2021, Entrevista II)

Em primeiro lugar, algo parecido com a relação entre Sâmia se reproduz aqui. Maria investe em si mesma, cuida de si como uma forma de acalmar ou agradar seu filho. Nessa narrativa, o cuidado de si não se separa de um cuidado do Outro, de um esforço para evitar sua preocupação, para antecipar suas expectativas e agradar Reinaldo à medida em que investe sobre si mesma e realiza as próprias vontades. Contudo, a situação se torna ainda mais interessante quando levamos em conta o próprio contexto da relação entre Maria e seu filho, exposto acima. A questão financeira sempre foi um elemento importante na forma como Maria narra a si mesma cuidando de seu filho. Dentro desse vernáculo, a questão da ajuda monetária de seu próprio filho ganha um significado especial. Maria aceita receber os cuidados de seu filho – expressos de uma forma específica ao arranjo construído entre dois – justamente para que possa mantê-lo tranquilo, feliz e realizado em relação a si mesmo. Ela o faz, inclusive, para além de uma noção bastante importante para si mesma: a autonomia financeira. Se agrada a Reinaldo dizer que dá uma mesada para sua mãe, Maria aceitará a mesada, demonstrando que, nesse cenário, o dinheiro carrega diversas camadas de complexidade – que misturam afeto, preocupação, orgulho, contentamento, felicidade, atenção às vontades do Outro como uma forma de realização de si.

Assim, destaca-se a curiosa imbricação entre o cuidado de si e o cuidado de outros nas formas através das quais essas mulheres cultivam a si mesmas e realizam seus projetos e desejos pessoais – tendo, em seus filhos, interlocutores e mediadores importantes para essas atividades. Para mulheres como Sâmia e Maria, que se construíram como mães tendo Guto e Reinaldo no centro de um exercício de antecipação de necessidades, vontades e cuidados diversos, algo se conserva nesse novo cenário. Em certo sentido, a lógica que estabelece desejos e decisões a partir de um eu separado de outro – que não leva em conta a interconexão e a relacionalidade destacadas em cenários como os descritos nas entrevistas acima – simplesmente não dão conta de explicar o complexo processo através dos quais essas mulheres experienciam o cuidado de si após a saída de seus filhos de casa. O que vemos aqui é um agrupamento de instâncias: há um imbricamento entre relações construídas pessoalmente dentro de arranjos históricos de larga escala, que são vividas através de reiterações cotidianas do exercício da ligação mãe-filho através do cuidado como via relacional.

Mais do que isso, porém, é necessário notar que o investimento na relação já transformada com os filhos as leva em direção a uma nova maneira de organizarem suas

vidas. Não há, é necessário reforçar, uma substituição dos objetos de cuidado. Ao contrário, algo novo surge de sua antiga dedicação a seus filhos. Nesse sentido, esse processo é um dos exemplos através dos quais será possível vislumbrar as mudanças através das quais essas mulheres passam e ainda estão passando a partir das transformações práticas e subjetivas ligadas a saída de seus filhos e filhas de casa. A perspectiva do cuidado nos permite entender que os arranjos relacionais em que mulheres como Maria e Sâmia estão inseridas são parte fundamental dos elementos necessários para compreender como a saída dos filhos e filhas de casa afeta as maneiras pelas quais as mulheres que são mães vivem e descrevem a si mesmas.

Abaixo, retomo a importância do trabalho do cuidado e da distribuição do tempo no arranjo que coloca sobre a mãe a principal responsabilização pela gerência e manutenção das condições de bem-estar de seus filhos e filhas. Especificamente, tento decompor a complexidade das transformações nas maneiras pelas quais algumas de minhas entrevistadas relataram experienciar o tempo após a saída de seus filhos e filhas de casa, a fim de ressaltar as complexidades escamoteadas nas maneiras através das quais as mudanças nos arranjos do cotidiano se conectam a como essas mães vivem e descrevem a si mesmas.

7.1.3 Tempo livre e tempo esvaziado

Debruçando-me sobre um momento mais tardio na cronologia interna dos relatos de minhas entrevistadas, pude perceber que o uso de seu próprio tempo se tornou uma questão relevante para a forma como descrevem suas vidas. Não é difícil imaginar que a saída dos filhos e filhas de casa ocasione transformações importantes na rotina dessas mulheres – e quem lê este trabalho não errará se sugerir que, ao fim desse processo, essas mulheres terão mais tempo disponível em seu cotidiano. Contudo, parece-me fundamental atentar para as nuances presentes nas formas como a questão é abordada por algumas das mulheres com quem conversei. Assim, apoiando-me no objetivo de descrever as mudanças práticas e subjetivas pelas quais passam as mães cujos filhos e filhas saíram de casa, atendo-me agora aos detalhes das maneiras pelas quais essas mulheres vivem essas mudanças em suas vidas. Nas sutilezas do uso do tempo – principalmente no que se refere ao trabalho do cuidado realizado por essas mães – encontraremos uma importante consideração sobre a forma como ele é experienciado pelas minhas entrevistadas.

Começamos pelo relato de Atalia. Durante a última parte de sua entrevista, enquanto discutíamos com o que ela preenchia seu tempo agora que estava aposentada, ela menciona uma abertura trazida pela experiência de ter de lidar com uma casa sem seus filhos: "a gente

se anula pelos filhos... você não vive a sua vida... você vive a vida deles, em função deles e para eles. Então eu comecei a mudar essa visão." (ATALIA, 2022, Entrevista VIII). Essa mudança está inevitavelmente ligada à redução da carga de trabalho pelo cuidado dos filhos, pela qual Atalia era majoritariamente responsabilizada enquanto mãe. Com a reorganização de seu arranjo doméstico após a saída de seus filhos, a entrevistada conta que agora pode colocar-se no centro do uso de seu tempo:

eu acho que, após a saída deles, eu comecei a viver mais pra mim também... sabe? eu acho que... não que eu não tinha tempo. eu tinha tempo, mas o meu tempo era deles... então eu passei a me cuidar mais... ter tempo pra mim. Não sei se tá dando tempo pra entender... mas o que eu senti que ajudou foi isso aí. Aí comecei a ler mais, a estudar mais o que eu queria porque sobrava o tempo. Muitas vezes eu já não tinha nem o que fazer no meu tempo que sobrava. (ATALIA, 2022, Entrevista VIII).

Em diversos momentos ao longo de nossa conversa, Atalia contou que, hoje em dia, tem uma rotina frequente de exercícios físicos, pode se focar ainda mais no curso de inglês que começou a fazer quando seus filhos viajaram para fora do país e também goza de maior disponibilidade para dedicar mais esforço a sua comunidade religiosa – de maneira geral, Atalia se encontra com mais tempo em suas mãos. Contudo, se compararmos esse cenário às partes do relato da entrevistada que contavam sobre o período que recém sucedia a saída dos filhos de casa, perceberemos que o tempo que o tempo excedente após a saída de seus filhos não foi experienciado da mesma maneira:

E quando eles saíram de casa, a casa ficava arrumada e eu já não queria a casa arrumada, né... eu queria aquela bagunça deles, eu queria falar com eles "ó o tênis tá aqui", "guarda isso aí"... a geladeira... eu fazia as coisas e não acabavam, né... Então essa Síndrome que a gente chama de Ninho Vazio... ela é muito ruim de sentir... então muitas vezes eu me sentia a pior das mulheres... "poxa tenho dois filhos, mas não tem nenhum comigo" né... Essa foi a sensação que eu senti durante todo esse tempo que eles tavam fora. Como eu queria ouvir eles brigando, discutindo... e a casa tinha aquele silêncio... não tinha com quem conversar... tudo no lugar... eu falava "ai... não vou aguentar isso"... (ATALIA, 2022, Entrevista VIII)

Recuperando o excerto, anteriormente citado quando tratei da forma como a noção de Síndrome do Ninho Vazio aparecia no relato da entrevistada, vê-se que uma outra lógica regia a percepção do tempo experienciado por Atalia. A eloquência sintética com a qual a expressão consegue representar o espaço deixado pela saída de filhas e filhos na vida de suas mães – razão pela qual a maior parte das mulheres com quem conversei a inseriram em seus relatos – é parte central da compreensão dessa diferença nas maneiras de falar do tempo. Ainda que, no momento mais atual registrado pela entrevista, o espaço desocupado pelas responsabilidades

de cuidado em torno dos filhos seja lido como *tempo livre*, nota-se que, em algum momento desse processo, essa mesma abertura foi lida como uma espécie de *tempo esvaziado* – é sobre esta distinção que pretendo me debruçar ao longo deste tópico.

Se apropriando do corolário marxista que estabelece uma ligação direta entre trabalho e valor social, teóricas feministas como Linda Nicholson (1996) e Silvia Federici (1975; 2019) representam um movimento intelectual e político de larga escala que se volta para positivação da grande carga de atividades domésticas historicamente relegadas às mulheres nas sociedades moldadas à partir da modernidade europeia. A consideração das horas gastas por mulheres organizando e gerenciando os ritmos da casa, alimentando pessoas ou cuidando da saúde dos membros da família foi incorporada à análise feminista através de diversas estratégias argumentativas – que operavam uma mistura de críticas a um marxismo ortodoxo e da apropriação e desenvolvimento das ideias apresentadas na crítica da economia política de Marx. Se destacam a crítica do processo histórico de separação e hierarquização das esferas da produção e reprodução e a denúncia da falha na desconsideração da labuta própria ao meio doméstico, excluído das considerações sobre o que constituiria o núcleo relevante para pensar a economia de uma sociedade. Através dessa apropriação crítica, foi herdada a quantificação do trabalho (e de seu valor) através do tempo investido nesses processos.

Essa junção é necessária para entender o que "ter tempo para si" significa em relatos como os de Atalia. Enquanto recurso escasso, o tempo utilizado de uma forma não poderá ser empregado de outra. Finitas, as horas do dia dedicadas às práticas e disposições cuidadosas dos filhos não poderiam ser aplicadas de outra forma – não poderiam, por exemplo, ser investidas nos interesses pessoais dessa entrevistada, por exemplo. Por isso a antiga dedicação ao Outro correspondia à anulação de si. Tudo se passa como se, tendo tempo de sobra, Atalia tivesse acumulado um tipo de capital que poderá ser aplicado de acordo com suas vontades. Posto junto ao trabalho como estrutura de sua metrificação, o tempo é considerado como grandeza quantitativa: mais tempo significa mais recursos. No momento atual da vida – que junta sua aposentadoria e a saída de um de seus filhos de casa –, Atalia encontra um tipo de riqueza, de excedente que pode ser usado de diferentes maneiras.

Essa consideração quantitativa do tempo, porém, só consegue explicar um dos excertos apresentados acima. Ela contém o limite de conceder valor auto-evidente ao tempo, desconsiderando a diferença qualitativa através da qual a entrevistada experiencia o espaço em sua rotina dedicado ao cuidado de seus filhos. Se, eventualmente, o tempo livre passa a ser vivenciado como algo disponível e maleável, sabemos que esse nem sempre foi o caso. Em um primeiro momento, estar livre de ter que empreender mais esforços para reabastecer a

geladeira, para organizar a casa ou apaziguar a relação entre irmãos *não* significou o acúmulo de um bem utilizável, mas o esvaziamento de uma experiência através da qual o tempo era vivido. Diferente do momento atual, em que a entrevistada vive a disponibilidade e a liberdade de escolher onde quer investir seu tempo, o cessar dos encargos de cuidado ligados às figuras de seus filhos foi um momento triste e saudoso para Atalia: como via relacional, o trabalho envolvido no cuidar também representava a conexão com os filhos e o exercício de si enquanto mãe em relação a eles. Nesse contexto, à medida que a relação entre mãe e filhos passa a se apoiar em outros tipos de interação, a entrevistada passa a se enxergar como objeto viável de sua própria atenção cuidadosa e de seu investimento interessado.

A mesma dupla dinâmica aparece no relato de Mel – que, à época de nossa entrevista, lidava com a saída de seu filho mais velho há poucos meses. Depois de décadas de uma rotina atarefada, que conjugava trabalho, gerenciamento dos cuidados da casa e administração da estrita e volumosa rotina alimentar dos filhos, a entrevistada falou sobre como vive seu tempo livre atualmente. Mais do que isso, Mel reforça a possibilidade de investir tempo e cuidado em si mesma. Falando sobre os aprendizados com a saída de seu filho mais velho, ela diz:

eu aprendi que eu existo... eu aprendi que eu existo... porque eu sinto que eu vivia dia e noite... e com essa saída do Luiz me liberou muito tempo pra eu me voltar pra mim mesma entendeu... então eu descobri nesse meio tempo que eu acho que eu acho que eu existo realmente, que eu posso gastar mais tempo comigo, que eu posso gastar mais tempo comigo... numa massagem, numa ... então eu descobri que eu existo... é uma coisa bem interessante, mas eu acho que o maior aprendizado foi esse entendeu... que eu posso, sim, tirar uma tarde pra dormir a tarde toda... que eu não tenho um milhão de coisas pra fazer como eu tinha quando ele estava em casa. Que eu posso, sim, perder tempo com uma novelinha do Canal Viva que é de mil oitocentos e bolinha... (MEL, 2022, Entrevista VII)

Nesse tema, os relatos de Atalia e Mel também se aproximam. Contando sobre o momento da saída de Luiz, Mel relata sentir muita dificuldade em lidar com o fato de que ela não poderia continuar exercendo a mesma rígida rotina de cuidados alimentares em relação a seu filho mais velho, pela qual foi responsável desde o início de seu interesse pelo mundo da luta. A entrevistada conta:

o Luiz, esse de 29 anos... todo dia, eu não vencia fazer legume e a proteína, o legume, tudo dosado... daí ele é dono de uma loja... daí eu fazia a marmita dele pra todos os dias com a dosagem correta e tal... quando ele saiu de casa eu fiquei assim... primeiro perdida, logicamente... mas o que mais, assim, me judiou... muito preocupada, entendeu? Sabendo que ele chega muito tarde, muito cansado... eu queria ajudar e isso começou a gerar muito conflito entre a gente... ele começou... a gente começou a se desentender... e eu chorava... eu dizia "**filho, deixa eu te**

ajudar... não é assim... do dia pra noite você quer cortar... deixa a mãe fazer então. Vocês se viram na janta..." porque é assim... ele não tá morando com a namorada, mas quase. Ela tá lá várias noites e tal. Agora eles estão de casamento marcado pra setembro... então tudo isso me preocupava muito porque eu sabia que ele acordava às cinco da manhã pra ir pra academia e já emendava, já ia pra loja - a loja dele é num shopping - é sábado, domingo, é feriado... puta isso fica... ainda fica me preocupando muito porque ele não pode sair de lá... quer dizer... ele não tem um sábado, ele não tem um domingo... então... puta aquilo foi... no começo aquilo pra mim foi muito difícil sabe? Saber que ele ia chegar em casa tarde, cansado, exausto e ia ter que fazer a comida... então eu comecei a tentar ajudar e aquilo começou a dar um desentendimento. (MEL, 2022, Entrevista VII, destaques meus).

Mais a frente Mel retorna brevemente ao tema para contar um caso que exemplifica o conflito entre seu desejo de oferecer suas práticas e disposições cuidadosas para facilitar a vida de seu filho – que, por sua vez, tentava estabelecer os limites em torno de sua própria autonomia:

eu fiz um mercado pra ele que eu roubei escondido a lista deles e fui no mercado... eu quase apanhei! Eu achando que ele ia me dar um valor louco porque ele ia sair às oito da noite da loja, não ia ter que se enfiar em mercado... gente, eu quase apanhei! Ah foi muito difícil, sabe? E uma coisa é essa da saída dos filhos de casa. (MEL, 2022, Entrevista VII).

A mesma virada interpretativa é necessária para a compreensão da forma como cuidado e atenção às necessidades dos filhos surgem aos olhos de Mel. Além da inauguração de um novo conjunto de preocupações em relação o bem estar de seu filho inaugurado por sua saída de casa, vemos que a entrevistada não *escolheu* parar de realizar sua rotina de cuidado implicada na minuciosa organização da rotina alimentícia de um filho atleta cuidar – ela parece ter se sentido impossibilitada de fazê-lo. A saída de Luiz transforma o tempo, a atenção e o envolvimento com essas atividades. Primeiro, a entrevistada – que definiu o sentido da maternidade em sua vida como a sua paixão e o seu motivo de existir – disse se sentir perdida com o esvaziamento deixado pelo fim das práticas e disposições ligadas à alimentação de seu filho mais velho. Ser impedida de dar continuidade ao cuidado de seu filho causou-lhe preocupação e desorientação. Hoje, por outro lado, vemos que Mel se sente liberada. Mais do que isso, ela conta se sentir justificada em voltar-se sobre si mesma – apropriando-se do direito de usar seu tempo livre, a entrevistada conta poder descansar mais e focar-se em seu bem-estar. Tempo é dinheiro", diz o ditado. Contudo, a abstração e a impessoalidade que perpassam as trocas monetárias não se aplicam da mesma forma ao tempo, nesse caso: antes de se tornar espaço de investimento em si, a temporalidade do cuidado também continha a relacionalidade entre mãe e filho. A complexidade que marca a passagem de um cenário a outro, porém, só é compreensível a partir da distinção entre

esvaziamento e liberação do tempo experienciado por essa mãe depois da saída de seu filho de casa.

Diferente de outras mães que, como Atalia, lidam com a saída de seus filhos e filhas há algum tempo, Marisa me concedeu entrevista quando sua segunda filha, Teresa, estava prestes a sair de casa – à época, Érica, a primeira a deixar sua casa, havia se mudado há cerca de um ano. Esse talvez seja o motivo pelo qual o cenário apresentado pela entrevistada descreve uma complexa relação com um novo senso de liberdade para o uso do próprio tempo, trazido pela mudança no arranjo doméstico:

M: [...] veja, Henrique... quando você tem filhos pequenos você não é dona da sua vida. Sua vida é dominada pelos alunos... pelas filhas e tal... ((risos)) isso aí vai entrar como ato falho. E aí então é assim... a vida da gente é dominada pelos filhos e é tão bom porque... final de semana, o que você vai fazer? Ah... tem a festinha das amigas tal, tem a apresentação de não sei o que, tem que levar pra aula não sei do que... então você não define sua vida, sua vida é definida pelo outro. E quando sua filha sai ou ela resolve fazer amizade e ficar com os amigos e tal, te sobra um tempo em que quem tem que fazer a decisão sou eu! Eu tenho que fazer a decisão naquele tempo. E você sabe que você dizer "a culpa de tudo sou eu mesma" é muito duro pro ser humano... né... então é assim: "ai eu to cansada"; "eu to cansada porque eu estou cuidando dos meus filhos... o final de semana fiquei todo cuidando das minhas filhas... porque levei pra cá, fiz isso, fiz aquilo"... "Ah, no final de semana não fiz nada", "por que?", "não tinha nada pra fazer, não fiz nada", "epa, mas você tá jogando sua vida fora?"... mas é você mesmo que tá fazendo isso... de que quando você consegue jogar a culpa no outro do porque você fez... a gente sempre fala né que não tem que achar a solução, tem que achar o culpado. Então eu vejo muito isso assim... parece que você põe a culpa nos filhos da tua vida e é muito bom... e assim... e não era pesado, sabe? Eu gostava de ir lá na festinha infantil e comer brigadeiro... eu gostava de levar eles na piscina de bolinha... não é que eu fiz isso dizendo assim "ai que saco", mas eu não tinha que definir ir na piscina de bolinha, eu simplesmente chegava e ... por exemplo, lá na universidade sempre tinha festa das crianças... uma festa do dia das crianças... ah então eu sabia que naquela semana antes... do dia 12 de outubro... eu ia levar elas... minha agenda não era eu que definia... eram elas. Então isso é muito tranquilo pra vida d'a gente.

H: sim, sim... em certo sentido, a liberdade de escolha é também um peso né...

M: sim... é um peso... porque você pode escolher coisas bem ruins, mas agora... escolher coisas ruins, mas que a culpa não é minha... eu posso dizer "Ah mas..."

H: "não tive escolha"

M: "...não tive... tive que fazer isso". Agora, não... "eu fui fazer tal coisa e deu tudo errado", "é pra você ver... lide com isso" (MARISA, 2022, Entrevista XI)

Ainda que o tema do excerto citado acima conserve importantes semelhanças em relação às situações relatadas por Atalia e Mel, vemos na fala de Marisa uma elaboração diferente a respeito dos usos do tempo a partir da saída de suas filhas de casa. Prevendo uma mudança na disposição temporal experienciada a partir das transformações no arranjo

doméstico em que vive, a entrevistada antecipa com receio o peso de suas próprias escolhas a respeito do que fazer com o espaço aberto em sua rotina. Ao fim da citação, é possível notar um elemento central para o dilema descrito por Marisa. A maneira pela qual a entrevistada fala sobre quem leva a "culpa" pelas formas de usar e organizar o tempo indica que o eixo em torno do qual esse raciocínio é construído: sem as filhas, a estrutura de justificação da ação é abalada; o suporte para as escolhas a respeito do uso do tempo deixa de ter a mesma solidez.

O cenário descrito por Marisa continha, nos encargos maternos pelo cuidado de suas filhas, um efeito legitimador de si mesmo. Enquanto mãe – esse modo de se identificar vinculado a uma subjetivação herdeira de maneiras de enxergar o mundo e a si mesma a partir dos discursos sobre o amor materno e a relação entre mãe e filho veiculado nas sociedades influenciadas pela modernidade europeia –, a entrevistada dividia a responsabilidade pelas escolhas que pautavam o uso de seu tempo com uma estrutura coletiva que, delimitando o que uma mãe faz e como deve participar da vida de suas filhas, também lhe oferecia amparo subjetivo para enxergar justeza nessas decisões. A saída de suas filhas de casa parece abalar a construção subjetiva que tornava simples as decisões a respeito do tempo. Em seu relato, Marisa antecipa uma experiência de liberdade e desamparo. Enxergando a si mesma como única responsável por suas futuras escolhas na maneira de utilizar seu tempo, a entrevistada já não pode apoiar suas decisões na imediaticidade de justificativa e na aparente auto-evidência que o cuidado das filhas parecia oferecer. Enquanto vivia junto de Érica e Teresa, o nome coletivo "mãe" delimitava e, ao mesmo tempo, amparava subjetivamente as formas pelas quais essa mãe organizava seu tempo em torno de suas filhas. Em certo sentido, a entrevistada dividia com a Cultura – a partir de seu lugar social e história nela – suas decisões para o planejamento de seu cotidiano. Agora, Marisa encontra um espaço aberto em sua rotina – mais livre e, ao mesmo tempo, mais indefinido. Contudo, é necessário notar que a entrevistada conta estar se sentindo confiante para enfrentar os desafios dessa nova fase de sua vida:

[...] eu acredito que, olhando pra trás, vendo as situações que eu já vivi de elas irem pegando essa independência... que eu to triste, mas eu vou conseguir lidar e vou conseguir encontrar coisas bem interessantes pra fazer. Nem que seja... novas atividades, que de fato a vida é cheia de possibilidades... ou talvez a minha casa, que é uma casa grande... não sei o que eu vou fazer, porque... lá no fundo da minha casa tem uma edícula e ela tava vazia e tem um grupo de senhoras que vem, voluntárias, costurar aqui em casa. E eu acho uma coisa bacana... então talvez eu expanda as máquinas de costura delas pro quarto da Teresa... sabe assim... eu não sei o que eu vou fazer, mas eu acho que eu vou achar uma solução... mas eu fico pensando às vezes... "meu deus o que eu vou fazer com essa casa vazia? O que eu vou fazer com essa casa vazia?"... aí eu venho e, imediatamente, falo "não, mas... nas outras vezes eu já consegui lidar com a casa vazia... então eu vou conseguir lidar também", mas eu

penso assim... "o que eu vou fazer com o quarto da Teresa? Com o lanche que ela não vai estar junto?" - que a gente lancha sempre junto... mas ela já foi... a Teresa já foi meio que saindo de casa porque ela praticamente passa o final de semana na casa do namorado... então o final de semana... antes ela tava aí direto, agora ela passa na casa do namorado... ela trabalha das 7h30 às 15h30... mas, pelo menos, o lanche a gente sempre lanchava junto... e aí... ela vai lanchar à tarde... eu acho que é o certo, mas eu acho que eu vou sentir falta disso. Mas aí daqui a pouco eu vou aprender... sei lá... vou assistir, sei lá, séries da Netflix enquanto lancho... mas sabe, eu acredito que eu tenho elementos pra lidar com isso. (MARISA, 2022, Entrevista XI).

Tentando decompor a complexidade das transformações nas maneiras pelas quais algumas de minhas entrevistadas relataram experienciar o tempo após a saída de seus filhos e filhas de casa, é possível notar a complexidade escondida nas formas pelas quais as mudanças nos arranjos do cotidiano se conectam a como essas mães vivem e descrevem a si mesmas. Ao longo das últimas páginas, tornou-se perceptível que as relações dessas mães com aqueles e aquelas que deixaram seus antigos lares são constitutivas de diferentes maneiras. Essa relacionalidade se enraíza no dia a dia dessas mulheres, afetando não só quantidade de tempo dedicado a atividades de cuidado pelo Outro, mas também na qualidade da temporalidade experienciada.

Aos poucos, os capítulos vêm mostrando o desenvolvimento do processo de saída de filhas e filhos de casa na forma como essas entrevistadas vivenciam seu cotidiano e pensam sobre si mesmas. Esse, é necessário notar, também é um processo que permite vislumbrar o processo de envelhecimento dessas mulheres, sobre o qual esta pesquisa tem se debruçando, ainda que tangencialmente. Como lembram autoras tais quais Guita Grin Debert (1994), esse é um complexo processo, que não é simplesmente demarcado pelo afrouxamento de opressões relacionadas ao imaginário reprodutivo lançado sobre a vida das mulheres, mas também por importantes transformações multifacetadas e complexas. Vemos que uma miríade de fatores compõem as experiências das entrevistadas, que começam a perceber mudanças fundamentais nas formas como organizam suas vidas e gerenciam seu tempo. A terceira idade – lugar identitário (DEBERT, 1994) em direção ao qual essas mães caminham – contém em si características próprias: aberturas, mas também desorientações; desconstruções e reconstruções de vivências que permanecem profundamente marcadas por relacionalidades diversas. Dentre elas, me interessam as maneiras com as quais lidam com o afastamento de seus filhos e filhas (e os impactos desse cenário em suas vidas) e reorganizam elementos fundamentais de suas rotinas.

Aqui, vê-se que uma abertura inédita oferece a possibilidade (e a necessidade) de se voltarem sobre si mesmas para encontrarem novas formas de cultivarem a si mesmas e de

organizarem as escolhas em suas vidas. Sendo o uso do tempo uma forma de representar essa mudança, percebe-se que a distinção entre tempo livre e tempo esvaziado permite examinar detalhes importantes da trajetória registrada nos relatos dessas mães. Ela permite perceber que esse trabalho do cuidado, vinculado a modos de subjetivação herdeiros de modelos para a construção de uma relação entre mãe e filho, contém mais do que a distinção entre atividade e não atividade, entre trabalho e descanso, entre tempo consumido pelos cuidados dos filhos e filhas e um tempo independente de uso soberano. Nota-se que essas mulheres caminham em direção a uma maior autonomia pela reconstrução da rotina – o que provavelmente já seria possível se imaginar. Contudo, é fundamental que reconheçamos que há um intervalo dedicado aos próprios processos de *desconstrução* da antiga rotina – que acompanham os próprios processos de reestruturação do ritmo da vida.

A seguir, examino mais à fundo as transformações que marcam a identificação dessas mulheres enquanto mães, vivida através do tempo – e, portanto, marcada por transformações e continuidades que resultam de processos transpassados por contextos pessoais e por reverberações das estruturas coletivas de racionalidade através das quais vivem e descrevem a si mesmas. Essas mudanças remetem à uma forma específica de conexão que, em retrospecto, mostra-se constitutivamente importante para que essas entrevistadas sejam quem são hoje – e para que, além das muitas outras coisas que fazem de suas vidas, continuem reconhecendo a si mesmas como mães, ainda que de maneiras novas e próprias.

7.2 A perda e os contornos deixados por ela

A ideia de perda e seus efeitos transformativos atravessam os relatos de muitas das entrevistadas nesta pesquisa. De certa forma, muitas das páginas que compuseram esta tese até aqui se dedicam a compreender os efeitos do processo de separação entre mãe e filho na vida dessas mulheres. Esta seção, porém, será dedicada a pensar sobre os momentos de minhas entrevistas em que essas mães falaram especificamente sobre o medo de perder seus filhos e filhas ou discutiram a sensação de que estavam perdendo aqueles e aquelas com quem conviveram por décadas. Abaixo, sigo os objetivos desta pesquisa que se dedicam a caracterizar as mudanças práticas e subjetivas na vida dessas mulheres, bem como a compreender quais significados coletivos são angariados por elas para construírem os sentidos de seus relatos. Dessa forma, a discussão sobre a perda dos filhos e filhas e os contornos deixados por essas figuras na vida dessas mães possibilitará que entendamos a sociabilidade

constitutiva do Eu e os abalos provocados na subjetividade dessas mulheres quando essa relacionalidade passa por mudanças profundas.

Desde o começo dos períodos de realização de entrevistas para esta pesquisa, era possível notar a importância do tema nos relatos das mulheres com quem conversei. Algumas delas pareciam sentir que esse caminho as ajudava a expressar as emoções vivenciadas nos momentos particularmente agudos dos processos de saída de suas filhas e filhos. Ao longo desta seção do trabalho, sigo essas considerações em direção a uma reflexão sobre a perda e a relacionalidade expressa pelos contornos daquilo que se perde no eu quando alguém importante se afasta. Ao mesmo tempo, será possível entender como se relacionam a separação entre mãe e filho, a subjetivação maternal (herdeira de construções históricas sobre o amor materno e a relação entre mãe e filhos) e os regimes de cuidado estruturados de forma coletiva e assimétrica na experiência dessas mulheres.

Algumas entrevistadas trataram do tema, ainda que rapidamente. No quarto capítulo, enquanto mencionava que ser mãe é sua paixão, Mel falou sobre mulheres que perdem filhos em acidentes para dizer que seria o fim de sua vida – não havendo horizonte para imaginação do que o seu eu poderia ser sem o modo de subjetivação maternal, sem os filhos em relação aos quais pode definir a si mesma. Quando pedi para que Atalia descrevesse as emoções que marcaram sua experiência com a saída de seus filhos de casa, ela relatou aquilo que chamou de um sentimento "de perda... eu falei "perdi... não vai voltar mais" sabe? eu achava assim... eu achava que, por exemplo, o amor não ia ser o mesmo..." (ATALIA, 2022, Entrevista VIII). Falando sua experiência pessoal, Chica disse que, no início do processo de saída de seus filhos e filha, ela passou a experienciar o estranho sentimento de que estaria perdendo uma parte de si: "dá um medo assim... uma sensação... não sei nem te explicar sabe... de estar perdendo um pedaço d'a gente, sabe? (CHICA, 2022, Entrevista XI). A mesma ideia é reiterada por Carla, que também conta sobre uma sensação que persiste em suas vida após a saída de suas filhas: "Só que assim... eu ainda sinto, tenho consciência disso, mas eu ainda sinto elas fora de casa como se elas tivessem levado uma parte de mim, sabe? Nossa..." (CARLA, 2022, Entrevista V). Por sua vez, Marisa utilizou, de forma curta e pontual, a noção do luto para descrever o que estava sentindo. É possível perceber que a ausência de suas filhas opera uma mudança definitiva na superfície da topografia de sua subjetividade. Uma reconfiguração do espaço interno se impõe – e Marisa está disposta a encontrar uma forma de lidar com isso.

"[o vazio] vem como uma tristeza e ele vem como um indicador dizendo "olha, mudou. Mudou, não é mais assim... e nunca mais vai ser". É o nunca mais que é bem

pesado assim... nunca mais vai ser diferente. Então vamos correr atrás de achar uma solução pra isso [...] O "nunca mais" é muito forte. É uma morte né... é uma morte... eu to vivendo ali um luto. (MARISA, 2022, Entrevista XI).

A ideia da perda ronda os relatos das entrevistadas. Mencionadas acima estão apenas os momentos em que as mulheres com quem conversei fizeram referências verbalmente específicas ao tema. Todavia, os últimos capítulos têm mostrado as formas pelas quais a sensação de perda transpassa os dilemas enfrentados por essas mães ao, por exemplo, lidarem, com o confronto entre suas experiências de conexão com seus filhos e filhas e um itinerário normativo de desenvolvimento individual em nossa sociedade; ao tratarem da percepção exacerbada dos riscos aos quais esses filhos e filhas estariam expostos quando longe de suas mães; ou mesmo ao tentarem exercer determinado tipo de controle (ainda ligado a suas prerrogativas de cuidado enquanto mães) para evitar o afastamento daqueles em direção a quem essas mulheres elaboraram partes importantes de sua subjetividade. As dinâmicas pelas quais essas mulheres se relacionam com as atividades e os objetos de cuidado que evocam a presença de seus filhos e filhas ganha ainda mais importância quando percebemos que o signo da perda é parte fundamental das maneiras como as entrevistadas escolhiam se aproximar ou se afastar da memória daquelas e daqueles que saíram de casa.

Abaixo, porém, discuto o momento em que uma das entrevistadas dedicou tempo a discutir a questão em seu lado. Abaixo, trago um excerto da entrevista de Sâmia que já anteriormente citado. Quando discuti o cuidado como via relacional através da qual essas mulheres acessavam a presença de seus filhos e filhas, inseri na análise uma uma passagem do relato da entrevistada em que ela descrevia como se sentiu no dia da saída de Guto. Nota-se que o tema conserva grande carga emocional para essa entrevistada. Na forma como essa mãe descreveu a memória do que passou pela sua cabeça quando seu filho embarcou em um avião para fora do Brasil, vê-se que a sensação de perda é grande ao ponto de ser equiparada ao luto:

Quando ele entrou no avião, eu colocava a mão em mim, eu não achava... [Sâmia começa a chorar] ainda me emociona... respira... eu não me achava, sabe? Eu não me sentia ali. Era como se eu tivesse num aquário assim, vendo ele indo. E daí quando eu voltei pra casa **a sensação foi de luto, de velório assim... a sensação foi de velório.** Eu lembro que uma colega de trabalho tinha perdido o filho, assim, dias antes da viagem do meu filho — o menino faleceu na fila da faculdade, assim... e pra processar isso no dia seguinte?! Na verdade, eu sou muito dramática. Eu sei que eu sou dramática. **Mas a sensação que eu tinha é que eu tinha enterrado o meu filho.** Porque era muito longe. Eu falei “eu sou pobre, sou professora... como é que eu vou ter dinheiro...” porque eu lembro que a gente falava “tem que ter 10 mil reais pra ir”... eu pensava “como que eu, professora, com mais uma filha fazendo faculdade... eu tenho um fusca” que não vale nem 3 mil, não dava nem pra comprar a passar...

aí... ele foi. No dia seguinte eu acordei, corri pra cozinha e descasquei a manga... pronto... daí essa... porque daí o comedor de manga não tava ali. (SÂMIA, Entrevista I, 2021, destaque meu).

Elementos muito importantes, já vistos ao longo da análise do relato de Sâmia, retornam aqui. Para a entrevistada, seus limites financeiros faziam dessa uma separação drástica, que não conservava grandes esperanças de reencontro. Mais do que isso, vemos que entre as primeiras reações à sensação de que ela havia perdido seu filho se manifesta através do cuidado que marcou a relação entre Sâmia e Guto enquanto viviam juntos. Se, anteriormente, o excerto se ocupava com a menção aos esforços de Sâmia para acessar a sensação de presença de seu filho através de atividades cuidado que os conectava diariamente, agora devo puxar outro fio desse novelo: ao longo do relato da entrevistada, percebe-se a continuidade da comparação entre a saída de seu filho e o luto:

Quando eu olhava pra minha amiga que tinha perdido o filho dela por óbito... olha pra Rogéria... eu morria de dó da Rogéria, mas eu tinha dó de mim também. Eu falei “pelo menos o dela ela sabe onde tá” e o meu eu não sabia. Porque o dela não podia sentir dor e o meu podia - ele podia sofrer um atentado, ele podia sobre um bullying e eu não ia estar lá pra brigar.... porque eu sou uma mãe barraqueira... eu brigava pelos meus filhos. Eu brigo no trânsito... sou mesmo, não quero nem saber. E eu não ia estar lá pra defender o meu filho, que eu tinha defendido de um aborto, de uma negligência paterna... (SÂMIA, Entrevista I, 2021)

Duas coisas devem ser destacadas à luz da citação acima. Em primeiro lugar, é possível notar a especificidade da maneira como Sâmia conecta sua experiência à ideia de luto. Esse não é o luto de uma pessoa morta, mas de uma pessoa viva – que ainda é vista como necessitada de cuidado, mas por quem esse cuidado não pode ser realizado. A perda expressa pela entrevistada não se refere ao fim da vida de alguém, mas à continuidade de uma vida posta às margens da antiga relação entre mãe e filho através da qual Sâmia construiu a si mesma. Mais do que isso, percebe-se que a descrição da sensação de luto elenca alguns dos elementos fundamentais da relação entre essa mulher e seu filho. As citações acima parecem resumir uma situacionalidade específica do contexto da saída de Guto, na maneira como é relatada por Sâmia: vemos o limite financeiro que faz dessa uma grande separação; é possível notar a menção às atividades do cuidado que marcaram seus respectivos lugares na ordenação de uma rotina própria; para além, é mencionada também a luta dessa mãe para defender seu filho da violência paterna – que aqui se contrapõe a sua impotência em defendê-lo fora de casa. Nesse sentido, assim como a perda fala sobre espaço deixado pelo que foi perdido, o luto descreve partes centrais da relação entre Sâmia e Guto.

Trago os trechos das entrevistas destacados acima porque acredito que o luto e a perda carregam consigo componentes fundamentais para que discutamos as mudanças experienciadas por essas mulheres e as formas pelas quais elas permitem compreender mais profundamente como o processo da saída de filhos e filhas de casa afeta as maneiras pelas quais essas entrevistadas vivem e descrevem a si mesmas enquanto mães. Para que seja possível vislumbrar a profundidade desse processo, escolho pensar o luto e a perda nos relatos das entrevistadas através dos escritos tardios de Judith Butler sobre o tema.

A profundidade dos efeitos do luto é discutida a fundo pela primeira vez na obra butleriana ao longo do segundo capítulo de *Problemas de gênero* (2019). Publicado originalmente em 1990, o texto apresenta, entre outras empreitadas analíticas, a proposta de entender a heterossexualidade a partir de uma perda que lhe é constitutiva. Apropriando-se da ideia freudiana de melancolia e seus efeitos na formação do caráter individual, Butler (2019) argumenta que a proibição do reconhecimento de um desejo mais amplo é parte fundamental das delimitações que circundam a matriz do desejo heterossexual. A partir dos anos 2000, em textos como *Vida precária* e *Undoing Gender* (ambos originalmente publicados em 2004), a autora passa a explorar ainda mais os aspectos relacionais elucidados por uma consideração política do luto. As experiências estadunidenses com os atentados de 11 de setembro de 2001 estimulam Butler a reorganizar o luto conceitualmente, como um denominador comum que permita colocar a vulnerabilidade – essa exposição do Eu aos efeitos das ações do outro ao qual estou conectado, de alguma forma – de forma política:

[...] somos constituídos politicamente em parte pela vulnerabilidade social dos nossos corpos - como um local de desejo e de vulnerabilidade física, como um local de exposição pública ao mesmo tempo assertivo e desprotegido. A perda e a vulnerabilidade parecem se originar do fato de sermos corpos socialmente constituídos, apegados a outros, correndo o risco de perder tais ligações, expostos a outros, correndo o risco de violência por tal exposição. (BUTLER, 2019 p. 40).

Existe, devemos lembrar, uma outra camada pela qual a constituição política dos corpos nos liga a uma vulnerabilidade socialmente gerada: corpos – não corpos "em si" (essa abstração que só existe se retirarmos a história e a linguagem da equação), mas corpos transpassados por inúmeros marcadores da diferença social – são constituído através de posições subjetivadas de formas específicas. Essas situacionalidades têm, como consequência, tipos próprios de vulnerabilidade (física, financeira, mas também emocional e subjetiva). Em termos gerais, Butler concebe vulnerabilidade e conexão como dois lados da mesma moeda. Mais do que pensar "O Corpo" como unidade ontologicamente vulnerável, é necessário

pensar os *corpos subjetivados* (e, portanto, localizados histórica e socialmente) como para que possamos compreender de forma empírica como a saída dos filhos e filhas de casa afeta as maneiras pelas quais as mulheres que são mães vivem e descrevem a si mesmas.

Nesse sentido, é necessário caracterizar o lugar ocupado pelas mães que participam desta pesquisa para que seja possível falar das vulnerabilidades que constroem o lugar subjetivo ocupado por essas mulheres. Há, como discutido no quarto capítulo, uma despossessão frente a linguagem que oferece o nome "mãe", com o qual essas mulheres se identificam – e do qual elas se apropriam para construção de suas vidas dentro de seus arranjos familiares. A subjetivação maternal oferece um eixo de referência para a experiência dessas mulheres *enquanto mães* – em troca, os discursos sobre a maternidade entremeiam-se em suas vivências a partir de construções históricas sobre o que esse nome significa e como deve ser vivido. Essa amálgama entre estrutura e ação contém, como consequência de sua socialidade, fragilidades próprias ao conjunto de laços sociais no qual estão inseridas. O amor materno – essa construção histórica que permite organizar formas de pensar, sentir e descrever-se – oferece uma subjetividade estável, mas particularmente vulnerável frente à saída dos filhos e filhas de casa. As décadas de cuidado e de trocas afetivas construídas sob a égide da relação mãe-filho tornam essas mulheres especialmente suscetíveis às dores e desafios que marcam o processo sobre o qual tenho me debruçado até aqui. Como visto ao longo do trabalho, essa vulnerabilidade as acompanha em suas rotinas diárias, em seus planos de vida, em sua alimentação, em seu sono e em outros diversos aspectos de seu cotidiano.

Ao longo de *Vida Precária* (2019, p. 48), Butler discute o que poderíamos chamar de uma distribuição geopolítica da vulnerabilidade. Através dessa ideia a autora pretende discutir a assimetria dos regimes de vulnerabilização para falar sobre os diversos níveis de precariedade enfrentados por pessoas localizadas em diferentes contextos e locais. Para o cenário que marca esta pesquisa, poderíamos falar sobre uma distribuição social da vulnerabilidade emocional e subjetiva – na qual a figura da mãe ocupa o lugar de algo como um grupo de risco. À medida que o lugar oferecido pela cultura através do nome "mãe" traz consigo expectativas e pressuposições, percebe-se que, enquanto sociedade, pedimos dessas mulheres que cultivem um conjunto de vínculos subjetivos e afetivos em relação a seus filhos de maneira intensa. Pedimos que as pessoas que se tornam inteligíveis através desse nome construam sua vida em volta da figura dos filhos e filhas. Depois, criamos um itinerário normativo para o desenvolvimento pessoal em que o afastamento desses filhos e filhas deverá ser visto como apenas mais parte da vida, sem que concedamos, enquanto sociedade, o espaço apropriado para que as dificuldades enfrentadas por essas mulheres nesse momento sejam

dizíveis e reconhecidas. Essa é a caracterização do lugar em que colocamos as mães no que poderia ser o mapeamento de uma distribuição social da vulnerabilidade emocional e subjetivo: pedimos que construam a si mesmas em torno de uma relação para que, mais tarde, peçamos que abra mão dessa relacionalidade – como se isso não afetasse como essas mulheres vivem e descrevem a si mesmas..

Assim, a construção social da mãe é a chave interpretativa através da qual conseguimos entender como a saída dos filhos e filhas toca em um lugar particularmente exposto nas subjetividades dessas mulheres. Mais do que isso, essa junção é fundamental para compreender o que a sensação de perda e as comparações com o luto contidas nos relatos das entrevistadas nos dizem sobre a importância da relação com filhas e filhos que saíram de casa para que essas mulheres sejam quem são. A relacionalidade constitutiva contida nos nomes com os quais nos identificamos aponta para a constatação de que, quando aqueles em relação aos quais definimos a nós mesmos mudam, somos obrigados a mudar também. A respeito disso, Butler diz:

Mas talvez, quando passamos pelo que passamos algo sobre o que somos nos é revelado, algo que delineia os laços que mantemos com os outros, que nos mostra que esses laços constituem o que somos, laços e elos que nos compõem. Não é como se um "eu" existisse independentemente aqui, e então simplesmente perdesse um "você" ali, especialmente se o apego ao "você" é parte do que compõe o "eu". [...] **De certa maneira, acho que perdi "você" apenas para descobrir que "eu" desapareci também.** (BUTLER, 2019, p. 42, destaques meus).

Essa maneira de explicar o efeito do luto delineia o espaço deixado pelo Outro em nós, como o buraco que um livro retirado da estante deixa na miscelânea de lombadas que antes formam uma única imagem amalgamada. Por isso, a perspectiva relacional do cuidado abordada anteriormente é tão importante para toda essa análise. Relacionar-se com um Outro é construir esse Outro para si – uma versão desse Outro tão parcial quanto todas as outras e que, em cada contexto relacional, é temperada pelos aspectos que caracterizam essas relações pessoais. O luto e a sensação de perda ligados da saída dos filhos e filhas que saem de casa permitem, delimitando o espaço deixado por essas pessoas, compreender retroativamente qual lugar elas ocupavam antes na vida subjetiva dessas mães. Nesse sentido, ganha ainda mais importância o excerto da entrevista de Carla, mencionado no quinto capítulo deste trabalho, quando a entrevistada fala sobre os sentimentos experienciados quando sua filha mais velha decidiu sair de casa:

Porque... pra mim... sabe... acabou meu mundo... "o que que eu fiz pra essa menina? Cadê o meu bebê que eu tava sempre ali?! Cadê?" sabe... e daí também, sabe... o meu marido não entende... os homens... é mais difícil pros homens entenderem, sabe... eles não entendem... você fala assim "é aquele ser que saiu das minhas entranhas e tá indo embora!" e ele não entendia isso, sabe? (CARLA, 2022, Entrevista V).

A relacionalidade constitutiva do eu – experienciada através da subjetivação derivada de discursos e imaginários herdeiros de construções históricas e sociais – expressa um tipo de conexão particularmente profunda para mulheres como Carla. Isso porque a socialidade do *self*, da qual fala Butler (2004), indica a constante exposição à possibilidade da desestabilização de uma parte de nós. Se somos seres relacionais, então a mudança daqueles e daquelas junto de quem nos constituímos implicará – queiramos ou não – que passemos, nós mesmos, por transformações subjetivas. Dessa forma, a transmutação simbólica de Eduarda – não mais um bebê, mas uma mulher adulta que escolhera deixar seu antigo lar – compele Carla a perceber que parte das formas como agia e pensava sobre si mesmas (em relação à sua filha) iria mudar. Se identificar como "mãe" agora significará outra coisa porque *ser mãe* é, ao mesmo tempo, identificar-se com um nome coletivo e conectar-se a um conjunto específicos de pessoas (*ser mãe de alguém*).

Outro elemento trazido na fala de Carla pode agora ser revisitado para pensar a relacionalidade expressa pela sensação de perda. Assim como Chica, em trecho mencionado no início deste tópico, Carla também relata que parte da dificuldade em lidar com a saída de suas filhas se conecta ao fato de sentir que suas filhas são partes dela – de suas entranhas – que estão indo embora. Mas o que esse tipo de afirmação quer dizer, nesse contexto? De saída, esse tipo de percepção significa uma implosão absoluta da separação atomista entre indivíduos perfeitamente delimitados e subjetivamente impermeáveis ao que vem "de fora". Há uma certa porosidade – efeito de uma interdependência fundante – que indica um senso de composição do Eu que partilha algo com o que existe em torno dele. De trás para frente, essa expressão estabelece uma cronologia: antes era eu; uma parte de mim saiu de mim; essa parte é você. Contudo, se uma parte de mim é o Outro, vê-se que esse Outro compunha, desde o princípio, o que eu entendia ser "apenas" eu. No caso dessas mães, enxergar-se na figura das filhas e filhos com as quais se relaciona significa ver nessas pessoas uma parte de mim – e vice versa. É reconhecer uma identificação, uma versão de mim que não sou eu – impressa no Outro, incorporada nele.

A ontologia da relação que pauta a proposta epistemológica do cuidado apresentada por Gilligan (2013) importa aqui mais do que nunca. O cuidado – especialmente o cuidado vivido por mulheres que se identificam com a maternidade (esse lugar socialmente construído e historicamente sedimentado de práticas e significados) – é, por excelência, o guia para compreender a complexidade dessas trocas: não dependemos uns dos outros apenas de forma prática. A interdependência que nos constitui não tem apenas a ver com as tarefas sem as quais a manutenção da vida e do bem-estar é impossível. Caso contrário, o alívio da responsabilidade por esse tipo de atividade não reverberaria de forma tão profunda e ambígua na vida das entrevistadas.

Contudo, como a citação de Carla mostra, o luto e senso de perda que atravessa os relatos de algumas dessas entrevistadas nem sempre encontra espaço para ser expressado e acolhido. Essa e outras entrevistadas não conseguem falar com seus maridos a respeito desse sentimento. A vida enlutada não é posta em questão. Atalia, por exemplo, conta ter se sentido sozinha ao longo dessa experiência:

olha... eu me senti muito só... porque o meu marido falava assim "você tá chorando por que? Eles tão indo pra uma coisa boa!" e eu queria um afago, eu queria um carinho, um entendimento... mas eu não queria chorar perto deles num sentido de... pra dar força: "vai ser legal mesmo, vai ser ótimo... eu não queria que demonstrasse isso aí... até o momento em que eu não consegui mais. Porque eu chegava com o olho lá... e eles até brincavam "ih... lá vem a mãe... Para de chorar mãe", não sei o que que tem... (ATALIA, 2022, Entrevista VIII).

A contradição entre querer os filhos por perto – que, aqui, se conecta à sensação de perda experienciada por Atalia – e a lógica de incentivo à sua independência, explorada no quinto capítulo deste trabalho, retorna de forma aguda na experiência dessa entrevistada. Aqui, a ambiguidade desse lugar se converte na incomunicabilidade dos sentimentos vividos por essa mãe. Sem pares para suas experiências dentro de casa, Atalia se vê só, sem a possibilidade dar vazão ao emaranhado de sentimentos que caracterizam a perda vivenciada por ela.⁹⁰

⁹⁰ A incomunicabilidade da experiência da perda nem sempre responde à ausência de interlocutores. Cláudia, por exemplo, conta que evitava compartilhar seus sentimentos e angústias a respeito da saída de Beatriz com sua própria mãe justamente por antecipar o impacto desse tipo de notícia sobre sua própria mãe. A ausência da neta surge como um problema a ser evitado. Contudo, como veremos na citação abaixo, ver-se como mãe cuja filha saiu de casa constrói nessa entrevistada um tipo específico de empatia cuidadosa, que mimetiza de forma inversa a falta que a avó de Beatriz sente de sua filha:

"por exemplo, com a minha mãe eu não dividia nada do que eu sentia porque era um sofrimento duplo que eu sentia... porque era um sofrimento duplo pra ela. Porque ela sofria porque eu não tava lá - porque eu não to perto - e ela também sofria porque a Beatriz tinha viajado. Ela também tinha medo pela neta dela lá. Então a minha mãe quando ela... "não, mãe, tá tudo ótimo. Ela tá ótima! Ela mandou beijo".(CLAUDIA, 2022, Entrevista III).

Sâmia, que teve um relacionamento com outro homem depois de seu antigo casamento e antes de sua relação atual, conta que também teve de lidar com o que considerou ser uma falta de respeito a seu processo pessoal com a perda de seu filho:

Eu tinha um companheiro na época que era egocêntrico... que ele achou maravilhoso o Guto ir embora porque ele queria, né, talvez o afeto que eu dispensava pro Guto, os cuidados que eu dispensava pro Guto. Ele queria pra ele. E acabou que o Guto foi embora e o meu companheiro foi logo depois, em seguida. Porque o que é do meu filho é do meu filho. Eu não vou dividir com ninguém. Não vou substituir né. Ele queria trazer a filha dele pra casa, pra ficar no quarto do MEU filho, usar o computador que o MEU filho usava, usar o espaço que o MEU filho usava e eu não aceitei. “Ah você substitui”... falei “não tem substituição”. (SÂMIA, 2021, Entrevista I).

Diferente de Atalia, Sâmia encontra uma forma de comunicar enfaticamente os limites para a partilha de sua experiência. Novamente, a relacionalidade expressa através da perda surge no relato da entrevistada. A impossibilidade – e a indisposição – de substituição mencionada acima deriva justamente da especificidade do lugar ocupado por Guto na forma como essa entrevistada vive e define a si mesma enquanto mãe. Outra pessoa não se encaixaria na silhueta do espaço deixado por esse filho na forma como Sâmia organiza sua subjetividade. “Não há substituição” porque os traços dessa relação entre mãe e filho são, de certa forma, intransferíveis.

A complexidade dessa experiência é comumente achatada por perspectivas que, precisamente por não terem partilhado a mesma relacionalidade construída sob a égide da relação historicamente localizada entre mãe e filho, não vislumbram o que essa mudança significa na vida dessas mulheres. Se não vivem a modalidade de relação incorporada por essas mães, como poderiam compreender a gravidade desse processo em suas vidas? Existe, para essas entrevistadas, não um lugar de fala, mas um *lugar de luto*: uma experiência situada de forma específica, caracterizada pela particularidade de sua posição em meios a processos históricos de subjetivação e pela singularidade de suas relações com seus filhos e filhas. Assim, essa combinação entre inserção em contextos históricos específicos e vivência de uma trajetória relacional permite mostrar que processos aparentemente simples e passageiros das vidas dessas mães são, na verdade, dotados de uma sedimentação histórica forte, vivida a partir de uma interconexão específica – como dito acima, intransferível.

Veja, aqui há algo de muito importante para mim, para o objetivo da pesquisa a qual me dedico no momento. Me interessei pelas experiências das mulheres que têm de lidar com a saída de seus filhos de casa. Ainda que a gravidade da saída de um filho de casa nem sempre possa ser equiparada ao luto, me parece bastante viável uma comparação a nível das

possibilidades para se pensar o efeito transformativo da perda e as pistas que ele deixa a respeito dos elementos constitutivos do self. Se o gênero e a sexualidade (esses delimitantes e possibilitadores dos corpos sujeitados através de uma matriz heterossexual do desejo) não são uma posse, mas um modo através do qual somos despossuídos de nós mesmos, considerar a maternidade também como uma dessas maneiras através das quais nossa existência se dirige a uma alteridade própria da socialidade de nosso *self* é parte fundamental do esforço de compreender como a saída dos filhos e filhas de casa toca as formas pelas quais essas mulheres vivem e descrevem a si mesmas enquanto mães. Na medida em que luto e identidade fazem parte de um mesmo sistema em que o Eu precisa de um Outro em relação ao qual pode constituir a si mesmo para se completar, então a saída do filho muitas vezes pode ser experienciada como a perda desse referencial relacional. Essa perda carrega consigo consequências transformativas na vida das entrevistadas. A saída dos filhos e filhas de casa significa a necessidade de reorganização do Eu frente a desestabilização parcial causada por inúmeras mudanças de ordem prática – rotinas de cuidado, formas de planejar e usar o tempo, maneiras de organizar o ambiente doméstico, entre outros – e de ordem subjetiva – reconstruindo expectativas, propósitos e investimentos pessoais – na vida dessas mulheres.

Por esse motivo, a próxima seção se dedica a compreender como esse movimento de reorganização de si e de reestruturação das relações entre essas mães e seus filhos e filhas aparece nos relatos das entrevistadas. A partir dessa análise, será possível entendermos a perda como parte de um processo constante de construção da própria subjetividade, ainda em curso na vida dessas mulheres. A saída de seus filhos e filhas de casa é sentida como uma perda e vivenciada por muitas das entrevistadas como uma forma de luto. Ainda assim, como veremos a seguir, esse não é o fim da relação entre essas mães e esses filhos – e assim como ela persiste, também reconfigura-se o processo de construção do Eu em relação ao Outro.

7.3 Ser mãe *através do tempo*

Tendo entendido o efeito transformativo da perda, agora é hora de acompanhar as reverberações e mudanças experienciadas por essas mulheres na forma como vivem suas vidas atualmente e como se relacionam com seus filhos e filhas hoje em dia. Abaixo, será possível notar que muitos dos temas já discutidos anteriormente ao longo deste trabalho reaparecerão de novas formas, a partir de um tom mais resolutivo e aberto. Durante a realização das entrevistas, a maior parte dos trechos analisados para esta seção do trabalho surgiram quando eu e as mulheres com quem conversei falávamos sobre os aprendizados adquiridos ao

longo do processo da saída de suas filhas e filhos de casa. Veremos que preocupações, percepções de risco e expectativas a respeito das formas como aqueles e aquelas que saíram de casa decidiram viver suas vidas aparecem de forma mais pacificada – ainda que, para algumas delas, essas questões não estejam simplesmente "resolvidas". Mais do que isso, veremos que a identificação enquanto mãe também se transforma: ela conserva alguns elementos fundamentais desse arranjo relacionais e, ao mesmo tempo, ganha novos contornos e novos eixos em torno dos quais é construída.

Começemos pelas maneiras através das quais algumas das entrevistadas relataram experienciar mudanças na ânsia e expectativa de intervir na vida de seus filhos e filhas visando seu bem-estar, bem como na percepção dos riscos aos quais estariam expostos. Algumas entrevistadas contam que as preocupações com o bem-estar de seus filhos e filhas – ligadas a uma percepção de risco especificamente advinda do lugar de principal responsável pelos seus cuidados e seu bem-estar – hoje se encontram amenizadas. Carla, por exemplo, conta que aos poucos conseguiu se desvencilhar da vontade de interceder por Eduarda, entendendo-a como adulta e responsável pelas próprias decisões:

Por incrível que pareça... poxa... assim... eu me preocupo né... é natural... mas eu não perco mais noites de sono por causa disso... e antes eu perdia noites de sono, perdia fome... às vezes perdia até um evento que tinha... "ah... não to afim de ir", "mas por que?", "não, não quero ir"... perdi alguns por causa disso, sabe? Eu ficava pensando "meu deus o que que a Duda vai fazer..." e não sei o que... e daí eu queria falar pra ela, mas eu não queria me intrometer sabe assim... ser intromissiva... perdi... hoje não... hoje, assim... "a decisão é sua"... não perco mais... foi difícil, como eu te falei... foi difícil... um dia depois do outro... todo dia um pouquinho pra me desvencilhar... na verdade não me desvencilhar... é entender que ela é uma adulta e as decisões são dela... é isso que eu tenho em mente, sabe... porque antes, não... eu sempre achava assim... "é uma criança! Ela não sabe o que ela tá fazendo!" sabe? meu deus! Hoje não... ela é uma adulta e ela vai... tem que saber o que ela vai fazer. (CARLA, 2022, Entrevista V).

Chamo atenção para a desambiguação operada pela entrevistada no excerto acima. Explicando os processos pelos quais passou até que a saída de sua filha não lhe causasse a mesma dor sentida quando Eduarda deixou seu lar pela primeira vez, Carla enfatiza uma distinção importante: o esforço não era o de se desvencilhar de sua filha, mas de entender que as decisões delas não mais necessitariam passar pelo crivo de sua mãe. No lugar de reforçar a separação, uma reinterpretação da figura de Eduarda ajuda essa entrevistada a lidar de maneira mais salutar com as escolhas de sua filha. Como dito anteriormente, a inteligibilidade de filhos e filhas como *sujeitos de cuidado* surgia como elemento principal para que essas

mães antecipassem (de forma grave e alarmada) os riscos e dificuldades que essas figuras poderiam enfrentar numa vida fora de casa. Eduarda passa por uma transmutação aos olhos de sua mãe, que passa a enxergar uma adulta (capaz de lidar com o peso das próprias decisões) onde antes via um bebê (cuja existência era reconhecida sob o signo da dependência). Apropriando-se do discurso que liga o adulto à independência e à autonomia, Carla associa o reconhecimento da existência de sua filha à confiança de que ela poderá escolher bem por si mesma e saberá o que fazer com suas escolhas. Dessa forma, a mudança iniciada pela perda se consuma quando essa mãe encontra uma nova maneira de tornar inteligível essa outra pessoa em relação a qual pode viver e descrever a si mesma enquanto mãe.

Em um sentido parecido, Mel ressalta que tem exercitado a confiança na capacidade de discernimento e autonomia de seu filho mais velho em cuidar de si mesmo:

uma coisa que eu busquei fazer é assim... eu deitava e pensava assim ó... "eu não posso sofrer... ele está com saúde, ele está bem ... 'ah porque vai chegar em casa morrendo de fome', ele não vai morrer de fome. ele vai... tudo vai..." e outra, daí assim, como eu tenho medo que ele sofra por essa... essa exigência dele com ele mesmo, entendeu? Ele não pode... Deus o livre ele comer no restaurante que tem lá no Shopping da loja porque daí ele vai comer tudo errado!... eu dizia "filho... sabe... come onde der"... e eu fica incomodada... meu deus... aí agora eu penso assim... "ele não é idiota..." a hora que ele ver que não deu, não deu pra fazer a marmita bem correta com carboidrato, com proteína, ele não vai morrer de fome, ele vai ter que comer qualquer coisa. Então eu tento pensar assim quando me vêm os nervos. (MEL, 2022, Entrevista VII).

Ainda que a noção de autonomia esteja presente no trecho do relato da entrevistada citado, é central ressaltar que essa não é a simples *resolução* de um conflito. Assumindo essa via analítica, estaríamos incorrendo no mesmo equívoco criticado por Gilligan (2013) a respeito dos principais paradigmas do desenvolvimento moral examinados por ela em seu trabalho acadêmico. Não há como negar a importância da ideia de autonomia para o curso de vida dessas mulheres e para a forma como enfrentam os dilemas postos pela saída de seus filhos e filhas de casa. Contudo, ela só poderá ser compreendida em sua profundidade e complexidade se entendermos que a resposta às indagações de Mel sobre o juízo de seu filho – "ele não é idiota" e saberá o que comer caso não possa preparar suas refeições – surgem já como respostas à uma disposição cuidadosa desenvolvida a partir de uma subjetivação ligada a um conjunto de discursos historicamente localizados sobre a maternidade e vivida a partir da especificidade *dessa* relação entre mãe e filho. A entrevistada não está *resolvendo* uma questão moral, como se tivesse demorado mais para chegar ao resultado correto para o amadurecimento normal ou algo do tipo. Mel está reorganizando a forma como vive e

identifica-se *enquanto mãe* a partir da transformação de condições nas quais a relacionalidade dessa experiência está posta.

Para Nida, por outro lado, o mesmo aprendizado expresso por Carla existe paralelamente à constatação de um contraste marcante. Recuperando e expandindo um trecho de sua entrevista citado no quinto capítulo, peço atenção a convivência de duas formas através da qual encara a situação vivida por ela a partir da saída de Tulio e Isabela:

Olha... o aprendizado que acho que fica pra mim é que a gente tem que admitir que são seus, mas que eles também têm que cuidar da vida deles. Então eu também não tenho muito direito de interferir, de falar "não faça, não vá"... que é a vida deles... mas é um aprendizado que você sabe, mas que não encaixa muito bem pra mãe, sabe? Num sei te explicar mas é... é interessante esse lado que você abrir mão, você tem que acreditar e você tem que né... Então eu tinha um medo muito grande de Curitiba... um medo muito muito grande de Curitiba. Quando eu conheci Curitiba, senti uma segurança... porque os tubos dá segurança pra você circular né... é muito melhor do que São Paulo... é lógico que você tem que ficar atento. Mas agora eu falo pra Isabela "viu, Isabela, só graduação tá bom né? Pra prestar concurso aqui pra Registro" [risos]. (NIDA, 2022, Entrevista VI).

No relato da entrevistada, há uma coexistência entre, de um lado, o desapego pretendido pelo aprendizado do reconhecimento da autonomia de seus filhos e, de outro, o apego a seu bem estar, derivado de sua identificação enquanto mãe e da relação de cuidado construída junto de seus filhos. Assim como discutido anteriormente, aqui vemos a saída de casa como o tema que habita uma complexa fronteira entre a lógica da independência enquanto separação e a lógica do cuidado enquanto conexão entre mãe e filho. Para a entrevistada, a ideia de admitir a inviabilidade de interferir, cuidar e, em alguns sentidos, controlar a vida de Túlio ou Isabela é, ao mesmo tempo, um aprendizado importante e uma lição que diverge do que ela sente ao identificar-se com a figura da mãe. Assim, Nida permanece com a questão: se vê tensionada em sentidos diferentes, que convivem em sua própria trajetória sem que uma síntese precise ser claramente delimitada.

Para outras entrevistadas, como Sâmia, esse também é um momento de reorganização da sensação de perda expressa anteriormente. Ao longo de nossa conversa, essa mãe conta que a construção de uma complexa relação à distância produzisse mudassem importantes no lugar ocupado pela saída de seu filho em sua história pessoal:

Então essas vivências fossem fazendo com que eu amadurecesse e visse assim: o Guto está longe, mas ele continua sendo meu filho. Aí eu tirei aquela imagem que eu tinha da Rogéria, aquela minha amiga que perdeu o filho por óbito... eu fiquei pensando. "o meu filho... mesmo que eu não saiba onde ele estar, eu posso ver através da tv,

através do celular, do computador... eu tenho um filho! Eu posso pegar a mão do meu filho quando eu for ou quando ele vier.” (SÂMIA, 2021, Entrevista I).

Tendo em vista a trajetória registrada ao longo dos trechos do relato de Sâmia, talvez fosse ingênuo esperar que o que ela mesma denominou como um "egoísmo" em relação aos projetos que tinha para sua vida com seu filho e sua filha simplesmente desaparecesse. Ainda assim, é fundamental notar que o distanciamento entre a entrevistada e Guto – lido anteriormente através do signo da perda, do luto – agora possa ser interpretado sob uma nova perspectiva. Como a luz que entra pelas frestas das portas fechadas, a relacionalidade retorna. Conexão e presença passam a fazer parte de um novo emaranhado de sentidos. Se, antes, a ausência do filho fazia com que Sâmia temesse a possibilidade de nunca mais encontrá-lo, agora, ela ressurge como seu oposto: a ausência de seu filho significa a potencialidade de um reencontro sempre possível. Sete anos de atribulações, desafios e reestruturações internas carregam essa entrevista de um lado ao outro do velho ditado que sobrepõe o copo meio vazio e meio cheio. Em meio a todas as transformações pelas quais mãe e filho passaram ao longo desse processo, certas continuidades inerradicáveis – especificamente, a relacionalidade subjetiva através da qual Sâmia construía a si mesma a partir da figura de Guto e as trocas de disposições e atividades cuidadosas que permeiam até hoje a ligação afetiva e prática entre os dois – trouxeram Sâmia até a constatação de que ela continuará sendo mãe, ainda que essa identificação agora carregue novos sentidos, adquiridos ao longo dessa trajetória.

Ainda é importante notar que um outro conjunto de importantes transformações e continuidades compõem os relatos dessas mulheres, quando falam sobre os aprendizados e as mudanças de suas rotinas. Tomemos o relato de Muriel, por exemplo. Quando conversamos sobre o que havia mudado na vida da entrevistada a partir da experiência da saída de Kabir e Makai, chegamos ao tema de sua mudança enquanto pessoa. No trecho a seguir, Muriel conta sobre a abertura de um espaço para focar-se em sua realização individual:

eu não sei... uma pessoa mais completa, mais livre, sabe? Livre no sentido de tê-los feito voar o próprio vôo... eu tô realizada... eu às vezes brinco quando me dá uma dorzinha ou outra aqui na lombar né... eu falo "universo, não tá na hora de você me levar ainda! eu tenho muita coisa pra fazer na minha vida!". Eu não quero morrer cedo! Quero aprender, quero conhecer, quero viajar, quero curtir, quero curtir com os netos... então eu acho que eu mudei bastante... o medo, digamos assim, de acontecer alguma coisa com algum dos meus filhos é eterno... eterno. Hoje cedo, inclusive um dos motivos que eu não pude te atender, eu fui encontrar o meu afilhado que tá com um filhinho de um ano e meio. Ele tá com a olheira até o pé... e eu falei "ter filho é maravilhoso... você não dorme, você ama, você respira o filho... mas não é agora. Filho é pra sempre. É pra daqui 30 anos, 40, 50. Daí você vai ter que sempre apoiar o seu filho, esteja certo ou esteja errado. Você vai sempre ter que apoiar o seu filho - e sempre mostrando o lado certo pra ele, obviamente". Ele falou "eu não durmo há um

ano e meio" e eu falei "você vai dormir quando eles saírem de casa! [risos]... depois de 20 e poucos anos... isso se não voltar pra tua casa!"... mas é um eterno cuidar. (MURIEL, 2022, Entrevista IV)

Alguns elementos marcam esse trecho do relato de Muriel. Primeiro, vemos que a percepção de um bom resultado referente a criação de seus filhos se conecta à sua realização pessoal. Mais do que isso, a ideia de um projeto bem sucedido em ajudar seus filhos a alçarem seus próprios vôos está ligada ao exercício de uma liberdade individual, vivida em relação a outros projetos. Ao longo do excerto, nota-se que curtir uma vida possibilitada pela autonomia dos filhos coloca-se paralelamente a uma contínua preocupação com seu bem-estar. O exemplo trazido pela entrevistada da conversa com o próprio afilhado parece espelhar sua vivência na forma dos conselhos oferecidos ali. Para Muriel, há algo de maravilhoso na intensa dedicação oferecida aos filhos. A possibilidade de descanso, que não apaga, mas conserva essa experiência, surge como parte de sua vida atual. Junto de tudo isso, o imperativo de apoio e preocupação com o filho é eterno.

Em certo sentido, Makai e Kabir continuam sempre no horizonte de Muriel em seus planejamentos para a vida. Ao longo da pesquisa, notei que, em alguns casos, a organização do ambiente doméstico refletia parte da organização subjetiva das entrevistadas em relação a seus filhos. Dessa forma, o planejamento do ambiente doméstico por vezes corresponde a um planejamento interno, que reserva (ou não) espaço para os filhos – sua memória ou sua visita, por exemplo. Por isso me atentei à possibilidade de perguntar para Muriel se ela mudou a casa de alguma forma após a saída de seus filhos. Quando o fiz, ela disse:

O quarto deles eu mudei, porque eu mudei de mobília né. Mas aqui cada qual tem o seu quarto. Tanto que tem uma bicama pra que quando o Makai vier com as crianças, eles possam dormir juntos... porque o apartamento aqui é relativamente pequeno. Eu morava num sobrado bem grande, com 200 metros e eu vim pra eu apartamento de 80, né. Mas essa minha exigência de ter de ter 3 quartos foi uma coisa assim de "não... cada qual tem que ter o seu quarto aqui". O Makai, como ele é muito racional, ele disse "mãe eu até achei muito grande esse apartamento... um aparto com no máximo 2 quartos", e daí eu falei "tá e quando vocês vierem, filho? Vocês vão dormir aonde?"... daí ele "ah, entendi, mãe" [...] então eu preparo o meu ninho, Henrique, em função deles! (MURIEL, 2022, Entrevista IV)

Mais a frente, a entrevistada conta que, de certa maneira, está sempre à espera da chegada dos filhos – mesmo que essa não seja uma possibilidade real:

eles tão sempre pra chegar. eu sempre acho que vai interfonar e acho que chegou o Makai... mas não vai chegar jamais né... ele tá no Rio de Janeiro. O Kabir também

não vem, impossível... mas sinto que vai interfonar e eles tão aqui. Então isso me alimenta, isso me faz bem, Henrique. Entendeu? (MURIEL, 2022, Entrevista IV)

No relato de Muriel, preparar a própria casa como se, a qualquer momento, Makai e Kabir pudessem interfonar e, em sua estadia, pudessem contar com espaços reservados especificamente para eles e suas famílias, não surge como uma obrigação negativamente percebida pela entrevistada – nem mesmo como um elemento conflitante ao momento mais livre e ávido por novas experiências relatado pela entrevistada acima. Ao contrário, Muriel diz se sentir bem com a sensação da iminência da visita de seus filhos e o preparo para ela. De alguma forma, se relacionam a condução simultânea de sua vida individual e de seu exercício subjetivo enquanto mãe. Conservar, na busca por um apartamento para si mesma, a demanda por um ambiente dedicado ao acolhimento de seus filhos e netos – preparar seu próprio ninho em função deles, como ela disse – reforça a ideia, trazida anteriormente pela entrevistada, de que a identificação maternal caminha junto a outros projetos aos quais Muriel venha a dedicar sua energia. Dentre as outras formas através das quais Muriel vive o mundo, permanece o cultivo de si mesma enquanto mãe – processo que, por sua vez, se apoia na relacionalidade estabelecida frente à figura do filho como esse outro em relação ao qual um eu pode definir a si mesmo. Nesse sentido, depois de reformas e planejamentos, a planta baixa do Eu habitado pela entrevistada contém em si um espaço para quem ela é para seus filhos.

Transformada, a conexão permanece. Um curto exemplo retirado do relato de Atalia reforça essa ideia:

O aprendizado é o seguinte: que embora você não está junto, você continua sendo importante na vida deles... eles demonstram essa importância... porque eu tinha tanto medo... não é que eles iam esquecer de mim, mas não vamos mais ter aquela convivência de antes. (ATALIA, 2022, Entrevista VIII).

A separação em questão deve ser entendida como forma da manutenção da relação entre mãe e filho. Essa não é, pode-se imaginar, uma afirmação particularmente reveladora. Contudo, relatos como os de Atalia permitem compreender, como indicado por Gilligan (2013, p. 22), o aspecto contextual do entendimento do eu dentro dos dilemas enfrentados ao longo dos processos pelos quais passa. Compreender, de forma crítica, a relação (e não o indivíduo) como elemento fundamental da experiência e da interação implica em perceber o quanto flexível é a relacionalidade entremeada na subjetivação maternal e na vivência dessas mães após a saída de seus filhos e filhas de casa.

Outras entrevistadas também experienciam, de maneiras diferentes, transformações e continuidades quando o tema é o entendimento de si mesmas em relação à maternidade – agora visitada à luz da saída dos filhos e filhas de casa. Chica, por exemplo, conta sobre algumas descobertas em sua relação com seus filhos após essa experiência:

a gente acaba descobrindo ... porque você descobre que ser mãe não é estar ali junto o tempo todo, grudada com o filho, entendeu... você ser mãe não é só você fazer comida pra eles e lavar a roupa deles e passar a roupa deles enquanto eles tão ali com você. É diferente, né... depois que eles saem de casa você acaba sendo mãe de uma outra forma... aí é com apoio, é com outras coisas entendeu? [...] muda, muda muita coisa... muda bastante... por exemplo... não é só você achar que é só você fazer o básico pro teu filho dentro de casa que você é mãe, que você é pai... você tem que entender que é uma amizade diferente que você tem que ter com ele... de falar "olha, eu sou sua mãe!" entendeu? Que forma uns vínculos assim até mais fáceis de convivência, sabe? E é assim... você mostrar que você tá ali o tempo todo pra eles, mesmo você estando longe (CHICA, 2022, Entrevista IX)

No relato da entrevistada percebemos a elaboração de uma nova forma de identificação enquanto mãe – que se relaciona a um conjunto diferente de ações e, portanto, é praticada de maneira diferente. Motivada pelas mudanças no arranjo doméstico e nas relações com filhos e filhas após a sua saída de casa, essa descoberta possibilitou, para Chica, entender-se como mãe de uma nova forma. Há aqui um destacamento entre ser mãe e realizar as rotinas de cuidados pelas quais mães são comumente responsabilizadas em nossa sociedade. Na experiência narrada pela entrevistada, a saída de Ana, Júnior e Paulo alarga o significado do que uma mãe é e faz. Flexível em sua adaptação contextual, esse nome agora se conecta à manutenção de uma relação à distância, mas marcada por uma disponibilidade constante. A maternidade, antes atrelada ao cuidado básico, agora se aproxima do que Chica denomina como um vínculo de amizade específico. Mais do que isso, esse novo lado da parentalidade, acessado a partir da vivência da saída de seus filhos de casa, reorganiza o cenário da seguinte maneira para a entrevistada: práticas e disposições cuidadosas agora são apenas uma parte dessa identificação que, por si só, não dá conta da amplitude representada pela palavra "mãe" ou "pai".

As formas de viver e entender-se enquanto mãe não são fixas ou mutuamente excludentes. Em determinado momento da entrevista, Chica falava sobre a sensação de que não seria bom morar com seus filhos novamente – sendo todos adultos, como suas próprias preferências e peculiaridades, a organização da convivência seria ainda mais complicada. Em meio a essa conversa, falamos sobre as visitas de Ana, Júnior e Paulo:

C: eu fico pensando "gente, se tivesse que morar todo mundo junto de novo que loucura que ia ser... Será que eu ia dar conta?"

H: mas você sente que ainda ia ser você cozinhando pro pessoal e fazendo as coisas e tudo mais?

C: ah ia... ia porque quando eles vêm pra cá, desce essa mãe em mim de novo, né... eu sou obrigada... quando o Paulo vem... quando o Paulo vem, é diferente. O Paulo que cozinha quando ele vem aqui na minha casa. Agora é ele que faz, entendeu? Mas já com a minha filha já é diferente... com o Júnior é diferente... mas com o Paulo, não. O Paulo gosta de cozinhar gosta de fazer as coisas... então ele que faz essa parte. Mas eu ainda, quando a gente se reúne, eu sou ainda aquela que faz as coisas, entendeu?

H: aham... você assume essa responsa

C: tem coisa que não muda muito né...

H: é difícil...

C: ah... e a gente sente falta também de agradar né... de fazer pelos seus filhos... (CHICA, 2022, Entrevista IX)

Algo bastante interessante é trazido pela entrevistada. Quando seus filhos a visitam, "desce" sobre ela um modo de ser mãe – uma estrutura prática de ação e atenção anteriormente habitada por Chica, mas que só ressurge frente à presença dos filhos em um contexto específico de convivência.⁹¹ Há pouco, a entrevistada falava sobre um alargamento do significado de ser mãe, requisitado pela nova configuração de relação com Ana, Júnior e Paulo, que surge após suas saídas de casa. Ainda assim, algo bastante complexo – um ímpeto que mistura obrigação e a vontade de agradar e cuidar de seus filhos de forma específica – a impele a operar como antes, a ser *aquela* mãe. Nesse sentido, ainda que tenhamos, ao longo deste capítulo, visto a diversidade das formas de ser e sentir-se como mãe quando colocamos seus relatos lado à lado, também é importante notar que a atualidade da relação construída entre Chica e seus filhos denota a existência de uma pluralidade das formas de operar sob um único nome dentro de uma única vida.

A maior parte das entrevistadas hoje vive um momento menos conturbado de suas vidas. Muitas delas avaliam positivamente os arranjos nos quais se encontram atualmente, Contudo, sendo reais e complexas, as trajetórias dessas mulheres não terminam com um simples "e viveram felizes para sempre". Para Carla, por exemplo, a subjetivação maternal é

⁹¹ A mesma ideia existe no relato de Carla. Em sua entrevista, a entrevistada conta que, mesmo após a construção dos próprios aprendizados a respeito da saída de suas filhas de casa, a possibilidade de eventualmente operar como antes é sempre bem-vinda, percebida com certa nostalgia:

"[...] pra mim, não existe coisa mais legal do que ter elas aqui em casa e eu fazendo comida e a gente assistindo televisão e daí... eu gosto muito de música, acostumei elas a ouvirem muita música... então a gente canta junto... faz os triozinho lá "você canta essa voz assim..." eu adoro isso". (CARLA, 2022, Entrevista V).

vivida no presente como um emaranhado de sentimentos positivos e negativos. Quando conversávamos sobre sua relação com a maternidade hoje em dia, a entrevistada contou que, ao mesmo tempo, vive o alívio da criação bem sucedida das filhas adultas e a tristeza e a ansiedade ligada à perda da possibilidade de viver o lugar da mãe:

então... às vezes me dá aquela vontade de chorar assim, sabe... de que o tempo passou e eu devia ter aproveitado mais... devia ter... só que... a vida da gente é tão corrida... que a gente tem que trabalhar, tem que... tem, tem, tem, tem... né... e aí eu fico assim "o tempo passou e eu não aproveitei... e daqui há pouco são elas que tão com as famílias delas formadas". Então me dá uma coisa de ansiedade com tristeza... mas alívio, sabe? É um mix de sentimentos assim... alívio porque elas já são adultas, graças a deus tão bem... lógico... ah, porque o pessoal "ah elas estão super bem"... não, elas estão bem né... dentro da medida do possível, conforme têm que estar, estão bem... são pessoas de bem... só que aquela angústia de não saber o que virá pra elas... porque quando elas estavam aqui eu ainda conseguia... ter a minha visão além do alcance... eu tava lá na frente pra intervir... e a tristeza porque o tempo passou muito rápido e eu acho ainda que eu deveria ter aproveitado mais. Aproveitado ser mãe muito mais, sabe assim... Porque é tão corrido as coisas e às vezes não dá tempo de... você cria, você trabalha pra dar as coisas materiais, o estudo legal e o tempo vai passando e quando você se dá conta... uma das coisas... eu até esqueci de falar pra você... uma das coisas que bateu o desespero pra mim quando a Duda falou que ia sair de casa era isso, sabe? "Eu não vi o tempo passar... como assim ela tá querendo ir embora? E eu não vi o tempo passar?"... isso foi uma das coisas sabe... eu ainda tenho esse sentimento quando me bate aquela nostalgia de estar aqui em casa... eu penso assim "cara, eu não vi o tempo passar... parece que foi ontem". e passou... graças a deus estão criadas e eu tenho que administrar isso da melhor maneira possível né... (CARLA, 2022, Entrevista V).

Colocados lado a lado, os últimos trechos dos relatos de Chica e Carla mostram duas maneiras distintas de se lidar com a expectativa, vontade ou necessidade de retorno a uma forma anterior de viver e se relacionar sob o nome da mãe. Ainda assim, as duas falas apresentam a complexa fluidez das formas de viver e se posicionar em relação à subjetivação maternal. Se, os excertos da entrevista de Chica mostram uma separação entre dois modos específicos de performar a maternidade, adaptando os códigos desse modo de subjetivação aos contextos práticos da vivência em relação aos filhos, o trecho acima apresentar um caleidoscópio de formas de pensar e sentir a maternidade que se cruzam, convivem, concorrem e se movem de maneira complexa. O "mix de sentimentos" ao qual Carla se refere envolve muitos dos elementos já discutidos ao longo do capítulo: percepção de risco aguçada pela saída das filhas de casa, a sensação de realização pessoal com o projeto de criação de Larissa e Eduarda, um apego nostálgico ao momento em que suas filhas ainda viviam em sua casa, arrependimento pelo tempo não aproveitado com elas. À medida que o tempo passa, uma acumulação de modos de ser e se entender enquanto mãe forma, na experiência dessa e de outras entrevistadas uma amálgama mesclada por diferentes maneiras de sentir e viver sua

relação consigo enquanto mãe e com suas filhas e filhos enquanto aqueles em relação às quais podem identificarem-se dessa maneira.

Este capítulo se debruçou sobre os momentos mais atuais dos relatos das entrevistadas desta pesquisa. À luz do objetivo de apreender quais (e como) mudanças práticas e subjetivas são relatadas por essas mães ao contarem a história desse evento em suas vidas, dediquei-me a analisar elementos importantes do cotidiano dessas mulheres – tratando-os como parte importante nos processos de transformação subjetiva provocado pelas transformações nos arranjos familiares e doméstico nos quais as entrevistadas estiveram inseridas durante boa parte de suas vidas. Em todas essas esferas, torna-se claro a vastidão dos efeitos do cuidado enquanto via relacional que afeta desde as estratégias para lidar com a saudade e a ausência até a reestruturação qualitativa do ritmo cotidiano e da rotina de vida das entrevistadas, passando pelos complexos entrecruzamentos através dos quais a atenção ao outro e a si mesmo se misturam. Contudo, ainda mais importante é a profundidade com a qual esse rearranjo da vida afeta as formas como essas mães vivem e descrevem a si mesmas. Nos trechos dos relatos em que as mulheres com quem conversei contam sobre o luto e a sensação de perda enfrentadas a partir da saída de seus filhos e filhas de casa, é possível perceber a transformação do Eu, provocada pela reorganização da relacionalidade constitutiva do modo como a subjetivação maternal é vivida. Mais do que isso, é central notar que esse processo transformativo atesta a flexibilidade da mãe como forma de identificação: ser mãe *através do tempo* significará uma miríade de coisas. Esse cenário é vivido a partir da conservação de elementos fundamentais da relação entre mãe e filho e da redefinição dos contornos e eixos em relação aos quais a subjetivação maternal é vivida pelas entrevistadas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese surgiu do interesse pela compreensão de um fenômeno cuja importância e magnitude eu só pude realmente compreender ao longo do processo de pesquisa que me trouxe até aqui. O intuito de compreender como a saída dos filhos e filhas de casa afeta as maneiras pelas quais as mulheres que são mães vivem e descrevem a si mesmas apareceu em meu radar a partir de uma motivação dupla, uma mescla de minhas experiências pessoais e da profundidade que minha trajetória acadêmica me permitiu perceber ao olhar atentamente para este tema. Quando este caminho investigativo se iniciou, ainda em 2019, a ideia de procurar entender as experiências das mães que viveram esse evento ainda não havia passado pela minha cabeça. Oferecido para mim por minha própria mãe a partir de um conhecimento adquirido às custas de duras vivências pessoais, reforçadas pela forma como o assunto ressurgia entre suas amigas, esse *insight* se demonstraria transformativo para os rumos de minhas reflexões intelectuais.

Comecei esta pesquisa esperando encontrar um campo que me permitiria explorar as assimetrias práticas nas formas como dividimos as responsabilidades pelo cuidado em nossa sociedade – e, definitivamente, pude, não apenas constatar essa desigualdade, mas também contemplar seu profundo enraizamento histórico ainda muito relevante para a compreensão das relações de gênero na contemporaneidade. Contudo, ao longo dos últimos anos, acabei por perceber que as transformações nas práticas e disposições da manutenção do bem-estar das pessoas à volta dessas mulheres se enraizam de maneira profunda nos processos de construção e constante reelaboração da subjetividade como produção histórica e socialmente localizada. Em suma, o propósito de entender o que se passa na vida das mães que lidam com a saída de seus filhos e filhas de casa me apresentou de maneira impactante as inegáveis conexões entre o cuidado – essa prática coletiva exercitada cotidianamente a partir da delimitação e apropriação relacionadas aos discursos históricos que lhe dão significado – e as formas pelas quais sujeitos são construídos social e relacionalmente.

O início do processo de pesquisa me permitiu vislumbrar a complexidade da tarefa a qual tinha me proposto. Entender pelo que passavam minhas entrevistadas – tentando conceder às suas histórias a mesma complexidade que eu observava nas conversas que tinha com minha mãe a respeito do tema – não seria uma tarefa simples. Uma simples enunciação de problemas pessoais enfrentados por elas ou mesmo um mero esforço de indicação da conexão entre suas emoções e as atividades do trabalho do cuidado pelas quais foram responsabilizadas a partir de um lugar socialmente construído não seria suficiente para

compreender os complexos entrelaçamentos que surgiam de minhas primeiras aproximações do campo. Eu sabia que não poderia tratar dos contornos de um vislumbre sociológico para a subjetividade usando uma metodologia de pesquisa dura e conservadora. Por isso, lancei mão do arcabouço de reflexões propostas pela teoria feminista e pelos estudos de gênero em sua abordagem a respeito da construção de conhecimento científico. Essa posição crítica tem a consideração da inegável conexão entre subjetividade social e historicamente localizada e acesso à realidade como um de seus eixos mais importantes para pensar a produção de saberes a respeito do mundo.

Amparado por raciocínios propostos por Sandra Harding e Donna Haraway, por exemplo, eu pude contemplar minha própria situacionalidade como parte central para a construção desta tese. Esse debate foi central para que eu entendesse e explicitasse o lugar a partir do qual empreendia meus esforços de pesquisa. Pude, através dessas discussões, delimitar – para mim e para minhas entrevistadas – minha posição enquanto pesquisador e filho. Sem isso, leitores e leitoras deste trabalho não poderiam entender as escolhas metodológicas que fiz. Ainda mais importante, a ausência desse tipo de percepção teria limitado de forma severa às maneiras pelas quais pude me perceber no campo e me conectar com as mulheres com quem conversei. Para além, a possibilidade de conceber a complexidade do *corpus* sobre o do qual esta investigação foi construída surge necessariamente da implicação das considerações do feminismo pós-estruturalista a respeito do estatuto metodológico do que é registrado em processos de entrevista e troca de experiências. Sem esse tipo de consideração, o trabalho de representar de maneira compromissada as vivências de minhas entrevistadas teria limitações equivalentes àquelas da representação, em duas dimensões, de uma objeto que só poderia ser profundamente compreendido a partir de sua tridimensionalidade.

Com esse espírito em mente, lancei-me sobre o campo em busca de mulheres que estivessem dispostas a conversar comigo a respeito da saída de seus filhos e filhas de casa. Nesse processo enfrentei uma dificuldade que descobri ser própria do estudo sobre uma tema como a maternidade: o excesso de formas de falar sobre o assunto, de posições e produções a respeito do tema, de opiniões (que versavam sobre o que a mãe é ou deveria ser) e de mulheres que estavam dispostas a falar sobre suas experiências. Ao longo dos últimos anos, por onde quer que tenha passado e falado sobre meu projeto de pesquisa, tem sido comum que pessoas me digam: "Você precisa falar com a minha mãe!", ou "Pegue meu contato para fazermos uma entrevista. Eu poderia contribuir...". A efervescência constante das formas pelas quais discutimos a temática da maternidade me permitiu procurar entrevistadas e, mais

tarde, ser procurado por elas. Ao fim de dois momentos de realização de entrevistas, eu tinha em minhas mãos 11 riquíssimos relatos de mulheres que falavam sobre como a saída de seus filhos e filhas de casa afetou suas experiências enquanto mães. O perfil representado em minha pesquisa acabou marcado majoritariamente pelas histórias de mulheres brancas de meia idade (em sua maioria, divorciadas) e que, tendo acesso a um alto nível de escolaridade, ocuparam cargos no mercado de trabalho durante a maior parte de suas vidas, também foram as principais responsáveis pelo cuidado e criação de seus filhos e filhas, bem como pela manutenção do ambiente doméstico em que viviam suas famílias.

O objetivo de discutir cuidado e produção da subjetividade exigia uma discussão teórica profunda a respeito das ferramentas disponibilizadas por essa via de acesso e explicação da realidade. Assim, explorei os entremeios epistemológicos dessa vertente analítica para que, através da contemplação das importantíssimas consequências de um olhar investigativo construído a partir do cuidado, fosse possível compreender as experiências de minhas entrevistadas a respeito da saída de seus filhos e filhas de casa. Primeiro, considerei importante demonstrar a positivação heurística da vida cotidiana operada a partir dessa perspectiva para tornar acessível e analisável esse encontro específico entre formas de pensar e sentir e rotinas práticas que advém dos cotidianos das mulheres em nossas sociedades. Em seguida, persegui a ideia de uma visão crítica constituída a partir das questões postas pelas teóricas do cuidado para que, olhando a fotografia através de seu negativo, pudéssemos perceber que os desafios e dilemas enfrentados pelas mulheres que fazem parte desta pesquisa devem ser compreendidos não apenas em sua profundidade, mas em sua possibilidade de interrogar noções fundamentais do pensamento moderno. Esse tipo de proposta epistêmica resulta, como demonstrei, na possibilidade de distinguir uma maneira específica de pensar o sujeito: vista a partir do ponto de vista elaborado pelos estudos do cuidado, a subjetividade é sempre relacional. Sem essa consideração, seria impossível compreender a complexidade dos relatos examinados ao longo desta pesquisa.

Ao longo do processo de pesquisa, foram elaborados quatro objetivos específicos que me permitissem compreender como a saída dos filhos e filhas de casa afeta as maneiras pelas quais as mulheres que são mães vivem e descrevem a si mesmas: conhecer as trajetórias biográficas das entrevistadas e as maneiras pelas quais se relacionam com a organização de suas famílias; caracterizar a relação dessas mães com seus filhos e filhas e o contexto em que a saída de casa ocorreu; apreender as mudanças práticas e subjetivas relatadas por elas ao contarem a história desse evento em suas vidas; e, por fim, reconhecer e analisar os discursos e significados acionados por essas mulheres para organizar, expressar e tornar visível suas

próprias histórias. Os capítulos de análise foram desenvolvidos a partir dessas diretrizes fundamentais.

O quarto capítulo, seção do trabalho preocupada em examinar a pluralidade e a complexidade do lugar subjetivo habitado pelas entrevistadas, abarcou três dos quatro objetivos específicos estabelecidos no começo deste trabalho. Conhecendo a relação dessas mulheres com as maneiras pelas quais vivem e descrevem a si mesmas enquanto mães, foi possível acessar mais um pouco de suas trajetórias biográficas e os lugares que ocupam em suas famílias. Ao mesmo tempo, foi possível caracterizar sua relação com seus filhos e filhas ao longo dos contextos em que a saída de casa se deu. Da mesma forma, o capítulo também possibilitou identificar e analisar os discursos acionados por essas mulheres para organizar, expressar e tornar visível suas experiências a respeito do tema. É central entender a mãe como um lugar subjetivo, ancorado historicamente e vivido de formas específicas para cada uma das entrevistadas. Seus relatos, é verdade, dialogam com um modelo de amor materno herdeiro de construções sociais próprias à modernidade europeia, exportada para o mundo através dos ecos da empreitada colonial. Ainda assim, é necessário notar as maneiras pelas quais as entrevistadas vivem – de forma mais ou menos intensa – suas próprias identificações enquanto mães vêm da apropriação desses discursos para darem sentido aos projetos e contextos particulares nos quais experienciam a maternidade. Dessa maneira, foi importante entender que a mãe é, entre outras coisas, um modo de subjetivação através do qual essas mulheres vivem e descrevem a si mesmas relacionalmente para que fosse possível compreender como suas vidas – através desse lugar subjetivo – foram afetadas pela saída de seus filhas e filhos de casa.

O capítulo seguinte, preocupado com as mudanças vividas pelas entrevistadas e com a influência que discursos e imaginários historicamente sedimentados exercem nos processos pessoais pelos quais passam essas mães, examina as reverberações do processo da saída das filhas e filhos de casa na vida das mulheres com quem conversei ao longo da pesquisa. Como dito algumas vezes ao longo do trabalho, um olhar atento às situações e sentimento narrados pelas entrevistadas mostram que as questões do cotidiano elencadas por elas contém imbróglis de proporções históricas. A análise dessas questões e da forma como essas questões aparecem nos relatos revelou tensões e conflitos que surgem do momento em que filhos e filhas saem de casa. Esse momento é marcado, na maior parte das entrevistas, por uma ruptura específica. Essas mulheres passaram décadas reconhecendo a existência de seus filhos e filhas através das necessidades de cuidado que os construíam *como* filhos e filhas. Mais do que isso, a relação entre essas mães e suas filhas e filhos foi vivida através de

apropriações particulares de discursos socialmente construídos sobre como uma mãe deve amar seus filhos e filhas. Essa herança culturalmente tomada e performada entra em conflito com uma ideologia da autonomia individual, que faz da conexão construídas entre as partes dessa relação um problema. Criamos um modelo hegemônico de maternidade que demanda uma intensa conexão entre mães, filhos e filhas; ao mesmo tempo, construídos um caminho normativo para a saída de casa e busca da independência que pede dessas mulheres uma virada brusca de direcionamento de seus esforços, seus afetos e das formas como vivem suas subjetividades. Cindidas entre a prescrição de um itinerário de desenvolvimento individual e o apego cuidadoso desenvolvido ao longo dos anos em que viveram junto de suas filhas e filhos, essas entrevistadas expressam o confronto interno que as puxa internamente em direções opostas e divide seu juízo entre o que sentem e o que imaginam ser "o correto" a se fazer.

Deflagrada a saída, novos desafios se impõem. Um eixo específico de inteligibilidade governa a relação entre algumas dessas mães e seus filhos e filhas. Compreendendo a existência desses corpos a partir da centralidade da percepção de certas fragilidades fundamentais que os constituem, algumas dessas mulheres relatam ser açoitadas pela percepção aguçada dos perigos aos quais estão susceptíveis aqueles e aquelas que saíram de casa. Percebê-los fora do ambiente doméstico gerenciado pelas entrevistadas significa, para elas, notar as demandas de cuidado atreladas a suas figuras sem poder dar cabo a essas necessidades e vontades praticamente. Radicalmente impossibilitadas de cuidarem de suas filhas e filhos pela primeira vez, essas mulheres relatam sentir diferentes formas de ansiedade e angústia. Essas sensações, porém, não estão apenas atreladas a impossibilidade de darem cabo das disposições cuidadosas elaboradas em relação àqueles e àquelas que saem de casa. Ligado ao modo de subjetivação maternal explorado no capítulo anterior, o lugar a partir do qual essas mães contam as histórias da saída de seus filhos e filhas de casa também é transpassado pelo impedimento no exercício de formas de controle e tutela que sempre estiveram atreladas a suas posições de cuidadoras. Na prática, os desafios vividos cotidianamente por essas mulheres são ecos de formas coletivas e historicamente situadas de construir a mãe, pressupor seu comportamento ideal naturalizado por discursividades diversas e a sua relação com aqueles e aquelas pelas quais acostumaram-se a serem responsáveis – e em relação a quem elas habituaram a definirem-se enquanto mães.

Com o intuito de compreender os interstícios das experiências das mães entrevistadas nesta pesquisa, o sexto capítulo do trabalho se dedicou à análise das imagéticas empregadas por elas para darem sentido às suas experiências. Derivadas de uma caracterização do mundo

formada pela amálgama entre discursividades históricas e experiências particulares, as imagens utilizadas por essas mulheres ao longo de seus relatos tinham finalidades diversas. A imagética da conexão entre mães e filhos pequenos ou mesmo do cenário da família em torno da mesa – ilustrações do universo socialmente construído em torno da maternidade enquanto modelo de relação derivado da modernidade europeia – são apropriados como pontos de referências, operados por essas mulheres na forma como contam as histórias desse momento em suas vidas. Para além, é fundamental destacar que muitas delas trouxeram à baila a noção de da Síndrome do Ninho Vazio – modo de representar experiências que surgem no século XX a partir de uma transformação do itinerário familiar tomado como modelo nesse período – para representarem a sensação de esvaziamento do espaço doméstico, para falarem das tristezas provocadas pela saída de seus filhos e filhas ou, no caso de Priscila, para expressarem um senso de separação entre sua experiência e a das mulheres a sua volta.

Por fim, o último capítulo desta tese se dedicou às formas pelas quais as vivências dessas mulheres enquanto mães se desenvolveram através do tempo, após a saída de suas filhas e filhos de casa. A apreensão das mudanças práticas e subjetivas experienciadas pelas entrevistadas engloba um largo escopo de temas relevantes. Primeiramente, debrucei-me sobre as maneiras pelas quais as mulheres com quem conversei contavam sobre objetos e gestos através dos quais acostumaram-se a cuidar e se relacionar com seus filhos e filhas. Percebi que esses elementos ocupavam um espaço específico nas experiências dessas mães: elas se afastam ou se aproximam desses componentes da vida cotidiana à medida que precisam acessar ou evitar a memória daqueles e daquelas que saíram de casa. A partir de uma espécie de economia emocional da capacidade significativa das coisas e das atividades domésticas, os diferentes componentes da rotina diária que carregam consigo a marca de filhas e filhos ausentes são guardados, acessados ou deixados de lado em momentos específicos de necessidade. Nesse sentido, o cuidado surge como via relacional: ele contém em si traços de uma relação vivida à luz da separação causada pelo esvaziamento do espaço doméstico. Nas histórias contadas por essas mulheres, essa relacionalidade serve estrategicamente para evitar ou amenizar a saudade que sentem de suas filhas e filhos.

Depois, ao acompanhar o momento mais atual de seus relatos pude perceber que, para algumas das entrevistadas, percebe-se que uma complexa troca se estabelece no processo através do qual lidam com as transformações no ambiente doméstico, em suas rotinas e em suas personalidades. Uma curiosa imbricação entre o cuidado de si e o cuidado de outros está presente nas formas através das quais as mulheres com quem conversei cultivam a si mesmas e realizam seus projetos e desejos pessoais – tendo, em seus filhos, interlocutores e

mediadores importantes para essas atividades. Transformada, a relação entre mães como Sâmia e Maria com seus filhos produzir algo novo. Como dito anteriormente, esse processo é um dos exemplos através dos quais é possível perceber as mudanças por meio das quais essas mulheres passam e ainda estão passando a partir das mudanças práticas e subjetivas ligadas a saída de seus filhos e filhas de casa.

A primeira parte do capítulo ainda conta com uma importante discussão a respeito do tempo que sobra na vida dessas mães quando seus principais objetos de cuidado não ocupam mais o mesmo tempo em suas rotinas diárias. Nas sutilezas do uso do espaço disponível para a organização de seus dias, percebe-se uma abertura inédita. Contudo, antes que essa liberação do tempo seja vista e sentida como "tempo livre", é fundamental notar que algumas das mulheres com quem conversei sentem esse processo como um esvaziamento. A diferença entre tempo livre e tempo esvaziado permite notar que o trabalho do cuidado, vinculado a modos de subjetivação derivados de modelos para a construção de uma relação entre mãe e filho contém mais do que a distinção entre atividade e não atividade, entre trabalho e descanso, entre tempo consumido pelos cuidados dos filhos e filhas e um tempo independente de uso soberano. Antes que a construção de uma nova rotina seja possível, essas mulheres sentem as atribulações da desconstrução da antiga forma de planejar e utilizarem seu tempo.

Percebamos algo importante: esses elementos indicam a profundidade das mudanças experienciadas por essas mães a partir da experiência da saída de seus filhos e filhas de casa. De certa forma, se considerarmos o peso da relacionalidade entre essas mulheres – subjetivadas à partir de um conjunto de discursos a respeito do amor materno e do investimento de si em suas relações com aqueles em relação aos quais puderam se considerar mães durante uma importante parte de suas vidas – e seus filhos e filhas, percebemos os efeitos transformativos desse afastamento. Esse é o tema da segunda parte do capítulo. A forma como as entrevistadas vivem o luto pela saída de seus filhos e filhas e a perda do arranjo dentro do qual estiveram inseridas ao longo de anos carrega consigo um conjunto de consequências muito importantes. A porosidade do Eu, condicionada pela interdependência fundante que nos liga às pessoas com as quais vivemos nossas vidas, é exposta pela mudança das relacionalidades através das quais viemos a ser quem somos. Essa é a chave para compreendermos as mudanças pelas quais essas mulheres passam: se somos seres relacionais, então a mudança daqueles e daquelas junto de quem nos constituímos implicará – queiramos ou não – que passemos, nós mesmos, por transformações subjetivas. Novos modos de existir e se identificar enquanto mães surgem e, à medida que o tempo passa, uma acumulação de

modos de ser e se entender enquanto mãe constrói, nas vivências dessas entrevistadas uma amálgama constituída a partir da mescla entre diversas formas de sentir e viver sua relação consigo mesmas enquanto mães e com suas filhas e filhos enquanto as pessoas em relação às quais se identificam dessa maneira. "Ser mãe" se torna algo novo na miríade de contextos individuais que caracterizam o mosaico de experiências apresentadas pelos relatos das mulheres com quem conversei ao longo dessa pesquisa. A identificação delas enquanto mães não são fixas. Flexível, esse tipo de identidade se transforma à medida que se transformam as relações das quais ela depende.

Essa é a conexão fundamental apresentada por essa pesquisa: um grande emaranhado de discursos historicamente localizados são apropriados nas vidas dessas mulheres para que possam viver definir a si mesmas enquanto mães; essa identificação, contudo, depende de uma relacionalidade específica, exercitada em relação às figuras de filhos e filhas, lidas através de suas necessidades e demandas de cuidado; quando essas figuras se afastaram e as rotinas construídas em torno delas se transformaram, as entrevistadas passam, elas mesmas, por profundas transformações – num processo que se inicia com a desestabilização do eu e termina com a elaboração de novos contornos para a vivência da subjetividade maternal. Ao fim desse caminho, essas entrevistas ainda vivem e descrevem a si mesmas através da maternidade, mas, para chegar até aqui, elas tiveram de atravessar um território desconhecido, caminhando por uma topografia que se desconstrói e se reconstrói à medida que imbróglis de proporções históricas influenciam suas experiências nos níveis mais íntimos.

Em conclusão, quero dedicar o último fôlego desse momento conclusivo para discutir a relevância social e sociológica do tema central sobre o qual este trabalho foi construído. Max Weber é famoso por, em suas discussões a respeito da objetividade nas investigações próprias às Ciências Sociais, afirmar que a relevância de um tema de pesquisa não deriva de algo como uma relevância inegavelmente objetiva. Isso, sabemos, não existe. A pertinência dos assuntos que decidimos discutir e examinar derivam da possibilidade socialmente definida de perceber elementos da realidade como dignos de atenção. A posição de pesquisadores e pesquisadoras na sociedade em que vivem – incluindo aqui os marcadores da diferença social que os constituem como sujeitos políticos e as trajetórias através das quais vieram a ser quem são – define a maneira como enxergam as temáticas através das quais tentarão entender o mundo a sua volta. Contudo, algo ficou de fora das considerações weberianas no que tange ao cenário das investigações elaboradas em sociedade: se a importância de um objeto de inquérito científico não é auto-evidente, conclui-se que a pesquisa e o esforço de convencimento coletivo a respeito de sua relevância estão invariavelmente conectados.

Faço das mais de duzentas páginas que compõem este trabalho um esforço voltado a lançar luz para a profunda relevância da pesquisa sociológica a respeito, não só das relações de gênero e sexualidade – e das assimetrias nas formas como essas dinâmicas influenciam a distribuição de encargos, reconhecimentos e responsabilidades em nossa sociedade –, mas do entrecruzamento entre o cuidado e a produção de subjetividade na contemporaneidade. Posta em um lugar marginalizado nas temáticas de debate acadêmico, a perspectiva do cuidado ganhou atenção de forma rápida (e muitas vezes irrefletida) desde a pandemia de Covid-19. O crescimento da importância concedida a esse eixo de compreensão da realidade e conhecimento do mundo não tem sido, em muitos casos, acompanhado do zelo para com as profundas consequências políticas e epistemológicas da adoção de uma perspectiva marcada pela interdependência e pela consideração crítica das maneiras como pensamos liberdade, autonomia e individualidade em nossa sociedade. Sabemos – como a crítica feminista tem defendido desde a metade do século passado – que o pessoal é político. Isso, contudo, não significa que possamos simplesmente aplicar os mesmos parâmetros tradicionais da pesquisa sociológica à vida privada e, assim, esperarmos que estejam resolvidas as inúmeras questões postas por essa revolucionária afirmação.

Interrelacionar as esferas pessoais e políticas da vida significa investir, de forma séria e comprometida, nossos esforços sobre um projeto de exame crítico das categorias que baseiam nossas visões de mundo e nossos métodos de pesquisa. Urge elaborar investigações densas a respeito dos cruzamentos entre a prática e a construção da subjetividade para que finalmente entendamos que os termos nos quais falamos de cuidado, divisão social do trabalho e de muitas outras temáticas não estão (e não podem estar) pacificados.⁹² O exame histórico e sociológico das noções sobre quais se amparam nossas formas de viver e pensar a realidade revela minúcias e nuances sem as quais nossas investigações correm o risco de se tornarem estéreis, mudas. É necessário que mantenhamos nossa atenção aguçada às formas através das quais concebemos os objetos de nossas pesquisas.

Ao mesmo tempo, torna-se imperativo que renovemos, de novo e de novo, nosso compromisso com a ideia de que o pessoal é político para que entendamos o quão profundos são os efeitos das organização coletiva da vida na construção de quem somos e na transformação de quem seremos. Para além, é central que estejamos alertas às idiossincrasias dos contextos de nossas pesquisas e da vida das pessoas tocadas por elas – sem isso,

⁹² Com isso, defendo uma posição crítica como aquela sugerida por Foucault (1990) e, mais tarde, reiterada por Butler (2013): trata-se do esforço de colocar em questão os próprios termos nos quais qualquer debate está posto e investigar, nos processos de construção de um sujeito, as condições para sua desconstrução.

reproduziremos formas de ler o mundo em vez de desafiá-las. Essa atitude, pela qual advogo a partir de minhas contribuições ao campo disciplinar no qual me insiro, tornará, acredito, profundamente político e pertinente o interesse em conhecer o que acontece com nossas mães – com as maneiras pelas quais elas vivem e descrevem a si mesmas – quando nós, filhos e filhas, deixamos nossos lares.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.
- ARRUDA, Ângela. Feminismo, gênero e representações sociais In: HOLLAND, Heloisa B., **Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro, Ed. Bazar o Tempo, 2019. p 335-355.
- AGUILAR, Maria C. M. **Família negras no planalto médio do Rio Grande do Sul (1940-1960): terra, migração e relações familiares**. Dissertação de Mestrado em História Família negras no planalto médio do Rio Grande do Sul (1940-1960): terra, migração e relações familiares.
- ARAUJO, Adriano; JÚNIOR, José; SIQUEIRA, Liédje. Determinantes e dinâmica da coresidência no Brasil no período de 1991 - 2010. **I GEPEC**, TOLEDO, v. 25, n.1, p. 81-99, jan./jun. 2021.
- BADINTER, E. **Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1985, 370p.
- BARBOSA, Ana Luiza Neves de Holanda. **Tendências nas horas dedicadas ao trabalho e lazer: uma análise da alocação do tempo no Brasil**. Ipea, 2018.
- BECK, Ulrich. **Risk Society: Towards a New Modernity**. California, SAGE Publications. 1992.
- BEAUVOIR, Simone. **The Second Sex**. London: Lowe and Brydone. 1956, 691p.
- BENHABIB, Seyla. “O Outro Generalizado e o Outro Concreto: A Controvérsia KohlbergGilligan e a Teoria Feminista” In: CORNELL, Drucilla; BENHABIB, Seyla (org.) e **Feminismo como crítica da Modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos em 1995. p.147-177
- BENTLEY, Amy; HOBART, Hi'lei. Food in Recent U.S. History. In: FREEDMAN, P.; CHAPLIN, Joyce E.; ALBALA, Ken. **Food in Time and Place**. 2014, p. 165-187.
- BITENCOURT, Silvana; ANDRADE, Cristiane Batista (orgs). **Corpo, gênero e cuidados: perspectivas e desafios na contemporaneidade**. Campo Grande. EdUFMT. 2021.
- BORCHE, Natália; VIECILI, Juliane. **As implicações da saída da casa dos pais na vida de jovens universitários**. TCC (Especialização em Psicologia) - Departamento de Psicologia, UNISUL, 23p. 2019.
- BORDO, Susan. **The Flight to Objectivity: Essays On Cartesianism and Culture**. New York, State University of New York Press, 1987.
- BOWDEN, Peta. **Caring**. Gender-sensitive ethics. London, Routledge. 1997.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder**. Teorias da sujeição. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2019.

BUTLER, Judith. O que é a crítica? Um ensaio sobre a virtude de Foucault. **Cadernos de ética e filosofia política**. v. 1, n. 22, 2013, pp. 159-179.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 18a ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Crítica da violência ética. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2015. 198p.

CARVAJAL, Julieta Paredes. Uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista hoje** – perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2021, pp.194-206.

CHODOROW, Nancy. **Reproduction of Mothering**: Psychoanalysis and the Sociology of Gender. University of California Press, California, 1978.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought** : knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. New York, Routledge. 2000. 353 p.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo**: Pensar com Foucault. Rio de Janeiro, Vozes. 2013.

CURADO, E. M.; CAMPOS, A. P. M.; COELHO, V. L. D. Como é estar na velhice? A experiência de mulheres idosas participantes de uma intervenção psicológica grupal. **Revista Ser Social**, n. 21, jul./dez., 2007, pp. 45-69.

D'INCAO, Maria Angela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. – São Paulo : Contexto, 2004. p. 223-241

DARDIGNA, Anne-Marie. **La Presse «féminine»**. Fonction idéologique, Paris, Maspéro, 1978, 246 p.

DEBERT, Guita Grin. Gênero e Envelhecimento. **Revista Estudos Feministas**, v. 2, n. 3, 1994, pp. 33-51.

DELEUZE, Gilles. **La subjetivación**: curso sobre Foucault III. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Cactus, 2015.

DEUTSCH, Helene. **The psychology of women**: a psychoanalytic interpretation. New York : Grune & Stratton, 1963.

EHRENRICH, B.; ENGLISH, D. **Para seu próprio bem**. 150 anos de conselhos de especialistas para as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 2003.

- ELIAS, Norbet. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 1994.
- FEDERICI, Silvia. Social reproduction theory. History, issues and present challenges. **Radical Philosophy**, 2, 04, Spring 2019, p. 55-57.
- FEDERICI, Silvia. **Wages Against Housework**. Falling Wall Press, Bristol. 1975.
- FIHSER, Dorothy Canfield. **Mother and Children**. New York. Henry Holt Company. 1914.
- FLORIANI, Dimas, As metamorfoses do desenvolvimento. Breves considerações históricas das concepções dominantes e suas ressignificações político-culturais e críticas desde América Latina. In: Fernando Marcelo de la Cuadra; Ana Amélia Cavalcanti de Melo. (Org.). **Intelectuales y pensamiento social y ambiental en América Latina**. 1ª ed. Valparaíso: RIL, 2020, v. 1, p. 387-430.
- FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais In: PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. – São Paulo : Contexto, 2004. pp. 141-189.
- FOUCAULT, Michel. Aula de 7 de janeiro de 1976. In: FOUCAULT, M. **Em Defesa da Sociedade**: Curso no Collège de France (1976). São Paulo: Martins Fontes. 2005, pp. 3-26
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A Vontade de saber**. A. Guilhon Albuquerque - 7a edição - Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2018.
- FOUCAULT, Michel. Politics and the Study of Discourse. In: BURCHELL, G.; GORDON, C.; MILLER, P. **The Foucault effect: studies in governability**. Chicago; University of Chicago Press, 1991, p. 53-73
- FOUCAULT, Michel. Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. **Bulletin de la Société française de philosophie**, Vol. 82, nº 2, 1990, pp. 35-63.
- FOX KELLER, Evelyn. **Reflections On Gender and Science**. New Haven, Yale University Press, 1985.
- FRIEDAN, Betty. **The Feminine Mystique**. New York, Dell Publishing, 1974 [1963], 420p.
- GARRAU, Marie; LE GOFF, Alice. **Care, justice et dépendence**: introduction aux théories du care. Paris: Universitaires de France, 2010
- GERDEN, Mary. **Feminist Thought and the Structure of Knowledge**. New York, NYU Press, 1989.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002
- GILLIGAN, Carol. **In a Different Voice**. Psychological Theory and Women's Development. Harvard University Press, 2013.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica. **Cartografias do Desejo**. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1996, 327 p.

GULLETTE, Margaret Morganroth. Inventing the "Postmaternal" Woman, 1898-1927: Idle, Unwanted, and out of a Job. **Feminist Studies**. Vol. 21, No. 2, Summer, 1995 pp. 221-253

HANLON, Niall. **Masculinities, Care and Equality**. Identity and Nurture in Men's Lives. Palgrave Macmillan, 2012

HARAWAY, Donna. A Manifesto for Cyborgs: Science, Technology, and Socialist Feminism in the 1980s. In: HARLOW, Barbara. **Resistance literature**, Toronto, Routledge, 1987, pp. 65-107.

HARAWAY, Donna. In the Beginning Was the Word: the Genesis of Biological Theory. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 6, n. 3, 1981, pp. 469-481

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. Ciências, tecnologia e feminismo-socioalista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (org. e trad.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009, pp. 33-119.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, (5), 1995, pp. 07-41.

HARAWAY, Donna. Signs of Dominance: From a Physiology to a Cybernetics of Primate Society. **Studies in History of Biology**, v. 58, n. 6, 1983, pp. 129-219.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n.1, p. 7-31, 1993.

HARDING, Sandra. **Ciencia y Feminismo**. Madrid, Ediciones Morata, S. L., 1996.

HARDING, Sandra. Introduction: Is there a Feminist Method? In: HARDING, Sandra (ed.), **Feminism and methodology**. Indiana, Bloomington, Indiana University Press. 1987. pp. 1-15.

HARDING, Sandra. **Objectivity and Diversity**: another logic of scientific research. Chicago, The University of Chicago Press. 2015.

HARDING, Sandra. **Sciences From Below**. Feminisms, Poscolonialities and Modernities. London, Duke University Press, 2008.

HARDING, Sandra. **The science question in feminism**. New York, Cornell University Press. 1986.

HARDING, Sandra. The social function of the empiricist conception of the mind. **Metaphilosophy**, v. 10, n. , 1979, pp. 38-47.

HARDING, Sandra. **Whose science? Whose Knowledge?**: Thinking from women's lives. New York, Ithaca, Cornell University Press. 1991.

HELD, Virginia. **The ethics of care**: personal, political, and global. New York, Oxford University press. 2006.

IBGE. **Estatísticas de gênero**: indicadores sociais das mulheres no Brasil. Rio de Janeiro, IBGE. 2021.

KERGOAT, Daniele. Em Defesa de uma sociologia das relações sociais. Da análise crítica das categorias dominantes à elaboração de uma nova conceituação. In: VVAA. **O Sexo do trabalho**. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1987. p. 79-93.

KITTAY, Eve Feder. **Love's Labor** - Essays on Women, Equality and Dependency. Routledge, New York and London. 1999.

KOHLBERG, Lawrence. **Essays on moral development**. The philosophy of moral development : moral stages and the idea of justice. San Francisco, Harper & Row, 1981.

LAQUEUR, Thomas W. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1. Ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LAURETIS, Teresa de. **Alice Doesn't**: feminism, semiotics, cinema. MacMillan Press, London, 1984.

LLOYD, Genevieve. **The Man of Reason**. "Male" and "Female" in Western Philosophy. Minneapolis. University of Minnesota Press, 1984.

LONGINO, Helen. **Science as Social Knowledge**: Values and Objectivity in Scientific Inquiry. Princeton University Press, 1990.

LOPES, M. J.; ARAÚJO, J. L.; NASCIMENTO, E. G. C. O envelhecimento e a qualidade de vida: a influência das experiências individuais. **Revista Kairós Gerontologia**, v.19, n.2, 2016. pp. 181-199

LUGONES, M. Rumo a um feminismo decolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22, v. 320, setembro-dezembro, 935-952, 2014.

MACHADO, Maria H. P. T. Mulher, Corpo e Maternidade. In: SCHWARCZ, L.; GOMES, F. **Dicionário da Escravidão e da Liberdade**. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 2020. pp. 352-360.

MANNA, Roberta Elias. **A experiência vivida por mulheres idosas como sofrimento social**. Tese de Doutorado. Programa de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo, 2018, 161p.

MARTINS, Ana Paula V. Bondade, substantivo feminino: esboço para uma história de benevolência e da feminilização da bondade. **Revista História: Questões & Debates**, Curitiba, Editora UFPR, n. 59, jul/dez, p. 143-170, 2013.

MARTINS, Ana Paula V. A feminilização da filantropia. **Revista Gênero**, v. 15, n. 2, p. 13-28, Niterói, 2015.

MARTINS, Bibiana; SCHERDIEN, Camila; ROCHE-DE-OLIVEIRA, Sidnei. Estrutura de classe e mobilidade social no processo de inserção profissional de jovens no Brasil: reflexões e agenda de pesquisa. **Cad. EBAPE.BR**, v. 17, no 3, Rio de Janeiro, Jul./Set. 2019. pp. 564-576.

MARTUCCELLI, Danilo. **¿Existen individuos en el sur?** Santiago, LOM Ediciones, 2018.

MOL, Annemarie. **The logic of care: health and the problem of patient choice**. New York, Routledge, 2008

MOLINIER, Pascale; LAUGIER, Sandra; PAPERMAN, Patricia Paperman. **Qu'est ce que le "care"?**: Souci des autres, sensibilité, responsabilité. Paris : Edition PAYOT, 2009.

MONTICELLI, Thays Almeida. **"Eu não trato empregada como empregada"** : empregadoras e o desafio do trabalho doméstico remunerado. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná. 230p. 2017.

MORAIS, Maria; REGO, Paulo Augusto. Determinantes socioeconômicos da coabitação familiar dos jovens e da formação de novos domicílios no Brasil urbano. Texto para Discussão, No. 2351, **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)**, Brasília, 2017

MOURA, Solange; ARAÚJO, Maria. A Maternidade na História e a História dos Cuidados Maternos. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 24 (1), 2004, p. 44-55.

NARAYAN, Uma. "Colonialism and Its Others: Considerations on Rights and Care Discourses." **Hypatia** 10 (2), 1995, pp. 133– 40.

NICHOLSON, Linda. Feminism and Marx: Integrating Kinship with the Economic In: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla. **Feminism as critique**. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1996, pp. 16-30.

NODDINGS, N. **Caring**. A Relational Approach to Ethics & Moral Education. California University of Berkeley Press, 2013.

ORTNER, Sherry. Is Female to Male as Nature Is to Culture? In: ROSALDO, Michelle Z.; LAMPHIRE, Louise. **Woman, Culture and Society**. California, Stanford press. p. 67-89

OYEWŪMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres** – construindo um sentido africano para o dos discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2021.

OYEWŪMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista hoje** – perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2021, pp. 84-96.

PAPERMAN, Patricia. **Cuidado y sentimientos**. Tradução de Agoustina Blanco. 1a Ed. Buenos Aires, Fundación Medifé Edita, 2019. 64p.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade [online]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

RICH, Adrienne. **Of Woman Born**: motherhood as an experience and institution. New York, Norton & Company, 1986 [1976]. 322 p.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: VVAA. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p.215 - 253.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens**. São Paulo, Martin Claret. 2010.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social**: ensaio sobre a origem das línguas. São Paulo, SP: Nova Cultural, 2002.

RUDDICK, Sara. **Maternal Thinking**: Toward a Politics of Peace. 2nd ed. Boston, MA: Beacon Press, 1995

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo, N-1 Edições. 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na Sociedade de Classes**: Mito e Realidade. São Paulo. Expressão popular. 2013.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90**, vol. 27, e.2020-011, 2020, pp. 1-18.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A criação da razão indolente** - Contra o desperdício da experiência. São Paulo, Cortez, 2002.

SANTOS, Matheus M. **Heterogeneidade na transição para a vida adulta no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais. 104 p., 2018

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu**, (16) 2001: pp.137-150.

SCHMIDT, B.; PALAZZI, A.; PICCININI, C. Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, vol. 8, n. 4, 2020. pp. 960 -966.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2006, pp. 131-139.

SMITH, Dorothy. **The Conceptual Practices Of Power**: A Feminist Sociology of Knowledge. New England, Northeastern University Press, 1990.

SCOTT, Joan. A mulher trabalhadora. In: DUBY, G. ; PERROT, M. **Histórias das mulheres no Ocidente**. Porto, Edições Afrontamento, vol. IV. 1994.

SCOTT, Joan. The Evidence of Experience. **Critical Inquiry**, Vol. 17, No. 4, p. 773-797, Summer, 1991.

SHORTER, Edward. **A formação da família moderna**. Lisboa, Portugal: Terramar, 1995. 376 p.

SILVA, C. C. F. M.; GEROLAMO, J. C.; CORREA, M. R. Experiências em grupo no envelhecer feminino - construções de redes, laços e afetos. **Revista SPAGESP**, n.22, v.2, 2021, pp. 118-131.

SOARES, Ângelo. As emoções do care. In: HIRATA, Helena Sumiko; GUIMARÃES, Nadya Araújo (Orgs). **Cuidado e cuidadoras**: As várias faces do trabalho do care, 2012. p. 44-59

SOUSA, Letícia. **Transição para a vida adulta**: Questões de classe e gênero na saída do ninho no Brasil. Monografia de graduação em Sociologia pelo Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, 2017.

SORJ, Bila; FONTES, Adriana. O care como um regime estratificado: Implicações de gênero e classe social. In: HIRATA, Helena Sumiko; GUIMARÃES, Nadya Araújo (Org.). **Cuidado e Cuidadoras**: As várias faces do Trabalho do Care, 2012. p. 103-116.

STACK, Carol B. Sex Roles and Survival Strategies in an Urban Black Community. In: ROSALDO, Michelle Z.; LAMPHIRE, Louise. **Woman, Culture and Society**. California, Stanford press. p. 113-129.

TAMANINI, Marlene. Para uma epistemologia do cuidado: teorias e políticas In: TAMANINI et. al. (org.), **O Cuidado em cena**: desafios políticos, teóricos e práticos. Florianópolis, UDESC, 2018, p. 35-71.

TAMANINI, Marlene; QUAGLIATO, Henrique. *Uma voz diferente* e as diferenças em meio ao vozerio: Gilligan revisitada à luz da teoria feminista. **Revista Schème**. v. 14 (Especial). 2022, p.104-144.

TRONTO, J. C. **Caring Democracy**. Market, Equality and Justice. New York, New York University Press, 2013.

TRONTO, J. C. **¿Riesgo o cuidado?**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Fundación Medifé Edita, 2020.

TRONTO, J. C.. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso? In: JAGGAR, A. M.; BORDO, S. R. (org). **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Editora Rosa dos Tempos. 1997.

VAZQUEZ, Georgiane Gabriely Heil. **Da mãe que não fui**: a experiência da ausência de maternidade ao longo do século XX. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015, 254 f.

VENÂNCIO, Ricardo. A maternidade negada In: PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. – São Paulo : Contexto, 2004. pp. 189-223.

VIEIRA, Joice. Transição para a vida adulta em distintos contextos de desenvolvimento. In: **III Congresso Latino-Americano de Estudos Populacionais**, Córdoba: ALAP, 2008b.

ZELIZER, Viviana. **The purchase of intimacy**. New Jersey, Princeton University Press. 2005, 356p.

ANEXO I - PRIMEIRA VERSÃO DO ROTEIRO

A) Apresentação da pesquisa:

Doutorado – Sociologia – UFPR – prof. Marlene Tamanini

Uma pesquisa preocupada com as narrativas das mães que têm de lidar com a saída dos filhos de casa. Por isso, durante a entrevista, iremos passar por tópicos que irão desde temas mais práticos e cotidianos (as coisas que mudaram na rotina, horários e organização da casa) até temas mais subjetivos e sentimentais.

A única coisa fundamentalmente importante nessa conversa é a sua história e a forma como você se sente em relação a ela. Por isso, sinta-se livre para contá-la como quiser. Vá no seu tempo. Pode me interromper quando quiser, quando lembrar de qualquer coisa que julgar importante nesse processo.

B) A organização familiar e a saída dos filhos de casa

Antes de mais nada, me conte um pouco sobre sua família.

De onde vocês são? Em quantos vocês são?

Trata-se de você, seu/sua companheiro(a) e os filhos?

Mais alguém vive com vocês? Avós, tios etc.?

Vocês trabalham com o quê?

Quando as crianças moravam em casa, como era a organização de vocês? (Como as responsabilidades eram divididas? Alguém levava e trazia da escola? Quem cozinhava e limpava a casa?... Como era a rotina de vocês?)

O que mudou nessa rotina depois que os filhos saíram de casa? Como é a rotina da casa hoje em dia?

Me conte um pouco sobre como foi o processo da saída dos seus filhos de casa.

Qual foi o contexto da saída deles?

Em que época ocorreu?

Eles saíram para estudar? Casaram? Decidiram ir morar sozinhos?

Houve algum desentendimento entre vocês?

Como foi a discussão a respeito?

E como foi para você?

Como você se sentiu com a saída deles?

Você pode me falar um pouco mais sobre que tipo de emoções você sentiu durante esse processo?

Como você se relaciona com esse processo hoje em dia?

De que maneira ele impactou na formação da pessoa que você é hoje?

Você conhece outras mães que passaram por isso? Vocês conversam a respeito?

Quais são os temas que surgem durante essas conversas?

ANEXO II - SEGUNDA VERSÃO DO ROTEIRO

1-----

De onde você é?

Você trabalha com o quê?

Quem vive com você hoje em dia?

E QUANDO foi que sua filha/filho saiu de casa? Você poderia me falar um pouco sobre como foi esse processo de saída dela/dele?

POR QUE ele saiu de casa? Qual foi o CONTEXTO da saída dele? Para onde ele foi?

E como foi para você? Você pode me falar um pouco mais sobre COMO VOCÊ SE SENTIU DURANTE esse processo? QUE TIPO DE EMOÇÕES marcaram esse processo para você?

Quando ela/ele saiu, você sentiu a necessidade de PARECER FORTE pra ele/ela? Teve que ESCONDER algum sentimento?

COMO VOCÊ SE RELACIONA com esse processo HOJE EM DIA? Ele ainda TE AFETA de alguma forma? Te MACHUCA?

Você acredita que a saída de seu filho TE IMPACTOU DE ALGUMA FORMA? Te tornou uma PESSOA DIFERENTE de alguma maneira? Se sim, DE QUE FORMA?

APRENDEU algo com esse processo?

Se você tivesse que fazer um BALANÇO das coisas POSITIVAS e NEGATIVAS da saída de seus filho de casa, QUAIS SERIAM essas coisas POSITIVAS E NEGATIVAS?

2-----

Você SEMPRE QUIS ser mãe? É algo que sempre esteve no seu horizonte?
(socialização e maternidade)

Por que?

O que SIGNIFICA ser mãe para você?

Esse significado mudou de lá pra cá?
(conceitos de maternidade)

SER MÃE é importante pra ser quem você é?

(Identidade, subjetividade, autoimagem)

Que TIPO DE MÃE é você?

(conceitos de maternidade e apreensão pessoal)

O que é uma BOA MÃE para você? E uma MÃE RUIM?

(o bom cuidado)

3-----

Como era a vida de vocês quando ela/ele ainda morava com você?

(procurar por rotina, dia-a-dia, quem cuidava/ procurar por sentimentos, avaliações gerais, memória passado)

Depois da saída dela/dele o que mudou para você?

(procurar por rotina, dia-a-dia/ procurar por sentimentos, avaliações gerais do tempo presente)

a CASA mudou de alguma forma?

(reformas, configuração espacial, rotina)

Em que momentos do dia você percebe a ausência dela/dele?

(rotina, rituais e OBJETOS cotidianos + sentimentos)

Quando esses momentos acontecem, como você se sente?

(sentimentos)

E como você lida com esse sentimentos?

(sentimentos + estratégias de si)

Depois que ele/ela saiu de casa você sentiu a necessidade de "manter a cabeça ocupada"?

(estratégias de si)

Adotou novos hobbies ou passatempos? Voltou a trabalhar ou estudar?

Qual é o papel dessa(s) atividade(s) na sua vida hoje em dia?

Vocês conversam bastante hoje em dia? Sobre que tipo de assunto vocês geralmente conversam?

(um segway para pensar a relação dela com a distância em termos de cuidado)

Você sente que ainda faz bastante parte da vida dele?

Ainda se preocupa bastante com ele?

Se sim, como você lida com essa preocupação?

Ele te dá espaço para falar sobre a vida dele?

Como é o processo de cuidar dele depois de adulto? Ela aceita bem esse seu esforço?

(cuidado e controle)

Em algum momento os papéis se invertem e ele/ela tenta cuidar de você?

Como você se sente com isso?

Consegue SE PERMITIR ser cuidada por ele/ela?

Gostaria de PODER CONTAR MAIS com ela/ele?

(cuidado do outro e de si)

Existe alguém com quem você compartilhou os sentimentos e as experiências do processo da saída de seus filhos de casa?

Como foi o processo de falar sobre isso?

Você conhece ou chegou a conhecer alguém que passou por experiências parecidas com as suas?

(apoio entre mulheres e trocas de experiência)

PERFIL

Cidade, Estado, País

Idade

Raça

Gênero

Orientação sexual

Ocupação Formal

Estado Civil

Quantos filhos, gêneros, idades...

ANEXO III - DIVULGAÇÃO DA PESQUISA EM BUSCA DE ENTREVISTADAS

Uma pesquisa sobre as mães que têm de lidar com a saída de seus filhos de casa!

Oi! Meu nome é **Henrique Quagliato** e eu faço doutorado em Sociologia pela UFPR. **Para minha pesquisa, estou entrevistando mães sobre suas experiências com a saída de seus filhos de casa.**



As entrevistas serão como **bate-papos** sobre os acontecimentos, sentimentos e aprendizados desse assunto em suas vidas.

Conhece alguém que toparia participar? Gostaria de participar você mesma?
Entre em contato comigo!

Eu vou adorar ouvir essas histórias de maneira **comprometida e respeitosa!**



henriquequagliato95@gmail.com



(41) 99711-5040



Henrique Quagliato